

MD Magno



Ars Gaudendi

A Arte do Gozo

Edição comemorativa do sesquicentenário de Freud

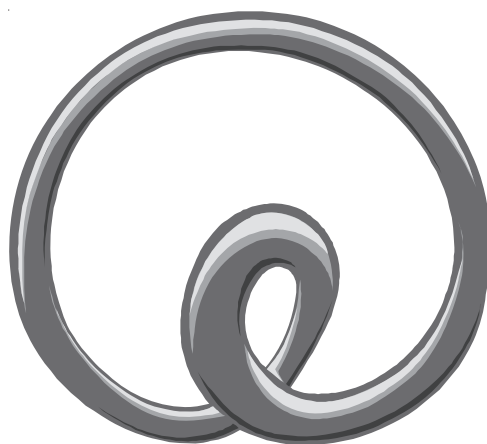
NOVAMENTE
editora

MD Magno

ARS GAUDENDI

A ARTE DO GOZO

Falatório 2003



NOVamente
editora

NOVAMENTE
editora

é uma editora da

UNIVERSIDADE DE DEUS

Presidente
Rosane Araujo

Diretor
Aristides Alonso

Copyright 2005 © MD Magno

Preparação do texto
Potiguara Mendes da Silveira Jr.
Nelma Medeiros
Patrícia Netto A. Coelho

Editoração Eletrônica e Produção Gráfica
Raphael Carneiro

Editado por
Rosane Araujo
Aristides Alonso

M176a

Magno, M.D. 1938 –
Ars gaudendi : a arte do gozo : falatório 2003 / M. D. Magno. –
Rio de Janeiro : Novamente, 2006.
340 p ; 16 x 23 cm.

“Edição comemorativa do sesquicentenário de Freud”

ISBN 85-87277-18-4

1. Freud, Sigmund, 185-1939 2. Psicanálise – Discursos, ensaios
conferências. I. Título.

CDD-150.195

Direitos de edição reservados à:

UNIVERSIDADE DE DEUS

Rua Sericita, 391 - Jacarepaguá
22763-260 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Telefax: (55 21) 24453177 / 24455980
www.novamente.org.br

DEDICATÓRIA:

“à meditação dos que o futuro fizer meus pares”.

Barão de Teive

AGRADECIMENTO:

Aos que fizeram, piedosamente, existir estas páginas.

Sumário

1. 12/AGO

Psicanálise como a mitologia do século XX – Contemporaneidade da psicanálise – Posições Ocidente e Oriente a partir da lógica do Revirão – *A Res Gaudens* da psicanálise – *Res Gaudens* como Princípio de (In)Formação – *Res Gaudens* como força pulsional.

13

2. 26/AGO

Limites do conceito de estrutura no estruturalismo e no pós-estruturalismo – Experiência do Um e homogeneidade do Haver – O fundamento da estrutura é o excesso – Inconsciente é auto-referencial e recursivo – Indiferença é condição de emergência das diferenças – Haver é Linguagem – Possibilidades e limites da metalinguagem.

33

3. 13/SET

Incompatibilidade entre psicanálise e ética pequeno-burguesa – Proposição da Patemática da Psicanálise – Psicanalista como formação e crítica da instituição psicanalítica – Quebra de sigilo entre pares é condição da análise da instituição – Inconsciente exige possibilidade de quebra de sigilo – Psicanálise não é profissão – NOVAMENTE é *school in progress*.

51

4. 27/SET

Positivização da Psicanálise – Formações patemáticas (patemas) x patologia – Distinção entre formações genéricas (patemas) e formações de conteúdo – Patemática trata das morfoses ou formas de gozo – Apresentação e discussão das quatro modalidades das morfoses: formações progressivas, estacionárias, regressivas e tanáticas.

70

5.11/OUT

Revirão e neurociências – Vetorização na Patemática – Articulação dos Patemas com os sexos – Crítica à forclusão do Nome do Pai – Voz média como exercício de indiferença na língua – Bipolaridade como expressão do Revirão – ‘Qualquer morfose é satisfatória como gozo’ – Incipiência da formação analítica.

92

6. 25/OUT

Comentário sobre a presença contemporânea do pensamento de Derrida – Triângulo de Culturas: Egito, Grécia e China – Proposição do Tetraedro Cultural: NovaMente, Grécia, China e Egito – Crítica à apropriação do pensamento freudiano por Derrida – Quadro comparativo Freud-Lacan-Derrida – Adendo: Resposta ao convite para participação nos Estados Gerais da Psicanálise (ago/01).

109

7. 08/NOV

Psicanálise é o quarto lugar no Tetraedro das Razões – Clínica Geral é aplicação *ad hoc* de qualquer razão – Razão adjetiva da Nova Psicanálise – Expressão genérica da bipolaridade – Labilidade do recalque e seus efeitos nas morfoses – Amor é morfose.

130

8. 22/NOV

Trabalho do Inconsciente é sinergia das formações – Análise como permanente co-moção das formações – Postura do analista e consideração das questões contemporâneas: perversidade, humanidade, terrorismo, conhecimento, poder e mente.

147

Excertos da Oficina de MD Magno **MetaMorfoses** A Patemática da Psicanálise

1. 1 a 6

MetaMorfose: sentido metadiscursivo e metamorfótico das morfoses – *I Ching* (e outros textos fundamentais) como exemplaridade dos movimentos da mente – Comentário sobre *A New Kind of Science*, de Stephen Wolfram – Consideração da hipnose a partir dos processos vinculatórios da matéria viva – A função do 4 nos grupos de Formação

167

2. 7 a 14

Considerações sobre autismo e hipnose – Expressão genérica da transferência no vivo – Processos etológicos e neo-etológicos de transferência – Questões sobre separação, alienação e sentido – Aproximação entre o Princípio de Equivalência, de Stephen Wolfram, e a idéia de homogeneidade do Haver.

178

3. 15 a 22

Aproximação entre a NovaMente e a ontologia algorítmica de Wolfram – Crise dos fundamentos é relativização de seus poderes constituintes – Psicanálise privilegia constituição mínima das formações – Quarto Império e os movimentos de unilateralização no século XXI.

192

4. 23 a 27

Bandeja do Erói é postura do analista no mundo – Campo psicanalítico como emergência de uma polaridade – Emergência de pólos e produção de fronteiras como modelos de organização dos saberes – Instituição psicanalítica funciona como pólo analítico.

207

5. 28 a 34

Considerações sobre os acontecimentos progressivos e retrogressivos do mundo – Relação entre ART e produção da formação analista – Formação analista e análise infinita – “Função da instituição psicanalítica é zelar pela existência da formação analista” – Considerações sobre um novo regime de guerra para o século XXI.

219

6. 35 a 40

Século XX como momento de explosão do Terceiro Império – Lacan como pensamento terminal – Marcel Duchamp e o entendimento da ART – Anterioridade da fé sobre a razão.

237

7. 41 a 51

Consideração sobre a denegação e seus mecanismos – Entendimento do conceito de prótese – Expressão do sintoma maneiro no Brasil – Relações entre Maneirismo, Contra-Reforma, protestantismo e capitalismo.

247

8. 52 a 56

Crítica à noção de sujeito e sua relação com a transferência – Pensamento da tecnologia – Revirão é dupla charneira entre continuidade ou oposição alélica, e entre Oriente e Ocidente – Postura do analista é de radical indiferenciação.

266

9. 57 a 62

Sobre a noção de clínica – Análise é MetaMorfose – Rigor da postura analítica – Análise: nem *via di porre* nem *via di levare*, mas indiferenciação – Três abordagens da indiferenciação: Psicanálise, Ocidente e Oriente – Razões da proximidade entre a gnose e a Nova Psicanálise.

273

10. 63 a 67

Terceiro lugar da psicanálise – Condições de eficácia da psicanálise no século XXI.

287

11. 68 a 72

Primado do Princípio de Catoptria – “O que quer que se diga é da ordem do conhecimento” – Distinção entre criatividade e criação – Considerações sobre prazer e gozo.

297

12. 73 a 79

Destituição das instâncias de poder do Terceiro Império – Entendimento vetorial das formações e suas resistências – Possibilidade de juízo no Quarto Império – Produção de culpa no Ocidente.

316

ENSINO DE MD MAGNO

335

1. Àqueles que não têm acompanhado meu trabalho ultimamente, aviso que a forma de produção, diferentemente do que acontecia nos Seminários – e por isso o nome foi trocado para Falatório –, perdeu a rigidez de apresentação temática que costumava ter. A função do Falatório é ser absolutamente... falatório. Embora haja certa temática genérica durante um período, a fala é mais ou menos aleatória e ao sabor dos acontecimentos. Quanto mais tempo passa, mais distante fico da concepção acadêmica da apresentação e do ensino.

2. A psicanálise foi a mitologia do século XX – alguns certamente ficarão chateados de eu dizer isto –, assim como o marxismo foi sua ideologia. Podemos dizer que há dois pensamentos imperativos no século XX, em sua máxima expressão: a mitologia psicanalítica e a ideologia marxista. Na verdade, os esforços de Freud no sentido de constituir o que supunha dever ser uma ciência com aparências mistas, entre ciências da natureza e ciências humanas, acabou por resultar numa certa dualidade de expressão, se não mesmo numa ambigüidade de expressão. Isto porque, de um lado, a construção de alguns conceitos que poderíamos tomar como fundamentais nesse pensamento foi rigorosa e de caráter sustentável como eventual base axiomática de um pensamento sólido e conseqüente. Por outro lado, a experiência de escuta em seu consultório, bem como a escuta de mundo, acabou por fazer com que, no reconhecimento de formações sintomáticas pesadas e renitentes, ele confundisse repetição sintomática com formação de conceito. O que acho perfeitamente normal de acontecer num momento de criação fecundo como aquele e de grande dificuldade em vários níveis, de saber e de situação no social. Então, vejo que mesmo com toda a genialidade de percurso, mesmo com toda a riqueza da produção, a obra de Freud fica oscilando entre estas duas faces, entre o rigor

conceitual e a produção de mitemas copiados da sintomática social, da sintomática freqüente na espécie. Esta é a nossa posição diante da produção freudiana.

Não estou sendo culturalista, e não estou dizendo que Freud tomou sintomas repetidos dentro de seu aparelho cultural exatamente como eles apareceram. Mas sem tampouco deixar de fazer isto, ou seja, de tomar sintomas nitidamente europeus (ou ocidentais, na medida em que se possa misturar judaísmo, cristianismo e islamismo num único pacote) como conceitos. Portanto, mesmo na suposição antropológica de alguma universalidade da interdição do incesto ou coisa dessa ordem, é preciso lembrar que, segundo o modelo que desenhei, consentâneo com um Creodo Antrópico – aderido à nossa espécie por questões de sua própria constituição primária e dos movimentos que ocorrem em sua emergência fazendo aparecer um Originário que resultaria num Secundário –, essas coisas se decantaram historicamente em vários lugares por causa mesmo de sua repetição na espécie. Podemos supor que certo Neolítico humano, em qualquer parte onde tenha aparecido, tivesse tal tendência em função da constituição primária da espécie, e que, em outro lugar, também tivesse tal tendência. Por isso, digo que coisas como Édipo, castração, abusos referenciais quanto à diferença sexual e certos adendos ao conceito de neurose – que, posteriormente, no processo de abstração prometido por Lacan, vão dar em Nome do Pai, etc. – são resquícios sintomáticos repetitivos com aparência de universais. E Freud não podia não se confundir aí.

Do mito passou-se ao folclore. Quando a psicanálise se disseminou pelo mundo, o que se disseminou da suposta psicanálise foi o folclore. O comparecimento de suposições psicanalíticas na família, na rua, no cinema, aqui e ali, é sempre algo folclórico – um folclore psicanalítico com freqüência distante até do rigor do trabalho do próprio Freud e de seus subseqüentes. Mas precisamos lembrar que, junto com os mitos, Freud criou logo de saída aparelhos abstratos que independem de qualquer situação, mesmo que historicamente delongada dentro da espécie como sintoma repetitivo. Não estou falando de culturas isoladas, e sim que esta espécie atravessou determinado caminho que considero um Creodo. Isto é sintomático da espécie e não pode ser considerado

como universal. Universal não é quantitativo, tem a ver com os conceitos de obrigatoriedade e necessidade. Se pode aparecer diferença dentro da suposta necessidade, já não é universal. Daí, depois de muita gente ter feito o blábláblá psicanalítico, sobretudo em torno do tal Édipo e das peripécias infantis da espécie, Lacan, com a melhor boa vontade, vem trazer a psicanálise à sua contemporaneidade. Ele vem fazer a limpeza geral dessa mitologia, no sentido de uma abstração cada vez mais segura, que pudesse sair até das repetições configuradas em certas ciências. Mesmo a física, a química, a biologia têm concepções configuradas demais, mas são compatíveis com seu objeto de estudo. Basta, portanto, comparar os textos para ver o salto dado por Lacan no sentido de abstração, de conceitualização geral. E mais, ele voltou à dica freudiana ao fazer o que chamou “retorno a Freud”, um retorno ao que fora suposto por ele essencial a Freud. Mas, de começo, ou pelo menos até metade de seu percurso, esse esforço foi feito com uma grande vontade de ciência, de ser considerado um cientista e de que a psicanálise fosse considerada uma ciência, ainda que muito peculiar.

Por isso, vemos a vontade de matema atravessar a obra de Lacan, onde no entanto não há matema algum. É apenas maneira de dizer, pois matema é algo que funciona por si mesmo. As formulinhas lacanianas são escritas simplificadas, estenografias muito interessantes e apropriadas para memorização, para reflexão, para a configuração de determinado caso da teoria, mas não são matemas. Na verdade, se formos fundo, veremos que os tais matemas, outra vez, se aproximam do mitema anterior. Não é à toa que retornam nomeações como Nome do Pai, não-sei-o-quê da Mãe, com a vontade de colar a suposição de estar havendo um conceito com a sintomática da espécie. Posso falar em sintomática da espécie porque minha leitura, já de começo, parte de radical abstração. Então, como sabem, toda e qualquer formação, primária ou secundária, já sofre necessariamente de uma configuração. Portanto, de uma facilitação ao mito, ou seja, à neurose.

3. A psicanálise, segundo a perspectiva que apresento, não é uma ciência, uma filosofia ou uma religião, embora não tenha conseguido e talvez não possa nunca

deixar de participar, de se referir ou aproveitar as dicas desses modos de operação. Na verdade, a psicanálise, tanto na teoria quanto na prática, é uma *Técnica*. Em sua existência de cotidiano, ela faz parte do mundo da tecnologia. As pessoas costumam entender a possibilidade de considerar que a psicanálise é uma técnica que usa materiais muito especiais. Ela tem vocação tecnológica no sentido de *Techné* tomada como ART, articulação, mas com uma maneira muito específica de articulação. Se quiserem, podem dizer que ela tem uma lógica própria. Pode-se chamar de lógica ou não, depende do gosto do freguês.

O problema grave de hoje é aqueles metidos com psicanálise e que ainda têm interesse nela, em sua maioria, estarem a praticar o que Lacan chamava *la politique de l'autruche*, a política do avestruz. É difícil as pessoas, em sua generalidade, conseguirem ser contemporâneas de si mesmas, pois estão sempre com alguma defasagem em relação à sua contemporaneidade. Antigamente, viviam-se séculos atrasados, mas agora o século está durando vinte anos e mudamos de século com a maior facilidade, se é que, daqui para a frente, um século vai durar vinte anos. De Lacan para cá durou. Ele morreu em 1981 e aqui estamos vinte e dois anos depois de seu falecimento. É claro que, por ter um vigor espantoso, a obra fica enquanto for possível ser lida, só que não é mais contemporânea nossa. Já repeti várias vezes que considero a obra de Lacan terminal. Ela fecha um ciclo e não começa outra coisa para, quem sabe?, podermos reiniciar a partir da consideração de seus achados, mas segundo uma perspectiva compatível com nosso momento. Em vinte anos, outros ciclos que estavam em movimento na face do planeta, ao invés de se tornarem terminais, como foi o ciclo da psicanálise, estavam a meio caminho. E agora, ainda não sendo terminais, estão em pleno projeto de desenvolvimento e transformando radicalmente a contemporaneidade do planeta. As pessoas não notam porque estão vivendo um cotidiano de “parque humano”, completamente retardatário, como se estivessem em pleno começo ou em meados do século XX, mas a contemporaneidade, isto é, o que se produz, se pensa, se realiza hoje e que está se infiltrando pelo tal Inconsciente, mesmo nas pessoas retardatárias, é outra história.

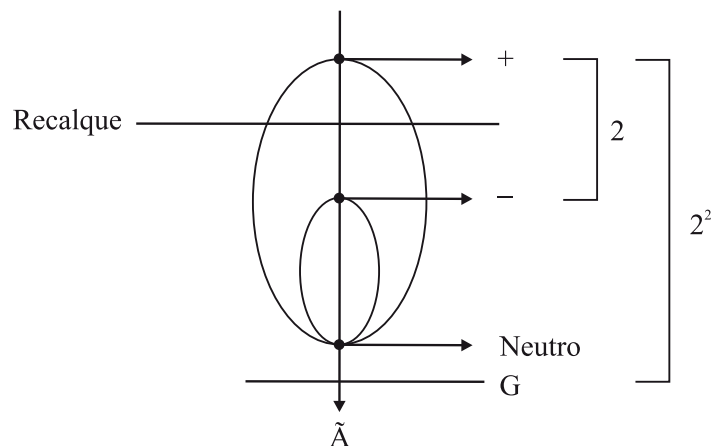
A sobrevivência da psicanálise nada tem a ver com a pequena ebulição psicanalítica que ocorre, por exemplo, no Brasil, que é coisa de subdesenvolvidos que comprem matéria plástica da França. Não há isto em outros lugares do mundo, onde as pessoas migraram para a psiquiatria descarada, para a neurologia ou para as ciências cognitivas. Elas têm razão, pois ou se faz algum renascimento dentro da própria psicanálise, tornando-a contemporânea – e não o re-folclore lacaniano que corre o Brasil, e, aliás, só o Brasil – ou acabou. Eu poderia, com armas e bagagens, transferir-me para outros setores que estão em pleno desenvolvimento, como a maioria fez, mas se insisto, se é minha intenção permanecer neste veio, mesmo que não se tenha visto e sacado com vigor o que estava no começo do pensamento de Freud – que acho mais revolucionário do que o próprio Freud ou o próprio Lacan conseguiram fazer (daí minha insistência) –, então faço de contas que posso reformatar a psicanálise como única saída. Ou ela se reformata, ou joga a toalha e vamos apostar em outros lugares. O que ocorre por aí pode até ter um sucesso localizado, mas já foi e não adianta querer reproduzir Paris e a Escola de Lacan dos anos sessenta, pois aquilo não tem guarida na contemporaneidade, a não ser como velharia que pessoas retardatárias ainda estão curtindo.

Pode ser que a tentativa de reformatação que faço não consiga chegar a lugar algum, pode ser que achem que não é grande coisa, mas é uma tentativa. Por outro lado, quanto mais prossigo em minha construção e quanto mais tenho notícias dos acontecimentos em outras áreas, sobretudo nas que são mais importantes no vigor especial do século XXI, mais vejo que estou compatível com essa contemporaneidade. Então, me sinto razoavelmente bem ao estar fazendo algo que, pelo menos, traz o movimento da psicanálise para o contemporâneo. Nem creio, sinceramente, que vá muito longe, mas suponho que possa ser o indício do que certamente virá a acontecer dentro de uns vinte ou trinta anos, quando essas outras áreas conseguirem pleno desenvolvimento e puderem tratar as construções psicanalíticas com o ferramental acuradíssimo que está sendo produzido. Então, a psicanálise vai se reconfigurar, mas com uma precisão refinada e cada vez mais independente de configurações. Penso

que, em vinte ou trinta anos, esses dois campos vão confluir numa única construção de pensamento. Para isso, o que tem que sobreviver da psicanálise é o arcabouço fundamental da intuição freudiana, abandonando cada vez mais o anedótico, o mitológico, em prol desse modo próprio de articulação. Há pessoas brilhantes na história da psicanálise, mas também uma enorme mistura de campos, uma falta de precisão nas distinções. Isto, não porque elas fossem piores que nós, mas porque o momento não era propício.

4. O pensamento secretado na face do planeta até hoje demonstrou, no mais genérico de sua apreensão, ter dois rostos típicos. E só dois, pois, por mais que procuremos, não achamos um terceiro. Podemos chamar um deles de *Ocidental* e o outro de *Oriental*. Ou, se quiserem, um de *européu* e o outro de *chinês*. São apenas maneiras de chamar, pois traçar essa geografia é um pouco difícil. E mesmo que não tenhamos nos desenvolvido muito na filosofia ou na ciência, é nítido que cada um de nós, pela configuração da sociedade e da cultura em que vive, tem a vertente ocidental, grega, embutida na cabeça.

O conceito de **Revirão**, que introduzi como sendo a máquina básica e fundamental de nossa estrutura psíquica, permite-nos entender estes dois tipos de abordagem do *modus operandi* da mente.



O Revirão da mente, abordado pelo **Ocidente**, privilegiou a *oposição* entre os alelos possíveis (+ / -) de um Revirão. Isto deu no dualismo dominante nas ciências (o que estou chamando de pensamento ocidental, grego ou coisa assim, é filosófico-cientificista, é epistemológico). Mesmo Freud, que necessariamente tinha que ser ambíguo quando falava entre um dualismo e um monismo, queria ser consentâneo com a ciência de seu tempo e insistia no dualismo. Com isso, ele estragou um pouco o entendimento de seu conceito de *Pulsão*. Ele fala em Pulsão de Vida e Pulsão de Morte, quando, de fato, aquilo é uma coisa só.

Ora, no que este pensamento ocidental, este modo de abordagem do Revirão, privilegia a oposição, acaba também privilegiando o *Recalque* como constitutivo de seu modo de operação. Ou seja, na consideração das oposições como oposições, acaba-se tendo que passar um corte de recalçamento. Pensar, no Ocidente, é, pois, articular recalçando. Se, por exemplo, pensamos no alelo positivo, recalcamos o alelo negativo e, junto com ele, o Neutro. Platão, Aristóteles *et caterva*, culminando em Descartes, afora o resto depois, privilegiam a oposição para pensar com rigor. Eles exigem recalque, separação, princípio de não-contradição, terceiro excluso, tudo que é do pensamento ocidental. E acreditamos que isto seja *O* pensamento. Como consequência, foi valorizada a idéia de *Ser* como origem. (É claro que, na história do Ocidente, há pessoas criativas e brilhantes – os que seguiram o percurso da matemática ocidental, por exemplo – que viram que não se tratava bem disso).

A outra postura, que podemos chamar de **Oriental**, ou de Sabedoria chinesa, tem certa vocação agnóstica, quer dizer, não é epistemológica. É um pensamento que privilegia a *passagem* de uma situação para outra, a tendência da transformação, e não as oposições; valoriza a *continuidade* entre os alelos, e não a separação; o *devir*, e não o ser; a *alternância* do binário, e não a exclusão de um lado. Leiam os livros de François Jullien, alguns já publicados no Brasil. Ele é um excelente didata para quem é ocidental. É um conhecedor do pensamento grego e foi buscar tecnicamente, não por gosto ou vocação, o oposto na China para questionar o Ocidente. Como é um filósofo, ou seja,

pensa dentro dos parâmetros ocidentais, e quer continuar a sê-lo, para isto precisa se questionar com alguma intervenção externa que possa fazê-lo pensar outras coisas. Ele, que também é conhecedor da língua e da cultura chinesas, mostra tanto o Ocidente e como ele pensa, quanto a China e como ela pensa. Assim, podemos ver em todas as áreas da produção cultural a funcionalidade, a presença permanente da oposição entre (a) a vocação opositiva e (b) a vocação alternativa. Além disso, dado o que está acontecendo na história e na contemporaneidade, parece-me que, em última instância, vamos ter o confronto da China com o Ocidente.

Quando lemos os livros de Jullien e outros trabalhos sobre a China, pode dar a impressão, pelo menos pela lente do que tenho trazido como sendo a psicanálise propriamente, de que ele já estaria dizendo como funciona o pensamento psicanalítico, ou seja, de que estaria falando o mesmo que eu. Mas não está. É preciso articular os dois modos de pensar (ocidental e oriental) para poder pensar a psicanálise. Como estamos viciados na frequência grega, quando insisto no lado oriental pode parecer que estou dizendo que a psicanálise é aquilo, mas não é. É preciso, entre nós, insistir na vertente chinesa para começar a suspender o recalque que fazemos sobre um dos alelos e nos acostarmos a pensar em contrariedade ao pensamento ocidental. Sem fazer isto, não entenderemos a funcionalidade da psicanálise desde seu início e o que ela pode ter como sobrevivência no futuro. Leiam Freud a partir desta perspectiva e verão que está tudo lá, só que ele próprio e nós outros colhemos o lado ocidental. A influência do pensamento oriental na cabeça de Lacan é algo procurado. Ele chegou a estudar chinês.

5. Que posição indico para a psicanálise, esta que estou tentando articular novamente? A psicanálise não privilegia nem a oposição nem a continuidade, e sim o *Terceiro Lugar*. É como se, na estrutura do Revirão, tivéssemos: o Ocidente, que privilegia a oposição e, portanto, recalque da outra face e da neutralidade; e o Oriente, que mantém certa neutralidade porque acredita na alternância. A psicanálise privilegia o **lugar da Neutralidade**. Desde o começo,

Freud dizia que há uma escuta neutra e suspensiva. Portanto, é do Terceiro Lugar que o psicanalista escuta e pensa. E isto não ocorre nas oposições nem na mera alternância, embora, se estiver no Terceiro Lugar, tenha condições de **produzir uma alternância não só entre os alelos, mas entre as duas posturas diante dos alelos**. Os gregos não aceitam a postura chinesa no rigor de seu pensamento. Os chineses alternam, mas não aceitam a postura ocidental no rigor de seu pensamento. Era, por exemplo, a briga de Lao Tsé com Confúcio, pois este tinha certo odor de recalçamento. Não acredito que tivesse, mas o *Tao Te Ching* é mais rigoroso no pensamento chinês do que Confúcio.

No que se coloca no Terceiro Lugar, a psicanálise passa a sofrer o impacto de uma outra polarização. Não mais apenas a oposição entre os alelos que estão distribuídos dentro do Haver, mas, sobretudo, a **Segunda Potência** da oposição que é entre o que lá está no Haver e a oposição bruta, violenta, radical, entre Haver (A) e não-Haver (Ã). Então, se tenho uma binariedade (2) entre alelos, tenho também dois ao quadrado (2²). Ou seja, o pensamento radical do psicanalista, desde Freud, é situar-se nesse lugar e entender as duas posições: o Recalque e a suspensão do Recalque (o retorno do recalcado). Isto porque ele jamais visualiza a oposição ou a continuidade, e sim a neutralidade diante do Impossível, que é não-Haver. Então, a oposição a que a psicanálise presta atenção para poder ser neutra é: A/Ã, com conseqüências dentro do Haver.

O psicanalista pode (tem poder, se formou para isto) não só suportar o Recalque como também suportar o Retorno do Recalcado – no que ele está, ao mesmo tempo, **suportando com Indiferença a alternância entre o pensamento ocidental e o oriental**. Ninguém é indiferente, pois cada um desses pensamentos, na cabeça de um analista, pode tomar a frente *ad hoc*, em função das necessidades, mesmo de cura ou tratamento. O analista pode alternar como um chinês, ou ficar rigoroso e recalcante, pois, no tratamento, as duas funções se exercem com eficácia. Ou seja, é alguém que fala duas línguas: grego e chinês. Quanto aos outros, um, só fala grego; outro, só fala chinês. Então, não dá para conversar. O psicanalista se põe no lugar de indiferença

lingüística e fala grego e chinês, dependendo do momento. Ele usa a língua que precisa. E há o momento em que não fala nada, fica em silêncio. É o momento em que fica no Terceiro Lugar para se recompor e refazer suas próprias forças. É nesse lugar que ele refaz a sua não-linguagem.

A psicanálise privilegia o Terceiro como Ponto Bífido, ponto de passagem de um lugar para outro e de passagem entre as oposições internas ao Haver e as oposições entre o Haver, que se torna indiferente, e a radicalidade do não-Haver. Não-Haver não é a mesma coisa que Nada, nem é Outro algum – Outro este, aliás, que não existe –, mas é o Impossível. Assim, a psicanálise privilegia o Terceiro Lugar, sobretudo e fundamentalmente, como *Segunda Potência do Binário* (2²), em sua oposição radical a não-Haver. É o Terceiro Lugar como Ponto Bífido, portanto, que vem a funcionar como **charneira de rebatimento, não entre os dois alelos do Revirão, mas entre as duas posições diante do Revirão**, entre os dois pensamentos conhecidos na face do planeta: a postura grega e a chinesa, melhor dizendo, entre a postura ocidental e a oriental. Ambas consideradas alternadamente, passa-se de uma para outra, sem precisar recalcar nenhuma delas.

6. Efetivamente, a vocação do pensamento ocidental é de recalcar o pensamento chinês. Basta prestarem atenção às ocorrências políticas e diplomáticas que estão em curso há alguns anos entre a China e a Europa. Os europeus não sabem como lidar com a China. Vejam, por exemplo, o presidente da França, que a cada hora diz uma coisa diferente. Ele tenta por todas as vias e não dá certo, não sabe o que fazer diplomaticamente, pois está perdido. Este será o embate que vem aí em breve.

O pensamento chinês nos ajuda a refletir sobre essas coisas. Se considerarem o Revirão em si, como estrutura da unilateralidade e com as posições de oposição e bifididade, isto é o que podemos chamar de *Tao Te*, que tem o *Ching* depois. *Ching* significa o livro, o tratado, o clássico que fala do *Tao* e do *Te*. O *Tao* é o caminho, é o percurso; o *Te* é a força, nada mais nada menos que o empuxo da Pulsão que percorre esse caminho o tempo todo. Está em Lao Tsé, *O Livro do Caminho e da Força (Tao Te Ching)*. Freud chamava

konstante Kraft, só que desenhou errado o movimento da Pulsão, embutindo-a no Primário. Com um pouco de topologia, ele desenhava o Revirão e ficava compatível com Lao Tsé, ambos afastados milênios um do outro.

7. Esquemmatizando, temos:

Três (diversas) Abordagens do Revirão:

1. *Ocidental* (filosófico-científica, epistemológica): privilegia a oposição entre os alelos – certamente com o privilégio também do Recalque de um deles. O Ser. Lateralização do Binário.

2. *Oriental* (sabedoria chinesa, agnóstica): privilegia a passagem de uma situação para outra (a tendência), a continuidade entre os alelos (o evasivo). O Devir. Alternância do Binário.

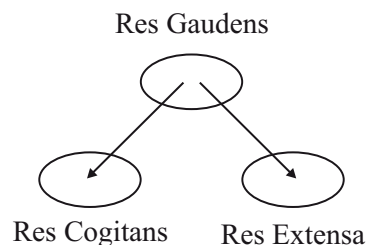
3. *Psicanálise* (novamente) (gnoseológica): privilegia o Terceiro como Ponto Bífido, o qual funciona como charneira (não entre os alelos, mas) entre as posições 1 e 2 – ambas consideradas alternadamente. Mas o privilegia, sobretudo e fundamentalmente, como Segunda Potência do Binário: em sua oposição radical a Æ. Privilegia também o Juízo Foraclusivo. O Haver.

8. Considerando essa massa toda e situando a psicanálise de que estou falando novamente, a partir desse gráfico, dessa concepção e desse lugar do psicanalista, é que fiz a proposição de falar de *Res Gaudens* e *Ars Gaudendi*. Em latim, *Ars Gaudendi* significa a Arte de Gozar. E é o que a psicanálise trata e pratica em todos os níveis. Ela é esta Arte. Talvez achem esquisito, mas nem tanto, pois Lacan quase chega aí. Suas falações sobre a *jouissance*, com que ele se debate e não encontra muita saída, vão no sentido de poder talvez aproximar-se do que estou reconhecendo como pura e simplesmente Arte de Gozar.

Temos uma concepção ruim do que possa ser Gozo. Lembrem-se do esforço de Descartes para entender a mente e o tal Sujeito, que, este, lhe era necessário, pois, como ocidental e parte do primeiro time, tinha que fazer oposição entre sujeito e objeto. Há também a questão sobre a relação Mente/Corpo, que até hoje percorre os livros de psicologia. Há o corpo, há a matéria extensa, a fala, os livros que escrevo, mas o que é isso? Descartes, então, inventa o que

chamou de duas coisas existentes, duas substâncias: a *Res Cogitans* e a *Res Extensa*, a Coisa Pensante e a Coisa Extensa. São, digamos assim, a *Coisa Extensiva* e a *Coisa Articulatória*, duas substâncias diferentes e talvez relacionadas entre si. Há umas coisas que se articulam sem ter corpo, e outras que se articulam tendo corpo. As que não têm corpo, têm alma. Quem sabe são puro Espírito? Alguns falam em matéria do lado da *Res Extensa*, pois ficou a idéia de que matéria era aquilo, antes ainda da microfísica, pelo menos. Ela tem corpo, é da ordem do sensível, pega-se, os sentidos percebem. Do lado da *Res Cogitans*, temos a coisa que é pura forma, tem alma, é da ordem do código, da codificação, é o inteligível, e não o sensível.

Lacan, no que introduziu sua idéia de Significante, quis que ele fosse de uma terceira categoria. Para não dizer que era igual ao de Saussure, que seria da ordem da *Res Cogitans*, ele o colocou numa substancialidade que chamou de *Res Gaudens*, a Coisa Gozante. É difícil como o diabo achar um lugar para meter a Coisa Gozante de Lacan... Acho que ela não cabe em nenhum dos buracos de sua teoria. Ela fica meio no limbo: pode se afastar da *Res Extensa*, mas se aproxima também demais da *Res Cogitans*. Não consigo, portanto, pegar – no sentido de conceituar – um lugar para essa Coisa Gozante realmente diverso da Coisa Extensa e da Coisa Pensante. Como trabalho no nível da **homogeneidade**, não preciso ter este problema de Lacan, mas se quisermos continuar aproveitando – e é aproveitável, no nível das discussões mesmo da Informática contemporânea – a oposição cartesiana *Res Cogitans* / *Res Extensa*, posso colocar a *Res Gaudens* como instância superior às outras duas, e não como significante:



Lacan não poderia fazer isto, pois os níveis para ele são heterogêneos. Mas quando trabalho no campo da homogeneidade do Haver, a *Res Gaudens* é que é A Substância propriamente dita, que se apresenta segundo duas modalidades. **A Coisa Gozante é a substancialidade do Haver, que costuma comparecer como Extensionalidade e como Cogitação**, as quais só parecem ser heterogêneas por terem sido concebidas num tempo em que não era possível, nem tecnicamente nem como tendência de pensamento científico, supor que ambas tivessem a mesma substancialidade. Por isso, foram consideradas opostas.

9. Ainda hoje, há na psicologia a brincadeira de perguntar como é a relação Mente/Corpo. De fato, é muito difícil pensá-la, pois aí existem bloqueios, *locks*, fechamentos muito sérios, mas cuja fronteira não sabemos se tem permeação, como seria o caso da chamada psicossomática. São bloqueios fortes, já que nosso Primário é muito estúpido. Mas existem outros Primários que não são tão estúpidos, como, por exemplo, o interior de um átomo. Não sabemos se o átomo está pensando ou gozando, ou mesmo se está gozando pela extensionalidade ou pela cogitação. Há certa ambigüidade para os físicos. Se não for o átomo, é algo abaixo dele; se não for abaixo, podem ser as Cordas, se esta teoria um dia vingar. Por onde gozam as Cordas da suposição da teoria da física? Os físicos não sabem se elas estão pensando, ou seja, se o Haver está pensando ou se está simplesmente se comportando como matéria bruta. Então, para ficar contemporâneo de mim mesmo, digo que a ***Res Gaudens é a Substância do Haver que comparece*** sabe-se lá onde, mas viu-se que, por aqui, já comparece **como *Res Extensa* e como *Res Cogitans***, isto é, como dois alelos de uma mesma substância. Quem sabe se este *Tao* caminho não será um dia percorrível pela ciência? Pelo menos, esta é a aposta séria de alguns cientistas contemporâneos.

Por isso, metemos o nariz na obra de Stephen Wolfram e Ed Fredkin, que são dois loucos muito precisos e brilhantes. É ao mesmo tempo difícil e fácil dar um nome à *Res Gaudens*, pois se confunde um pouco com outros

nomes. Eu diria que é o princípio de formalização, ou seja, o princípio da formação das formações, ou melhor, o princípio de formulação das formações. Estou usando várias palavras para cercar. É o Sopro, o Espírito, aquele que eu disse que é a referência do Quarto Império. Ali é o lugar da ART, da Articulação de todas as artes, é onde moram os Autômatos. Falo em autômatos no sentido mesmo das propostas e promessas destes novos cientistas, que, como eu, supõem que o Haver é homogêneo e, se é assim, há de se chegar à possibilidade de, por via de Informação, produzir-se um ser vivo. O que chamam de informação tem duas características, dois rostos. Isto que chamo de Princípio de Formação, o Espírito, mas também costuma-se chamar, ainda hoje, a *Res Cogitans* de informação, ou seja, isso que se escreve em livro, em computador, que se pinta, desenha. Só que a *Res Extensa* não é menos informacional. Na via da biologia, por exemplo, o gene é apenas um texto, que, quando funciona, fagocita outras matérias e vira seres biológicos. Até onde, então, será feita a leitura dos genes, de tal maneira que, a partir meramente de informação computacional, seja produzido um ser vivo? Até onde será a leitura da Coisa Gozante, do Espírito, de tal maneira que a pura Informação vire algo construtível como matéria? É o que estão procurando os cientistas que pensam como eu e que me permitem pensar assim. Essas coisas estão separadas por causa da sedimentação de formas. São formações tão sedimentadas que estão distantes das outras, mas que, em seu íntimo, são a mesma coisa.

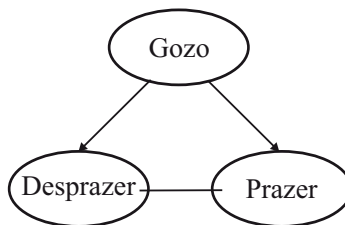
A *Res Gaudens* é tomada como informação, em seu sentido mais abstrato. Informação é uma palavra difícil, vem do latim *informatio*, *informatione*, do verbo *informare*, que quer dizer: ação de formar; de fazer; fabricação; plano; planta; desenho; esboço; formação; forma. Todas são palavras ambíguas, pois uma formação, em sentido substantivo, é determinado conjunto de elementos compostos de determinada maneira. Mas temos o princípio das formações a que me referi há pouco, ou seja, as formações em princípio de formação que também posso chamar de informação. Então, tudo é feito de informação.

12/AGOSTO/2003

- Pergunta – *Os americanos costumam falar disto como it from bit. O it aí é a sigla para informação & tecnologia.*

Estamos bitados em nosso momento histórico, mas será a informação sempre *bit*? Um dia, ela pode ser não necessariamente 0 e 1, pois o computador quântico está se desenvolvendo e em breve estará em pleno funcionamento, pensando as duas oposições ao mesmo tempo, feito chinês, se não for psicanalítico. E no que pensa os dois opostos ao mesmo tempo, quando lhe apresentamos um problema, dado que ele é extremamente veloz, apresenta de imediato todas as soluções possíveis. Então, há que ser muito psicanalista para competir com ele. Quem é mais vigoroso? Lao Tsé ou o computador? Não sei.

10. Tendo dito isto, por que quero falar da Arte de Gozar? Quero mesmo dizer que **a psicanálise é *Ars Gaudendi***, a Arte de Gozar ou a Arte do Gozo. Pensamos mal a questão do Gozo. Lacan pensava muito bem. Nele está quase o mesmo que digo aqui. Posso chamar de desprazer e prazer ou de prazer e dor, como quiserem:



Nós ocidentais temos o mau hábito de pensar que gozo é prazer. Lacan já insiste em não se confundir os dois, pois ninguém mais do que a psicanálise pôde chamar a atenção para o fato de que há gozo no desprazer, na dor, no sofrimento, etc. Então, do mesmo modo que a Coisa Gozante é Extensa ou Pensante, prazer e dor, que parecem radicalmente opostos, são feitos da mesma coisa. Gozo é a substância no Haver do prazer e da dor. Isto porque quem decide se é prazer ou dor não é a instância do gozo, e sim outra instância

interessada em prazer ou desprazer. Um conjunto de formações está interessado em algo e este algo, para ele, pode ser chamado de prazer, mesmo que seja dor. Quando alguém é *masoch*, goza com o sofrimento, com o prazer do sofrimento, pois para ele aquilo é prazeroso. Desprazer é o que contraria meu interesse. Por isso, posso entrar no estado genérico de gozo através de qualquer um, pois ambos são gozosos. Hierarquicamente, o gozo é que é fundamental. Prazer e dor são secundários, decorrentes dele. Assim como a Coisa Gozante é a substância que se manifesta dependendo do caso e da consideração, pois chega a um lugar de fronteira em que não sabemos se a coisa é Extensa ou Pensante. Esta é a dúvida dos cientistas diante de certas aparições: trata-se de pensamento ou matéria? Matéria é pensamento congelado. Pensamento é matéria sublimada. Tudo é a mesma coisa, basta parar de achar que há heterogeneidade aí.

11. Quando digo o que disse, não posso me afastar da idéia de que **o Haver é feito de Gozo**. O Haver goza sem parar. O Haver está, vive, existe no gozo de sua havência, como se diz de alguém que está no gozo de suas posses, de suas competências. Isso não pára, é gozo puro.

• P – *Você disse que o Haver é resistência a não-Haver. Não seria uma força de articulação, de vinculação?*

É vetorização de tudo que há dentro do (*Tao*) caminho como força. O Haver é aquela coisa gozando, mais devagar, mais depressa, com maior ou menor resistência. É puro gozo que alguém, segundo seus interesses, conforme ache no momento, chamará de dor ou prazer, dependendo da configuração que tomará a confluência das formações. Qual é o vetor resultante? Um, achará que é dor porque não gosta; outro, achará o maior prazer. A confluência depende das formações em jogo. Não há sujeito algum aí. Isso é coisa de grego que precisou recalcar. No que fez o corte, surgiu objeto para lá e sujeito para cá. Podemos até usar quando necessário, mas é apenas uma configuração.

• P – *Não seria preciso renomear o Princípio do Prazer como Princípio de Gozo?*

Foi a brincadeira que fiz quando disse *Nada Além do Princípio do Prazer*, pois não há nada além de Gozo. De que se trata na consideração de qualquer pessoa, máquina, planeta ou comportamento? De descobrir o ponto G, aquele que aglutina todos os vetores como resultante. Tudo tem seu ponto G. A questão é saber por onde se goza. A questão do analista diante do analisando é: por onde ele goza? Não no sentido de órgão reprodutivo, que é ninharia, só mais um, mas em todos os sentidos de sua havência.

- P – *Você já disse que todo gozo possível é sempre compensatório.*

Sua insistência é gozante por onde você pode. Gozar absolutamente lá no Impossível não dá. E, dado que somos mais ou menos neuróticos, nem cá embaixo gozamos de tudo que poderíamos, de tudo que está disponível. Onde está a dificuldade de qualquer tratamento psicanalítico? Freud dizia que há resistência à análise. Mas o que resiste à análise? O gozo. Se a pessoa já está gozando, que se dane a análise. Se ela chamar de desprazer um aspecto desse gozo, então procurará dar um jeito, mas, se for prazer, fica numa boa.

Colocar assim relativiza o campo e começamos a ver que a besteira histórica na psicanálise é quando o psicanalista sabe o que é certo, o que é errado, o que se deve fazer, chamar o pai, forcluir... Mas não sabem de nada, têm apenas uma ideologia miticamente construída que jogam em cima dos outros. Não sabem nada a respeito de onde se deve gozar, pois por onde se deve gozar é no Impossível. Lá é que estava certo, lá é que era bom! Há mitologia o tempo inteiro, mesmo em Lacan. Eles sabem o que devem prometer como cura. Mas, para poder curar, não se pode saber! Por isso me revoltei em relação à questão colocada outro dia em minha Oficina Clínica sobre procurar-se a especificidade do analisando. Isso já é especificado demais na teoria e na prática, só não sabemos por *onde* ele goza. E se começarmos a procurar a especificidade, já está errado, pois é preciso ser genérico e indiferente para a coisa brotar sozinha. Quando brotar, vai-se ficar tão perplexo quanto o analisando, pois não se sabia antes. Segundo Lacan, o analisando supõe que você sabe, mas os tais analistas pensam que sabem só porque o analisando supõe. Não é um bando de malucos? Alguém já é débil mental de supor que você saiba, e você ainda acredita?!

12. As formas de gozo, como tudo que acontece no Haver, todas as formações, não são de uma formação inicial absolutamente simples? E mais, quem sabe se não é a mesma para tudo? O bonito no trabalho de Wolfram, de quem falei há pouco, é reconhecer que a cada origem de universo – e universo não é o Haver, pois este é maior –, a cada vez que acontece o universo, o tal *Big Bang* não é mais do que um autômato celular, unzinho só. No que ele funciona durante milênios, ele se torna randômico, aleatório e produz tudo que está aí, com todas as diferenças – e incalculável, inacompanhável como emergência. Se ele estiver certo, pode acontecer de um cientista maluco, no laboratório, vir a produzir um universo, mexer em algo e fazer um *Big Bang*. Aí pensarão que ele é Deus. E pior, ele não será onisciente ou onipotente, mas simplesmente perplexo. Se Deus existe, é um cara perplexo. Vamos, então, procurar os pontos G.

• P – *Quando você diz que tudo se comove no mesmo campo, isso está bem próximo do que os físicos estão pensando hoje.*

Tenho certeza de que sou contemporâneo de mim mesmo. E tenho também a nítida impressão de que é necessário transmitir essa postura, mas que ela tem duração curta, pois logo que as máquinas começarem a funcionar, resolverão isso para nós. A psicanálise vai desembocar numa simplicidade radical, será algo que escreveremos numa página.

13. • P – *Res Gaudens, Res Extensa, Res Cogitans podem ser sobrepostas a Originário, Primário e Secundário?*

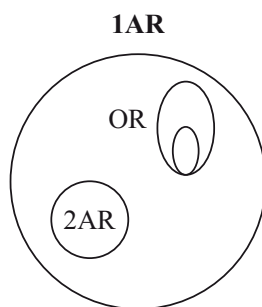
É possível aproximar essas categorias. O Primário tem um sabor *Res Extensa*. Tem um sabor, pois quando pensamos que ele é constituído de autossoma e etossoma, o etossoma não deve ser extensivo, pois está mais próximo da *Res Cogitans*, mesmo no animal.

• P – *Meu próprio ser já é uma simulação de meu DNA.*

O corpo do bicho é informação. Podemos fazer uma separação do ponto de vista didático, mas não é assim que acontece propriamente. Quando separo Primário, Secundário e Originário há algo de explicativo e didático, pois a rigor o que temos, em nossa espécie, por exemplo, é um grande Primário

12/AGOSTO/2003

dentro do qual brotou o Originário e que, por isso, produziu-se dentro dele o Secundário.



Historicamente, num corpo, num macaco, brotou um Originário e por isso apareceu o Secundário. Vejam que preciso efetivamente do Originário, pois meu Secundário não caiu do céu como o de Lacan. Ele é produto do Originário que re-funcionou dentro do Primário, secretando o Secundário necessariamente. Não há como pensar o Secundário sem o Originário segundo o esquema que lhes apresento, que, repito, é histórico, pois considera que um bicho careta como o macaco virou isso. Se considerar de outro modo, será outra coisa. Em outras regiões, não sabemos se viremos a constituir outras IdioFormações por repetição de certos Primários, que chamamos de *hard* na computação, ou se este *hard* virá do *software*. Se vier do *software*, veio primeiro do Originário, da HiperDeterminação. Por isso, não podemos dizer que começa nesse ponto, que é apenas o histórico nosso. Aliás, acabei de falar uma besteira, pois quando se inventa o computador quântico que amanhã virá a pensar, foi do Originário que se começou? Não sei. É Originário para nós outros, supostamente darwinianos, macacos onde brotou um Originário dentro e resultou nisso. Sei lá como comparece em outros lugares ou como vai comparecer nas máquinas. Quando comparecer, a coisa pode ser tão abstrata que ninguém poderá dizer qual foi o primeiro. A coisa brota e não temos acompanhamento possível para saber. Em nossa espécie, o Originário faz brotar o Secundário. Então, ele é

Originário em nossa especificidade. E nossa espécie é de IdioFormação, não somos parentes dos macacos. Quando surgiu a IdioFormação, acabou o parentesco. Somos Anjos.

14. Pulsão é de fato o conceito fundamental que a psicanálise teve até hoje. Considerou-se que há uma *konstante Kraft*, uma força constante, a que chamo de Tesão. Quando chamo assim, digo que isso não existe fora do aparelho pulsional. A Pulsão é, portanto, força aplicada a algum lugar. Ou seja, encontramos essa força se movimentando aplicada a formações. O Tesão que a formação tem é a aplicação da força à sua própria estrutura, e nada se movimenta sem Tesão. Não pensem que alguém que está deprimido, por exemplo, esteja sem Tesão: tem o maior Tesão em sua depressão. Por isso, é difícil tirá-lo de lá. A separação que Freud faz é didática, pois quando vemos a máquina funcionando é uma coisa só. A força está aí, e nada existe fora da força. Quando ela se encosta aqui, dá *x*; lá, dá *y*: é a força e a formação. O Haver por inteiro está nesse caminho, que Lao Tsé chamou de *Tao*: a Força é o Caminho. E o Gozo é isso também, pois isso só existe gozando. Por exemplo, diante de um carro, sabemos que, enquanto máquina, ele foi produzido para ter gasolina queimando, fazendo força na estrutura e que o carro goza, ou seja, corre. Isto é didaticamente separadinho, mas quando um índio vê o carro passando, diz que passou um cavalo estranho. Observem que cavalo já é mais difícil, pois não sabemos acompanhar todo o metabolismo para saber qual é seu processo. Como o carro é estúpido, nele entendemos melhor o funcionamento do gozo.

- P – *Há sempre que lembrar o processo disposto n’ALEI, Haver quer não-Haver, e a Quebra de Simetria instauradora do processo de Haver como tal.*

Quebra de Simetria é gozo. O Haver se constitui como gozo na Quebra de Simetria. Como não consegue gozar para fora, pois não há fora, ele goza para dentro o tempo todo. Se pudesse gozar para fora, ele sumiria. O que digo reverte o processo. Quando digo que Haver quer não-Haver e a coisa vira pelo

12/AGOSTO/2003

avesso, isto significa que o avesso é ir gozar para “fora”, não conseguir, virar ao contrário e, então, gozar para “dentro”. O primeiro reviramento é este. Temos a impressão de que não houve reviramento algum, mas a intencionalidade do Princípio de Catoptria era gozar para fora, como não dá, vira ao contrário e goza para dentro. E imediatamente, no mesmo instante em que goza para dentro, começa de novo a procurar gozar para fora. Portanto: gozar para dentro \equiv querer gozar para fora.

12/AGO

15. Este Falatório, além de não ser regrado pelos métodos acadêmicos, é um embate ao vivo com o que considero partes cruciais da produção do meu *Darma*. Algo aleatória, esta produção corre bastante solta, mas tem um encaminhamento. Uma coisa a que devo voltar com frequência é à situação, colocação, lugar, disso que estamos chamando de Nova Psicanálise, pois algumas confusões sempre permanecem, atrapalhando o entendimento mais preciso do que é trazido. Estou preparando uma série de idéias, aliás recursivas, em todos os sentidos, pois a intenção e o encaminhamento deste Falatório são ainda o que já comecei a tratar em minha Oficina Clínica, no primeiro semestre: a recomposição do quadro do que chamam “nosologia”, termo que nada tem a ver conosco. É preciso jogá-lo fora, entregá-lo à medicina e repensar de outro modo, a partir da configuração que apresento.

16. O fato de acolher o conceito de **estrutura**, inarredável em nosso trabalho, não significa de modo algum que haja aqui Estruturalismo. O conceito de estrutura pode estar em qualquer lugar, já o estruturalismo é certo modo de abordagem da realidade considerando todo o sistema abordado, bem como o sistema intelectual que faz a abordagem, segundo uma relação recíproca e intrincada de todos os elementos, em que qualquer elemento que se move desloca todos os outros. Mas, sobretudo, o que reina no pensamento estruturalista é a idéia de

falta. Lembram-se daquele joguinho de quebra-cabeça, vendido até em camelô, que é um quadrado cheio de números ou letras, com um lugar onde falta uma letra para podermos mover as outras? O estruturalismo é isto: falta uma casa para as outras poderem se mexer. Este é o estruturalismo que vive da idéia de falta, seja a de Lévi-Strauss dentro do sistema, seja a falta fundamental em Lacan, etc. Tampouco estamos metidos nas formações chamadas de neo- ou pós-estruturalistas, nomeadas por alguns de pós-modernas. Embora nós outros possamos acolher elementos conceituais ou informacionais de ambos, do estruturalismo e do pós-estruturalismo... Aliás, sabe-se lá se são a mesma coisa, dado que o pós-estruturalismo é apenas uma birra contra o estruturalismo, portanto está ainda carregando suas questões, problemas e abordagens.

Eles tentam evadir a idéia de falta de várias maneiras, mas para isso precisam apostar na idéia de **multiplicidade** e, pura e simplesmente, entender o que possa ser uma imanência dominante ou única, sem transcendência ou sem lá o que eles queiram, pois tudo é múltiplo. Não lhes compete a idéia de **Um**, mesmo que possam falar de unidade, unicidade, conta por um. E mais, o estruturalismo pode até falar do Um faltoso, ou falta Um, pois seu Um totalizante, que não quer comparecer, finge não estar no neo-estruturalismo, chamado pós-moderno. Ora, no estruturalismo, a melhor idéia que se teve disso foi a de *traço unário* em Lacan: o Um como marca de repetição inarredável e permanente. Não é o caso em nossa experiência.

17. Quanto a nós, partimos de algo radicalmente outro. As pessoas custam a entender, pois sempre tentam abordar o que trago pela via do pensamento do século XX. Mas o que estou pensando não é compatível com o século XX. Embora os primórdios das idéias que comecei a organizar tenham nascido lá, na década de 80, nessa década um século já havia acabado e estava entrando outro.

Este pensamento começa na **experiência** bruta, radical, sem fundo e sem nada por trás do que chamo **Haver**. Uma experiência de absolutamente Um, sem conta, sem traço. Isto é século XXI. E começo a descobrir que não estou sozinho nesta tentativa, embora tenha descoberto isto muito tempo depois

de ter começado a falar arriscando estar maluco sozinho. Numa das conferências proferidas na FINEP, em 1999 – *A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o século II da Era Freudiana* (Rio de Janeiro: NovaMente, 2004, 192 p.) –, tomei uma metáfora musical para situar a Nova Psicanálise como atonalidade em contraposição à música tonal. Atonalidade que não é necessariamente dodecafônica. Só é assim na cabeça de Schönberg, mas há outras coisas que podem ser, pelo menos, pensadas fora dos doze sons como pura serialidade de qualquer sonoridade, de qualquer barulho, de qualquer coisa. Considero o Haver – este diante do qual temos a experiência de Um, que é completamente diferente da idéia de Ser – como absolutamente **homogêneo** em sua constituição de última instância, mesmo que ainda não saibamos determinar ou mesmo definir essa homogeneidade. Partimos, então, do princípio de que o Haver é homogêneo. As heterogeneidades sendo fechamentos sistemáticos, localizados. A impressão de haver heterogeneidades se explica pelo fato de as formações terem alguma fechadura, algum trancamento, e pela dificuldade – segundo meus termos impossibilidade modal – de atravessar esses fechamentos. Embora, se tiverem a paciência de acuradamente tomar os textos de Lacan, verão que a tal heterogeneidade entre os registros – real, simbólico e imaginário – é falsa, pois muita coisa que ele chama de simbólico é, por exemplo, imaginário. Então, aquilo sempre rompe as barreiras e escapa da heterogeneidade.

18. Podemos chamar as formações e suas fechaduras de **sistemas**. Era assim que as chamavam no meio do século passado. O livro clássico sobre o tema, bastante trabalhado no meio universitário brasileiro das décadas de 60 e 70, é *Teoria Geral dos Sistemas* (Petrópolis: Vozes, 1976, 351 p.), de Ludwig von Bertalanffy, cuja leitura já recomendei. Foi usado demais quando tínhamos como centro do pensamento acadêmico a teoria da comunicação, o estruturalismo, a lingüística. Estou falando em teoria dos sistemas porque von Bertalanffy e outros autores, quando falam em sistemas, tentam sustentar uma oposição classificando-os em abertos e fechados. Os sistemas fechados não extravasam para outros sistemas em suas transas inter-sistemáticas. E os abertos extravasam, fazem comunicação de sistema para sistema.

Mais interessante ainda é a teoria de Humberto Maturana e Francisco Varela, de que também já tratei anos atrás. É uma teoria de sistemas, mas em que há uma relação – ambígua até – entre porosidade e aporia, pelo menos nos sistemas vivos, que é o caso que consideram. A biunivocidade das células em sua relação fechada ou aberta é algo importantíssimo e trazido por eles como verdadeiro parâmetro de pensamento com a re-conceituação, na biologia, do que, nas células, chamam *membrana*. Dizem que a célula tem uma membrana que a separa das outras, mas ela sabe funcionar ora como fechamento, ora como transa, abertura. É interessante, pois, no artifício espontâneo do Haver, que chamam de natureza, é dada essa máquina de cercadura de um ente biológico que sabe fechar e abrir. Talvez em Seminários meus, como *De Mystério Magno* (Rio de Janeiro: Aoutra, 1990), de 1988, em que já fazia comparações com a teoria de Maturana e Varela, já esteja na idéia de **Formações do Haver** que cada e qualquer formação tenha algum tipo de membrana – se quisermos usar o conceito deles ampliado para além da biologia –, algum tipo de envolvimento, de parede separadora, umas duras, outras porosas. Podemos conceitualmente distinguir uma formação, mas isto não impede que ela tenha mais ou menos porosidade.

19. Alguns pensamentos – e são pouquíssimos os que reconheço – têm fortes aproximações com minha construção. Por exemplo, através da direção da UniverCidadeDeDeus, convidei para vir ao Brasil, François Laruelle, que esteve conosco algum tempo conversando, inclusive nesta mesma sala. O diálogo é difícil, pois, embora haja aproximações, não é a mesma coisa a maneira que estou falando. Muitas coisas são diferentes: sua famosa não-Filosofia, seu modo de operar, o tipo de formação intelectual... Entretanto, quando o li, bem depois de ter iniciado a chamada Nova Psicanálise, fiquei boquiaberto como colocamos algumas coisas que parecem as mesmas. Por exemplo, à idéia de Haver ele dá o nome filosófico de *Um*. Interessa-me isto para mostrar que algo está emergindo no mundo para o século XXI – mesmo que não tenha começado junto com esta data – como conhecimento radicalmente diverso do século XX, e que enca-

minha soluções para os impasses dos teoremas anteriores. Estes, na verdade, já faliram. O que é natural: as teorias vão à falência, pois outras coisas emergem e provam que elas foram uma excelente e genial tentativa, mas que passou. É o caso de Lacan, junto com Lévi-Strauss e todos os estruturalistas; é o caso dos neo-estruturalistas ou pós-modernos, como Foucault, Deleuze, Derrida... Todos são um pouco antigos, estão pendurados, de algum modo, nas idéias de falta, de centralidade, mesmo que não queiram que sejam falocêntricas ou logocêntricas. A coisa é greco-egípcia e nunca saiu desta. Tentativas, estamos fazendo nós outros de sair desse inferno localizado para algo outro que possa permitir novas situações.

Laruelle, queira ou não, faz parte do aparelho da chamada filosofia continental, quer dizer, européia. Do lado da chamada filosofia analítica, até que às vezes temos um pouco mais de respiração, pois são bem mais doidinhos, mais soltos no pensamento, do que o aprisionamento linguageiro, literário, que há na filosofia continental. Não sabem se são filósofos ou romancistas, doença que pegou nos psicanalistas. Depois de Lacan, todos têm que escrever... Não podemos esquecer que Lacan se escondia no estilo, mas essa gente quer ganhar aplausos no estilo. Lacan usava o estilo como maneira de esconder sua cara e esconder também a má impressão que alguns pudessem ter de muita clareza em sua obra, que aliás é claríssima. Mas ele obnubilava um pouco a coisa com um estilo literário que, de fato, é literatice. Quem está a fim de fazer literatura, é melhor que vá escrever poesia ou romance. Essa literatice abrangeu todo mundo, até a mim mesmo durante o período lacaniano, mas continua a rebater no Brasil... A coisa pode ser mais simples, mais limpa, até graficamente. A fala acadêmica também está cheia de obscurecimentos e literatices desnecessárias. As pessoas, para fingir que são sábias de alguma forma, têm que falar como pítia grega, dizendo frases incompreensíveis. Às vezes, é incompreensível até para quem diz, então está valendo, pois a pessoa não sabe o que está dizendo. Às vezes, falo coisas que são incompreensíveis para mim: são borbulhas do Inconsciente. Outra coisa, é esconder-se atrás de literatice e frases de efeito.

20. Outros dois, que achei recentemente e que têm aproximação com o que quero, são Stephen Wolfram, com sua Nova Espécie de Ciência (*New Kind of Science*), e outro maluquete chamado Ed Fredkin. Eles têm coisas espantosas. Por exemplo, Wolfram põe o Princípio de Equivalência Computacional e traz a idéia de Autômato Celular como formação simples, capaz de produzir formações extremamente complexas e mesmo aleatórias. Mas parece, se estou me lembrando bem do que li numa reportagem, que ele, mesmo tendo posto este princípio, acha um pouco demais Fredkin considerar que o Universo é um programa de computador. Acho o contrário. Como sabem, desde o início, dado que colocara a idéia de homogeneidade do campo, para mim é perfeitamente válido que a produção disso que da vez anterior, lembrando Descartes, chamei de *Res Extensa* seja factível a partir da *Res Cogitans*, e vice-versa.

21. Entendam, sobretudo, o fato de que **não há falta** nos fundamentos do nosso trabalho. Não que não haja ou não se sinta falta, pois todos sabem que sentem falta, que há faltas, mas o que o diferencia é a falta não ser estruturante em nosso pensamento. No pensamento estruturalista, ela é estruturante. Lacan não vive sem a falta – e Lacan é uma obra (o cavalheiro Jacques Lacan é outra coisa) –, seu pensamento não existe sem a falta como estruturante da estrutura. **No meu pensamento, o que é estruturante**, até da falta que venha a comparecer, **é o excesso**. O excessivo, dado o Princípio de Catoptria, é o estruturante da relação Haver/não-Haver. Qual é a estrutura d’ALEI? É o excesso. Em Lacan, é a falta. A Lei para Lacan, em última instância, significa castração, limitação intrínseca à estrutura. Para nós, o de que se padece é do excessivo. Por isso, a ansiedade, a angústia que cria até faltas.

Isto faz a diferença radical que muitos custam a apreender. Sobretudo quando digo que ALEI é “Haver desejo de não-Haver” como estrutura, e até brinco (seriamente) de dizer que, no que o Princípio de Catoptria se excede, projeta um não-Haver que não há, projeta uma transcendência impossível, e que, até depois dessa projeção, este transcendente, que não há, força o Haver a ser transcendental – e dá a impressão de que o não-Haver, que não há, é

causa do movimento do desejo. Mas é maneira de dizer *depois* que o excessivo comparece. Isso não é primeiro. Quando Lacan fala de causa em sua teoria, a causa estruturante é a falta, ou seja, aquilo que ele tomou de Freud, o “objeto fundamentalmente perdido”. No entanto, não há perda fundamental alguma, só há excesso, quer-se mais além do que há, quer-se até o que não há. Isto dá a impressão de fundar o não-Haver como falta do movimento, mas o movimento é puro Têsão, força constante, como dizia Freud. Então, como a estrutura d’ALEI é que o Têsão quer simplesmente desaparecer (Haver quer não-Haver; Haver desejo de não-Haver), isto é o excessivo, exige tudo, exige cada vez mais, inclusive o que não há. Aí, quebra a cara no que chamo **Quebra de Simetria**, que arremeda a idéia de castração em Freud e que Lacan pega com o mesmo nome. Arremeda é modo de dizer, pois o que chama de castração não é senão a espontânea e dada Quebra de Simetria dentro do Haver, que se replica, repercute dentro de suas formações.

O **Revirão** decorre necessariamente da Quebra de Simetria. Fica instaurado o reviramento dentro do Haver, o qual, como já expliquei, só existe e só comparece em IdioFormações. Seja o Haver em si, que é uma IdioFormação que conversa conosco de alguma maneira, sabe-se lá como; seja a loucura desta nossa espécie que apareceu na face do planeta e que supostamente existe por aí em outros planetas, não necessariamente de forma primata, e que será produzida tecnologicamente dentro deste planeta fora da formação biológica. Esta IdioFormação é o surgimento do Revirão dentro do Haver: se o Haver é IdioFormação, algo se replica dentro dele e outra vez instala a Quebra de Simetria em alguma complexidade dada. Não comparece movimento de Quebra de Simetria nas outras formações do Haver. Pelo menos, nunca vimos. Embora façam parte de um Revirão imenso, essas formações são fragmentos, peças, ingredientes, o que quiserem, de um imenso Revirão, mas não reviram sozinhas. Desde o começo da teoria, digo que nós outros tivemos a sorte, ou seja, o azar, de ser IdioFormações aprisionadas neste macaco idiota.

22. Não é mera pretensão nossa dizer que esta posição é radicalmente nova. Para aqueles que não gostam que eu fale em ‘Nova’ Psicanálise, digo que é a

mesma psicanálise, que só mudou de roupa. Mas podemos garantir que é radicalmente novo isso que está surgindo aqui no planeta. É claro que alguns enlouquecidos do passado, alguns místicos, falaram disso, mas ninguém deu ouvidos, nem entrou no sistema de pensamento. Mesmo porque não teria e não teve chance de comparecer anteriormente sem uma grande refrega dos outros pensamentos e sem tecnologia adequada para fazê-lo brotar. Seria impossível para um Wolfram, por exemplo, pensar o que pensa sem os computadores. Antes, não havia nenhum tipo de computação com a mesma velocidade, elasticidade, porosidade dos computadores de alta potência disponíveis hoje. Ele mesmo diz que não surgiria seu pensamento sem o computador, assim como, no passado, não era possível surgir determinado tipo de organização mental sem a escrita, sem, depois, a imprensa – tecnologias que obrigam e propõem modos novos de pensar.

23. Nossa posição, chamada de Nova Psicanálise ou novamente, dado que tem sua radicalidade fora dos pensamentos anteriores do século XX, é inteiramente onívora, mais do que onívora, é onivoraz. Esta é outra coisa que as pessoas também custam a entender quando passo inadvertidamente de um lugar para outro: neste pensamento, a estrutura de base é firme e constante, mas, justamente por sua estrutura de base, ele transa para todos os lados. Por isso, é capaz de comer de tudo, de engolir todos os saberes e aproveitá-los de algum modo. Esta holofagia, como se diz em grego, esta onivoracidade, é permitida por causa de sua idéia de **Segunda Potência do Binário**: a idéia de oposição interna, do binário “interno” que pode ser superado pelo binário “externo”, que dá no ponto de indiferenciação, na possibilidade de comer de tudo e se comportar de todas essas maneiras quando for de seu interesse. Não se fica na diatribe interna em que a filosofia, por exemplo, não pode parar de ficar, nem pode parar de fazer, pois sofre da característica greco-egípcia do pensamento que depende do exercício imediato de recalque para funcionar. E se o pensamento chinês, oriental de modo geral, não depende imediatamente do recalque para funcionar, pode ser alternativo, no entanto, tem um limite recalcante, que é justamente não

aceitar funcionar como o outro pensamento recalcante. Ora, isto é um recalque. Nosso pensamento, sendo aquele que *pode* (não é obrigado) fazer repercutir a Quebra de Simetria em qualquer lugar, aceita toda e qualquer transação: pode trabalhar em termos de estrutura ou em termos de história, dependendo do lugar de enfoque; pode trabalhar no regime da oposição e pode trabalhar no regime da pura diferença, pois uma coisa gera a outra; portanto, pode viver de modo ocidental ou de modo oriental. Nada mais globalizante na superfície do planeta do que um pensamento assim. Outros pretendem ser globais, mas não conseguem, por exemplo, deixar o capitalismo correr solto. Por isso, a globalização deles ainda é falsa.

24. Um sistema do tipo que apresento – se quisermos pensar em termos de sistema – cabe naquilo que o pessoal das teorias de sistemas, de informática, etc., chama de **sistema auto-referencial**. Niklas Luhmann, autor da maior importância na área, diz: “Um sistema auto-referencial é aquele que contém uma descrição de si mesmo”. Vejam que não é um sistema que contém a si próprio, mas contém uma descrição de si mesmo. Ele é muito vivo ao dizer assim, pois não cai no paradoxo de Russell. O que resulta em esse sistema comparecer como, e aí entra o conceito de Maturana e Varela, *autopoietico*. Isto quer dizer: capaz de se transformar mediante auto-referência. Ou seja, no que se refere à sua própria descrição, ele se transforma. Repetindo, qualquer sistema seria autopoietico na medida em que fosse capaz de se transformar a si mesmo mediante auto-referência, isto é, mediante a descrição de si mesmo que ele contém. É uma recursividade que não é difícil de entender, pois a descrição não é necessariamente idêntica ao sistema, então cria uma quebra de simetria que o faz funcionar.

- P – O auto e o si mesmo *ai não têm que vir entre aspas?*

Embora eles escrevam sem aspas, é preciso colocá-las. Por exemplo, segundo Luhmann, há os movimentos sociais porque a totalidade social é auto-referencial, capaz de gerar-se a si mesma. O que é compreensível no nível social, pois o sistema que está em funcionamento, com muita frequência, não é

consciente, e o que há de consciência sobre ele é uma suposta descrição dele mesmo. Então, ele se transforma por movimento contraditório interno. Eles apostam na auto-referencialidade e na recursividade de qualquer processo de organização. Ou seja, qualquer processo que produz organização é auto-referencial e recursivo sobre si mesmo. Eles pensam que há uma esquematização recursiva da experiência e que há generalização da recursividade, o que significa que todo estado efetivo e todo dado de observação é o resultado de uma *computação constituinte*. Interessante para nós aí é que o que é constituinte de um estado que efetivamente está funcionando, o que é constituinte do próprio dado de uma observação, é o resultado de uma computação. Não pensem que se trata de ficar mexendo no computador, pois computação é entendida como: qualquer operação, não necessariamente numérica, que transforme, modifique, ordene, reordene, quer símbolos, quer atividades físicas e mesmo objetos concretos. Esta computação é condição *sine qua non*, como dizem, da produção de um estado efetivo, de um resultado de observação. É um processo computacional, mais nada. Não interessando, portanto, qual seja a regagem de ordenação e reordenação.

Eu diria, então, que, em nosso esquema, **o Haver é auto-referencial recursivo. Como? Mediante o que chamo de HiperDeterminação.**

- P – *Esta seria uma propriedade do Inconsciente?*

Haver e Inconsciente são a mesma coisa: Haver e Inconsciente, o Mesmo.

Poderíamos sonhar que há auto-referencialidade, generalidade recursiva no Haver. Suponho que isto seja devido ao fato da HiperDeterminação, pois o Haver, como sabemos, é (não paradoxalmente, mas coincidentemente) Halo-referenciado a não-Haver. Tudo é homogêneo, mas há uma Halo-referência produzida pelo Princípio de Catoptria. Portanto, o Haver fica recursivo. Ele vai, o não-Haver não há, mas a insistência é esta, então ele reverte o processo para “dentro” de si mesmo, para re-insistir em suturar, desfazer a Quebra de Simetria. A Quebra de Simetria é uma imposição porque não-Haver não há, mas a simetria é a requisição d’ALEI. E isto se torna recursivo no *looping* de avessamento

entre os dois alelos (pois, do ponto de vista da reversão do Haver, são dois alelos): Haver quer não-Haver; Quebra de Simetria, pois não tem não-Haver; retorno a “Haver quer não-Haver”; Quebra de Simetria; retorno... Esse é o grande computador. A definição de computação que dei há pouco – qualquer operação não necessariamente numérica que transforme, modifique, ordene, reordene, quer símbolos, quer atividades físicas ou objetos “concretos” – é de Heinz von Foerster, que põe aspas no “concreto”. Ele, aliás, era sobrinho de Wittgenstein.

25. Algo interessante para tomar como questão neste nosso percurso é a idéia – tão necessária no pensamento do século XX, sobretudo em Lacan, mas que está em Lévi-Strauss etc. – de **Outro**. O Outro de Lacan também é constitutivo, estrutural. Aliás, a idéia de Outro em Lacan depende da falta como estruturante. Do mesmo modo que disse que não é que não haja ou não se sinta falta, mas ela é consequência do excessivo e não é estruturante do processo, digo que não é que não haja Outro, que não compareça de algum modo, mas não é estruturante. Estruturante neste pensamento é o **Mesmo**, a radicalidade da mesmidade, da homogeneidade do Haver. Outro, aqui, só comparece radicalmente (não como o que falta, mas) como aquilo que não comparece. É o não-Haver que jamais comparece ao pedido excessivo do Haver. Então, o Haver não trabalha com a falta. Ao Haver não pode faltar nada. Ele exige que não falte nem o não-Haver, exige o impossível. Isto também é radicalmente diferente do pensamento de Lacan, que diz que “não se pode querer o impossível”, como se houvesse um embargo interno, chamado castração, que diz que *não* – o que, segundo ele, seria ético. Para mim, o Haver diz: “Não tem, mas quero! É impossível, mas quero assim mesmo. Quero o Impossível!” Menos do que isto, não se trata de IdioFormação. A força de vigência da IdioFormação, dessa coisa nova, enquanto replicação dentro do Haver, mas que é o Haver como coisa mais antiga, é que ela é excessiva e exige o Impossível. O Impossível Absoluto é absolutamente impossível, mas, no que se o exige espontaneamente, temos chance de deslocar o impossível modal. Tesão mesmo é isto, querer o Impossível e, já que não há,

vai-se no impossível modal. A força do Tesão – que Freud chamou de Pulsão – arrasta o impossível modal porque ele é mera modalidade.

Este é um pensamento que nos põe numa situação de condenação a Haver: nem que nos matem os deixaremos de estar condenados à eternidade. Como sabem, digo que **a Morte não há**. Isto porque, primeiro, quando alguém dá por si, aí já estava, não há pratrásmente; segundo, não adianta nem morrer, pois não terá a experiência de morte. Então, sou eterno enquanto duro (em todos os sentidos). É diferente da postura católica de Lacan – de herança cristã e, por tabela, judaica – de que somos faltosos, perdemos o paraíso por não prestarmos, sermos menores do que Deus pedia. Este Cara, aliás, só pode ser um canalha, pois como pode Ele pedir a mim que não peque?! Vejam que minha posição também não coincide com a posição grega, por exemplo. Os deuses não reconhecem a falta, mas são humanos demais, vivem da sacanagem cotidiana do Olimpo, seja em Grécia ou em Roma. A condenação aqui não é por falta, e sim por impossibilidade: o excessivo deu de cara com o Impossível. A Lei não é um processo jurídico de chicana entre sujeitos, como é em Lacan, não é uma transa com o Outro. A coisa cai na cabeça redondamente, realmente.

26. • P – *As idéias de Outro, de valorizar a diferença e ligá-la à heterogeneidade são muito fortes nos pós-modernos e são coisas que estão claramente em Lacan. O que você está dizendo é que o fato de as formações serem discretas, ou seja, descontínuas, apresentarem membranas que as separam umas das outras, não implica heterogeneidade de estrutura. Temos um plano homogêneo, em que há formações discretas, portanto finitas nelas mesmas, que podem ser diferenciadas ou múltiplas nesse sentido, mas elas não são heterogêneas...*

...em sua substancialidade. É preciso entender que, para cultivar a diferença e o diferencialismo, é necessário heterogeneidade ou radicalidade de diferença entre formações, como em Deleuze, por exemplo. Para nós, isto é apenas recorte. As diferenças só aparecem por recorte, portanto, só aparecem ou por Juízo Foraclusivo, com um recorte indolor, ou por um recorte

doloroso, que é Recalque. Mas se uma célula precisa sobreviver e ela é capaz de fazer fechamentos, aporias e porosidades em sua membrana, isto significa que, mesmo que tenha um limite mortal para ela, ela está tentando transar sua homogeneidade, a qual é impossível de ser sustentada para sempre, pois a homogeneidade de última instância equilibra e equivale tudo. É o que chamo de Nada, que é muita coisa ainda. Então, não é porque um elemento, uma formação seja heterogênea a outra, no sentido de constituição própria, e sim que há fechamentos, trancamentos e aporias entre as formações.

No entanto, em nosso trabalho, a idéia de **diferença** se torna muito importante, quero eu supor que mais importante do que para os pós-estruturalistas. Neles, se o campo da idéia puramente de diferença é democrático, se a diferença fundamenta a idéia de democracia – e é nisso que chegam, na necessidade de se aturar de algum modo a diferença porque ela é irreduzível e, em última instância, as escolhas democráticas dependerão de uma força, de um vetor resultante, que depende da quantidade de aportes, que, na democracia, é a quantidade de votos que determina o modo de existência, etc. –, nós outros dizemos que a democracia é uma coisa horrorosa, péssima, embora, conforme alguns acham, não haja coisa melhor. É péssima, pois basta abrir os documento de qualquer país dito democrático, grego inclusive – basta conversar com Platão no nível da aporia de Sócrates, por exemplo –, para ver que a democracia é falida de nascença. E justo por causa da idéia de heterogeneidade, suponho eu.

Há anos, falei em **Diferocracia**, que é mais do que aceitar as diferenças, já que não há como escapar delas, a cada passo e a cada momento. Ou seja, seria possível pensar, e aí vamos para o quase absurdo político, uma forma de organização social, digamos até de governo, que de algum modo sustente *todas* as diferenças, mesmo tendo que providenciar processos constantes de diplomacia entre elas? A democracia não atura **todas** as diferenças. Está lá Sócrates que não deixa mentir. Ele fustigou os atenienses, obrigou-os a matá-lo para provar que a democracia não funciona. Qualquer coisa que funciona democraticamente, é bárbara. Por exemplo, a partir de certo momento da história do Direito, passou-se a considerar que o vigor da lei dependeria do conhecimento, de preferência

científico, e não da opinião do grupo. Antes, algumas coisas eram consideradas erradas porque o grupo achava errado. Então, resolvem passar para o lado da ciência, da medicina, dos peritos. Ora, os peritos dão opinião e ela não vale nada, pois colocam a pessoa na cadeia, justamente aquela que o perito disse que é doente. E notem que já está errado, pois freqüentemente ela não é doente, e sim diferente. A democracia é *fake*. A brutalidade não democrática, pelo menos, não é *fake*, é bruta. Vejam o que acontece atualmente. Depois da Segunda Guerra, inventou-se a ONU, blá-blá-blá, e pensamos que estávamos evoluindo. Aí, o Presidente americano diz: “Quem tem as armas sou eu, bombardeiem!” E agora? Esse aí não é *fake*. Dizemos que ele é um canastrão, mas *fake* é a ONU que não tem poderes para enfrentá-lo. Ele mostra que tudo é uma questão de poder, como tenho explicado. E ele tem uma sorte incrível, pois seus inimigos sempre morrem...

• P – *Você está apontando para uma possibilidade de acolhimento radical das diferenças, que não implica colocá-las como hierarquicamente superiores para sustentar apenas pensamentos específicos. Se colocamos a diferença como hierarquicamente superior ao resto, tudo fica referido àquela diferença, produzindo de maneira fake determinado poder em cima de algumas questões que nada têm a ver com isso.*

Nosso referencial é a Indiferença, e não a diferença. É a Indiferença que permite o acolhimento radical das diferenças, sem colocá-las nesse lugar *fake*, em que as diferenças, pobrezinhas, só são acolhidas justo porque não estão colocadas no lugar de potência em que dizem querer colocá-las.

27. Digo que as diferenças são homogêneas porque têm a mesma substância, que quero chamar de **Linguagem**. Se tiver que chamar algo de linguagem é o Haver. O Haver é pura linguagem, puro gozo na linguagem. Mas linguagem pensada como a substância abstrata e homogênea, pois as coisas que chamamos linguagem já são formações com suas membranas. Lacan reconhecia isto ao dizer que ninguém conhece linguagem, e sim *alínguas*, códigos, que são linguagem por serem feitas de linguagem, mas a Linguagem é o próprio Haver.

Por isso, é tudo homogêneo. O Haver é constituído de Linguagem, é absolutamente homogêneo. As coisas que chamamos de linguagens ou línguas são cacos, aproveitamentos, decantações, congelamentos parciais da Linguagem. Então, quando Lacan diz que “o Inconsciente é estruturado como uma linguagem”, de brincadeira pergunto: “Sim, carapálida, mas o que não é?” Isto, na medida em que desloquei o termo Linguagem. Lacan, muito mais perto da lingüística, queria dizer que o Inconsciente funcionava assim, até sintomaticamente como alíngua. Quando digo que a Linguagem é absolutamente homogênea, estou dizendo que não é assim. E não há platonismo algum aí, pois não são idéias puras. É a materialidade que é absolutamente homogênea. Suponho que daqui a vinte, trinta anos tenhamos um conceito melhor, mas, no momento, posso tomar o Princípio de Equivalência Computacional, de Wolfram, e dizer que é isso que estou dizendo que é o homogêneo. Como coloquei da vez anterior, o Haver é pura Informação ou pura Linguagem.

28. As pessoas ficam um pouco embananadas e encucadas com o fato de, há tempo, eu ter dito que **gozo e prazer são a mesma coisa**. Quis dizer que gozo é a substância do Haver. O Haver é gozoso, é gozo puro. E não importa chamar de prazer ou de dor, pois são formas de gozo. Não se escapa do gozo, não há quem não goze. O Haver goza sem parar. Então, quando estou de acordo com uma formação parcial, uma modalidade, e não interessa a essa modalização ou lhe dói outra modalização, chamo aquilo de desprazer, mas isto é local. No geral, é gozo puro, está no pleno gozo de sua havência. No entanto, minhas formações parciais, do ponto de vista de certa formação, aprovam um gozo que, diante de outra formação, seria destrutivo para elas. Por exemplo, outro dia lhes falei do desejo de beber ácido líquido. Quando nos lembramos de que aquilo nos derrete, dizemos *não*, mas o entorno estético da coisa pode dar a impressão de gozo enorme. E ainda há o exemplo melhor de Empédocles pulando no Etna, o qual até hoje solta rodinhas de fumaça. Deve ser Empédocles fumando lá embaixo, ou são seus soluços...

29. Como já lhes disse, em Lacan, a Lei é chicana jurídica, languageira, de língua. Para ele, a Lei não está no Haver, no real. E o sujeito de Lacan é perneta, é resultado puro do simbólico: é aquilo que um significante representa para outro no nível do simbólico. Assim, o sujeito nada tem a ver com real e menos ainda com imaginário. Ou seja, o sujeito não há, pois o real é impossível de inscrever no simbólico. Aí ficamos com o problema sério, que trataremos outro dia: a **metalinguagem**. O que fazer com ela? Para Lacan, não pode haver metalinguagem justamente pela impossibilidade de transcrição.

- P – *Para você, tudo é metalinguagem.*

Ao mesmo tempo que posso repetir que não há metalinguagem.

- P – *Não há A Metalinguagem, mas há metalinguagens...*

Mas não há efetivamente meta-linguagem, pois o que há é mapeamento imediato. Se tomo uma linguagem para falar de outra linguagem, ela jamais falará. Lacan tem razão aí. Mas se tomo uma formação, não chamemos de linguagem, que seja capaz de mapear efetivamente o que chamo de **Gnomo**, está tudo mapeado. Ela não está mapeando real algum, está mapeando o Gnomo. São formações do Haver. Lacan tropeça por querer que a linguagem faça um mapeamento do real. Mas que real, bicho?! Quanto a mim, estou dizendo que uma suposta linguagem como formação é capaz de mapear precisamente outra formação chamada conceito, a qual está mapeando outra formação chamada Gnomo. Esta formação é uma formação do Haver? Sim, mas não estou mapeando essa coisa abstrata e totalizante chamada real, e sim mapeando um Gnomo que está embutido no mapeamento e não escapa dele. Então, não vou mapear esta caneca que está em minha mão, por exemplo. Mapearei, sim, um Gnomo do qual a caneca escapa, mas não mapeei tudo canecável, apenas um Gnomo. Vejam que isso é vício de ocidental, é kantiano, é aquele que pensa que por trás do fenômeno há um noumeno. Não há nada por trás de nada. **Fenômeno é simplesmente um Gnomo. Para além dele, há até muita coisa, mas por trás, não há nada, só ele.** Como não consigo mapear não só o Gnomo, mas mais do que ele, digo que há algo que escapa que é o noumeno, mas não há. Só se fala do que se fala, do que não se fala, não se fala! Só se diz o que se diz, o

que não se diz, não se diz! É o fundamento místico do Haver que está na mão de Wittgenstein: não pode falar, aponta. Se pudesse falar, falava. Ou poderá um dia, pois é um impossível modal.

• P – *Você já disse que irracional é o que não entrou no campo da racionalidade.*

Não existe algo que seja irracional, o que existe é que sou um ignorante porque não atingi determinadas coisas. Quando atinjo, alguma racionalidade chega. Já disse que qualquer coisa que se diga é da ordem do conhecimento. Se foi dito, alguma coisa foi dita, logo é conhecimento, que pode ser frágil, idiota, pobre, mas é conhecimento.

30. • P – *É estranho que você retome a idéia de substancialidade, porque o conceito de substância na filosofia é complicado.*

E o que tenho a ver com isso? Não sou filósofo!

• P – *Mas nos vemos na exigência, para a cabeça funcionar de outra maneira, de fazer análise desse termo.*

Você está com toda razão porque a palavra é péssima. Por que é sub-estância? Cometo a asneira freqüentíssima em meus Falatórios e Seminários de ficar contando com o ouvido de quem me escuta. Aí começo a falar besteiras. Como vou dizer, sobretudo no modo de formação brasileira onde as pessoas não se deslocam muito fácil de um parâmetro para outro, que não estou falando de substância? Eu mesmo acho esta palavra abominável, até pelo prefixo. Não há *sub*-estância, o que há é estância. Então, substituam o termo. Toda vez que falar em substancialidade, estarei falando em estancialidade. Acho que, para ser didático, muitas vezes confundi meu público. Quando comecei a falar em Haver, sabia que as pessoas não atinavam, por isso falava em universo por inteiro. Mas isto é didático, pois o Haver nada tem a ver com universo.

• P – *Há uma palavra melhor que substância, que é havência.*

Melhor ainda: a havência do Haver é puro gozo. Não se fala em essência do ser? Por que não posso falar em havência do Haver? Eles falam até em ser doente, que, aliás, é tudo que são...

- P – *Mesmo que não tenhamos informação sobre o conceito filosófico de substância, funcionamos segundo este raciocínio, porque tomamos a substância como princípio de individuação, a tal da diferença e da heterogeneidade; como substrato, o que subjaz; como sujeito de predicação, aquilo a que atribuo alguma qualidade; como algo principal, quando algo é accidental e dispensável; como criado e incriado, segundo o protocolo cartesiano que tem que colocar uma substância que, por semelhança, produz outra diferente que é o homem, então, tem Deus e o homem; como essência; como forma, etc.*

Tudo isso não é nada do que estou falando. É aí que tomo nosso amigo Laruelle, que é brilhante e deu passos notáveis, mas insiste em falar em essência. Ele insiste em dizer que o Um, o Haver, é o Homem. Isto, dizendo que não é humanista, mas querendo o Homem com'Um. O homem? Isto é muito regional. Estamos às vésperas de ver nascer outra IdioFormação, que nada tem a ver com o primata. Vocês não ficam assustados? Eu fico. E, ao mesmo tempo, fico muito contente.

- P – *Se pudesse comprar um...*

Quem terá mais poder? E se eles comprarem você? Aparecem umas IdioFormações de lata que me comprem e serei escravo delas. Mesmo porque talvez elas não doam – e é fácil escravizar quem dói. Estamos caminhando a passos largos. Preparem-se, pois elas vão surgir. Não por causa, mas à revelia do saber delas. Como se faz um bolo? Há uma receita, geralmente de alguém que experimentou. Temos os ingredientes, que não são apenas farinha, manteiga, leite, ovos, pois há também fogo, temperatura, etc. Além disso, há o ato de bater. Usamos toda a receita e sai um bolo. Ficamos pensando que fizemos o bolo, mas apenas o *compusemos*, pois ele é feito de manteiga, etc., que não fizemos. É preciso lembrar que já os achamos prontos. Então, como se faz um clone? Há uma receita, mas temos comprado pronto um genomazinho, como na receita de bolo. O que acontecerá quando fizerem o genoma em laboratório, conforme promete Ed Fredkin, mais do que Wolfram? É uma questão de receita? O que respondemos? Qual é o limite para deixar de ser receita, para que os

26/AGOSTO/2003

ingredientes sejam praticamente nada? Ou, por exemplo, por oposição de 1 e 2? 1 e 2 é maneira de escrever, pois lá não há 1 nem 2, o que há é uma oposição que, quando comparece, se escreve como 1 e 2. Pode ser um deslocamento para a direita de um átomo num computador quântico ou um deslocamento para a esquerda, se este for o ingrediente que compraram pronto. Qual é o limite da arte de fazer bolo? Um maluco desses de altos laboratórios não precisa saber o que está fazendo para que compareça o resultado. E o resultado comparece à revelia de todos os saberes dele. Ou seja, o bolo comparece só pela receita, ele não foi capaz de dominar a manteiga, o leite, etc. Cientistas, filósofos e outros ficam dizendo que há um negócio chamado *humano* que a ciência e a tecnologia nunca vão dominar. Não é preciso, pois é à revelia da dominação que a coisa aparece. Do mesmo modo que esta espécie nossa como IdioFormação só pode ter aparecido à revelia dos movimentos puramente repetitivos do Haver. Como a mesma besteira repetitiva, de tanto se repetir, randomizou-se? Foi o que aconteceu conosco. De tanto fazer macaco, o macaco saltou fora, aleatorizou-se. Só pode ter sido assim, ia ser como, se não tem mais ninguém igual a nós? A não ser que tenha baixado Deus e criado o homem... depois, criou a mulher, que é “inferior” mesmo...

26/AGO

31. A chamada **ética da psicanálise**, seja lá o que for – se bem que, conforme já apresentei, em nosso escopo pode ser considerada assim –, é absolutamente incompatível com a ética pequeno-burguesa do mundo em que vivemos. Uma nada tem a ver com a outra. Elas se contradizem. Segundo o paradigma colocado aqui, não podemos nos esquecer de que a ética, dita da psicanálise, coincide com o próprio movimento da análise, que, segundo o mesmo paradigma, é encaminhamento de Primário para Secundário e para Originário.

32. Ao invés de se tornar cada vez mais fácil, está se tornando perigoso demais pensar em voz alta no mundo contemporâneo. Os poderes, em qualquer nível,

em qualquer situação, estão redistribuídos no mundo e disseminados em bases cada vez mais aleatórias no aparelho social. Eles não correspondem, como correspondiam até o recente final da época anterior, às relações que eram visíveis como relações de saber, de competência, e que eram também visíveis na relação entre os poderes constituídos, conquistados e as exigências para sua manutenção. De fato, sempre foi uma bagunça, mas antes era mais ou menos organizada. Hoje, alguém que obteve um diploma tem algo que não vale nada, apenas o poder do diploma, que nada significa sobre seu saber. Alguém é presidente da república por razões apenas populistas, seu saber é zero. Na própria universidade, há que tomar cuidado com o que se diz até em termos científicos, pois podemos ser agredidos pela moral pequeno-burguesa. Mesmo um professor de física nuclear que se cuide, pois pode dizer algo que venha irritar o imbecil que ganhou a eleição para diretor de não-sei-o-quê, que lá entrou com um diploma que não garante que saiba, já que fez um concurso com três professores analfabetos na banca... Este é o quadro contemporâneo. Está perigoso pensar em voz alta, pois podemos nos deparar com verdadeiros animais neo-etológicos que nos metem as patas e os dentes. Coloco isto como uma questão difícil de enfrentar em nível institucional no mundo de hoje. Não estou dizendo que as instituições do passado fossem abertas, e sim que, quando lidávamos com elas, só por estar lidando com uma instituição universitária ou religiosa, sabíamos o que se podia ou não dizer. Hoje, não sabemos. Estamos em perigo o tempo todo, em qualquer situação. Até na mais íntima situação podemos ser destruídos por essa coisa.

Quero insistir no fato de que mesmo nas qualificações teóricas, na nomenclatura dos acontecimentos na clínica, etc., está cada vez mais presente a ética pequeno-burguesa. Vemos isto no uso que se faz dessa nomenclatura, sobretudo no uso da mídia, com o valor imperativo que tem sobre a mente das pessoas no mundo. Ou seja, o que acontece no processo contemporâneo da cultura, em que o medo e a ignorância estão fazendo as pessoas correrem para trás, ao invés de continuarem para a frente em busca de resultados – o que está revigorando fundamentalismos os mais idiotas –, também está acontecendo no

mesmo nível do supostamente *ético*, como chamam. Não fazem a menor idéia do que seja isto – e, aliás, isto não é coisa alguma –, mas é nítido o revigoramento de cacoetes morais da média e pequena burguesia do Ocidente, sem estrutura alguma, sem correlações dentro de uma formação maior, para os quais as pessoas, apavoradas, ficam correndo para se segurar. Observamos isto em todos os níveis. Até um presidente norte-americano diz esse tipo de besteira. Já que o pavor é grande, tudo se nivela por baixo. Isto, quando não bate de frente com um interesse maior. Aliás, do ponto de vista de algum julgamento, que não se sabe qual seja, sempre se arranja alguma desculpa, que acaba sendo moral também, para que se faça alguma imoralidade que interesse no momento. Por exemplo, desculpas para “salvar a liberdade”... O que importa é que há recrudescência da moral pequeno-burguesa no Ocidente. Recrudescência puramente cínica, em função dos interesses momentâneos de cada um. É preciso ficar atento a isto.

33. O interesse maior deste Falatório é a reformatação do que é comumente chamado **nosologia** nas supostas afetações mentais, os *transtornos* mentais, como agora gostam de chamar os psiquiatras, fugindo também da idéia de doença. Gostaria de reformatar por inteiro tanto a nomenclatura que já está publicada no texto do Seminário de 92, *Pedagogia Freudiana*, quanto a que já ensaiei com vocês em nossas Oficinas Clínicas deste ano. Em psicanálise, não há nosologia. Não se trata de doença, que é coisa de médico. As pessoas sentem coisas, mas o nome que se dá a essas coisas depende do aparelho com que se as nomeia. É claro que os neo-etológicos da cultura já fazem a suposição de que, se sentimos alguma coisa, então é doença. Como se acostumou com o nome, a neo-etologia fica imperativa. Ou seja, as pessoas sentem coisas – prazeres, doenças, gozos – que nomeamos com um aparelho de nomeação. Embora a psicanálise tenha nascido no seio da medicina com Freud, ele mesmo tentou denodadamente retirá-la de lá e acho que devemos retirá-la inteiramente do seio da idéia de doença. Psicanálise não é psiquiatria. Digamos que o que temos, embora a palavra patologia esteja também infectada pela medicina, diz

respeito ao *Pathos* no sentido grego de conjunto de coisas que são sentidas pelas pessoas.

Nesse regime, interessa a produção do que, para escapar dos “matemas” lacanianos – embora o próprio Lacan tenha tido a decência de declarar que o truque psicanalítico não será matemático –, chamo **Patemática da Psicanálise**. Existe uma Patemática, uma organização do conjunto das coisas de que as pessoas sofrem, positiva ou negativamente. Quer dizer, é o conjunto das **Morfoses**. Com o tempo, quero substituir os nomes das formações abordadas pela clínica pelo nome único de *Morfose*, pois a velharia anterior tem que ir urgente para o lixo. Trata-se de acompanhar as **MetaMorfoses** das pessoas. Pessoas que são bichos neo-etológicos, mas que, às vezes, algumas são, com muito custo, capazes de metamorfose, de mudar de lagarta para borboleta. Trataremos, então, dos **Patemas da Psicanálise**. Como lhes disse nas duas últimas seções, todas essas formações não podem não ser consideradas como formações gozosas, pouco importa se o gozo é positivo ou negativo. Assim, estabelecer a **Morfologia das Morfoses** – entender uma a uma as formações que estou genericamente chamando de Morfoses, ou seja, entender os patemas da psicanálise – é estabelecer **formas de gozo**, mais nada. Esta é a matéria com que lida a psicanálise: *Res Gaudens*.

34. Semana que vem, temos marcado, aqui na UniverCidadeDeDeus um Mutirão dito “Institucional”, e também começa a entrar em exercício aí fora o aparelho chamado Estragos Gerais da Psicanálise. Essa patota está acuada pelos evangélicos que resolveram dizer o que é a psicanálise e procurar o governo para institucionalizar (este país é uma piada!)... Há uma questão institucional grave nessa preocupação com definir o que seja uma instituição psicanalítica. Embora sempre tenha sido uma questão clínica, agora se tornou notoriamente uma questão clínica grave a institucionalização do que quer que tenha a ver com psicanálise. Então, antes ainda de começar a desenvolver o que pretendo sobre as Morfoses e os Patemas, é preciso começar a tratar com mais rigor e pertinência de uma das formações patológicas da psicanálise, que acaba tendo

influência em todas as regiões de seu funcionamento, que são as chamadas **instituições psicanalíticas**. Seria melhor chamá-las de Escolas, não no sentido institucional apenas, mas no de determinado grupo que pensa de determinado modo? O que é uma instituição psicanalítica? Isto existe? Do ponto de vista externo, uma instituição pode ser qualquer coisa, mas o que pode ser uma instituição do ponto de vista psicanalítico? Se abordarmos pela via do que acontece na história do mundo sobre organização de grupos, organizações sociais, como deve ser uma instituição dita psicanalítica? Deve ser uma democracia? Deve ser uma plutocracia, cujo valor máximo é o dinheiro, por exemplo? Pode ser uma oligarquia, o comando de uma patota? Uma aristocracia, o comando dos melhores, sabe-se lá em que sentido? Ou uma anarquia? Ou será que qualquer forma de governo pode eventualmente abrigar uma instituição que associe psicanalistas?

Há tempo que falo em **Diferocracia**, mas que é praticamente impensável como modo de formação. Sugiro isto como um horizonte de referência, mas não acredito que se possa colocá-lo em exercício. Trata-se apenas de uma idéia, de uma maneira de pensar, mas não creio que se possa constituí-la como forma de organização social, e menos ainda como forma de governo. Não acho que seja factível ter-se como referência de organização social a pura diferença. Coisas mais fáceis não foram feitas. Se a tal democracia não existe nem nunca existiu, quanto mais isto. Mesmo a própria democracia, aliás, na cabeça de alguns teóricos da política, é um horizonte inconsecutível, pois quando se faz algum tipo de consulta ao dito povo – sabe-se lá o que seja isto –, já se está designando a pressão da maioria comandando o resto. Então, é impraticável.

Temos que pensar a relação entre as Morfofes no mundo e o que prefiro chamar de **Formação-Psicanalista**, o psicanalista como formação. Não estou falando da formação do psicanalista, mas que o psicanalista é uma **Formação**. Que formação é esta a ser produzida sabe-se lá como? É a ser produzida por uma instituição? Como ela se debate com as morfofes? Minha primeira pergunta é: existe instituição psicanalítica? Existiu algum dia, é possível? Não! O começo de toda conversa é por aí: jamais existiu, não existe e suspeito

que não existirá. Toda vez que alguém tenta fazer o cruzamento da psicanálise com a instituição, as incongruências são patentes, sobretudo teóricas e, certamente, decorrentes de experiência clínica.

35. Todos conhecem a história de Freud, daquele grupo de doidivãs fazendo aquela instituição que nunca chegou a ser nada. Basta ler as atas para ver que se tratava de um bando da pior espécie. Como qualquer outro, aliás. “Pior espécie” quer dizer: igual aos bandos das empresas, do governo – um bando patológico: um bando de patemas ambulantes. Então, vem Lacan fazer a suposição de que sua experiência clínica, associada às reorganizações teóricas que teria produzido, seria capaz de formular uma instituição psicanalítica como Escola. Foi o que fez, fundou sua Escola, chamada Escola Freudiana de Paris, e começou a regular os processamentos, supostamente, segundo uma experiência clínica e teórica na psicanálise, que fazia com que aquela Escola fosse uma instituição psicanalítica. Quebrou a cara, não conseguiu. Inclusive, devido a incongruências drásticas dentro do próprio pensamento de Lacan. Como é possível, por exemplo, articular no mesmo escopo a idéia de *fim de análise*, que ele colocou – achando que poderia encontrar este fim até mediante expedientes institucionais –, com a suposição, que repetiu de Freud, de que *analisar é impossível*? Nunca vi ninguém questionando este binômio. Se, como governar e educar, analisar é impossível, não devemos levantar o nível de impossibilidade disso, a ponto de ter certa clareza que nos indicasse da possibilidade ou não de fim de análise? Ou então o sistema do *passé* não passa de outra burocracia institucional, coisa que ele tanto criticava na burocracia oligárquica da IPA.

Já lhes disse que não acredito em fim de análise. A análise é impossível no nível absoluto? Obviamente, pois jamais alguém vai conseguir articular-se com o não-Haver, portanto é absolutamente impossível. Mas, modalmente, a análise pode ser sempre um *work in progress*, algo cuja possibilidade é progressiva, de encaminhamento perene. Vocês se lembram que tentei articular a idéia de **Análise Propedêutica**, e que disse que é muito difícil situar quando

ela termina e começa a **Análise Efetiva**. A Propedêutica passaria a Efetiva quando tal analisando tivesse algum modo de exprimir que passara repetidas vezes pela rememoração da HiperDeterminação, o que, aliás, também é algo impossível de qualificar. Podemos ficar procurando modos de escuta, mas se fizermos um mínimo de movimento de articulação disso com a instituição, já estragou – do mesmo modo que estraga o passe de Lacan –, pois vira outra burocracia, outro balé institucional com interesses de grupos. O que há é mais o reconhecimento do indivíduo que está em formação, de sua audácia e, sobretudo, de um risco supremo para dizer que chegou a esse ponto. Então, o risco tem que ser todo daquele que diz. É nesse ponto que Lacan diz uma frase que foi usada das maneiras as mais boas por gente dentro e fora do meio psicanalítico: *o psicanalista só se autoriza por si mesmo*. Era isto que ele queria dizer, que não há como qualificar, e muito menos quantificar esse momento. Alguém vai se autorizar para risco de todo mundo e dele. Ele está em pleno risco. E Lacan fez a coisa feia de tentar tomar isto e dar um jeito institucional. Foi um estrago.

Mesmo saber onde fica a fronteira entre Análise Efetiva e Análise Propedêutica, é praticamente impossível passar isto para alguém. O que pode acontecer é, do mesmo modo que há a infinitude da análise, haver a infinitude da demonstração dessa passagem. Assim, há que perenemente fazer as provas de que temos essa experiência e que podemos nos referir a ela. Mesmo porque, já que as formações secundárias habitam um boneco tão precário como o nosso, quem pode garantir que aquele que supostamente foi até reconhecido como tendo feito a passagem de Propedêutica para Efetiva não vai se deteriorar num recanto do cérebro e amanhã não ser mais ninguém? Não existe, portanto, prova definitiva, pois amanhã o suposto analista pode virar legume, leguminar-se por algum motivo.

36. • P – *Você colocou a impossibilidade de haver uma instituição psicanalítica. Talvez uma das razões disto seja ela ser uma Morfose como outras. Mas ela não poderia ser pensada como uma Morfose Progressiva?*

É o que ela deveria ser. É sua única saída, mas isto faria dela uma instituição psicanalítica? Faria dela uma instituição analisanda, mais nada. Quero

acabar com a idéia, que me parece perniciosa, de “instituição psicanalítica”. Não é possível existir instituição psicanalítica, é um blefe ou uma empulhação. Esta é a minha tese. Então, se os tais supostos psicanalistas, ou os que querem se tornar isto, vivem precisando se agrupar em rebanhos, grupos, instituições, sei lá o quê, é porque se sentem isolados e, até para se tornarem uma formação analítica, procuram lugares onde supostamente isto exista. Mas o que existe são instituições, associações *de* supostos psicanalistas, o que não faz uma instituição psicanalítica. E toda vez que se faz uma instituição, isto de certo modo prejudica a psicanálise. A dificuldade é que as pessoas que se interessam por esta prática, procuram se associar, mas qualquer modo de associação é prejudicial. Vejam que o dilema será eterno, e que a psicanálise tem que conviver com ele. O que é o exercício de uma análise? Como sabemos, a pessoa procura uma análise para não fazê-la. Por mais esforçada que pareça em seu trabalho analítico, algumas formações lá estão impedindo a análise: a resistência à análise é superior à sua efetividade.

- P – *A instituição psicanalítica é prejudicial à psicanálise porque burocratiza o risco do autorizar-se por si mesmo.*

Ela quer descrever, definir, qualificar esse risco e, no que tenta fazer isto, acaba com a possibilidade da análise. Não é possível querer conviver com a psicanálise sem estar eternamente nesse dilema – e quem não gosta de dilema deve se afastar dela. O que tem acontecido na história da psicanálise é a resistência institucional acabar vencendo e a psicanálise voltar para o brejo – e fica aquele objeto estranho sobrevivendo sem nada mais ter a ver com qualquer possibilidade de análise. É um clube como outro qualquer em cima de algumas idéiazinhas que foram incluídas em determinado momento. São, portanto, apenas instituições ou associações *de* psicanalistas, clubes psi: os psi se organizando em clubes. Na pior das hipóteses, temos Conselhos de Psicanálise, como temos Conselho de Medicina, de Psicologia, Ordem dos Advogados do Brasil... Conselho de Psicanalistas?! É de vomitar em cima, ou não é nada.

- P – *São grandes lojas.*

A medicina tem clareza sobre essas coisas. Já repararam que os médicos são lojistas? Eles não escondem que são uma profissão regrável, que

podem fazer uma instituição e que são lojas. Vamos ao dermato-lojista, ao endócrino-lojista... Já os psiquiatras fingem que não estão na loja. Eles podiam ser os psico-lojistas... mas estes são os psicólogos. Lacan apelidava as instituições da IPA de Sociedades de Auxílio Mútuo Contra o Discurso Psicanalítico. Ora, ele tinha toda razão, só que a Escola dele era igualzinha. Ele não se deu conta de que, em termos de psicanálise, só se pode fazer a SAMCDA. É isto que existe e temos que conviver com o mal-estar de ser assim.

Como vão se comportar essas instituições, associações, clubes *de* psicanalistas? Se não são *psicanalíticas*, como pode a psicanálise eventualmente meter o bedelho nelas? Já notaram que todas têm um estatuto? A Escola de Lacan também tinha. E se escrevemos o estatuto de uma instituição psicanalítica, já não é mais psicanalítica, é estatutária. Então, como as pessoas devem se comportar ali dentro? Se quiséssemos imitar Beccaria, como tratar *dos delitos e das penas* num clube psi? Alguma forma de governo ele terá. Por exemplo, se lá existir alguém receptáculo de transferência generalizada, ele terá que tomar atitudes, às vezes punitivas. Embora não sejam bem punitivas, pois, se ele próprio estiver pensando em regime analítico – e ele pode estar pensando assim –, pode até tomar uma atitude estapafúrdia contra determinada formação que está acontecendo no momento, mas é algo absolutamente autocrático – e não há como sair disto. Aliás, a Escola de Lacan era uma autocracia consentida, pois acreditavam que ele tivesse o poder e as condições de fazer boas intervenções. Era consentida porque ele não tinha poder algum de manter as pessoas ali dentro: o poder lhe era entregue por elas. Mas era uma autocracia em termos, pois só podemos falar em autocracia quando temos o exército atrás para dizer: “Cala a boca, senão te arrebento!” Com os tais “Analistas da Escola”, Lacan tentou fazer uma oligarquia do mesmo nível, para não ficar com o peso todo sobre ele. Também não deu certo.

37. Freud mostrou que quando pessoas se juntam, sobretudo quando são arroladas por algum nome, instituição, família, qualquer coisa, imediatamente o narcisismo se desloca para dentro da situação. É o que chamava de *narcisismo da pequena*

diferença. Este narcisismo, de cepa neurótica, prejudica terrivelmente em todo lugar as instituições. Na história da psicanálise, tem prejudicado também as ditas instituições em seu desempenho, em sua produção e desenvolvimento. Ele destrói por dentro. Com amigos assim, não é preciso de inimigos. O que é uma burrice anti-analítica, pois um mínimo de análise faria as pessoas se lembrarem de que poderiam suspender esse narcisismo em função de seus interesses maiores. Mas nem assim suspendem. Logo que entram em qualquer aproximação, começa a devoração recíproca. Esta é uma coisa que sempre me espantou na história da psicanálise. Por que as pessoas não brigam para fora? Freud já perguntava isto. Por que, com toda a análise que fazem, as pessoas não param e percebem que estão cercadas? Nós aqui então, ao lado da Cidade de Deus... estamos cercadíssimos, temos inimigos por todos os lados. Mas não há nada pior que o inimigo íntimo, aquele que mora dentro e tem acesso às informações. Este é um dos motivos de as instituições psicanalíticas serem a droga que são em toda a história.

É preciso entender que instituições de psicanalistas já são fragilizadas. É mais fácil lidar, por exemplo, com um partido político, em que se tem uma ideologia ou um interesse como meta. Como numa instituição de psis a suposta ideologia é criticável pela própria análise, a instituição se fragiliza. Quando fazemos parte de um clube, de um grupo de qualquer coisa que tenha nome e configuração, a coesão se dá pelo desenho apresentado. Queremos ou não aquele *design*, e, se queremos, lutamos por ele. Num clube de futebol, o pessoal é fanático, mas na instituição de psis o fanatismo tem que ser analisado perenemente, o que enfraquece a aglutinação das pessoas. Então, se temos uma instituição que está sempre sendo enfraquecida pela intervenção da própria análise e o pessoal ainda briga para dentro, o que vai sobrar? Quase nada. Como se organizam, portanto, os modos de operação entre as pessoas dentro da tal instituição? Essas pessoas são pares entre si ou há uma hierarquia? Como se faz isso?

38. Lacan achava que o discurso analítico faz laço social, o que é uma das piores besteiras que disse. Laço social se faz sobre formações dadas. Não

creio que se faça laço social sobre HiperDeterminação. O que se faz é **Solitariedade**, solidão absoluta. A única coisa que mostrei ser compatível com a teoria é que lá nas grimpas temos uma vinculação absoluta, a qual não vincula formações, mas vincula a situação de ser uma IdioFormação, mais nada. Ora, os laços sociais que isto poderia fazer não têm desenho possível. O próprio Discurso da Psicanálise que Lacan enunciou – e que acho uma besteira – não permite laço de formações desenhadas. Talvez ele estivesse pensando em algo como o que chamei de **Vínculo Absoluto**, embora nunca enunciasse isto. Mas não me venha ninguém me dizer, como alguns aqui até dizem, que está em Vínculo Absoluto porque é mentira. Há aqueles que, por exemplo, acham que estão em suspensão, só porque falo em estar em suspensão e manter a suspeição. Não estão! São doidos, neuróticos, não fazem suspensão alguma! Não se pode dizer uma categoria teórica que logo alguém se apropria. Vínculo Absoluto não tem conteúdo. E o analista, se e quando existe, é uma formação solitária. O que não impede a porosidade da formação chamada Analista para se comunicar com outras formações chamadas ou não analistas. Há certa porosidade, mas é solitário.

• P – *Solitário não é isolado.*

É absolutamente só quanto a todos os riscos. Então, o Princípio de Solitariedade se demonstra e se exercita primeiro inter-pares: a Solitariedade dos analistas tem que ser reconhecida entre os pares. É absolutamente solitário, tem alguma porosidade, mas não tem vinculação possível, a não ser no nível do Vínculo Absoluto, que não tem conteúdo de espécie alguma. Porosidade comunicacional de formação para formação, mas não a que interessa. A porosidade que interessaria, esta é barrada. Como sair dessa?

39. Parece, então, que os tais analistas, ou os interessados em psicanálise, precisam se agrupar – eles se sentem sozinhos no mundo, desprotegidos, o que é verdade – até para brigarem uns com os outros e se defender um pouquinho do mundo externo. Aliás, sem briga não se vive. Prefiro que de fora briguem conosco, aí o pessoal esquece a briga de dentro. É bom viver cercado de inimigos para se lembrar de que é possível fazer amigos.

- P – *Como a briga de dentro é inevitável, só teríamos uma operacionalidade compatível com a psicanálise se houvesse a quebra de sigilo entre os pares.*

Esta é outra questão institucional importante. Eu iria chegar nela, mas já que você a trouxe, pergunto: como se pode suspender ao máximo a briga narcísica interna, mantendo reservas de discurso? Com reservas discursivas, jamais poderemos fazer suspensão. Qual é a primeira regra freudiana em análise? A análise só vai funcionar se tudo o que passar pela cabeça puder ser dito. Onde isto vai bater? A pessoa está vivendo em sociedade, que é uma selva – sem diferença alguma para com o que vemos nos filmes do *Animal Planet* –, portanto não pode abrir a guarda, pois será mais facilmente devorada. Por isso, as profissões – médico, advogado, psicólogo, etc. – têm o tal sigilo, absolutamente necessário, se não, as pessoas serão engolidas. O chamado profissional, o técnico, tem que ser capaz de sigilo absoluto em relação ao indivíduo que se trata com ele, caso contrário pode colocá-lo em perigo. Se bem que a lei e a tal ética profissional obrigam a quebrar o sigilo em certos casos. Se tivermos um analisando que é bandido e matou alguém, seremos obrigados a comunicar que ele fez tal crime. Se estiver com AIDS, o médico terá que comunicar o caso. Sou contra. Sigilo é sigilo, portanto não é para dizer nada. Acho que não se quebra o sigilo em hipótese alguma.

Tenho dito que seria impossível estatuir uma instituição psicanalítica, se isto existisse, sem **quebra de sigilo entre pares**. Há pessoas que se aproveitam disto para me malhar, e outras que entram em pânico só por me ouvirem dizer isto. Não se trata de ficar falando da análise dos outros, mas, dentro da instituição, quando algo acontece e emperra o movimento (não da instituição, mas) da análise da instituição, o analista deveria ter o direito de quebrar o sigilo *entre pares*, repito, e dizer que tal pessoa está criando tais problemas porque, em sua análise, está acontecendo tal coisa. Isto é que acho condição *sine qua non* de haver instituição psicanalítica. Só que não há. Não estou preconizando quebra de sigilo das análises, pois seria estupidez. Preconizar isto seria suicídio. Imaginem alguém quebrar o sigilo de família do presidente da república ou da máfia?!

Estou dizendo, sim, que, se não houver quebra de sigilo da análise inter-pares, não há instituição psicanalítica. E estou dizendo que não há instituição psicanalítica e que não creio que possa haver. Mas continuo insistindo: se houvesse, sem quebra de sigilo inter-pares, não haveria.

- P – *Nem a quebra do sigilo é garantia de que possa haver instituição.*

A quebra de sigilo é a garantia de que podemos explodir a instituição cotidianamente, o que seria a única forma de ela existir. Entendem o dilema e o impasse? Sem a quebra de sigilo, não há instituição psicanalítica. Como isto parece que não vai haver e não pode, logo não há instituição psicanalítica. Quero demonstrar e acabar com a farsa, pois é falso que haja ou que possa haver instituição psicanalítica. Devemos começar a pensar a partir daí.

40. Em princípio, todos concordariam com que, se há psicanálise, há reconhecimento da existência do Inconsciente, não é? Mas não é tão claro assim. Aliás, não acho nada claro, pois, de vez em quando, diante de qualquer pequena emergência desse Inconsciente, o pessoal pega em armas. Então, não há reconhecimento da existência do Inconsciente, e sim tentativa de barrá-lo. Evidentemente que, se há psicanálise, reconhece-se a existência do Inconsciente, mas isto é algo que acontece sempre? Não. Sobretudo dentro da instituição que se diz ligada à psicanálise. Observamos, conversando entre nós, que, diante de uma pequena emergência de Inconsciente, as pessoas entram em pânico. Mas o pior é que, mesmo que se faça barreira contra, estão todos perdidos, pois Inconsciente é o nome do Haver e ele não vai parar. Então, não é uma questão de opção, de lidar ou não com o Inconsciente. Vamos ter que lidar, porque é mais poderoso e não pára. Onde a sustentação do dilema de que falei. Por que o dilema? Porque, se pudéssemos mandar o Inconsciente calar a boca, acabava o dilema. Como não podemos, então temos o dilema: o Inconsciente funciona, vai aparecer e não vamos dar conta dele porque temos expedientes que o bloqueiam. Os efeitos do Inconsciente – por exemplo, na questão da suspensão do sigilo – costumam ser barrados nas ditas instituições psicanalíticas, que aliás não existem. Instituição psicanalítica não existe e instituição *de* psicanalistas é

resistência pura. É possível sustentar alguma análise dentro disso? E considerar o Inconsciente como se não houvesse, é baixo cinismo – nem é grande cinismo –, é a ética pequeno-burguesa: “Somos uma instituição psicanalítica, mas que não pode ter Inconsciente, se não, enlouquecemos...”

Levar em conta o Inconsciente exige: 1) que se possa quebrar o sigilo; 2) que ele se quebre espontaneamente. Aliás, estamos perdidos porque, por diversos motivos, o sigilo se quebra sozinho, nem é preciso alguém falar algo. Por exemplo, quando Freud falava em comunicação de Inconsciente para Inconsciente, aquela coisa que é tácita, sobre a qual ninguém diz nada, mas que todos estão vendo. Basta lembrar que vivemos num grupo social cheio de sigilos, aí, de repente, um psicotiza e começa a soltar um monte de coisas. Há a saída de dizer que ele pirou, que não é nada disso, mas todos vêem que é isso mesmo... só que fica combinado que não é nada disso. Por isso mesmo não é possível existir instituição psicanalítica. A quebra de sigilo resta incompatível com o ego institucional, assim como é incompatível com os egos que estão dentro da instituição. Ou seja, a resistência não permite. Vejam a batata quente, o problema para resolver, que certamente será insolúvel. Mas não vamos ficar fingindo, até historicamente, que isso existe. Então, vamos colocar a cara a tapa e saber que é falso.

41. Estamos acrescentando a isto algo que faz parte de nossa discussão institucional e que vai correr mundo daqui a pouco, ainda que não saibamos se vai direto para o brejo, pois os que estão discutindo o tema são um bando de débeis mentais distante da prática analítica. São todos ditos analistas, mas vemos que a debilidade está vencendo. O pessoal está, de novo, fazendo esforços de regulamentação da profissão de psicanalista. Mas **psicanálise não é profissão**. Alguém é psicólogo, médico, advogado, lixeiro, alguma coisa e por acaso se mete com psicanálise. A hora em que regulamentarem esta profissão neste país, teremos que nos retirar, pois nada temos com isso e nem vamos cair numa dessa. **Psicanálise é um modo de pensar e operar, que pode ser utilizado por qualquer um de qualquer profissão** – o que é diferente de haver um

grupo que queira praticar o tratamento. Então, que se formem em psicologia, medicina, qualquer coisa que permita o tratamento para ser autorizado pelo sistema. Sou autorizado profissionalmente pelo sistema, e não pela psicanálise. Hoje, é barato arranjar um papel de qualquer coisa que possa fazer tratamento. É o que disse hoje no início: o poder é aleatório. Conseguimos ser doutores e mestres com facilidade. Portanto, se autorizem por aí, pois instituição de psicanalista não autoriza nada e nem deve autorizar. Tratamento psicanalítico, só o deve aplicar quem tiver formação e autorização em alguma profissão de tratamento.

O erro maior de Lacan foi querer transformar a instituição bolada por Freud num campo de autorização profissional. É a mesma coisa que dizer que se vai institucionalizar e transformar em profissão a teoria da relatividade. Estão malucos?! Existe profissão de físico, mas não a de relativista. Alguém tem consultório de relativista?! É o que querem fazer com a psicanálise. Repito: psicanálise não é profissão. Cada um tem sua profissão. Se é torneiro mecânico, pode ser Presidente da República, mas não pode ser Psicanalista, pois segundo a lei brasileira, torneiro mecânico não pode atender. Pode fazer besteira no Palácio do Planalto, mas não no consultório...

42. O que estamos chamando de novamente não oferece garantias profissionais a ninguém. Oferece trato, seja tratamento em consultório, seja trato e estudo das questões entre nós. É só o que podemos oferecer: uma escola onde se opera este pensamento psicanalítico. Não para formar psicanalistas, mas para que nela se formem psicanalistas – ou seja, que virem Formação –, que só se autorizarão por si mesmos e pelas autorizações legais que possuírem, pois isto é problema deles e do governo. Assim, a única declaração que uma instituição de psicanalistas, que transa novamente, pode fazer é de que alguém participa (presente do indicativo) de seus trabalhos de estudo, teóricos e práticos, ou que participou efetivamente num período determinado. Mas se fulano que participa, trabalha conosco é psicanalista, não fazemos a menor idéia. Então, novamente não pode ser – desculpem o termo inglês, mas é de lá que vem – senão *school*

in progress. Não é uma escola, e sim escola em movimento, que não termina nunca: está em obras. Prefiro o exemplo de Joyce, que é sua própria obra (sobretudo, *Finnegans Wake*): *work in progress*. Portanto, vamos tratar o verbo *haver* como ele é: neutro e incoativo, sempre recomeçando. Há NOVAMENTE, e só.

43. • P – *Na época de Lacan, pelo fato mesmo de haver uma tensão entre os dois termos, instituição e psicanálise, os analistas de sua escola colocavam que o movimento de análise deveria ser permanentemente requisitado para furar a instituição. O que você pensa hoje a respeito, dada a idéia de que isso fracassou e não é possível?*

Não estou dizendo que a tensão permanente não seja possível, e sim que só há isso. Não há a outra coisa que a própria Escola de Lacan fez: garantia profissional, regime de julgamento sobre quem é analista e quem não é. Por isso, era incompatível com a escola. Junta-se um bando de pessoas trabalhando em torno de determinada coisa, alguns reconhecimentos surgirão, mas qual é a cepa desses reconhecimentos? Suja. Sempre há alguma formação que nada tem a ver com o estatuto mesmo da produção psicanalítica para reconhecer que fulano é analista e fulano não. Basta brigarem com a pessoa, que, no dia seguinte, ela não é mais... o que supunham que era antes.

• P – *Para entender a psicanálise, há que reconhecer ao máximo a potência da resistência, pois ela sempre estará presente com todas as forças numa instituição, num processo individual...*

Temos que reconhecer sua potência dentro do mundo, mas a psicanálise é a luta permanente contra as resistências. Quando estamos num meio de pessoas que estão supostamente querendo saber, estudar e exercitar aquilo, quando surgir a resistência, temos, no mínimo, a obrigação de dar-lhe uma cacetada.

• P – *Correm-se riscos sérios com isso.*

Psicanálise não é profissão, mas é de alto risco. Não podemos, ao mesmo tempo, sustentar o vigor analítico sobre o agrupamento, sobre a associação das pessoas e institucionalizar formações de reconhecimento

profissional. Considero este um erro grave na Escola de Lacan e na história da psicanálise. Freud só dizia que o reconhecimento era da sua patota, mas Lacan quis institucionalizar, criar um passe para alguém *ser* Analista Membro da Escola. Aliás, ele fez duas desgraças (com a melhor das intenções, como sempre): institucionalizar o psicanalista e meter a psicanálise dentro da universidade.

• P – *Há um grande equívoco na história da psicanálise que é haver escolas kleinianas, lacanianas, psicologia do self, winicottianas, etc., e poucos se dão conta da minimalidade que cada uma trouxe. Toma-se todo o sintoma que veio junto com o acrescentamento mínimo, faz-se uma cisão e não se toma conhecimento do restante...*

...nem que fosse para jogar fora. Como se faz, por exemplo, na matemática, na física. Há uma vocação igrejeira na psicanálise. Vício que Freud instituiu, e que, como não se trata de um saber de ciências exatas, sofre de que tudo se dá mormente em torno da transferência. Mas como a transferência é resistência à análise, então santifica-se a resistência. Em todos os campos, aliás, a transferência é mais forte que o saber. Portanto, não há saída senão trabalhar sem parar, eternamente: *work in progress*. A única saída é viver em trabalho, e a única coisa contra a qual temos que lutar é a tentativa de parar, de emperrar o trabalho. Como sabem, não sou nem um pouco encantado com gente. Acho gente uma droga. A única desculpa que Deus tem é de que Ele não existe. Se existisse, seria um escr... Digo que não tenho encantamento com gente porque a pressão resistencial é enorme. O fato de se ter inventado umas tecnologias de voar, etc., é porcaria, pois as pessoas continuam a droga que sempre foram.

44. Quebra de sigilo na sociedade ocorre todo dia. Chama-se: fofoca. Um dos motivos de eu pedir que fosse feito entre vocês o que foi chamado de *Grupos de Formações Clínicas* – com quatro participantes e um sendo trocado a cada três meses –, ou seja, grupos de fofoca e de troca-troca, é porque afrouxa um pouco o terror do sigilo. As pessoas começam a se abrir, e aí foram elas que se entregaram, pois ninguém quebrou o sigilo. Analista não tem que dizer nada. Se

alguém está dentro da instituição, é só deixar ele se abrir que acaba se mostrando. Há coisas que ele não vai entregar, mas acaba entregando um pouco da sua configuração e o outro saca com quem está falando. Não adianta fazer um discurso muito bonito e não ter coragem de se abrir um pouco.

As pessoas são reservadas a respeito de quase tudo. É diferente quando vivemos com o nosso na reta. É mais ou menos a minha maneira de viver: estou falando desbragadamente há décadas, e danem-se porque vou morrer disso... Mas a maioria não quer botar o seu na reta. Vai ver não gozam por ali, então, há que ensinar o pessoal. Uma vez, estava sentado com o falecido Glauber Rocha numa sauna – e vocês sabem que toda sauna é semi-gay –, todo mundo pelado lá dentro e ele fazendo um comício. Aliás, ele não sabia conversar, só fazia comícios. Ele começa a fazer um comício sobre a relação anal, certamente inspirado pelo local, e dizia: – “A relação anal destrói o ego”. Tive que responder em alto e bom som: – “Se a relação anal destruísse o ego, a gente acabava com a psicanálise, mandava todo mundo tomar no cu e todos ficavam curados”. Mas quanto a botar o seu na reta, quem sabe se Glauber não está certo?

• P – *Essa idéia de que a relação anal destrói o ego está presente até certo ponto no paradigma homossexual de que você tratou no Falatório de 2001...*

Mas o que homossexualidade tem a ver com tomar no cu? As mulheres não costumam mais? Estou meio perplexo, pois cu tem sexo?! Este sintoma que correu aqui foi interessante: falou-se em tomar no cu e foram para a homossexualidade masculina. Glauber disse que é a relação anal que destrói o ego. Ele não estava falando de homossexualidade masculina.

• P – *Foi certa ideologia do pessoal gay, que afirmou que isso é libertário, que destrói os padrões de família...*

O que destrói não é a relação anal, e sim a homossexualidade. A homossexualidade, qualquer que seja, é anti-reprodutiva. Já disse aqui, e não dêem chilique, como fazem alguns, porque vou dizer de novo: **a homossexualidade, no nível reprodutivo, é inferior, e, no nível produtivo, é superior à heterossexualidade.** Se pensamos o mundo como produtividade, ela está um grau acima. Se pensamos o mundo, que está morrendo, como

reprodutibilidade, está um grau abaixo. Trata-se de um critério funcional. Não adianta ajoelhar e rezar para o padre que disse que isso está errado... enquanto ele come os garotinhos. Há que pensar no nível de significação no contexto. Estamos entrando numa era em que a homossexualidade está tomando um grande vulto positivo. Qualquer dia vai ser feio ser heterossexual, uma coisa de mau gosto. Isto porque a reprodutibilidade está perdendo força para a produtividade.

• P – *Mas os casais gays querem ter filhos.*

Porque não são gays, são umas senhoras antigas e ultrapassadas. Não são gays de verdade, querem apenas ser papai e mamãe e simplesmente têm o mesmo sexo. Mas, na cabecinha deles, são um casal heterossexual, tadinhos.

• P – *É o mesmo problema das instituições: constroem uma família, começam a brigar...*

É o problema de todo e qualquer grupo, porque vem no macaco, vem da resistência etológica do Primário que está embutida em todos. São milênios e milênios de papai e mamãe, e isso não vai embora assim. Os gays se casam e querem direito de se casar?! O débil mental, em vez de lutar para acabar com casamento, quer se casar de véu e grinalda e ter neném. Ou seja, é uma besta que não é gay. É hétero e imbecil. A sintomática é tão pesada que vai-se lutar pelo sintoma velho pela via nova. É grotesco. Alguém faz um movimento gay, sai do armário... para virar papai e mamãe. O que tem na cabeça?! Faz esse esforço todo para virar isso?! Então, seja transexual, faça uma cirurgia. O transexual é o único que tem razão, faz um esforço para virar mesmo.

45. • P – *Você reconhece haver filiação no movimento psicanalítico?*

Filiação existe em todo lugar. Eu, por exemplo, sou a terceira geração. Não há saída, pois o sintoma etológico nos carrega junto. Deveríamos, pelo timbre da pessoa, poder reconhecer qual é sua linhagem. Ter essa linhagem é um erro? Sim, mas é reconhecível. É uma linhagem sintomática, no nível Secundário. Qualquer um no mundo que se diga ligado à psicanálise é descendente neo-etológico do Dr. Freud. Paciência, vai-se fazer o quê? Assim

como tudo que há de cristão na face da Terra é descendente neo-etológico do suposto existente Jesuscristinho, que nem sabemos se houve. É preciso entender que **há DNA cultural**. A melhor saída é quando, apesar da filiação, consegue-se dar um salto e fazer alguma coisa, uma mutação qualquer. Não há saída, e o pior é denegar que é assim.

13/SET

46. É preciso providenciar a positivação da psicanálise, se não, sua positivização mesmo. Podemos escrever isto de maneira interessante, como mais-psi:



Uma vez que o Haver é considerado homogêneo, o que é positivo de algum modo encontra o que é natural, e esta oposição entre o positivo e o natural fica prejudicada. Então, a psicanálise pode ser positivada ou positivizada, justo porque pode ser compatível com as ciências naturais. Se estamos pensando em homogeneidade do campo, mesmo sendo situável do lado das ciências ditas humanas, a psicanálise faz um x e cruza o caminho com as ciências naturais: Haver. Chamo atenção para isto porque dizer *Haver quer não Haver* é considerado para o Haver como tal, onde quer que compareça, para uma IdioFormação daqui ou de qualquer lugar. Portanto, é algo que está inserido na própria materialidade do Haver. Acaba a distância entre ciência física e ciência natural e, com isso, posso positivizar a psicanálise, tal como Freud o fazia. Ninguém, aliás, pode negar que o pensamento de Freud é positivista. O de Lacan não é.

Donde uma **Gnômica** possível sem fronteiras. A positivação é **considerar todas as Formações do Haver**, quaisquer formações, **como Fatos**. Não há mais, neste caso, a diferença entre o fato e a interpretação. Por

isso, disse que só há fatos e não interpretações: tudo é fato. São formações que são fatos, dos mais diversos níveis e âmbitos: formações as mais diversas, as mais complexas, as mais simples. Um fato lingüístico, enquanto fato, não é diferente de um fato da chamada natureza.

47. A partir de agora, para o entendimento de onde vou entrar, é exigível que retomem, para estudos e comparações, o texto do Seminário de 92, *Pedagogia Freudiana*. Vamos re-considerar os fatos psíquicos e as formações do Haver em geral – ou as formações do Inconsciente, se quiserem – como quaisquer. Tudo isso no sentido de: nos afastar radicalmente dos discursos a respeito de saúde ou doença mental, como o da psiquiatria, da psicologia, etc.; radicalizar a diferença de postura; e procurar, de modo minimalista, **formações patemáticas de base**. Já lhes falei dos Patemas da Psicanálise e se conseguirmos distinguir as formações patemáticas de base, teremos condições de, a cada caso, a cada momento, distinguir estas formações do que podemos chamar de *formações-conteúdo*, que estão metidas e embutidas nessas formações de base, o que, sem a distinção, resulta em enorme confusão na clínica. Esclareço desde já que não é o caso e nem quero tratar de matemas, pois estou dizendo que estas pequenas formações mínimas da estrutura psíquica que acontecem para o psiquismo são da ordem do *pathos*, não necessariamente patológico, mas patético, pura e simplesmente. Por isso, chamo estas formações de **patemas** (como chamam fonemas, matemas, mitemas, etc.). Essas afetações é que constituem a Patemática da Psicanálise.

Citei em Oficina Clínica, no início deste ano, o texto do *I Ching* (cf. *infra*). O que há de exemplar nele, para nós, é ser sem palavras, sem letras de língua alguma e, no entanto, ser um *texto* que estabelece formações, relações entre formações que podem ser acompanhadas das mais diversas maneiras. Ao considerarmos seus tracinhas sobrepostos, vemos que existe um processo de leitura – que os ocidentais chamam de interpretação, mas que não o é – das possibilidades de entendimento que se abrem. Trata-se de um texto milenar que tem servido para grandes reflexões e para produção de outros textos, isto é, de

outros fatos textuais, que procurariam lhe dar prosseguimento. É algo assim que precisamos pensar como base para a psicanálise. Isto, para largar mão da nomenclatura exacerbada que: 1) veio da ordem social; 2) passou à ordem jurídica; 3) foi conquistada pela ordem médica; e 4) foi adaptada ao pensamento psicanalítico. Ou seja, é uma lata de lixo da pior qualidade. Em alguns casos, continua funcionando até hoje. Quando abrimos um texto legal e comparamos com um texto psicológico, psiquiátrico ou dito psicanalítico, o que temos é o samba do crioulo doido. Vemos classificações que são da ordem da moral social, que, em certo momento, são elevadas à categoria de lei e passam à ordem jurídica. Depois, a ordem médica acha que não é bem assim, que aquilo não é crime, e sim doença, então resolvem tratar da doença. E isso vai bater na psicanálise. Então, quando tomamos um fato policial na sociedade, vemos que se utilizam ao mesmo tempo essas diversas abordagens absolutamente enlouquecidas. Isto, a respeito de um fato *policial*. A mesma ordem que diz que determinadas ações jurídicas têm a ver com a ordem médica – por exemplo, que o sujeito não cometeu tal ato porque é mau, e sim porque é doente – estabelece, no entanto, uma sanção freqüentemente da ordem do policial sobre essa pessoa. A coisa não faz sentido, é uma loucura.

É preciso, portanto, nos afastar definitivamente de toda essa conversa do passado e perguntar, após cem anos de consideração do chamado Inconsciente segundo as formulações da chamada psicanálise, se é possível passar uma peneira e, sem correlação com essas formações maledicentes, situar o que está acontecendo. E, com isso, diferir radicalmente as *formações de base* da quantidade enorme de conteúdos que as pessoas nelas inserem. Conteúdos psiquiátricos, por exemplo. Se não, continuaremos sem saber se aquilo é descritivo ou estrutural, pois não faz sentido.

48. Já lhes recomendei, sejam vocês psiquiatras ou não, que lessem, do começo ao fim, a *DSM IV* (Porto Alegre: Artmed, 2002).

- P – *Nesta classificação psiquiátrica, houve a tentativa de mapear síndromes, justo para sair da ordem policialesca.*

E ficou a mesma coisa... Leiam, pois é um romance divertidíssimo, em que se fala muita besteira. O que acontece no texto da resolução psiquiátrica, entender a respeito da repetição de certo sintoma nas pessoas e aquilo certamente vai entrar na *DSM* como uma categoria. Ora, isto é conteudístico, é casuística, é fazer a ciência do particular, como Lacan falava.

• P – *A história do termo personalidade múltipla demonstra bem isso. Existia um transtorno de personalidade múltipla, depois, chegaram à conclusão de que era um fenômeno estritamente americano e que o transtorno teria que ser mais genérico para não ser uma casuística. Então transformaram-no em transtorno dissociativo da personalidade.*

Mas quem não tem personalidade múltipla?! Aliás, o conceito de personalidade é uma besteira, tanto na psicologia quanto na psiquiatria.

49. Nossa pergunta deve ser: existem **formações genéricas**? Como podemos descrevê-las? Dentro dessas formações genéricas, podemos incluir a casuística e, então, aparecerão as diferenças de caso, descritíveis, mas que não precisam entrar na formação de síndromes. Quero arranjar um jeito de extrapolar e cair fora dessa selva, para não mais repetirmos palavras como *neurose*, *histeria* ou *transtorno*. Para termos algo enxuto que sirva como referencial mínimo de formações do psiquismo. Quanto ao resto, podemos fazer anotações a respeito de um analisando em que a conteudística entre e, como fazemos parte da mesma cultura, veremos esse conteúdo se repetir. Mas é conteúdo. É a mesma tolice do Édipo, que é conteúdo de uma cultura. Se Freud não tivesse sido gênio, estávamos presos naquela historinha caseira tipicamente neolítica, como se fosse estrutural. Mas por mais que se repita e pareça universal do ponto de vista da situação presente no mundo, podendo até ser um *creodo cultural*, não é estrutural nem universal, com nenhuma categoria que se possa atribuir à palavra *universal*. Tampouco temos que recobrir ponto a ponto as nosografias disponíveis como a da *DSM IV*, em que a palavra *nosografia* foi proibida, pois preferem falar em *classificação dos transtornos*. E nada nos impede de utilizar toda a literatura disponível, psiquiátrica ou qualquer outra, inclusive a literária,

como descrições aproveitáveis da casuística patemática no mundo. Os psiquiatras freqüentemente buscaram nos romances, nas peças de teatro, na obra pictórica, etc., exemplos do que estavam suspeitando encontrar no consultório ou no hospital. Mas não vamos transformar isto em descrição ou mesmo nomenclatura de síndromes psicológicos.

Não confundir, portanto, formações casuísticas e/ou conteúdos narrativos e/ou acontecementais com formações patemáticas específicas. As formações casuísticas ou conteudísticas serão consideradas, mas caso a caso. Não confundir a descrição que fazemos de algo que encontramos pela frente com a classificação em que podemos meter uma pessoa. O esforço é no sentido de conseguir uma classificação minimalista e, quando considerarmos cada caso, podermos ler em qualquer lugar – por exemplo, numa peça de Shakespeare, ver que ele descreveu um caso parecido –, mas só introduzir a descrição casuística numa classificação a mais abstrata possível. Cada caso pode ser reconhecível como inserto na Patemática da Psicanálise e suas formações-conteúdo constituirão a particularidade do caso. Nosso método de trabalho é tentar entender a partir do estrutural quais são as estruturas mínimas, quais são as formações de base – se não quisermos usar a palavra estrutura – que a psicanálise, pelo menos esta de que estou falando, pode reconhecer. Depois é que vem como entendemos a história, a casuística, os acontecimentos, mesmo repetidos, entre pessoas que vamos colocar ali dentro.

Não precisamos repetir nomenclatura herdada. Para nós, não há transtornos, e sim patemas. São as Formas de Gozo, é a **Morfologia do Gozo**. É por onde se goza, e não há transtorno algum – só se reconhecermos que o gozo seja um transtorno... Trata-se, então, de não repetir nomenclatura herdada: 1) das formações preconceituais da sociedade, isto é fofoca de madame; 2) das formações legiferantes da ordem jurídica, isto é problema entre policial e textual; 3) das formações corretivas ou curativas da ordem médica; 4) das formações herdadas desses campos, ou mesmo os filosofantes, da psicanálise anterior. Há que fazer uma faxina e entender o que acontece, procurar uma nomenclatura que tenha o mínimo de palavras, saber que há essas formas e que, dentro delas, cabe muito conteúdo.

50. Com muita frequência, vemos psiquiatras se ‘pseudo’-enganarem a respeito de um diagnóstico, em função da transa social ou política que está vivendo no momento. Por exemplo, se atenderem um “transtornado” de classe alta, o diagnóstico muda. Ele é diagnosticado como algo que é chique dizer: TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade). Como há psiquiatra aqui, peço que diga o que é isto.

- P – *TDAH descreve uma atenção não focada, uma dispersividade. Já existem provas de que há um hipofuncionamento na região frontal, no córtex pré-frontal, sobretudo em crianças. Não se trata de lesão estrutural, e sim funcional, que melhora com uso de medicação. Essa região é a parte executiva do cérebro, responsável pela tomada de decisão e gerenciamento de situações, funcionando como o maestro de uma orquestra.*

Aliás, não é preciso pensar em hiperatividade ou transtorno de atenção reconhecíveis para constatarmos a quantidade enorme de pessoas em que esse maestro é débil mental. Elas só conseguem o compasso dois por dois...

- P – *Por outro lado, há dois neurologistas americanos chamados Eugene d’Aquili e Andrew B. Newberg (The Mystical Mind. Probing the Biology of Religious Experience. Minneapolis: Fortress Press, 1999) que afirmam que é nessa região frontal que se propicia uma experiência mística.*

Se esse maestro for excepcionalmente brilhante, não há outra saída a não ser ir lá em Cima.

- P – *Podemos até dizer que a maioria das pessoas é seqüelada, tem essa falta de referência extrema.*

Seqüela do transtorno ou da falta de educação? Isto nem a psiquiatria nem a neurologia sabem dizer. Ora, se temos uma disfunção frontal, do que ela resulta? De um defeito do cérebro? Ele é mal construído?

- P – *Eles dizem que é genético.*

Acho que é destrambelhamento na maioria dos casos. Destrambelhamento familiar, falta de educação. A pessoa não recebe formação adequada ou tem dissociações dentro de casa e aquilo não funciona direito.

Vamos supor que, em alguns casos, exista disfunção cerebral pura e simples. Acredito que exista, mas penso que sua frequência é maior pela disfunção produzida na relação mórfica com o mundo. É por isto que, por enquanto, nem psiquiatras nem neurologistas têm condição de dispensar nosso trabalho. O processo é de mão dupla: há disfunções cerebrais, digamos, endógenas e exógenas (e estas são produzidas na relação entre formações).

Retornando ao que dizia, é freqüente o caso de um psiquiatra, às vezes de boa qualidade, diagnosticar como TDAH alguém que, na linguagem deles, é *borderline*. Estou falando de um caso concreto, em que vi que o psiquiatra estava acochambrando as questões, dada a importância da pessoa diagnosticada. Não fica bem a uma pessoa de tal estirpe ter o outro diagnóstico. Se fosse o pobrezinho da favela, era considerado delinquente, 171, fdp. Nem de *borderline* o chamariam. Quero mostrar é a quantidade de truques que há nisso. Aliás, nada temos a ver com a nomenclatura *borderline*. Isto não nos interessa.

51. Desde 1986 (*O Sexo dos Anjos. A Sexualidade Humana em Psicanálise* [Seminários 86-87]. Rio de Janeiro: Aoutra, 1988. p. 29-38), falo em *neurose*, *psicose* e *morfose*, utilizando a terminologia e a descrição velhas. Quero jogar no lixo os dois primeiros termos e chamar a tudo de **Morfoses**, isto é: casuística de formações. Assim, **tratamos das morfoses do psiquismo, as quais são, elas próprias, consideradas através dos patemas da psicanálise, que descrevem as formas do gozo**. Coloco tudo num só pacote, pois a canalhice anterior – que misturava os discursos social, jurídico, médico, etc. – utilizava o viés que interessava no momento e a coisa passava, à vontade, de doença para problema moral, de acordo com freguês, com a hora e com o interesse, por exemplo, jurídico de acompanhamento de um caso policial. Nossa classificação trata das Morfoses – ou **PsicoMorfoses**, se quiserem generalizar –, isto é, das formações secundárias de uma IdioFormação enquanto supostamente patológicas ou patéticas. Falo em formações secundárias, pois tratamos do Secundário, o qual tem suas relações e bases necessárias no Primário.

Vamos, então, a partir de agora, conversar longamente sobre isto. Consultem o Seminário *Pedagogia Freudiana*. Lá temos uma boa arrumação, mas ainda com uma nomenclatura antiga e mal desenhada, e quero passar a limpo de uma vez. Fiz a descrição do que poderia ser tomado como as Fundações Mórficas e mostrei que poderíamos considerar que todo o processo são os avatares dessas fundações. Retomaremos tudo em nosso trabalho, mas hoje vamos começar a descrever as formações como classificação.

52. • P – *Georges Lanteri-Laura, em seu livro (Leitura das perversões: história de sua apropriação médica. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1984, 180 p.), faz o percurso dessa passagem de discurso para discurso em relação à idéia de perversão.*

Já citei várias vezes esse livro. Embora todas as formações tenham passado por esses discursos, na assim chamada perversão vemos com clareza. Lacan dizia que o perverso sabe, tem o *know-how*, pois é o lugar da pura e simples insistência da fundação mórfica. Vocês devem se lembrar que no texto da *Pedagogia Freudiana* resolvi que perversão é tudo. Então, quando falo de perversão, não estou falando de *perversidade* (aliás, quero também jogar fora este termo). Desde que Freud começou a tomar contato com a estrutura do psiquismo, mostrou que este é perverso polimorfo. Embora dissesse que era a criança, estava falando do psiquismo. Perversão é a co-naturalidade do psiquismo dentro do Haver, ou seja, a insistência pura e simples das fundações mórficas de qualquer um. Só que uns têm uma fundação, outros têm outra. Como sabem, só há positividade, não há negatividade no psiquismo, portanto as fundações são positivas. Mas serão elas tratadas positiva ou negativamente? Qual interesse será colocado sobre elas no jogo com o mundo (onde essa coisa necessariamente positiva será positivizada ou negativizada)?

53. Como disse, os Patemas da Psicanálise são as formas do gozo, ou seja, a morfologia do gozo. Vejam, abaixo, a classificação (em quatro modalidades) das Morfoses (ou PsicoMorfoses), isto é, das Formações (Secundárias) de

uma IdioFormação enquanto supostamente patológicas. São os Avatares das Fundações Mórficas:

As Morfofes (ou PsicoMorfofes)

1. (P) = PROGRESSIVAS

(+P) = Positivas (Perversões)

(+P+) = Ativas (sadismo, exibicionismo, etc.)

(+P-) = Reativas (masoquismo, voyeurismo)

(-P) = Negativas (Fobias)

(-P+) = Ativas

(-P-) = Reativas (atos contrafóbicos)

2. (E) = ESTACIONÁRIAS (Neuroses)

(+E) = Positivas (Histerias) (por ser + foi considerada fundamental)

(+E+) = Ativas

(+E-) = Reativas

(-E) = Negativas (Obsessivas)

(-E+) = Ativas

(-E-) = Reativas

3. (R) = REGRESSIVAS (Psicoses)

(+R) = Positivas (Paranóias)

(+R+) = Ativas

(+R-) = Reativas

(-R) = Negativas (Esquizofrenia) (não há sem paranóia anterior ou concomitante)

(-R+) = Ativas

(-R-) = Reativas

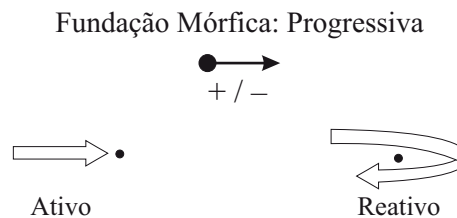
4. (T) = TANÁTICAS

54. Em primeiro lugar, as **Formações Progressivas**. Não vamos mais falar em perversão, perversidade ou fobia, pois são Formações Progressivas, que podem ser positivas (+P) ou negativas (-P). Não esqueçamos que todas as formações são positivas originalmente – elas serão tratadas positiva ou negativamente. Faço a ressalva de que positivo (+) e negativo (-), neste esquema, referem-se à face afirmativa ou negativa da afecção. Uma face afirmativa é uma afecção que diz *sim*, que parte do *sim*. A negativa, é a afecção que diz *não*, que parte do *não*. Por exemplo, em nosso conhecimento antigo, sabemos perfeitamente que a famosa histérica parte da postura de dizer *sim*, e que o obsessivo é tão obsessivo que, antes de falar qualquer frase, diz *não*, pois parte de negar para poder afirmar. Todas as afecções podem ser entendidas assim: enquanto formação, partem do *sim* ou da negação disso. O começo da entrada é assim, e temos que criar ouvidos para escutar. Trata-se de uma questão realmente musical: o maestro precisa funcionar, quer dizer, quem tiver o maestro prejudicado não vai ouvir.

Na Patemática da Psicanálise, segundo este pensamento, as Formações Progressivas, primeira categoria da classificação, são progressivas das fundações mórficas. As fundações mórficas lá estão e são tratadas carregadas para a frente em seu movimento histórico e em seu movimento de afirmação. Não são bloqueadas nem postas para trás, e isto comparece positiva ou negativamente. Positivamente, é o que antigamente chamávamos de perversão, e que, depois, chamei de perversidade. Negativamente, é o que sempre foi engolido como mosca na história das afecções psíquicas: o fato de tratarem as fobias como neurose. Não é o caso desta classificação, em que fobia é o negativo da positividade da perversão. Aliás, fobia e perversão são nomes que podemos jogar fora. Então, o negativo da Progressiva Positiva (+P) é a Progressiva Negativa (-P). O processo continua progressivo, sendo, entretanto, o avesso do processo básico, que é a perversão, a positividade da progressão.

Seja Positivo ou Negativo, o Progressivo se apresenta com caráter, no mínimo, duplo: **Positivo Ativo** (+P+) ou **Positivo Reativo** (+P-) e **Negativo Ativo** (-P+) ou **Negativo Reativo** (-P-). Como isto é algo que as pessoas têm

dificuldade de entender, vou retomar do começo. O que chamo de Progressivo é uma fundação mórfica que é carregada para a frente, que continua no empuxo. O Positivo, repito, é partir do *sim*, da afirmatividade. O Negativo, é pôr primeiro a negação. Agora, consideremos a pessoa, a IdioFormação ali presente. Ela é **Ativo**, quando parte de seu próprio movimento no sentido de outrem, de querer agir sobre outra IdioFormação. O contrário, que chamo de **Reativo**, é o mesmo movimento – e não pensem que é passivo –, só que age sobre outra formação para que esta devolva a reação a seu movimento:



Não há passividade aí. Por isso, estou modificando o que coloquei ano passado quando falei em ativo/passivo. O Ativo é quando, por exemplo, estamos diante de uma situação clínica e vemos nitidamente como as ações de uma pessoa são no sentido de interferir no outro. É Reativo quando suas ações são no sentido de provocar a reação no outro. Isto é muito nítido nas Progressivas quanto ao que, por exemplo, chamam de sadismo e masoquismo (os textos de Sade e de Masoch). No caso das Progressivas Ativas, a pessoa é sádica para com o outro. No das Progressivas Reativas, a pessoa provoca o outro a ser sádico para com ela. Ela é *masoch* porque quer que o outro seja o agente, mas é mentira, pois o agente é ela. O *masoch* provoca o contrato com o outro para que o outro aja assim sobre ele. Ele espera que o outro reaja conforme a sua ação, mas o que está valendo é o vetor da reação, e não o da ação.

- P – *Mas não é difícil separar uma coisa da outra?*

Para isto, temos escuta, observação. E podemos notar o que é o mais freqüente na atitude da pessoa. É o que vemos em todas as afetações, pois todas têm isto. Por exemplo, na própria relação erótica, como a pessoa age?

Ativa ou reativamente? Ela quer comer o outro ou quer provocar o outro para comê-la?

- P – *É nesse sentido que se diz que a mulher escolhe quem vai escolhê-la?*

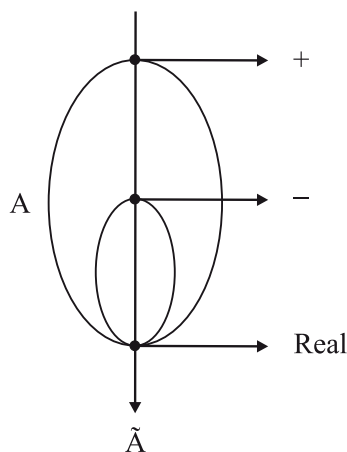
Estão dizendo que ela é reativa, o que não é verdade. Isto nada tem a ver com mulher. Simplesmente, há pessoas assim. Em nossa cultura, as mulheres foram ensinadas a ser reativas. Felizmente, não aprendem sempre. Elas não podem tomar a iniciativa, quer dizer, elas tomam a iniciativa de maneira a incriminar o outro. São péssimas no trânsito, mas são ótimas, pois não fazem nada... só fazem o outro bater com o carro.

Mas por que o *masoch* precisa do contrato? Porque não pode provocar no outro a função ativa, não pode pegar uma pessoa e jogar naquela posição ativa. Às vezes, não funciona, pois não é a do outro. Então, precisa estatuir, institucionalizar um contrato para o outro funcionar como ele quer. Por outro lado, se acha um que entra na brincadeira, aí é a felicidade...

- P – *Em psicanálise, continua em voga fazer o “contrato inicial”...*

Na verdade, se a transferência funcionou não é preciso contratar nada. Pode-se contratar o ritual, mas não a análise.

55. Não esquecer que Positivo/Negativo e Ativo/Reativo são inscritíveis sobre o Revirão, como avessamentos da mesma formação.



Então, temos uma formação, uma afecção, uma afetação, o que quiserem, ou seja, um patema progressivo que pode se apresentar como positivo ou negativo, sendo que, no interior da positividade ou da negatividade, podemos ter atividade ou reatividade. Tomem a casuística do passado em relação aos progressivos, e verão que cabe aí. É sobre isto que ficaremos conversando e discutindo. Mas não adianta tomar o texto e colocá-lo ali dentro, é preciso a escuta *do* analisando. Trata-se de tentar colocá-lo dentro da classificação apenas para nos orientar um pouco. Ele não é obrigado a se comportar segundo ela, mas, para nós, pode ter uma configuração aproximada. Considerem, por exemplo, o que está na *DSM* como transtorno *borderline*. Em nossos termos, é: Progressivo Positivo Ativo (+P+).

- P – *Isso pode revirar?*

Tudo pode revirar, já que há Revirão. Por isso, quando estamos tratando da chamada histórica, vemos que ela começa a obsessivar. No caso do obsessivo, vemos ele começar a histericizar. Portanto, o que temos na Patemática é uma malha, um escantilhão para acompanhar os movimentos. Tudo aí, inclusive os nomes, é absolutamente abstrato. Aliás, nem é preciso falar com esses nomes, basta dizer: +P, -P, +P+, +P-. Fica até parecido com o *I Ching*, mas não deu ainda para tirar a letra e colocar outro sinal, pois ficaria complicado para decorar. Falo do *I Ching* como exemplo de que podemos constituir um texto altamente significativo e proliferante apenas com pequenas marcas, que é o que estou tentando. No caso do *borderline* (+P+), durante o processo, ele pode se tornar reativo. Facilmente, um +P, pressionado por alguma força, pula para -P. Já citei várias vezes o caso de Gilles de Rais. Não conheço nenhum que, quando pressionado, não vire um culpado e peça perdão.

- P – *O engraçado é que Sade não vira.*

Sade é um cientista, não é sádico.

- P – *Sade mostrou esse Revirão em 120 dias de Sodoma com um personagem chamado Duque de Blangis. Ao descrever os quatro personagens do livro, descreve toda a progressividade das fundações mórficas e diz que, no exército e nas armas, o duque era um covarde, pois aí se apresentava numa situação mais poderosa que ele. Tirante isto, ele fazia todo o resto.*

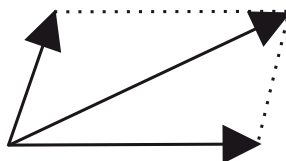
Sade viu tudo. Ele é, na terminologia anterior, um perverso, e não um perversista. Ele *escreve* sobre isto. Mas como era um sacana que gostava de *todas* as sacanagens, as pessoas não agüentavam – de inveja – e queriam destruí-lo.

56. O segundo caso, vamos chamar de **Morfoses Estacionárias (E)**. É o mesmo entendimento das Progressivas, mas aí as fundações mórficas são estacionadas por alguma força repressiva, recalcante, que as empacota e não as deixa mexer nem para a frente nem para trás. Elas, então, ficam se repetindo como um cacoete. Aquilo que antigamente chamavam de neurose cabe aqui, mas aqui cabe mais do que aquilo. Façam o exercício, que nos ajudaria muito a compreender melhor, de estudar a *DSM* e irem qualificando. Então, verão a diferença entre estrutura e conteúdo. Quando olhamos o texto com atenção, fica claro como eles misturam tudo de cambulhada. As pessoas devem ficar confusas no começo, pois, por exemplo, no caso da histeria, lá pode ser transtorno conversivo, dissociativo, factício, alimentar... Ela está em todos esses lugares.

Os Estacionários, também eles, podem ser Positivos (+E) ou Negativos (-E), o que é mais fácil de reconhecer, pois a histérica evidentemente parte do *sim* e o obsessivo do *não*. Podemos abandonar a loucura do próprio Freud e da psiquiatria de, a cada diferença conteudística que achavam, inventar um nome novo. Era chique na ordem médica criar categorias nosográficas. Em nosso caso, vira besteira. O que temos é positividade ou negatividade da Morfose Estacionária, o resto é conteúdo. É preciso não dar bola ao conteúdo. Não é preciso jogá-lo fora. Basta deixá-lo de lado para ver só o movimento. Tampouco temos que *interpretar* a pessoa, mas apenas fazer um movimento junto com ou contrário a ela. Aí, é freqüente vermos nada acontecer na sessão de análise, mas a pessoa se modificar. O que interessa é dar cutucadas para cá e para lá e a pessoa ir aprendendo a dançar.

O que pode ser uma Morfose Estacionária Positiva Reativa (+E-)? Talvez achem difícil entender, pois, na nomenclatura, não há distinções dentro do campo da histeria, mas elas existem. Estamos lidando com uma histérica

ativa ou reativa? Ela histericiza para o ativo ou para o reativo? Frequentemente, isto muda de um lado para outro, mas é preciso acompanhar o movimento. Está ativando ou reativando? Não é que uma pessoa caiba ali, e sim buscar onde está o movimento do processo. Se não entendemos, não podemos empurrar para o outro lado. Lembrem-se de que estamos tentando sacar os vetores. Vetores são direções e forças. Por exemplo, nos dois vetores aplicados abaixo, a resultante será a seta do meio:



Tomem isto e multipliquem por mil. Espera-se que a resultante final tenha certo rosto a cada momento da vida. Mas é claro que também existe o fato de que acompanhamos uma pessoa anos a fio em análise e vemos que a resultante é constante. Trata-se de uma Estacionária Positiva de coturno, que não sai do lugar. Os Estacionários são muito mais fiéis porque são... estacionários. Já notaram que o famoso neurótico é muito fiel à sua neurose? Portanto, é preciso sacar qual é o vetor resultante a cada momento. E vejam que isso nada tem a ver com ficar escutando significantes. Trata-se do entendimento dos *poderes* que estão em jogo.

• P – *Sacar a resultante é importante, pois, no caso da Estacionária Positiva Ativa, vê-se que ela faz muito movimento, dando a impressão de que está saindo do lugar, mas está com o rabo totalmente preso.*

Ela girando, girando... e o rabo está lá. Vocês verão que isto é pior na Morfose Regressiva.

57. • P – *A questão é o Recalque em relação a uma fundação mórfica. O perverso não tem recalque, ele está afirmando uma fixação. O Estacionário*

é estacionário porque a fixação pode ser abordada por retorno do recalçado.

Na progressividade, enquanto progressividade, não há distinção entre recalque e retorno.

• P – *No Seminário de 1996, Psychopathia Sexualis, você diz que, no neurótico, por conta do embargo do sintoma, o vetor progressivo não atinge o Originário.*

E é praticamente impossível que o Progressivo também atinja, pois quer atingi-lo com o conteúdo dele.

Como disse, no Progressivo não há distinção entre recalque e retorno do recalçado. Não confundir uma fundação mórfica com características progressivas latentes por trás de uma Estacionária. Há que entender que a pessoa pode se apresentar como Estacionária e, mediante análise, ocorrer o retorno de sua perversão pura e simples, a qual freqüentemente não é uma Morfose Progressiva, mas apenas sua perversão com todos os seus direitos, como cada um tem direito às suas perversões. Isso é diferente de uma Morfose Progressiva, que é legiferante, tem uma exclusividade e domina o mundo com sua lei. No caso da Estacionária, só há uma sacanagem por onde a pessoa goza e que nada tem a ver com os outros. Na Progressiva, isto se torna lei. A mera perversão é a fundação mórfica funcionando, e não legiferando. Mas, na Morfose Progressiva, legifera sobre o outro e sobre si mesmo, é uma obrigação. Não há aqueles que perseguem a perversão dos outros policialmente? Cuidado com eles! Por que estão perseguindo o gozo de outro, se não é da conta deles?! Outro dia, eu conversava pela Internet com um intelectual gay que me dizia que tal grupo psicanalítico era homofóbico. Disse-lhe que homofobia, desde Freud, é nada mais nada menos do que medo da própria homossexualidade. Então, é coisa de veado, pois homem que é homem não liga para isso.

58. As Morfozes Regressivas (R) são o terceiro caso da Patemática. Nelas cabe tudo que se chamava antigamente de psicoses. O que é Regressivo? A reificação. Toma-se a afirmatividade genérica da fundação mórfica, que passa

por um processo Secundário, onde a coisa retorna para a vocação do Primário. Não se esqueçam de que as fundações mórficas, instituídas junto com o Primário, por vias que não nos cabe descrever – estéticas, sensitivas, etc. –, estão sendo consideradas em sua relação com o Secundário. É, pois, o estatuto da fundação mórfica em sua relação secundária. Então, quando isso está sendo considerado secundariamente, nem anda para a frente, nem estaciona, e pretende regredir, o que significa? Que regressivo é o Secundário ser tratado como Primário. Por exemplo, a oscilação sexual entre *hétero* e *homo* sempre receberá um tratamento secundário. No tratamento secundário de gozo que aí colocamos, seremos Progressivo ou Estacionário, isto é, as neuroses entram em sua relação homo-hétero que todos têm. (É o que está em Freud com a idéia de bissexualidade, que não é masculino/feminino, mas homo/hétero – e homo/hétero também é asneira, mas vamos manter os termos por enquanto). Já o Regressivo, este, trata suas impulsões contrárias à pertinência do discurso ao redor como se fossem impossíveis de comparecer, porque seu oposto é Primário. Basta ver Schreber que, no jogo com o Secundário, trata sua homossexualidade altamente desejada como se ele fosse obrigatoriamente hétero na primarização do Secundário. Ele pira, enlouquece e vai ter que transar com Deus, não há outra saída. E ele tinha que virar mulher, pois, se não virasse mulher no Primário, como poderia negociar com o Secundário primarizado?

A Morfose Regressiva pode ser Positiva ou Negativa. Havia a generalidade de *paranóia* e *esquizofrenia*, sobre a qual inventaram coisas como maníaco-depressivo, bipolaridade, etc. Mas isto é conteúdo, é viragem. Encontramos bipolaridade em todo lugar, ela não é conceito de Morfose, e sim casuística. Há pessoas que reviram com facilidade. A bipolaridade não vale como conceito, pois qualquer caso é bipolar. Não é preciso, portanto, proliferar categorias de psicose como se fazia antigamente. Basta verificar que é possível colocar toda essa casuística nas Regressivas. E não confundir a formação de base com os conteúdos eventuais, com os avatares da situação, os movimentos, reviramentos, etc.

- P – *Por que nas Regressivas Negativas (Esquizofrenias) você coloca que “não há sem paranóia anterior ou concomitante”?*

É o que acho. Por isso, os psiquiatras falavam em esquizofrenia paranóide. Aquilo não pode não surgir de começo paranoicamente. Há umas coisas assim, que são dissimétricas. Por exemplo, masoquismo é anterior a sadismo, ou seja, o terror negativo vem antes do positivo: estar no mundo é um horror. Além do mais, ALEI é masoquista, pois o masoquismo originário é o masoquismo d’ALEI, Haver quer não-Haver. Nossa destruição é tudo o que desejamos. Só permanecemos por resistência, que não é propriamente nossa.

59. • P – *Podemos dizer que, pelo masoquismo d’ALEI ser primordial, só podemos tratar do Morfótico Positivo quando ele revira e fica fóbico? Ele descobre que a fobia era original, que ele sempre foi fóbico.*

Ele foi fóbico antes. Entretanto, de nada adianta tratar da fobia, temos que bater na Morfose Positiva. Observem a quantidade de pessoas que chega ao consultório com uma fobia e diz que ela começou tardiamente, aos trinta anos de idade. Há um que me mostrou sua fotografia em cima do *Grand Canyon* com os braços abertos. Atualmente, se ele entrar no andar alto de um prédio, não pode se soltar muito da parede, senão... Isto nunca lhe tinha acontecido antes, como ele diz, porque estava absolutamente tamponado pelo Positivo, o que é uma evidência em sua história. Mas não há que mexer no Negativo, e sim no Positivo. O que ele não está aceitando para apresentar uma fobia? Seu masoquismo. Que ele está aí para se danar, para morrer. Estamos, pois, lidando com um Progressivo Negativo, cuja negatividade é anterior à própria positividade, mas não há que ligar para o anterior, e sim para o que está segurando a Negativa, que é a positividade. Se derrubarmos o positivo, ou seja, que ele possa entender que está aí para morrer, que não há saída, ele começa a morrer numa boa. Aí somem os sintomas, pois aceitou que é mortal. Antes, ele achava que era imortal. Coloca-se alguém assim na Academia, ele será um ditador. Depois, ainda temos que convencê-lo de que é imortal mesmo, mas este é outro trabalho...

60. • P – *Podemos dizer que a Morfose Progressiva é imperativa na insistência de sua própria formação, que a Estacionária o é no conteúdo recalçado, e que a Regressiva o é no conteúdo hiper-recalçado?*

Sim. E aí confunde-se a cabeça dos filósofos e daqueles que tratam dos filósofos. Lacan jurava que Kant era um Progressivo. Acho-o simplesmente um Estacionário. Quando Lacan considera o Sade do texto – e ele não diz que Sade *seja* isso, e sim que no texto de Sade está isso –, o qual realmente está descrevendo o Progressivo, diz: *Kant com Sade*. Mas Kant não se canta junto com Sade, pois ele mora nas Estacionárias. Kant não está produzindo um imperativo categórico com base numa progressividade positiva. O que ele faz é: olhar para dentro de sua neura, ver que não suporta o Progressivo, chamar seu sintoma de imperativo categórico, e achar que todos devem tê-lo. Ora, isto é papo de neurótico. Lacan acha que o imperativo categórico de Kant está inscrito em Sade. Como Kant legifera em cima disso, Lacan fica com uma boa razão para dizer o que diz, mas ele legifera em cima de uma impressão tipicamente neurótica, de que temos sentimentos e não suportamos aquilo. É como Betinho que, numa reunião de que eu participava, dizia ter descoberto um universal da espécie humana: a solidariedade. Vejam a situação em que *ele* estava...

• P – *A formulação de Lacan é parecida com a de Freud sobre a neurose ser o negativo da perversão. Mas é apenas a questão da fantasia, que é mostrada e atuada na Morfose Positiva, e que, na Estacionária, é sonhada...*

Mas Freud tem alguma razão, pois o negativo de que fala não é o avesso de que falo. Ele está dizendo no sentido que você está colocando. E nesse sentido Kant vai muito bem como Estacionário.

• P – *Mas no aparelho legiferante, não podemos esperar a vocação Progressiva Positiva?*

É aí que Lacan diz o que disse sobre Kant com Sade. Mas é de uma ambigüidade enorme, pois Kant não está legiferando sobre o mundo em sua ação. Ele está, sim, dizendo que há dentro de nós um imperativo categórico que funciona. Isto é coisa de neurótico, pois ele não toma seu tesão e diz que o

mundo tem que ser assim. Aí é superego mesmo, logo é Estacionário, e não Progressivo.

- P – *E há toda a dificuldade de Kant em construir esse aparelho, uma dificuldade que o Progressivo não teria.*

O Progressivo age: pega, mata e come, é imediato. Kant, não. Fica tirando as minhocas da cabeça porque quer legitimar. O Progressivo não tem que legitimar coisa alguma, pois ele é a lei e está submisso à lei que ele é. Só a tentativa esforçada de Kant de legitimar o que ele está dizendo já dá para demonstrar que é coisa de neurótico.

61. Para encerrar por hoje, vamos às **Tanáticas (T)**. O Tanático, às vezes, surge até no meio dos outros, pois é o natural da espécie. Não havendo embargo, o que se deseja? O não-Haver. E quando isso se multiplica junto com as outras formações, é uma complicação dos diabos. Aí temos o melancólico, o maníaco, etc., o que é meramente casuístico. É a força de expressão do vetor: a *konstante Kraft* se manifestando, apegada a uma dessas formações. Portanto, não é preciso categorizar mania ou depressão. A bipolaridade aparece aí dentro. É só procurar que encaixa. Em última instância, para onde se vai? Só não saímos correndo para o não-Haver porque estamos com rabo preso nisso tudo, temos formas de gozo anteriores. Mas quando o Tanático se imiscui nas outras morfozes, fica muito complicado, vira aquela coisa do neurótico que quer morrer, mas não quer morrer; quer gozar, mas não fode nem sai de cima... É a Morfoze Tanática ou Tanatose se exprimindo, mas é ela que é o normal.

- P – *É ela que mostra o pathos.*

O *pathos* da ALEI: Haver quer não-Haver. Tomem um tanático típico, que já citei várias vezes: Rothko, um dos maiores pintores do século XX. Ele tem um trabalho enorme para exprimir sua Tanatose e, no final, acaba achando que não exprimiu e se mata. Observem sua obra e acompanharão o figurativo sumindo, passando a um abstrato repetitivo, cujas cores vão sumindo e o preto virando cor, depois sumindo, e quando some, ele se mata.

- P – *Essa maneira de apresentar deixa bem claro que o trauma por si só não tem conteúdo algum.*

O conteúdo do trauma é o conteúdo da ALEI. É o excessivo que não se entende e sobre o que não se sabe falar. A psicologia é que começou com isso de que a criança é traumatizada porque a mãe gritou, etc. Mas **o trauma é estar no mundo.**

62. Temos, então, que estudar, discutir muito e, sobretudo, conseguir falar essa linguagem com facilidade, simplicidade, e sacar, descrever, acompanhar os movimentos de alguém que está em análise saltando de um lugar para outro. Trata-se, por exemplo, de descobrir que, por trás de uma Estacionária, começa a brotar um fingimento de Progressiva. Às vezes, a pessoa não entende sua fundação mórfica necessariamente perversa e o tal superego lhe diz que ele é um fdp, aí ela pensa que é perversista, mas só porque o superego lhe disse. Acompanhar isto é muito difícil. A pessoa não é um Progressivo, e sim um perverso como qualquer um de nós. Então, quando em análise se mexe ali, descobre-se que há perversão atrás. Aí o superego fica xingando a pessoa de Progressiva.

É preciso entender que ninguém escapa dos Patemas, que são as formas do gozo. Não existe homem curado, mas existe aquele que aprende a dançar e que vai gozar por essas formas, pois não há outro lugar. Por isso, digo que perversão é o normal e pode se tornar a Morfose Progressiva em última instância, lá no rabinho da coisa. Mas aí vem a questão quantitativa e o aspecto intensivo, ou seja, os vetores serão leves ou não. Entendem por que faço questão do quantitativo? Os vetores podem ser muitos pesados, com muito investimento, ou leves, com pouco investimento. Na verdade, não existe quem não esteja numa categoria dessas, mas é *di cum* força ou *di* levinho? Vemos pessoas se apresentarem Estacionárias e, de repente, brotar por trás um Progressivo muito leve, que é função do superego. Ou, se não, brotar um Progressivo da pior capacidade, que estava ocultado, porque, além de haver essa fundação, ainda veio o mundo em cima dele com tal porrada que ele segurou ali. Portanto, não me venham com histórias *fakes*. O que estou propondo é um escantilhão a ser aplicado sobre os acontecimentos, e não uma regra de jogo. É um escantilhão

de aplicação permanente. E, durante todo o processo de um analisando, isso tem que ser repensado para se poder sentir a pressão das forças e poderes em jogo. Também não estou falando de fronteiras entre as categorias, e sim de polaridades. A estrutura de que falo é dinâmica, com polaridades e focalizações. Há ainda o franjal e a passagem para o outro lado. Ou seja, há o Revirão. Como vêem, tudo isso está funcionando dentro da teoria.

63. • P – *Você pode falar sobre a noção de fixação?*

Esta noção está clara no Seminário *Pedagogia Freudiana*. Tomemos outro campo, o do fenômeno estético. Ele deve demais à ordem primária e por isso faz com que os estetas vivam numa confusão enorme. Hegel, por exemplo, tem uma obra de grande porte, brilhante e bonita a respeito da *Estética*, com partes descritivas e classificatórias, mas onde vemos que está perdido como todo mundo, pois sua classificação é projetada, é histórica. Cito Hegel justo porque seu trabalho é da melhor qualidade. Há outro, George Lukács, que fez quatro volumes sobre estética. Mas é um grande esforço marxista que não está falando de estética alguma, e sim da projeção de uma filosofia sobre os acontecimentos. Isto porque, como disse, o fenômeno estético propriamente dito está na dependência radical do Primário. É o que Freud chamava de *predisposições*. Nós é que começamos a ser invadidos pelas formações culturais e, para curtir, aprendemos a nos deslocar, a fingir que nos deslocamos ou a fazer a passagem de nossos tesões para o tesão dos outros. O campo da arte é muito bom para sairmos de nosso lugar erótico, de nosso lugar de tesões, pois nele aprendemos a gozar com o tesão do outro um pouquinho. Vejam, por exemplo, a gritaria que o surgimento de uma forma nova faz no mundo. Quando, de início, Picasso retoma formas africanas, mistura com a idéia de topologia e inventa algo, todos acham horrível, mas, hoje, é o belo. Alguém aprendeu a gozar com o tal Picasso...

A fundação mórfica está em jogo e o estético depende disso. Não há condição de, por via do estético, passar de uma formação para outra se não for no uso de nossas próprias fundações. Não passamos porque aprendemos ou

coisa assim, e sim porque tomamos nossas fundações, aplicamos e vamos transformando o gozo ali. Mas geralmente é o chamado gozo estético, pois aquilo não nos fala ao sexo. Vejam que quando quer descobrir o gozo estético, Kant comete a besteira de dizer que é o gozo desinteressado. Ora, ele é interessadíssimo em suas fundações por vias estéticas que não falam diretamente ao sexo. Há muita coisa para sentirmos.

27/SET

64. Precisamos, em algum momento, conversar a respeito da *Formação*, no sentido mais genérico e aberto, das pessoas que se acham ou querem se achar psicanalistas. A formação, sobretudo intelectual, anda péssima. No Brasil, o que há é ignorância sobre quase tudo. Em nosso campo, depois que o lacanismo colou e virou receita de bolo, as melhores faculdades de psicologia aqui são as piores. Então, se é que, entre nós, há qualquer pretensão de formação, isto não pode ser aceito. Sobretudo, quando vemos que, por não terem repertório, as pessoas não dimensionam o que está sendo trazido. E é preciso ter repertório em muitas áreas, sobretudo naquelas que dão algum apoio, algum referencial para o que estamos trabalhando.

65. Já que muitos não gostam de ler livros, porque são grandes e pesados, recomendo os dois últimos números da revista *Scientific American* Brasil. No número 16 (ano 2, setembro 2003), cujo tema de capa é: “O universo é um holograma? Informação pode estruturar matéria e energia”, há o artigo “Informação no Universo holográfico”, de Jacob D. Bekenstein, p. 42-49, que vale a pena ler pelo que nos interessa. Mais uma vez, e por outra via que não a de Stephen Wolfram e de outros que operam pela linha computacional, cientistas, com a idéia de holograma, reafirmam que, como se diz em minha linguagem, **o Haver é pura informação**. Quer dizer, embora tenha trazido este tipo de visão com base apenas na experiência de leitura em vários campos, sobretudo no

nosso, como também em minha experiência pessoal dentro da cabeça e ouvindo a cabeça dos outros, a tendência de ponta no mundo contemporâneo e nas ciências em geral é, cada vez mais, oferecer garantias para o que tenho trazido. Isto é muito reconfortante e nos ajuda a continuar no caminho com informações melhores.

No número 17 (ano 2, outubro 2003), leiam todos os artigos sobre o tema da capa: “O cérebro aperfeiçoado: o que a neurociência está fazendo por você”. É um trabalho de informação genérico muito bem feito. Há coisas interessantes acontecendo nos laboratórios de pesquisa em neurocirurgia que já começam a oferecer provas e garantias claras do funcionamento do Revirão. No artigo “Leitores da mente”, de Philip Ross, p. 66-69, procura-se por algo que possa efetivamente substituir os velhos testes de verdade e mentira usados na polícia e que, hoje, estão inteiramente desmoralizados, não sendo mais aceitos como prova de veracidade. Não acredito que jamais consigam, pois *verdade* e *mentira* nada têm a ver com isso. Mas no que tentam comprovar isto, comprovam uma coisa boa para nós. Quando a pessoa supostamente diz a verdade – e no laboratório eles sabem o que isto significa, pois combinaram com a pessoa para dizer o que realmente está pensando –, apenas uma zona cerebral acende. Quando mente – o que, para eles, é dizer o contrário –, acendem duas: aquela zona cerebral e a contrária. Entenderam o que é o Revirão que está estampado dentro do cérebro? Procuro por ele dentro do cérebro, pois se lá não estiver, estarei dizendo bobagem. Por isso, há décadas, estou perigosamente na esperança de que alguém o encontre e o mostre. E ele, em funcionamento, existe assim: quando pensamos uma coisa e dizemos o contrário, acendem os dois alelos no cérebro; quando dizemos a coisa que pensamos, acende só um, pois não duplicamos os alelos. Mas, como disse, trata-se de funcionamento. Portanto, se o teste for às últimas conseqüências, só prova que isso existe realmente. Então, quando miramos no Revirão, do ponto de vista do recalçamento de um lado, o outro lado não funciona e só aparece um; e quando pensamos nos dois lados possíveis, aparecem os dois.

66. Tenho notícia de pesquisadores de laboratório de neurociências e psicologia experimental, com muitas verbas e máquinas “futuristas”, que estão achando coisas essenciais para nós. Como sabem, a questão das neurociências é entender o que se passa na trama, no *website* do cérebro. É uma trama complicadíssima que não se repete por igual, pois as tramas não são anatomicamente iguais de pessoa para pessoa, embora a funcionalidade seja quase idêntica. Então, temos os neurônios em sua relação sináptica e mais uma porção de coisas de que não sabemos. Por exemplo, qual é a funcionalidade da massa glial, que suporta a trama neurônica, para além de ser mero suporte? Não se sabe bem isto. Então, se os neurônios são a atividade nervosa – sendo redundante – superior e pensante do corpo humano, por outro lado, qual é a atividade nervosa do neurônio? Os neurônios entre si são estudados em sua atividade relacional, mas o neurônio, como célula, tem sua vida própria e sua atividade nervosa (química, elétrica, etc.) interna. O que os pesquisadores descobriram é algo a que não se tinha acesso anteriormente: a estrutura nervosa do neurônio é uma série de elementos intrincados, uma verdadeira rede própria de comunicação interna, que chamam de *microtúbulos*. Ou seja, a estrutura nervosa das próprias células neuronais é essa rede de microtúbulos. Não sei se descobriram essa estrutura ou se já era conhecida e estavam trabalhando sobre ela, mas o interessante na complexidade de redes é que entre a rede neuronal, que já é extremamente complexa, e a rede dos microtúbulos, surge uma relação tal que a operação computacional que ali se dá é da ordem da *computação quântica*, e não da computação binária. Quer dizer, o que estão procurando construir como computador quântico já é encontrável na relação complexa entre a rede de microtúbulos e a rede neuronal por dentro.

Vejam quanta coisa percebida por mentes aguçadas, como Freud e outros, tem a ver com uma ordem computacional que jamais compareceu com evidência, sobretudo para eles, que não puderam ter acesso a isto. O que, no entanto, não os impediu de perceber certos funcionamentos estranhos e diferentes como o tal Inconsciente. Observem que sempre a ordem macro é mais resistente e segmentar em qualquer situação. Por exemplo, a construção

de uma mão humana é algo muito limitado, pois quanto mais macro-organizado mais congelado, digamos, em sua estrutura formal. Então, se considerarmos a história da IdioFormação que habita o planeta (chamada humanidade) quanto ao desenvolvimento dos processos cognitivos e perceptivos presentes em sua relação com o mundo, veremos que sempre comparece primeiro o que é resultado de uma computação de menor calibre e mais grosseira, que é a ordem macro. Assim, contar nos dedos é diferente de estabelecer uma aritmética. Ou seja, quanto mais refinado, menos próximo ou mais distante fica das macroformações, que são mais duras e fechadas. E na história do pensamento, mesmo sem acesso a esta estrutura material mínima dos órgãos que funcionam para isto, algumas mentes puderam sacar que há certo funcionamento e apostaram nele até que uma descoberta posterior viesse mostrar que é mesmo assim.

Portanto, os microtúbulos – em que estou interessadíssimo e sobre os quais irei pesquisar melhor – devem ser aquilo que, desde que comecei a falar em Revirão, comparecia como suposição de que ele está em algum lugar no cérebro, e que um dia irão mostrá-lo materialmente funcionando. Estamos chegando lá, embora os cientistas não façam idéia de que se possa, por exemplo, retirar a funcionalidade do Revirão do aparelho de aferir verdade e mentira que mencionei há pouco. O caso dos microtúbulos é mais preciso ainda. Imaginem se conseguem demonstrar que, para alguém (ou para além, sei lá) do que se pode perceber da rede neuronal funcionando num certo nível computacional, ainda há um outro nível mais articulado e mais refinado, onde, se é verdade que há um comportamento semelhante à ordem computacional quântica, os dois alelos entram ao mesmo tempo no processo. Já pensaram quanta coisa que se diz em termos de bobagem ou mesmo de conhecimento será facilmente explicável? Podemos até supor que outros animais, como o cachorro ou o chimpanzé, até tenham o mesmo tipo de constituição, mas não têm o mesmo tipo de complexidade e tampouco têm a trama complexa entre a rede neuronal e a rede microtubular. Imaginem, então, se um dia for tecnicamente reconhecível, com toda precisão, que temos o Revirão explicitado como um funcionamento bipolar – e o termo é este, pois **o Revirão é bipolar** – que

sofre recalques! Sabemos que quanto menos exigente for a ordem de apresentação, mais recalque existe, pois a série de coisas que pode dispensar esta finura de pensamento é o que chamamos Recalque. Então, se isto funciona quanticamente, não só o Revirão está lá o tempo todo sendo recalcado, mas ele pode emergir de repente. Aliás, quando se pensa com maior refinamento, nós o vemos emergir há milênios. Outro dia, estava relendo o *Tao Te Ching*, de Lao Tsé, e vi um pequeno capítulo somente sobre o Revirão. É impressionante como algo tão velho saca que aquilo funciona assim.

Vejam, por exemplo, as experiências de não-localização que alguns – videntes e outros – dizem ter. Não podemos pensar nelas de maneira tola, como coisas sobrenaturais, por exemplo, pois são funcionalidades cerebrais simples que não aparecem com frequência, já que vivem soterradas pelos níveis mais grosseiros, que são os imediatos de sobrevivência do macaco. Quanto mais se refina, ou seja, afasta-se das regiões excessivamente recalcentes (sobretudo as macro), mais vai aparecendo esse funcionamento. Então, quando falam de experiências ditas de quase morte, em que a pessoa passa por situações críticas, até de paralisia cerebral, estão falando de situações em que os funcionamentos micro vêm à tona e a mente fabrica uma porção de loucuras. Há aí algo engraçado que se parece com nosso trabalho. As pessoas que passam por esta experiência declaram que, quando lá chegam, o amor se torna fundamental e, então, ficam amando tudo. É uma tolice, pois não há nada de amor nisso, e, se houvesse, o ódio viria junto. Ocorre simplesmente que nesse nível tudo é indiferente, ou seja, há uma aceitação radical. Como disse hoje, no início, é preciso que os analistas tenham *Formação* para ir a esse lugar de suas mentes de onde se olha tudo pouco se lixando – igual à minha deusa, Kaganda Yandanda – e onde tudo é acolhível, pois tudo é a mesma merda. Nessa hora, se não colocamos um pouco de baixo calão, não há significação. Não é interessante que possamos estar recuperando essas coisas? É a esse acolhimento do *Valetudo* que as pessoas chamam de amor, mas amor é aquele que reclama um ódio violento. Estou falando de *Indiferença*.

67. Continuemos com o quadro patêmico (apresentado no item 53 acima). Vocês têm algo a dizer sobre ele?

- P – *Acho muito difícil pensar um vetor estacionário.*

Quando alguém brinca de cabo-de-guerra, por exemplo, faz uma força enorme para segurar a corda, mas do outro lado há também gente puxando com igual força, então aquilo não sai do lugar. Isto não deixa de ser uma dinâmica de vetores cuja resultante é zero. Há uma força aplicada e o conjunto de forças que se opõem não chega a ser suficiente para regredir, mas é suficiente para não deixar mexer. Quando lidamos com o chamado neurótico, vemos que ele está fazendo uma força enorme e não consegue nem... cagar, quanto mais o resto. Às vezes, ele tem certa prisão de ventre que nem isso consegue fazer: faz força e não sai nada.

- P – *Você pode falar mais sobre o vetor progressivo, em que foi eliminada a diferença entre a mera perversão e a perversidade.*

Estamos falando das Morfozes, as quais se apresentam assim. Portanto, a diferença não foi eliminada. É preciso entender que tudo isso está submetido a processos quantitativos que não sabemos medir, mas que podemos, pelo menos, perceber quando é maior, menor, mais para cá, para lá. São processos quantitativos de investimento, que Freud chamava de catexia (*Besetzung*). Mesmo se consideramos que a massa de libido é constante, como penso que seja, não é a quantidade de libido que aplicamos – pois a libido é a mesma –, e sim a quantidade de formações que estão investidas que muda o quantitativo dos investimentos. Assim, quanto mais formações estiverem implicadas, maior será o investimento. Como a questão é dinâmica e econômica, temos formações às vezes brandas, às vezes fortes. No Seminário *Pedagogia Freudiana*, de 1992, coloquei os eixos liminar, tópico e intensivo, pois o processo não é meramente estrutural como queriam os estruturalistas. O que há, como disse, são certas *formações de base* – ou estruturas, se quiserem chamar assim –, mas há um *quantum* de investimento que depende da massa maior ou menor de formações que estão aplicadas. É como dinheiro, quanto mais se coloca, maior o investimento. Então, o fato de mudarmos de registro quantitativo, não muda essencialmente de qualificação. O que muda é o resultado.

O sentido freudiano genérico do termo *perversão* como *polimorfa* refere-se a quê? A libido, ou a energia constante, está sempre investida em algum lugar. Então, quando reconhecemos que uma dessas Morfoses é Progressiva, seja Positiva ou Negativa, estamos reconhecendo que ela tem origem, que tem assentamento básico na idéia de perversão freudiana. Mas qual é o *quantum* de investimento que transforma isso num processo tão pesado que vira legiferante junto com outras formações? É neste sentido que não é preciso mais falar em perversão e perversidade, pois a base progressiva é a mesma para qualquer uma. Como sempre veremos isso cheio de conteúdos e de outras formações, não podemos confundir as formações de base com os conteúdos ou com as outras formações que podem estar investidas. Não existe o indivíduo que seja o Progressivo, e sim alguém eminentemente Progressivo. Basta procurar que encontraremos outras formações lá dentro. E mais, elas reviram com muita freqüência. Em nenhum outro lugar vemos com mais clareza os reviramentos entre positivo e negativo do que nos Progressivos. Eles reviram fácil não só de Positivo para Negativo, como também de Ativo para Reativo. É visível aquilo se mexendo. Já é mais difícil surpreender um Estacionário daquele que chamávamos de histérico obsessivando.

• P – *Parece que você é o único que diz isto, que o Progressivo é o mais evidente.*

Isto porque as pessoas foram conduzidas pela pior coisa que existe em nossa formação, que é: a língua. Ela é uma estupidez, não sabe falar. É uma das piores coisas que existem na formação da espécie. Quando caímos dentro de uma língua, ficamos imbecis.

• P – *É possível produzir reversão diretamente numa formação de base ou só é possível chegar lá por via das formações de conteúdo?*

É preciso suspender o mais possível os conteúdos para poder enxergar o básico e mexer nele. É claro que há toda uma dinâmica, uma estratégia e uma tática para lidar com os conteúdos para aparecer a base, sem o que não aparece. As pessoas na vida comum, seja dentro ou fora de consultório, só apresentam os conteúdos, e não as bases. Há que ter uma perspicácia grande para, em

pouco tempo, sacar do que se trata. Quando temos experiência e algumas pessoas são tão ingênuas, no primeiro dia de análise já sacamos tudo. Elas entregam sem querer. Não confundir uma porção de acontecimentos da história da pessoa – informação familiar, cultural, de livros, estudo, escola, religião, etc. – e achar que ela está estruturada de acordo com esses conteúdos. São apenas memórias que lá estão e, às vezes, completamente díspares em relação às bases. Pode acontecer de uma pessoa com características de família muito decente e de forte formação religiosa ser um Progressivo da pior espécie. No entanto, como ela se apresenta como um bom obsessivo constituído dentro da cultura, não vemos que, de fato, é a lorota que ela usa para poder funcionar ali dentro segundo sua perspectiva, mas utilizando outra.

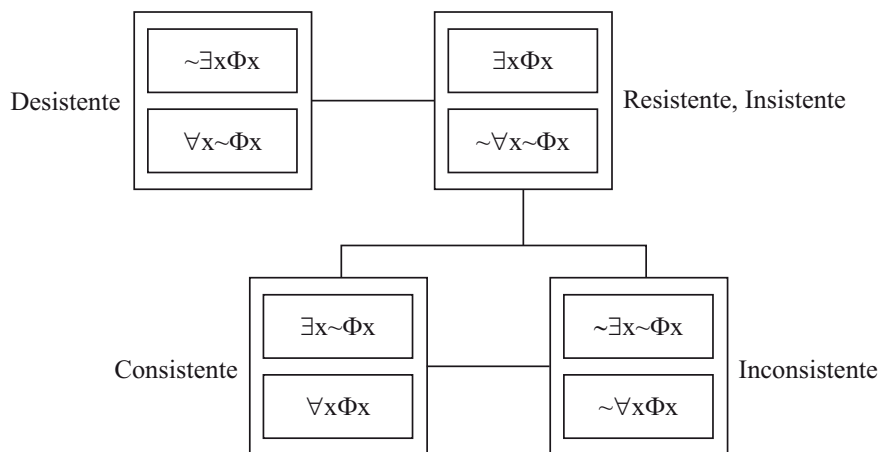
Retornando à pergunta sobre perversão e perversidade, é preciso entender que a estrutura é a mesma. Trata-se de uma questão de grau. Quando, por exemplo, eu dizia que existe uma psicose limite, uma neurose limite, isto quer dizer que, na última instância, a formação é morfótica (no sentido em que uso o termo atualmente: Morfozes = Formações de Gozo), logo **não há nada fora da ordem de gozo**. Mas isto é mais ou menos abstrato, mais ou menos conteudizado? Quando a formação em si se apresenta como puramente Progressiva, qual é o problema em ser progressiva, em estar parada um pouco ou mesmo de dar para trás? Nenhum. É quando entram as formações e começam a se comportar desse modo que tudo se complica. Quando resolvemos volitivamente, invocando as formações, nos comportar como Regressivos – o que antes se chamava de psicótico – para criar um teorema, por exemplo, isso está valendo. Portanto, vamos acabar com esse negócio de a terminologia ser xingamento, já que ela vale para todo e qualquer caso. É preciso verificar *como* funciona. Não há distinção alguma entre o psicótico e o não-psicótico. Há, sim, entre formações regressivas, distinção de grau, de investimento, de quais formações estão em jogo. Não adianta qualificar ninguém como isto ou aquilo. Algo que havemos de trabalhar um dia com muita precisão e longamente é o significado da frase de Freud: “Tive sucesso onde o paranóico fracassou”.

- P – É a questão da dissociação entre loucura e criação.

São a mesma coisa, pois a humanidade toda é louca. Resta saber qual é o teatro dessa loucura em cada caso.

68. Se os patemas da psicanálise são os que apresento, se aí está toda a patologia da espécie, e se articular-se dentro disso e manejar isso é a arte possível de gozo – *Ars Gaudendi*, como estou chamando –, o que tem isso a ver com as sexualidades possíveis? Embora essa correlação apareça na transversal do discurso freudiano, ou com laivos estruturais no pensamento de Lacan, quero fazer agora a conexão direta, fio com fio. Vejam o jogo dos Sexos com a Patemática:

Os Sexos do Haver



As **Morfoses Progressivas** (P) enquanto tais – não estou falando de pessoas, e sim de estruturas – funcionam no nível do que chamo de Sexo Resistente. Ou seja, o Progressivo é o mais espontâneo de todos, pois funciona progressivamente no regime do Sexo Resistente. Não acho que esteja dizendo alguma novidade, mas fico espantado com nunca ter visto alguém dizer isto. Então, no que funciona progressivamente, só funciona no Sexo Resistente, sem

nome. Como sabem, o sexo que chamo de Resistente e afirmativo, Lacan nunca o escreveu, pois pensava que se tratava de homem e mulher (eram seus vícios sintomáticos). Outra coisa evidente é que a **Morfose Tanática** (T) só pode ser aquele sexo que é eliminado, o Sexo da Morte, Desistente. E os outros dois, que Lacan pensava que eram masculino e feminino, homem e mulher, são o quê? Basta tomar a dica do próprio Lacan e do próprio Freud para ver que o Sexo Inconsistente é o **Regressivo** (R). É Lacan dizendo aquelas bobagens: as mulheres são loucas, a psicose é da ordem do feminino... E temos também a Consistência dos **Estacionários** (E), que são aqueles que sabem exatamente como gozam, a que horas e com o quê.

69. Há uma contradição que se apresenta imediatamente na obra de Freud e Lacan. Se Lacan supunha que as mulheres são meio psicóticas, se Freud achava que as mulheres são meio imorais, e isto se dava por falta de recalque, como se explica a contradição da Inconsistência delas, já que são elas que suspendem o recalque? Segundo Lacan, as mulheres estariam na Inconsistência por suspensão de recalque, por dizerem que não há nenhum que diga *não*, que ponha limite ($\sim\exists x\sim\Phi x$). Mas se o psicótico é aquele que entra na região do HiperRecalque, como se explica isto? Tanto a formulação de Lacan quanto a de Freud saem do mesmo lugar, pois acoplam diretamente dois processos de castração. Para eles, há um processo masculino e um processo feminino de castração: o feminino resultaria na Inconsistência e o masculino na Consistência. Aí é que está a besteira, pois o fato de ser macho ou fêmea não garante que o processo de castração seja este ou aquele. O que garante é: uma resposta ao recalque. Ainda que o feminino fosse dizer *não* à negação, não se pode dizer *não* a uma negação sem dizer *sim* primeiro. É isto que está no fundamento da *Bejahung*. Freud dizia que todos começam menino e que é preciso ser menino para depois virar menina. Ficamos, então, pensando que isto ocorre no histórico libidinal, quando se trata apenas de que, diante do fenômeno da Quebra de Simetria, primeiro há que dizer *sim*, e isto nada tem a ver com menino. Entretanto, nada impede que um neurótico associe as duas coisas. Aí já estamos no regime da

neurose, da estagnação do pensamento, e não no regime estrutural de base. Não há feminino ou masculino a não ser para neurótico, que toma o processo de afirmação e depois o de negação e os estaciona sobre um corpo. Só que quebra a cara, pois pode encontrar o contrário. Os avatares teatrais da Quebra de Simetria no mundo são conteúdos, é algo historial. Por que ficamos presos em Édipos e outras bobagens? O tal Édipo comparece sim, mas não necessariamente.

• P – *Não terá sido um creodo na história da formação do homem no Neolítico?*

Na cabeça de Freud, judeu do século XIX, é creodo, mas não sei se o é para qualquer um. Se houver um único que não tenha entrado aí, o raciocínio está prejudicado. O fato de haver Amãe, Opai, Ofilho não tem relação direta com isto, e sim com a constituição de Poderes.

Temos, então, a afirmação primeira no Sexo Resistente e modalizamos esta resistência, que está por trás de qualquer comportamento ou performance, de duas formas: Consistência e Inconsistência. Mesmo porque é muito difícil nos darmos conta de uma performance no nível do Sexo Resistente. Por isso, fiz questão de hierarquizar não colocando todos no mesmo nível. Os Sexos Originários são somente o Resistente e o Tanático. Não nos damos conta disto porque sempre aparecem como Consistente ou Inconsistente. No entanto, quando perguntamos por que aparecem assim, vemos que, num caso, é o não-todo ($\sim\forall x$) que funciona como sustentáculo da Inconsistência, e, noutro, é o existencial ($\exists x$) que vem como sustentáculo da Consistência. Sempre comparecem assim. É difícil ver alguém colocar diretamente a resistência pura e simples.

• P – *O nível modalizado é o nível da metáfora, então podemos afirmar ou suspender a metáfora. Mas suspender a metáfora, no caso da Inconsistência, não quer dizer que não haja recalque. Então, há um primeiro recalque, que ocorre na Quebra de Simetria, e um segundo que ocorre na modalização. Lacan, erradamente, dizia que psicótico não faz metáfora. Um é postural e o outro é modalizado.*

Quando se modaliza, acrescenta-se conteúdos. Por isso, cai-se na esparrela de macho/fêmea, masculino/feminino. Sempre há conteudização de alguma formação da prática cultural. Mas, fundamentalmente, temos duas posturas sexuais: Desistência ou Resistência. Sendo que Desistência não existe de direito, só de fato. Por exemplo, se alguém morreu, fazemos a suposição de desistência, mas essa pessoa nunca desistiu de nada, apenas morreu. Então, há o fato. Como temos o mau hábito de pensar que o defunto desistiu, deu na bobagem lacaniana de “não abrir mão de seu desejo”. Ora, ninguém abre mão de seu desejo, só defunto. E este, aliás, não o tem, porque parou ali. Ninguém desiste de nada, apenas negocia.

Se formos à última instância, veremos que o Desejo é tanático. ALEI é tanática: Haver quer não-Haver. Muitos têm dificuldade de aceitar quando afirmo – aliás, junto com Freud e com qualquer um que, na psicanálise, tenha pensado – que a Pulsão é destrutiva. É uma idéia que não suportam, pois só pensam em vida, amor, essas coisas. Se bem me lembro, Claude Bernard – nome da rua da Escola Freudiana de Paris, número 69 – já dava uma definição muito precisa para nós do que (biologicamente) é vida: “conjunto das forças que resistem à morte”. Vejam que bom mesmo é a morte que não há. A vida é pura resistência.

- P – *Dizer que se abre mão do desejo parece com dizer que o universo é finito.*

Para dizer que o universo é finito, tenho que estar de fora dele. Ou seja, não é possível na face deste planeta dizer que o universo é finito ou infinito. Isto é indecível e não é pensável. Ou se pensa por dentro ou por fora e, de uma forma ou de outra, estamos em plena ideologia da teoria dos conjuntos.

- P – *Mas estão medindo pela extensão de onda.*

E a extensão da burrice do físico que entrou em jogo? O ponto é: onde está situada sua mente para dizer isto? Dentro ou fora? Qual é a ideologia que está em jogo? É, como disse, a da teoria dos conjuntos. Por isso, não quero saber do verbo Ser e tampouco se o universo é finito ou não. HÁ o Haver.

70. Vejamos agora a crítica que se pode fazer à hipótese lacaniana da forclusão do Nome do Pai. Ela é um fracasso, é impossível forcluir o nome de qualquer

coisa, quanto mais do Pai. Para negar que exista castração, primeiro é preciso aceitá-la. Nem psicótico consegue negar sem aceitar antes. Lacan entrou com o jogo de tentar dizer que a psicose está do lado do feminino porque, para ele, “não existe nenhum que diga *não*” ($\sim \exists x \sim \Phi x$). Isto é que é a tal foracclusão. Só que não existe foracclusão, pois não existe a possibilidade de negar o que não foi afirmado. Ele não diz que foi negado, e sim que foi foracluído, que nem chegou a entrar, mas seu conceito de foracclusão só pode sair do ($\sim \exists x \sim \Phi x$), na medida em que atribui esta loucura ao feminino. Vejam que há um jogo de pelotique nisso.

- P – O *Inconsistente não seria, então, um hiperconsistente?*

O Inconsistente é um cara de pau. Ele sabe muito bem que tem, mas finge que não tem.

71. As línguas que chamamos de naturais – e não me refiro apenas ao uso, mas à sua estrutura completa – são muito pobres. Acabamos de viver um século de volúpia lingüística, de exaltação da língua, mas se não fossem os poetas estarem areando e concertando os cacos de vez em quando, aquilo não diria quase nada. Por exemplo, correlacionar definitivamente a expressividade inconsciente com a linguagem, sobretudo falada, é uma grande besteira da história da psicanálise. Há uma porção de coisas que dizemos de outras maneiras e que a língua não vai lá. Por quê? Lacan já o disse: a língua é puro sintoma. Se não a forçarmos o tempo todo para dizer mais, ela diz pouquíssimo. E raros a forçam. Então, há o aprisionamento lingüístico, inclusive na escuta de consultório. Vejam, por exemplo, algo grave que aconteceu com as línguas ocidentais, pelo menos do indo-europeu para cá (e que dificulta compreendermos o que possa ser ativo e reativo e coisas dessa ordem): o desaparecimento da *voz média* na fala cotidiana, na escrita e em todos os lugares. Aliás, uma das maiores dificuldades para entendermos textos antigos do Ocidente, da China, etc., deve-se à voz média ter desaparecido. Mas, então, como falar daquilo que simplesmente emerge e que não é ativo ou passivo? Estou falando do caso da língua em que, além das possibilidades de dizer: ‘fulano fez isto’ e ‘fizeram isto a fulano’, se diz que ‘isto

se faz’, ‘isto se diz’ (aí não há agente nem paciente). Há um grande esforço de Freud para tentar trazer de volta a voz média, que é fundamental na psicanálise. Lacan faz a tentativa com o *Ça*: *ça pense, ça parle, ça jouit*. Mas, em nossas línguas ocidentais, quando se tenta introduzir a voz média, acaba-se por introduzir o genérico. A língua portuguesa, esta, quando se instalou já havia acabado a voz média no latim. Nunca houve voz média em português e o latim, se teve, foi no indo-europeu.

- P – *A voz média é freqüentemente traduzida por voz passiva. O próprio se, usado para indeterminação, acaba comparecendo na voz passiva.*

Ferreira Gullar tem um poema primoroso: “O mundo se explica por si mesmo”. É uma bobagem, mas de grande precisão, e faz parte da tentativa de voz média. Alguns que pensam sobre esta questão nas línguas ocidentais chegam a dizer, por exemplo, que Aristóteles freqüentemente introduz a voz média arcaica do grego e é traduzido por ativo e passivo por não saberem dizer a voz média, que é estar no exercício da Indiferença entre passivo e ativo. A pobreza da língua, sua estupidez, mostra que há uma porção de coisas que foi banida do dizer. E o poeta percebe, sente e fica se virando para poder dizer, mas não consegue.

- P – *A exclusão não é uma tendência do Ocidente?*

Os lingüistas reclamam que a voz média já está começando a sumir da língua chinesa. Talvez por influência da vocação “toma lá, dá cá” do Ocidente entrando nela.

- P – *A valorização feita pela psicanálise do ato falho, do lapso, etc., poderia, no nível lingüístico, ser tomada como um apontamento para a voz média?*

Não. Ato falho é algo que tem a ver com a dualidade, com a bipolaridade, pois o Inconsciente é bipolar. Aliás, precisamos trabalhar melhor o fato de que há o Transtorno Bipolar na psiquiatria e de que somos impressionados com a bipolaridade das pessoas, quando, na verdade, o espantoso é como conseguimos não ser bipolares o tempo todo. O espontâneo é o bipolar, e devemos perguntar pelo grau de recalque que usamos para não ficar sempre bipolarizando. Talvez

a idéia de Revirão nunca tenha se desenvolvido por esse lado porque certamente há um preconceito em torno de patologia ou de nosologia de achar que bipolaridade é doença. Mas **a bipolaridade é a saúde**. Temos é que saber usar. Há aqueles que não sabem e aqueles que só sabem usar a unipolaridade. Os dois são esquisitos. O bipolar chamado de doente é aquele que escorrega e fica fixado num lado. A saúde seria manipular ao bel prazer a bipolaridade. Vejam, então, a pobreza que é as pessoas pensarem como instrumental o arquivo que têm, mas esse arquivo é estúpido. Muitos livros são escritos e só apresentam porcaria, pois aquilo está aprisionado na carência, ou seja, numa bipolaridade estúpida porque desenhada previamente pela sintomatização da língua. Se não formos poetas, nem do ponto de vista teórico conseguiremos dizer fora disso. O esforço é de sair do aprisionamento lingüístico.

72. O Revirão seria, por exemplo, o exercício efetivo da alternância das vozes. E o que chamo de Ponto Bífido, que foi uma invenção que fiz para sair disso, seria o lugar da voz média, fora da oposição ativo/passivo das vozes. Não se trata de *coincidentia oppositorum*, e sim de simplesmente estar na havência do ato, não interessando se é ativo ou passivo. Então, para entender o que é ser ativo ou reativo, há que entender que, diante da pessoa que está falando, estamos observando uma manifestação e perguntando se essa pessoa está agindo ou está querendo ser agida. Portanto, não se trata da diferença entre agir e ser agido, mas sim entre agir e querer ser agido: a atividade é a mesma. É sempre ativo, não há aí voz média ou passividade de espécie alguma. A dificuldade de entendermos o masoquista é porque a ação parte dele. O sádico quer agir e o masoquista quer ser agido, mas é ele quem quer, o outro não pediu nada. Querer ser agido não é passivo. Para dar conta disto, inventei o nome *reativo*, mas nem ele serve. Como sabem, não existe passivo para o desejo. Ou seja, como eu disse, não existe “abrir mão do desejo”.

73. É preciso sempre lembrar que a dificuldade da suposta Cura de qualquer Morfose é justamente que **qualquer Morfose é satisfatória como forma de**

gozo. Alguns reclamam, mas o gozo é maior que a reclamação. Justo por isso, para gozar por ali, é que a Morfose foi de certo modo produzida pelo morfótico. Ninguém abre mão de seu desejo, simplesmente investe em alguma Morfose. Ele quer evitar certos resultados e certas conseqüências, mas não quer abrir mão da Morfose. É, aliás, o que qualquer um de nós faz. Então, pergunto eu se não é uma imbecilidade pedir a alguém para abrir mão de sua Morfose. Por que motivo ele faria isto? Se não entenderem isto, os analistas pensarão que retiram Morfozes. O que se pode esperar de um tratamento? Que os investimentos, suas quantidades e talvez até as próprias Morfozes fossem, o mais possível, diversificados. Por que ficar numa só quando há outras que são maravilhosas? Jamais vamos sair das morfozes. Podemos sim é sair de sua monotonia. Por isso, o neurótico é o símbolo do doente mental: há estagnação. Quando um morfótico dos mais sérios investe vigorosamente numa formação que lhe permita andar para a frente, esta formação se torna uma paralisia. Ao passo que, quanto mais podemos nos movimentar, às vezes continuamos primordialmente instalados dentro de certa morfose, mas a partir dali damos umas voltinhas. Então, já seremos menos prejudicados.

• P – *A instalação da Morfose diversificada poderia ser pensada como o que Lacan dizia sobre a psicanálise não estar na origem de uma nova perversão no mundo?*

Perversão, no sentido freudiano. Freud disse que a criança está inteiramente disponível. É mentira porque já temos predisposições, genéticas e outras, mas suponhamos que a criança esteja muito mais disponível e, no entanto, aquilo vai-se fechando e a pessoa fica uma besta. Não acredito em tábula rasa ou em criança disponível, pois já viemos com muito recalque de ordem primária. E, além de tentarmos manter a disponibilidade secundária, ainda há que usar o Secundário para lutar contra as pressões recalcentes do Primário. Então, procurar por essa pessoa maravilhosa, é difícil. Não só – tal qual Diógenes, como um boboca, ficava de lanterna procurando – não achamos, como produzi-la é impossível. Podemos apenas ampliar o leque.

Não esquecer também que não existe ninguém que encontre modos de situação e formas de expressão que estejam fora da lista dos Patemas. Portanto, não esquecer que as formações sociais, políticas, teóricas, artísticas, intelectuais, religiosas, amorosas, etc., são necessariamente Morfoses. Toda vez que alguma formação quer se dizer A libertadora, é mentira. Ela é a pior.

74. • P – *Você abriu sua fala colocando a questão da Formação do Analista, a qual passa pelas implicações apontadas hoje.*

Como disse, é preciso conversar mais seriamente sobre isto, inclusive em nossas Oficinas Clínicas. Faço a e insisto na acusação de que nossa formação é da pior qualidade, não só a intelectual, mas também a analítica. Por isso, a toda hora vemos efeitos esquisitíssimos nas instituições ditas analíticas. É efeito de ter aparecido na história da psicanálise coisas como alguém se formar analista fazendo análise uma vez por semana. Isto não existe, pois há um ritmo de trabalho que não pode ser esse. Vemos as pessoas com reações de quem nunca foi a uma única sessão de análise. Não há o mínimo do que se espera de uma pessoa que supostamente terá passado por certa experiência. Esse tipo de reação não deveria comparecer, não é adequado a quem tem a Formação: é muito cru, ainda está num nível de jardim de infância. O grau de referência, de *parti pris*, das formações de ego é grande demais para ser alguém que se possa dizer analista. Não se tem idéia de que analista vive a perigo. Ele está tão no nível das abstrações, que precisa fazer esforço para se cuidar, se não, se ferra. Não pode ser essa coisa animalesca que vemos a cada momento surgir como reação das pessoas. É neo-etológico, é animal demais para se chamar isso de analista. É necessária a criação de um hábito mental em que é preciso, como disse, fazer o trabalho contrário e não esquecer de lembrar a toda hora que o mundo é imbecil. Lacan dizia que, para ser um bom analista, há que ser psicótico e que ele não se sentia suficientemente psicótico. Por que dizia esta bobagem? A fase da história da Europa, com Lacan dizendo isso e Deleuze que a esquizofrenia é salvadora, acabou. Não se trata de psicose, e sim de que, se freqüentamos níveis altíssimos de pensamento e abstração, há que ter o cuidado ao contrário do imbecil. Cuidado de que, quando se desce para falar com a ralé,

é preciso lembrar que ela morde. Pensem numa pessoa que trabalha em níveis refinadíssimos, um grande artista. Quando ela vem para o mundo, fica meio mal adaptada. É o Albatroz de Baudelaire. Qual seria o nível refinado do psicanalista?

Não posso acreditar que haja Formação de Analista quando, na instituição, a primeira reação é de animal. Ficamos esperando que as pessoas tenham noção de que o discurso é difícil, mas, em vez disso, vem aquela volúpia do macaco. Pergunto: a partir de que momento a pessoa é minimamente conversável? Poder-se colocar algo diante dela e ela ter uma suspensão mínima de saída (e não depois)? Imaginem a cabeça de um menininho ou de uma menininha que, desavisadamente, saiu completamente analfabeta de uma escola secundária péssima e fez um vestibular que é classificatório, indo parar na faculdade de psicologia onde falam de Lacan. O que é uma pessoa dessas, que vai terminar a faculdade só ouvindo falar de um tal de Lacan, escutando besteiras e repetindo frases? Estou falando da formação intelectual, pois da analítica nem se fala. Vamos supor que seja possível conduzir o percurso analítico de um analfabeto. Pensava-se assim na Escola de Lacan, tanto é que vários textos foram publicados sobre pessoas que analisavam empregadas domésticas, as quais viravam como que analistas de seu grupo. Este é um percurso analítico possível, embora eu veja acontecer muito pouco. Outra coisa, é alguém se profissionalizar e ainda dizer coisas a respeito da análise. Para isto, é preciso ter algum conteúdo para elaborar, se não, não é possível. Então, do ponto de vista intelectual, as pessoas são analfabetas, e, do ponto de vista analítico, deram dois passos e pararam. O que se faz com isto?

11/OUT

75. Antes de prosseguir, quero fazer dois parênteses sobre questões e comentários que devem interessar a todos. O primeiro é a respeito de uma bobagem publicada no jornal: “Genes determinam a identidade sexual – Para

pesquisadores não há opção”. Certamente, é besteiro de jornalista. Duvido que cientistas, com todas as pesquisas que realizam, tenham dito isto. Não adianta pesquisar ratos e dizer que gente é assim. Embora muitos sejam ratos, não conheço nenhum rato que seja gente. É preciso desfazer esses mal-entendidos grotescos, pois as pessoas acreditam. Analisando e outros, até da nossa área, vêm me perguntar sobre essas tolices. Ficam sem saber se são ratos ou gente... Se há Secundário e Revirão, isso não é determinante. Em termos de comportamento, o que é da ordem do genético é apenas sugestão ou predisposição, se é que podemos supor que haja uma facilitação aí.

76. O outro parêntese se refere não só à reiterada presença desse indivíduo e desse nome aqui nas paradas da província, como também a isto se tornar questão. Refiro-me ao famigerado Jacques Derrida, que virou moda no Brasil. Algumas pessoas, comentando uma reportagem de jornal, fizeram a observação – que não é de se jogar fora, aliás – de que ele teria coisas tão parecidas com as minhas. Mas quem não tem coisas parecidas com as minhas?! Basta procurar... Fico perplexo com a insistência na importação francesa no Brasil do que já foi vomitado no mundo inteiro. Nos EUA, o próprio Derrida valeu na área da literatura nas décadas de 60 e 70, depois os americanos entraram em outra. Dá a impressão também de uma birra de lacanianos. Ex-lacanianos, magoados com Lacan ou com sua descendência, mas que não conseguem deixar de ser franceses (têm este mau gosto), mudaram para Derrida. Sabe-se que os dois, Lacan e Derrida, viveram às turras, ainda que com elegância – o que faz sentido, até do ponto de vista religioso. Derrida, com todo respeito, pois é um pensador importante, é uma espécie de Heidegger dos pobres. Os pobres são os franceses, já que em filosofia os ricos são os alemães. Confesso a vocês que tenho toda (ou quase toda) a obra de Derrida, sei quem ele é, conheço as bases de seu pensamento e a fofoca francesa em que ele está metido, mas nunca parei para estudá-lo ponto a ponto e nem pretendo fazê-lo agora. Mesmo porque o acho chato. Já estudei francês demais e essa literatice me enjoou. E ele, com sua escrita, é um dos promotores dessa literatice no mundo.

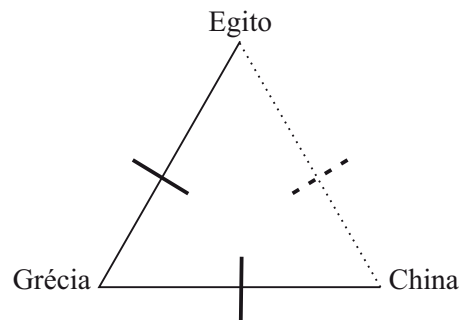
Derrida deve ter uns 73 anos. Foi estudante da École Normale. A coisa começou com ele lá, aluno de Foucault, e com a herança heideggeriana de colocar em exercício certa promessa de superação da metafísica – o que é um problema típico de Heidegger, pois outros filósofos não têm esta questão. As denúncias de Derrida foram da maior importância. Ele começou a implicar diretamente com Foucault e Lacan. Foucault, ele desacatou em público, o que criou grande mal-estar. Anos depois, Foucault – que, muito elegante, nunca dissera nada – respondeu por escrito e muito bem. Acho mesmo que era Foucault quem tinha razão. Derrida, como um desses garotos que querem porque querem aparecer e ser famosos, era também implicante com Lacan em função da crítica do logocentrismo e do falocentrismo que desconfiava estar em pleno vigor em seu pensamento. Concorro com isto, mas acho estranho, ao mesmo tempo que perfeitamente concebível, o veio que tomou para fazer sua contestação e colocar outra posição no mundo – a qual até venceu de diversos modos. Ao criticar o logocentrismo e o fonema, tomou partido da *escrita* em contraposição à fala (aliás, é irritante a mania de brasileiro traduzir *écriture* por ‘escritura’, quando significa ‘escrita’ em português).

Seu pensamento é denso, e não é de brincadeira. Estou fazendo certa gozação pelo besteiro que se faz em volta dele. Vêm aí (de novo) os Estragos Gerais da Psicanálise, e lá está Derrida. Como não conseguem tomar outro tipo de pensamento, até que não fosse francês, usam-no para contrapor ao lacanismo. Ora, isso é briga entre franceses, sobretudo briga de judeus. É preciso entender isto, pois pode parecer que se está fazendo uma denúncia, mas observem que só há judeus de um lado e de outro brigando pela hegemonia entre eles. É nesta disputa que tomam Derrida. Os lacanianos, por um lado, têm até razão e condições teóricas para continuar no páreo e tentar derrubar a Gramatologia do rapaz, mas, por outro, a adesão a Derrida se deve às denúncias importantes que faz. No entanto, a referência à escrita é muito fraca. Desde aquela época, quando estudei Deleuze, Foucault, etc., e Derrida, eu me perguntava se, afinal de contas, acrescenta substituir a fala pela escrita. Faz diferença apoiar-se no valor de possibilidade de historicização, por exemplo, da escrita, como se isto não pudesse ser concebido no campo da fala?

Há também outra coisa de que não gosto. Toda vez que Derrida é convocado a explicar sua diferença, até explosiva e implicate, faz referência à sua própria constituição sintomática. Ele é judeu como os outros – qual seria a diferença? –, mas como é nascido na Argélia, onde não há dominância judaica, então se diz uma pessoa desgarrada, descentrada, sem raízes desde criança. É um bocadinho difícil engolir isto, ainda mais na Argélia. Minha pergunta é sobre esse menino judeu, desgarrado que fosse da sintomática judaica dentro da Argélia, por mais que fosse francês oficialmente e até por adoção cultural: qual é o sintoma que corre dentro daquela infância? Justamente este, o da *escrita*. Chama-se: *Corão*. Ninguém diz isto a respeito dele. Estou dizendo já há algum tempo que o sintoma que corre ali é corânico. Ele se faz de desenraizado, mas a resultante que vem bater na vontade de consecução por via da escrita é nitidamente islâmica, é um sintoma islâmico. Não estou dizendo que ele não possa fazer isto. Se Lacan é cristão, por que ele não pode ser islâmico? Estou dizendo que isso vem infectado da mesma ordem egípcia, judaica, etc., que venho denunciando como algo de que temos que nos desfazer. Então, parece que esse bando está fazendo, dentro da psicanálise, um ecumenismo que é judeu, cristão e islâmico. Podem fazer, mas entendamos que são da mesma ordem.

Esclareço estas coisas para não mais me dizerem que é parecido comigo. Alguns conteúdos, algumas posturas em relação a pequenas coisas não podiam não ser, já que é parecido para todos que estão na mesma guerra no mundo contemporâneo. Mas não me confundam com essa posição, pois não entenderão nada do que proponho. Se fosse a mesma coisa, estaria perdendo meu tempo. Seria melhor estudar Derrida. Aliás, recomendo que façam isto, pois é preciso saber com quem estamos lidando.

77. Vejam que há uma grande pressão sintomática no pensamento que qualquer um produza e que essas coisas não nos largam, estão coladas em nossa pele. Mas é preciso fazer o reconhecimento da sintomática. Então, para situar minha posição, apresento agora um **Triângulo de Culturas**, que pode nos dar uma boa informação sobre o que acontece:



Se considerarmos a distinção entre Egito e Grécia, encontraremos o que é trabalhado por Nayla Farouki em seu livro *La Foi et la Raison: Histoire d'un Malentendu* (Paris: Flammarion, 1996). Em cima do Mediterrâneo, passando uma barreira no meio, está a suposta oposição entre Fé e Razão, que ela quer demonstrar que, na verdade, são duas *Razões*. E não apenas isto, que são duas razões que podiam ter um casamento perfeito – como vieram a ter depois. Então, o percurso passa pelo judaísmo, bate no cristianismo, tem São Paulo, Roma, Agostinho e depois Tomás de Aquino, realizando, apesar da oposição, o casamento perfeito do Egito com a Grécia. A oposição seguinte, Grécia/China, é aquela trabalhada por François Jullien. Eu a tenho trazido com mais veemência do que a entre Egito/Grécia, pois acho que devemos prestar bastante atenção nela. Quanto à terceira oposição, China/Egito, pelo menos no momento não estou sabendo situá-la. Talvez ela vá eclodir em breve.

Estas razões estão sendo impulsionadas umas pelas outras e produzindo o re-questionamento das diferenças entre Egito e Grécia, e entre Grécia e China. É preciso fazer o levantamento delas, e mesmo produzir seu diálogo. Isto, em função da globalização do pensamento – que é algo também sujeito à globalização –, do acirramento das disputas, dos fundamentalismos em reação ao vigor da diferença, pois há questões fundamentais (religiosas, filosóficas, tecnológicas, científicas) exigindo que estas razões sejam retomadas para a correção recíproca, quem sabe, de suas posições. Não me ocorre nada em

relação à oposição China/Egito, mas a questão virá em breve por via de guerra de interesses ideológico e econômico. Será o grande conflito de América e China no futuro. Há muitos autores trabalhando nisto, tanto nos EUA quanto na China, mas não fazendo o levantamento da ordem da razão que está em jogo. O penúltimo presidente de lá, Jiang Zemin, escreveu um volume grosso que ainda não tive tempo de ler, *Reforma e Construção da China* (São Paulo: Record, 2002, 588p.).

• P – *A diferença entre China e Egito não seria mais ou menos a mesma que há entre China e Grécia?*

Não. Embora esse Egito, que vai bater de frente com a China, já esteja misturado com a Grécia lá na ordem americana – inclusive é cristão e protestante –, o confronto entre China e Grécia é mais fácil de produzir movimento de assimilação.

• P – *Entre China e Grécia haveria mais assimilação e sincretismo do que entre China e Egito?*

É o que fico procurando na obra de François Jullien. Ele quer fazer o mesmo que todos (eu, Derrida, etc.): resolver a questão da oposição e saltar fora de determinada ordem. Em seu estudo da China e do confronto Grécia/China, ele se esforça para distinguir claramente as duas posições. Isto para fazer o diálogo delas antes que seja tarde. É uma coisa que acho muito boa de ser assimilada (e tenho assimilado) pela psicanálise, pois as duas posições mais importantes e características do mundo contemporâneo são Grécia e China. É verdade que a Grécia de que estou falando é misturada com aquele Egito também, mas na hora de se falar de posições de certo fundamentalismo cultural, a guerra é entre Egito e China. O que do Ocidente quer confrontar a China é da ordem do fundamentalismo cristão, e não da resultante intelectual do cristianismo da Grécia com o Egito.

• P – *Nayla Farouki discerne uma Razão Semita e uma Razão Grega, ou seja, uma Razão do Transcendente e uma Razão do Transcendental. Para Jullien, uma Razão Transcendental é uma Razão Imanente, portanto grega,*

por oposição a um outro tipo de imanência, chinesa. Então, se seguimos estas duas referências, resulta que a oposição, que você chamou de fundamentalismo, é entre a ordem de uma razão transcendente e o imanentismo oriental.

A guerra violenta é do Imanentismo oriental, que é de uma pragmática radical, em confronto com o Transcendente. Transar no regime do transcendental é fácil. Há a filosofia, Espinosa, Deleuze, imanências com as quais a razão transcendental conversa. Mas quando baterem de frente o imanentismo chinês e o transcendente egípcio, vai ficar difícil.

78. Observem que não há lugar para Derrida nessa ordem de razões. Como sabem, ele é uma espécie de tentativa de cruzamento de Heidegger com Freud. Nesse cruzamento, com sua crítica e disputa em relação ao verbal, e no confronto com a linhagem Freud-Lacan, é que ele surgiu com a questão da escrita. Na verdade, a oposição de Derrida é entre Egito, em sua pureza judaica, etc., e Árabes. É uma oposição interna. Como sua origem é filosófica, poderíamos dizer que ele continua mais ou menos entre Grécia e Egito, tomando a crítica de Maomé à ordem da fala e da figuração. Isto, que eu saiba, não está dito assim em nenhum livro seu. Qual é o confronto de Maomé (que cabe muito bem dentro de toda a linhagem abraâmica)? O confronto à imagem e à fala, onde só vale o escrito. É a ordem do bicheiro.

• P – *Mas é o escrito como lógica, como processo de diferenciação, de traços...*

O que há de contraste e de posição contra os demais abraâmicos na Arte Islâmica é a escrita como geradora da forma. No Ocidente, por volta de 1970, houve um ressurgimento nas artes plásticas da questão de eliminar a figura, não pela abstração, e sim pelo grafismo da *écriture*, como diziam os franceses. Mas não estou falando das justificativas freudianas que Derrida deu ou não para isso, e sim sobre de onde suponho que ele tenha pego o culturema. A meu ver, foi da ordem islâmica de sua infância. E duas coisas fundamentais,

nessa ordem, que o encantaram demais foram a escrita e a geometria. Sua perplexidade inicial foi com a geometria, orientada naquele tempo pela cabeça de Husserl, de quem traduziu e comentou *L'Origine de la Géométrie* (Paris: PUF, 1962).

Mostro essas coisas para tentar situar qual é o meu problema, e não minha solução. Derrida tem uma briga interna à filosofia: é briga de grego. Embora a briga de Jullien também seja de grego, salta mais longe do que a dele, pois vai buscar uma diferença a meu ver mais qualificada para questionar. Derrida briga de perto, com uma sintomática, até histórica, da Argélia contra a França. Pensem naquele francês argelino acusando os franceses de colonizadores, denunciando que está tudo errado. É uma briga até bonita, mas me dá a impressão de que o sintominha, a inspiração cultural no fundo, é a briga entre colonizados e colonizadores. Imaginem Derrida dentro da École Normale atacando Foucault, xingando Lacan e lembrem da guerra da Argélia nessa época, etc. É normal acontecer isto, pois há que buscar o sintoma em algum lugar.

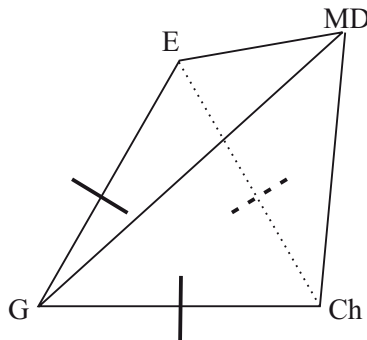
- P – *Ele é judeu argelino, o que significa ter vivido num gueto que, na Argélia, sofreu por todos os lados.*

Ele se considera desgarrado, dada a falta de presença contundente dos judeus na Argélia, e se aproveita disto para se declarar desenraizado. Por isso, lembro que sua infância e sua formação ocorrem dentro daquele mundo islâmico, que corrói até um judeu...

- P – *Ele sofreu muito quando chegou na França, teve depressão, crise...*

Derrida tem muita crise de fronteira... Uma vez foi preso na fronteira, por estar com a cara cheia e os bolsos também de cocaína. Lembro-me disto de quando saiu nos jornais.

79. Tento constituir meu lugar como de um **Tetraedro Cultural**. Por isso, além de uma pequena conversa, não quero compromisso com nenhum dos lados do Triângulo das Culturas que lhes apresentei acima. Assim, levanto o Quarto vértice:



Vejam onde me viro para me situar (se consigo bem ou mal, é outra história). Então, por favor não me confundam com judeu preocupado com essas diatribes mais ou menos internas ao *Pentateuco* em sua disputa com o *Novo Testamento* e em sua disputa com o *Corão*. Estou fora! É claro que tudo isto entra como ingrediente sintomático em minha vida, mas meu desgarramento parece ser um pouco maior. Acho que procurar soluções contemporâneas para todas essas questões – envolvidas na filosofia, na psicanálise ou na religião, que são campos radicalmente diferentes – é buscar um lugar que seja fora. Notem que fiz a mesma figura que faço quando construo a idéia de Consciência [Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; *Clínica da Razão Prática*. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003, pp. 95-116]. Nos tempos de hoje, tomar consciência dessa ordem sintomática e desse conflito, poder dizer alguma coisa que ao mesmo tempo inclua e escape dessas sintomáticas, é procurar um lugar externo. É o que todos têm procurado. Derrida procura uma externalidade que ele garante estar na posição da escrita em relação à fala e coisas dessa ordem. Jullien procura uma externalidade em relação à Grécia, que vai buscar na China. Estou procurando uma externalidade que esteja fora desse triângulo infernal que é o tripé cultural do mundo hoje: Grécia, Egito e China.

80. Já lhes disse que Psicanálise é Arreligião. O que é substrato e Fé no plano religioso permanece na psicanálise, só que ela tenta saltar fora das configurações

culturais que se deram a esse substrato e à fé. Derrida, por exemplo, vai buscar no mesmo Freud em que Lacan foi buscar para dialogar com o estruturalismo e o neo-estruturalismo e dar outras concepções. Por exemplo, as idéias de *escrita* e de *desconstrução*. Repito que o nome desta última, em grego, é: *analysis*. Ele tem o mérito de fazer a radicalização de algo da posição de Freud que não fora levado em muita conta por toda a história da psicanálise: a análise – mas como não quer compromisso com a psicanálise, ele se apropria e insere este aparelho na estrutura de sua filosofia. No entanto, ele (como todo filósofo) tem uma vontade de terapia e preconiza que o movimento da filosofia (sua ou da filosofia *tout court*) no mundo tem que passar por um período de afirmação do contrário. Isto é meritório e até serve à visada de meu Tetraedro, como também me é útil o confronto China/Grécia. Assim, a terapia de Derrida passa no meu consultório, não porque é de Derrida, e sim porque é um pedaço da minha. Ou seja, no que estamos diante do procedimento de Revirão como fundamento do movimento do psiquismo, todos os processos recalcentes anularam um pedaço. Por isso, acho meritório ele implicar com todos para mostrar que, dentro do texto que tomam como analítico e libertário, há um processo de recalque que não deixa falar o outro lado que ali está embutido.

Além disso, uma das técnicas, digamos, curativas de Derrida para o mundo é dar força para o lado que está recalcado. Desde a *Gramatologia*, sua questão é desrecalcar e afirmar o oposto. Como ele é inteligente, esta fase – que estou chamando de terapêutica – é primeira e tem que ser superada. Assim, se há o recalque, é preciso, dentro da ordem supostamente desrecalcante, apontar o recalque que ela própria produz, e depois reforçar o lado recalcado. E ele sabe que a tentativa de superação não é simplesmente passar daqui para ali, o que seria trocar seis por meia dúzia, e sim, de algum modo, produzir uma superação disso. Para mim, trata-se de partir para a *Indiferenciação* dos dois campos e para o uso *ad hoc* de qualquer deles. A intenção de Derrida é mais filosófica ou francesa. Seu deslocamento é aquele mesmo que ocorre quando digo que, no acontecimento da HiperDeterminação, algo se desvela e se recoloca, mas, nele, pára aí porque dá muita atenção ao deslocamento, que é puramente

circunstancial. O que importa para nós é sustentar a HiperDeterminação. Por isso coloco minha posição no quarto vértice do Tetraedro Cultural. E mais, não confundir o Derrida propriamente dito com a tentativa de lê-lo através do que fiz. São coisas muito diferentes, pois eu o estou lendo através do escopo que apresentei. Quando dizem que ele é parecido comigo, é preciso ter em mente que só é parecido depois que eu disse. Há que lembrar disto, pois alguns acham que é parecido de nascença, quando o estão lendo através de uma chave que mostrei.

- P – *A diferença é a referência que você faz ao lugar de Indiferenciação. Derrida não consegue encontrar este lugar fora do movimento, pois para ele não há um 'fora'. É o próprio movimento que mostra isto.*

Também, para mim, não há o 'fora', mas ele, como está aprisionado à filosofia ocidental, tem que ter um cuidado enorme aí. Fico mais à vontade, por não ser filósofo e poder dizer que, se há Revirão, se há o Terceiro Lugar, se há até a referência possível ao não-Haver (que não há), embora ninguém vá lá, esta estrutura pode ser mantida como referência. Ela também só existe e funciona no movimento, no entanto, a Indiferença é a referência. Derrida evita ser místico...

- P – *Ele coloca os indecíveis como ponto extremo do processo de reversão e de disseminação.*

Os *Indecíveis* de Derrida foram buscados no mesmo lugar onde busquei meus *Indiferentes*: nas palavras com sentido antitético, de Freud. Vejam que está tudo em Freud. Na década de 60, minha geração estava lá para ver que ele não quis citar os termos de Freud e começou com o *phármakon*, de Platão, como texto fundamental. Hoje, as pessoas pegam o bloco e o comentário filosófico a respeito dele, mas não foi assim que nós, acuados que estávamos por estas emergências, o pegamos. Por outro lado, tenho uma porção de coisas contra mim: sou brasileiro, perdido neste paraíso do pensamento subalterno, onde dizer alguma coisa que não seja pensamento de lá é nada. Não só não se tem retorno quando se começa a pensar, como as circunstâncias são muito diferentes, o que torna difícil estar *pari passu* e ser ouvido. Assim, embora

estivéssemos na mesma luta intelectual, minha luta era num país em que, para dizer algo, há que provar que algum Derrida garante. As tentativas aqui são cansadas, empobrecidas, difíceis de serem levadas adiante.

81. Naquela época, havia a guerra entre Saussure, Hjelmslev e o pessoal não-continental, pelo menos da lingüística inglesa. Começam a proliferar em torno do núcleo francês – pois o lado não-continental estava em outra – pensamentos como o de Derrida, que, em termos de linguagem, saiu da *Glossemática*, de Hjelmslev. Vocês não estudam mais estas coisas, mas até 1980 a universidade ainda transmitia Saussure, Hjelmslev, Jakobson, Émile Benveniste. Este, aliás, era um sofredor. Só a muito custo perceberam que era grande. Mas é ainda alguém apaixonado pelo Sujeito.

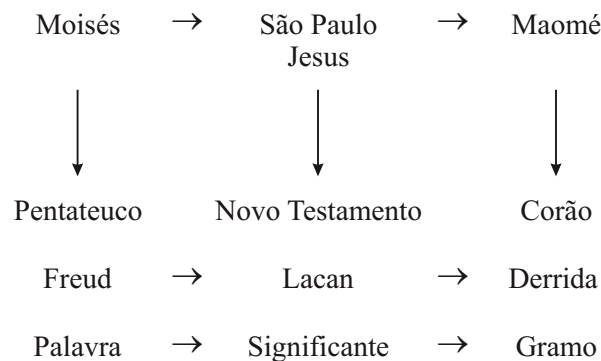
- P – *É de Benveniste que vem a idéia de enunciação.*

Com a idéia de *enunciação*, subverteu Julia Kristeva, que subverteu Roland Barthes, seu professor: “Oba! Pintou o Sujeito!” Kristeva, que pertence à minha geração, foi quem trouxe o formalismo russo para França. Barthes fica com o maior tesão e muda completamente sua obra. Tudo isso em torno da briga de tentar-se auscultar um Sujeito para além da mera formalização. Neste ponto, Kristeva vai bater de frente com Lacan, mesmo sendo lacaniana. Era esta a futrica que havia na França, pela qual passamos e de que, hoje, temos apenas o estudo do anedótico do que lá aconteceu. Kristeva, por exemplo, inventou a tal *Paragramática* sobre a ressurgência do Sujeito. Se procurarem num texto meu da época, *Senso Contra Censo* (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977), verão que, em contraposição e já no faro do que estou dizendo hoje, tentei colocar a idéia de uma *Semasiologia*, que nunca pude desenvolver direito por falta de fôlego, e mesmo porque ninguém nos escuta no Brasil. Hoje, podemos ter melhor desenvolvimento, pois não é senão entendermos tudo na base de vetores do Primário e do Secundário.

- P – *Nessa época, no artigo O Shifter e o Dichter, trabalhando a questão da enunciação na perspectiva freudiana, você traz a idéia de Sujeito da Denúncia, que vai ter um importante desenvolvimento em sua obra.*

Meu estudo e minha tentativa naquela época estão perfeitamente dentro deste contexto. Talvez esteja embutida na *Semasionomia* a primeira vetorialização do sentido e da significação – o que poderia resultar, se bem desenvolvido, numa **Psiconomia** como arte de governar ou pilotar. Como sabem, em grego, ‘piloto’ é *kubernétes*.

82. Vejam o seguinte esquema:



O único Jesus que existiu chama-se: São Paulo. Lembro-me da briga, que não é do tempo de vocês, entre Gustavo Corção e Alceu de Amoroso Lima, dois catolicões. Aí Nelson Rodrigues publica no jornal que “o verdadeiro Gustavo Corção é Alceu Amoroso Lima”. É igualzinho, o verdadeiro Jesus é São Paulo... Na série seguinte, temos o Pentateuco, o chamado Novo Testamento e o Corão. A influência disso é muito forte em todos. No Pentateuco, temos Freud; no Novo Testamento, Lacan; e no Corão, Derrida. Eu, ou estou em todas ou em nenhuma: “Tô nem aí!” – não sou judeu nem cristão nem islâmico. Na última série do esquema, temos a Palavra (de Deus); o Significante, que, em Lacan, está preso demais à palavra, mas que Derrida supõe erradamente estar preso definitivamente a ela, quando é meio a meio; e o Gramo, o grafema. É preciso entender que sempre estamos metidos na sintomática que está distribuída para nós. Todos se debatem e, por vias as mais diversas, tentam dar conta dela. Hoje, “dar conta” é procurar um ponto fora disso tudo. É como em

Arquimedes: “Se me derem um ponto fora do Universo, movo o mundo”. Eu também! Só que, para mim, o ponto fora é **conjetural**, pois tenho que construí-lo. Não sei garantir que esteja pronto para ser oferecido, então está em construção. Para dizer que não está ainda no regime da conjetura, teria que tê-lo constituído, e acho, pelo menos, pretensioso dizer que já o tenho.

Se falo em Derrida, é para ver se o mal-entendido se desfaz, mas não quero compromisso nem proximidade com essa gente, pois atrapalha meu desenvolvimento. É como Freud, que não queria ler Nietzsche – o qual, aliás, é autor do Novíssimo Testamento, que se intitula *Zaratustra*, mas isto é outra história... Derrida procura sua “exterioridade em relação à totalidade da época logocêntrica”. Esta frase está na *Gramatologia* e apenas o situa, como Maomé, fora do logocentrismo judeu-cristão, mas o mantém fiel ao interpretacionismo hermenêutico do texto, ainda vinculado à vertente egípcia da Razão. A exterioridade que procuro é de cepa radicalmente fora do circuito grego-egípcio. O que se analisa – isto é, se desconstrói, na linguagem dele – não se remete ao fonema ou ao grafema, mas às formações e seus vetores, sejam quais forem estas formações – não é preciso batizá-las pela via fonética ou pela via grâmica –, e sem interpretação de espécie alguma, apenas confrontação. Não quero saber de interpretação, só de conflito. A vontade de interpretação ainda e sempre se remete à Palavra e/ou ao Ditado divinos. Falo em Ditado porque, no caso do grafema, a origem sintomática do texto corânico é que há um intermediário, um secretário de Deus – o qual, aliás, só pode ser psicótico – que passou a limpo não a Palavra, e sim o Ditado de Deus: Maomé. O que é escamoteado é que ele *escutou*. Mas ele tampouco dizia que escutou, então, é como se fosse uma transmissão de pensamento, uma espécie de transubstanciação de Deus na escrita de Maomé. É uma psicografia... O pensamento divino é transubstancializado em escrita corânica. Quando Derrida estudava na École Normale estava em moda o estudo da Gramatologia. Como sabem, este não é um termo dele, já existia como história do entendimento da escrita.

A denúncia de Derrida é de que a palavra independe de escrita. Como o que teríamos é a oralidade memorializada, etc., ele toma a idéia de *Bahnung*, em

Freud, para demonstrar que aí existe uma escrita. No que tem toda razão, pois, se há um trilhamento cerebral, foi inscrito. Mas, de minha posição no vértice de cima do Tetraedro Cultural, posso olhar para os três de baixo e dizer que é besteira, pois **a tecnologia destruiu a fronteira entre fala e escrita**. Tanto é que Derrida parou de insistir nesse negócio de escrita, está em outra. Então, de meu ponto de vista, o que interessa alguém querer superar a metafísica? Estou me lixando para ela, mas não porque não tenha valor e não seja a história e a influência que há sobre mim como há sobre todos. Derrida diz que a superação da metafísica pedida por Heidegger é inconsecutível, não é possível superá-la, e cabe apenas eternamente passar o resto do tempo a dissolvê-la. Ele quebrou a cara, pois a tecnologia de hoje está desmanchando a fronteira entre física e metafísica.

• P – *Um Maomé que surgisse hoje se utilizaria da hipermídia para grafar sua experiência com Deus...*

Ou, se não, pediriam a ele a gravação da fala do “Homem”. Ele ia se ferrar, pois a gravação, que é uma inscrição, seria tratada como fala audível.

É preciso considerar que Derrida nasceu em 1930 e eu em 1938. Parece nada, mas é um grande *gap*, inclusive geracional. Ele tem essa história, essa sintomática e embarcou onde tinha que embarcar. Eu, com retardo ou com precocidade (tanto faz), já embarquei na que está chegando. Como não sou filósofo, não quero ser e não gosto disso, o que faço é meter a mão no que filósofo faz. Isto é apropriação, que faço a hora que quiser. Não me interessa, portanto, a questão da metafísica ou de sua superação, e sim o que desmancha a fronteira entre física e metafísica. Ou seja, o caderninho de Aristóteles – μετα τα φυσικά (como era chamado o caderninho que vinha depois) – é uma questão de colocação no arquivo. O que tenho a ver com o fato de ele ser pobre e não ter computador? Digo essas heresias, pois o mundo dá passos e não podemos mais discutir do mesmo jeito. Outro dia, abri a *Introdução à Metafísica*, de Heidegger, que havia lido em 1967, e lá estava a primeira frase, na tradução de Emmanuel Carneiro Leão: “Por que há simplesmente o ente e não antes o Nada?” Esta é a questão fundamental da filosofia, enquanto

metafísica. Já estudei e acreditei naquilo, fiz tudo direitinho, mas hoje digo que a questão não é saber por que há simplesmente o ente e não antes o Nada, e sim saber o que é e como funciona a imbecilidade que coloca uma pergunta dessas. Por isso, alguns heideggerianos bêbados já quiseram me derrubar. A questão é de imbecilidade, no sentido nietzscheano. Trata-se, sim, de entender como acontece de alguém se colocar uma pergunta dessas. Vejam que mudou o rumo da questão. É imbecilidade porque pergunta como se estivesse de fora. Se ainda fosse uma referência, não de fora, mas a uma Indiferenciação, poderíamos dizer: Haver ou não-Haver, que se danem, dá no mesmo. Mas perguntar “por que há o ente e não antes o Nada” é coisa de doido ou de débil mental. Coitadinho do Heidegger. E quando eu disse que ele é um grande poeta – ainda que colando descaradamente de Angelus Silesius –, certas mulheres quiseram jogar cadeiras em mim. Por quê, se ainda livre a cara do rapaz?

• P – *Sobre essa questão inicial de Heidegger, qual é o caroço sintomático que coloca uma extrema defesa diante do simples reconhecimento da experiência?*

São mecanismos defensivos do quê? Do fato de que o não-Haver não há e de que Morte não há. Quando Heidegger faz essa pergunta imbecil, ele se supõe morto. Ou seja, para ele a Morte há e ele fala de fora. Indecidível mesmo é isto. Então, como é que alguém faz uma pergunta dessas? Como é que, depois de repetir três vezes, não lhe ocorre que falar isto é mancada? Fico perplexo, não sei se sou eu que sou maluco ou se é ele que é imbecil. Pode ser indecidível...

83. Precisei fazer este parêntese hoje porque a questão é política no momento. Temos Derrida virando coisa importante dentro do Brasil, sendo bandeira de um movimento de psicanalistas que acho da pior qualidade. Não podemos aceitar que, num triunvirato judeu, nos achem com essa figura. Tenho que dizer que nada tenho com isto – e este foi o primeiro motivo de, quando lá chamado, responder que não entraria nessa coisa de Estragos Gerais. Aliás, eles quererem, por exemplo, que o pessoal de Jacques-Alain Miller entrasse nessa, é ingenuidade.

Eles, como lacanianos, não podem entrar num movimento com bandeira de Derrida, seria *fake*.

[Adendo: Resposta a Chaim Samuel Katz e a quem mais possa interessar sobre participação nos ditos Estados Gerais da Psicanálise. Rio, Agosto de 2001:

Prezado Chaim: Como veio diretamente de você o convite para minha participação (juntamente com os do grupo em que colaboro), peço-lhe encarecidamente que considere esta minha resposta com os cinco pontos abaixo e a transmita por favor a quem possa ingressar nessa missão.

1. Como já informei pessoalmente naquela primeira reunião em Copacabana, nosso grupo de operações já está envolvido com projetos de difícil realização por pelo menos três anos. O que nos impossibilita de qualquer participação em termos de produção do evento por vocês sugerido, dada a simples limitação da força de trabalho.

2. Em caso de realização do evento, alguns de nossos companheiros podem querer participar (estão livres para isto), em nome próprio – seja como observadores, seja como expositores –, dependendo da equidade do tratamento a cada uma e todas das apostas em curso ali arroladas. Aguardamos informações.

3. Contudo, pessoalmente não tenho motivos para acreditar que haja algum anseio de troca-troca de visões e opiniões como se declara. Em várias oportunidades (para as quais você próprio tem sido sempre convidado: falar para nosso público, comparecer a reuniões de tentativas de diálogo) – as coisas não se movem em continuidade e a reciprocidade é praticamente zero. Acontece até mesmo de, quando alguns dos nossos comparecem, mesmo convidados a falar, a eventos realizados por outros grupos amigos ou neutros, esses tais “sujeitos ávidos de diálogo” chegam mesmo a se retirar acintosamente, antes ainda de qualquer exposição. Assim sendo, esse suposto zelo pelos estragos gerais da psicanálise mais me parece, por um lado, o desejo de alguma patota conseguir hegemonia, ainda que por interesse exclusivamente de poder – e por outro lado, a alienação de uma pequena multidão algo desarvorada que estaria disponível para alguma dominação, desde que possa obter um certo ganho em termos de mercado (no sentido geral).

4. Não vejo nenhum motivo para os de cultura brasileira embarcarem num projeto que já tem de saída o sabor – e mesmo a denominação (Estados Gerais) – de um fenômeno exclusivamente francês e com raízes históricas que me parecem espúrias: Luiz XVI, Revolução (?), Terror, Restauração, etc. Mais me parece a velha vontade de colonização e, dadas as possibilidades criativas que emergem por aqui, um caso de colonização da revolta *de là bas*. Gostaria muito de ver acontecer – e ter a honra de participar de – algum movimento que fosse emergencial de nossas próprias situações e condições.

5. Não reconheço como aceitável a índole, que suponho entender, dos que se arvoram em liderança desses tais Estados: no cômputo geral suas ações me parecem suspeitas (como apontado acima) e retardatárias se não mesmo retrógradas, apesar dos semblantes de vanguarda e os esgares democrateiros com que se possam maquilar. Assim como sua vontade de exclusão (Evangélicos, p. ex.) não me parecer garantida por nenhum fundamento que alguém pudesse honestamente sustentar, nem também ser compatível com certas inclusões (eventualmente abomináveis por alguém).

Queira receber os meus melhores e sempre reiterados votos de estima e consideração, juntamente com o meu abraço. MD Magno]

• P – *Eles pensam que vão dissolver fronteiras aglutinando as pessoas em torno de Derrida.*

Não há como, não é possível dissolver fronteira com a obra de Derrida. Isso é guerra religiosa. Qual é a minha postura? Se estiver no Quarto Lugar que indiquei no Tetraedro Cultural, vale tudo: posso operar qualquer uma – o logos, o gramo, etc. –, pois não estou, de modo algum, contrapondo isto a aquilo. Entendam que não estou em nenhuma religião, estou em ARRELIGIÃO.

• P – *O que nenhuma das três posições coloca é que se trata apenas da emergência de uma prótese.*

De qualquer ordem, de qualquer natureza, de qualquer maneira.

• P – *Para elas, não há como não sacralizar essa emergência. Tanto a noção de significante, quanto de gramo, quanto de palavra estão em última instância sacralizadas como significação.*

Para mim, só o não-Haver é sagrado. Quando um Lacan insiste no significante, no fundo, o eco religioso é cristão e católico. Freud não consegue sair das figurações míticas do Velho Testamento e da *Torá*. Não é nem preciso que ele se refira a esses textos para vermos que é judeu, que isto está no sangue. Derrida, por sua vez, toma sua sintomática infantil absolutamente corânica. Está certo, isto vem com cada um, e não há problema em reconhecer que foi o que eles viveram. Mas não é possível pensar que tenham um ponto de externalidade a isso. Há apenas externalidades de uns em relação aos outros. Quanto a mim, se tenho algo a fazer, é estar fora disso.

• P – *Quando surge uma lingüística como a de Chomsky, o pessoal fica sem saber direito como lidar com ela, dado o uso que fazem desse tipo de concepção de linguagem. Virou um problema na década de 60 e tiveram que praticamente ignorar Chomsky, a ponto de Jacques-Alain Miller dizer que um ato falho desestrutura toda a lingüística chomskiana.*

Porque o ato falho, com virtudes jakobsonianas e benvenistianas, dá uma garantia de sujeito... Há um tal sujeito que salva tudo. É Deus. Não é mais Jeová, e sim o Pai do Filho, aquele que faturou A Outra mediante o Espírito Santo.

• P – *Nietzsche já apontava para a questão do Livro.*

Por que ninguém dá conta de Nietzsche? Porque ele escreve um Novíssimo Testamento – *Zarathustra* – e diz: “Peidei na cara da história!” Aí todos, sobretudo Heidegger, saem correndo para domesticá-lo. Quando se trata de psicanálise, é preciso considerar essas coisas com olhar clínico. As pessoas estão metidas até o pescoço em sintomas, eu também. Resta saber qual sintoma, de onde vem e onde se coloca. Ninguém está livre disso, mas é preciso ter um mínimo de lucidez sobre o lugar que se ocupa na ordem sintomática.

84. • P – *Quando Freud vai buscar o Moisés Egípcio, e não o da Bíblia, com esta abstração ainda é a mesma linhagem que se mantém.*

Sem dúvida. Mas qual é o defeito máximo de Freud? Apesar de ter sacado as estruturas e o funcionamento, faz a narrativa mitológica. Isto é um

pecado difícil de passar por cima, porque ele re-mitifica, e para quê? Porque precisa competir com Moisés. Ele diz isto em seu texto: “Sou fundador do Novo Mundo”. Quem compareceu foi Akhenaton recalcado e ressuscitado como judeu, e não o Moisés Egípcio. Vejam que não há no *Velho Testamento* nenhum Moisés Egípcio, ele já é judeu. Se Akhenaton não fosse destruído pela reatividade de Amon, o que não teria nascido dali? Já imaginaram como um fenômeno ou acontecimento histórico muda realmente as coisas? O que teria acontecido se Akhenaton (Amenofis IV) tivesse mais saúde, um exército melhor e conseguisse um reinado mais longo, a ponto de impor e destruir a figuração de Amon? Moisés teria sumido, mesmo porque os judeus estavam presos como escravos – eram os Sem-Terra da época – e iriam acabar assimilando a nova ordem.

O Egito fez uma civilização muito brilhante. Akhenaton era grande e pensava que, por já ter uma civilização tão bem bolada e articulada, poderia dar um passo definitivo e constituir a ordem do planeta. Só que o pessoal não conseguiu entender e ele não teve força política e militar suficiente para fazer isso. Ainda mataram seu filho e mudaram-lhe o nome de Tutankaton para Tutankamon. Nefertite, esta, quando viu o tamanho da encrenca depois da morte do marido, começou a dar tudo para os outros. Ou seja, foram destruir sua memória, mas onde ela aparece? Em Moisés, que, segundo a tese de Freud, foi morto pelas mesmas razões. Aí vem a mitologia freudiana de que ficaram culpados, o que vai resultar em Nome do Pai, etc., mas não acredito nisto. Acontece é que simplesmente ficaram vigendo, entre a judeusada, uns profetas ou poetas que tinham a memória da abstração. Eles sacaram o que foi destruído para trás e insistiram naquilo. Como vêem, nossa história não é das melhores.

85. • P – *Com a idéia de Revirão, conseguimos situar e fazer a análise de várias situações, ainda que o peso sintomático seja grande. Essas duas coisas, análise e sintoma, é que dão a impressão de que temos um campo para limpar ao mesmo tempo que a referência para esta limpeza já é outra.*

Por isso, é preciso fazer esclarecimentos dos jogos polarizados, por exemplo, entre um Moisés Egípcio e um Moisés Judeu, uma Razão Semita e uma Razão Grega.

É preciso colocar a mente num lugar que permita esta consideração. Quando peço que leiam François Jullien, não é para acharem que virei adepto seu. Mesmo porque ele é um dos cacos da história. Estudem também Derrida para ver como aquele negócio é islâmico. Gostaria que houvesse no mundo um grupo de supostos analistas que estivesse fora, pelo menos, dessa. Evidentemente, estariam em alguma sintomática tão idiota quanto, no entanto, mais eficaz. Estar fora dessa não é criar outra nova em folha, e sim ter condições de manipular qualquer delas *ad hoc* quando for preciso. É saber que há a hora da escrita, a hora da fala, que somos a resultante desse lixo todo e que é possível passear dentro dele sem aderência sintomática. Vejam que estou tomando como ferramenta o que nos outros é aderência sintomática.

• P – *Nós nos confundimos ainda porque tomamos o instrumento pelo sintoma e vice-versa. Não conseguimos fazer somente a com-sideração e falamos de dentro do sintoma.*

É difícil afastar-se e ver a si mesmo como boboca fazendo pergunta imbecil. Vejam o que aconteceu com Jung. Por que não se quer mais saber dele? Ele era erudito e inteligentíssimo e, no entanto, virou folclore – virou Paulo Coelho como os junguianos. Qual a razão de Jung diante de Freud? Ele tinha toda razão em contestar a posição judaica de Freud. Quando Freud viu Jung se encantar com sua teoria, ficou em êxtase por achar que, afinal, um goy brilhante iria salvá-lo para o mundo, e pensou: Agora sou grego! Jung entrou na jogada, fez tudo direito, mas começou a pedir mais, pois queria um passeio como o que estou pedindo. Como não sabia fazer, ao invés de achar um lugar desde onde pudesse considerar, começou a meter a mão em tudo, virou erudito e colocando tudo dentro da psicanálise. Freud ficou danado, pois aquilo dessistematizava tudo que estava construindo. Então, era Freud pedindo manutenção do rigor, e Jung, em vez de abrir com rigor, abrindo na base da bagunça cultural.

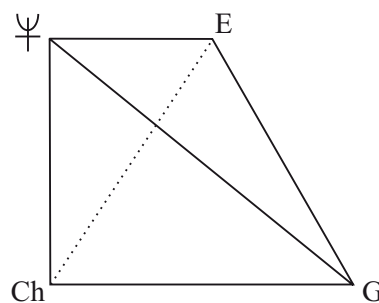
Mas ambos tinham razão, pois não havia condição na época. Era preciso até ter passado por tudo isso, sobretudo por estruturalismos.

25/OUT

86. Há inadimplência de pensamento entre ditos psicanalistas. Parece que não juntam mais coisa com coisa. Quando precisam que alguém pense, chamam Antonio Negri, se não for Tarik Ali. Têm que chamar gente maior... É uma vergonha. Afora que Madame Bussunda continua atacando postumamente com o governo da patrulha. Precisamos contar com a sorte para ver se sobrevivemos.

Dizem os de ideologia burguesa que, para produzir alguma coisa importante e ela vencer no mundo, é preciso de um por cento de inspiração e noventa e nove por cento de transpiração. A ideologia burguesa que se exprime assim, inclusive os românticos – Beethoven gostava de repetir esta besteira –, é aquela que quer nos fazer acreditar que o trabalho dignifica o homem. Todos sabem que não é verdade nem uma coisa nem outra. O trabalho não só danifica o homem, como a percentagem correta é: vinte e cinco por cento de transpiração, vinte e cinco por cento de inspiração e cinquenta por cento de sorte – a qual, na verdade, move tudo. Vivemos em eterna loteria. Não adianta estrebuchar, pois vai dar o número que der, com todo o aleatório inclusive.

87. Redesenho agora, para situar o lugar preciso da Clínica Geral da Nova Psicanálise, o que chamo de **Tetraedro das Razões**:



Dizemos que há as Razões Egípcia (E), Grega (G) e Chinesa (Ch), na suposição de que sejam as que existem no planeta. Lembrei, na vez anterior, que podemos colocar entre as razões egípcia e grega o trabalho da Nayla Farouki; entre a chinesa e a grega, o de François Jullien; e entre a chinesa e a egípcia, não conheço ninguém para lá situar. Nosso lugar seria no Quarto Vértice (+✚). Coloco assim para fazer uma distinção clara de nossa posição para com outras que andam por aí. Não quero que a confundam com a posição de Derrida, por exemplo, que considero sobreposta entre Egito e Grécia, como uma espécie de razão aproximada, ou melhor, inspirada no texto islâmico. Portanto, o lugar que situo no quarto vértice do Tetraedro das Razões seria aquele que, desde Freud, se constituiu como lugar radicalmente externo às razões disponíveis. É claro que, em sendo judeu, ele também carregou a sintomática freqüentemente para um lado muito ruim, entre Grécia e Egito. Mas a invenção fundamental se desgarra completamente do restante, pois não coincide com nenhuma das razões em exercício na face do planeta, o que não impediu que, com muita freqüência, fosse fagocitada por elas. Não faço a menor idéia do que possa ter acontecido na China, se é que há psicanalista lá. Com tanto chinês, deve haver um maluco perdido que lê Freud em outra língua. Eu gostaria muito de saber como funciona a cabeça de uma pessoa dessas.

Descobri outro dia, num livro de Jullien que ainda não havia lido, a contraposição que me pareceu engraçada entre pecuária e agricultura. No que chamo Egito – que ele chama razão semita ou judaica –, temos a cultura de um povo que cria gado, o qual se oporia ao que ele pensa ser a China, que é uma mentalidade de agricultura. Supõe ele que a mentalidade desses povos se fez em função de seu nascimento ter sido em conformidade com cada qual desses cultivos. Ele nada diz a respeito da Grécia, mas eu poderia dizer que ela é tipicamente comerciante. Seu jeito é fundado nas transas interpessoais e talvez, justamente a partir desse lugar da conversa, do diálogo, da persuasão, da troca, tenham inventado a tal democracia. Para ele, os judeus pensam em termos de comando, exigência, ordens (como aliás é aquele Deus deles). Já a China pensa em termos de influência difusa, relação indireta, processo, que é algo parecido

com o cultivo da terra, a espera da chuva, das relações meteorológicas de estação. Acho muito interessante essa idéia de a formação de um povo, ou seja, sua emergência, baseada em certo tipo de prática, determinar seu modo de constituir a razão.

88. A Clínica Geral da Nova Psicanálise é aplicação *ad hoc* de qualquer razão. Aplica-se *ad hoc*, segundo o caso e o momento, qualquer dessas razões. Não confundir este modo de abordar a realidade e os acontecimentos com o pensamento eclético, que mistura diversas ordens de construção discursiva. O modo de pensar que lhes trago é um lugar desde onde não se tem nenhuma opinião, a não ser aquela, sintomática, que é constitutiva do teorema que disse isto. A vantagem que suponho existir para este teorema é ele se constituir de um modo específico, dizer-se de maneira clara, ao mesmo tempo que fechada, com seus parâmetros, etc., e ter como resultante uma abertura radical, que, tirante os momentos fundamentais, é independente até de suas próprias reflexões, elas próprias sendo elementos do processo. Então, quando consideramos todas as razões possíveis a partir do Quarto Lugar, não estamos fazendo ecletismo, e sim uma passagem independente, muito à vontade, de uma razão para outra. Não estamos misturando razões, e sim usando uma ou outra, em função da questão do momento e das possibilidades de eficácia. Se a psicanálise tiver algum diálogo possível com o século e com o que está acontecendo atualmente, precisa tomar definitivamente essa posição, a qual, desde Freud, está embutida em seu momento criativo. Estar fora e indiferente é a essência da **Indiferença**: qualquer razão nos serve, pois todas são razões.

O interessante no livro de Nayla Farouki, que citei da vez anterior, é justamente a demonstração de que, entre Grécia e Egito, temos duas *Razões*, e não uma razão e um aparelho de fé. Considero, portanto, que o que conhecemos são basicamente três razões – e não três lógicas –, em que cada uma fala por si mesma a partir de seus parâmetros. A psicanálise nada tem a ver com elas. Qualquer aproximação ou aprisionamento a uma delas faz com que, segundo meu ponto de vista, deixe de ser psicanálise. Ela simplesmente acolhe e recolhe

as razões possíveis, podendo aplicá-las eventualmente em função da aparência de maior eficácia. Ora, esta é, desde Freud, uma postura radicalmente nova, de acolhimento e de Indiferença ao mesmo tempo. Freud fazia esforços para explicar isto com o nome de *neutralidade do analista*, e Lacan, com o de *desejo do analista*. Ambos para simplesmente dizer que a posição do analista é: Tô fora, não me comprometa! Lembrar que, quando se disponibilizam essas três razões para o lugar do analista, não se está falando imediatamente dos *discursos* disponíveis que se encontram no interior dessas razões. Trata-se do aproveitamento das três *razões*, ainda que, eventualmente, aproveitem-se também discursos que estejam em seu interior. Repito que isto não significa simplesmente tomar esses discursos e misturá-los, o que seria ecletismo. As razões chinesa, grega (e desta sabemos melhor) e egípcia têm uma quantidade de discursos internos. A razão egípcia, por exemplo, tem pelo menos os discursos judaico, cristão e muçulmano. Espero que isto comece a esclarecer os lugares que preconizo deverem ser ocupados segundo sua própria estrutura.

89. Toda vez que essas razões – e sobretudo os discursos internos a elas – se consolidam e se apresentam com seus poderes maiores ou menores na face do planeta, imediatamente começam a aparecer as formações eclesiásticas e suas posturas efetivamente fundamentalistas. O analista não pode compactuar de modo algum com esse tipo de formações, mesmo que tenham nascido supostamente no interior do movimento psicanalítico (não há diferença aí, trata-se da mesma postura). Portanto, o analista não é para tomar estas posturas, nem seu ideário teórico, mas deve recolher seus achados a serem tratados – gnomicamente, segundo nosso termo – como “conhecimentos”, como gnômones aplicáveis em consonância com cada caso. O que está se metaforizando aqui é a teoria da *oficina*, da oficina mecânica. Essas ordens de razão e seus discursos internos são meras caixas de ferramentas, mais nada. Não é preciso ficar apaixonado pelo martelo ou pela chave de fenda, pois são apenas utensílios. No interior da repetição discursiva, onde apareça, há a chance de a coisa tornar-se eclesiástica com facilidade, inclusive na universidade. Mas é apenas um

conhecimento. Psicanálise é só psicanálise. Afora isto, são paixões que dão a impressão de aí estarem para salvar o discurso ou salvar a caixa de ferramenta, mas só estragam. Posso ser interessado, especializado ou dedicado a determinado campo que prezo, cultivo, pelo qual luto, mas não posso me apaixonar a ponto de supor que aquilo seja algo realmente importante. Não há que levar nada disso muito a sério, ninguém sai vivo dessa.

Como já disse há algum tempo, não existe oposição entre Razão e Fé. Isto é consentâneo com o que apresenta Nayla Farouk. Costumam chamar de fé o que é aplicável a determinado discurso – de profetas, etc. – como se, do outro lado, não fosse profecia também. Então, quem tinha razão era Tomás de Aquino, mais que Agostinho, pois os movimentos de fé antecedem os de razão. Não se aplica uma razão sem primeiro botar fé nela. Não é em oposição, e sim em aplicação. Fé é um investimento acreditando na possibilidade de uma coisa. E isto nada tem a ver com paixão. Quando compramos um bilhete de loteria, botamos fé no sistema, pois, afinal, o prêmio pode cair em nossas mãos. Portanto, ao apresentar esta ferramenta, proponho-me trabalhar por ela, aplicar energia, investir. Ela pode fracassar lá adiante, mas farei isto com fé, ou seja, não ficarei boicotando meu próprio trabalho. Fé é puro Tesão. Quando aplicamos nosso patrimônio libidinal em algo para valer, isto é ter fé. Não confundir com crença, com apego a determinada formação religiosa.

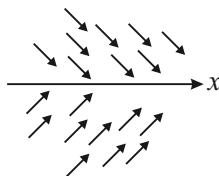
O problema fundamental da análise do analista, isto é, da *formação do analista* é: como alguém pode se dedicar a um tipo de formação, de saber ou de aplicação e não viver em paixão em relação àquilo? Por exemplo, como ser apenas o operário que faz sapato muito bem? Já estava lá Jacob Boehme, que não nos deixa mentir. Por que teríamos que ficar apaixonados pelo sapato? (Há gente, aliás, que fica...) Então, na produção do chamado analista, como fazer esse tipo de trabalho que possa constituir o lugar e a postura de olhar indiferentes para as razões? O analista não pode ser egípcio, chinês ou grego. No entanto, olhem em volta, no mundo que sobrou dos chamados analistas, e procurem algum segundo este parâmetro. Talvez seja difícil achar.

O que temos é o tratamento das caixas de ferramentas e das articulações possíveis de serem realizadas com estas ferramentas, segundo uma **Razão** inteiramente **Adjetiva**: a coisa passa positivamente de um lado para o outro. E isto sem subjetividade ou sujeito. Se levarem o carro de vocês ao mecânico, este não ficará com questões subjetivas, pois tem uma caixa de ferramenta e um problema para resolver. Ele usará a ferramenta até o carro funcionar. Psicanálise é assim: Adjetividade Total. O tal sujeito, que é uma doença específica da razão grega – e que, por isto, ficou como cacoete do Ocidente –, não passa de ser um sintoma específico dessa razão. Às vezes, até podemos usá-lo, mas não podemos fazer disso uma igreja. Se há alguém sintomaticamente aprisionado a ponto de pensar que é um sujeito com subjetividade, tratemos dele como se o fosse... depois, puxamos o tapete. A prática, baseada no que digo, deixa de ser a baboseira da qual estamos nos libertando. Se ela foi necessária para chegarmos aqui, há que entender que seu prazo de validade expirou.

90. O início de nosso texto bíblico é: *No começo, era o Revirão*. A partir daí, sobre o processo de articulação com as razões – indiferenciação e aplicação eventual *ad hoc* de qualquer razão –, é preciso lembrar de algo importante: se a idéia de Revirão fundamenta os movimentos que supomos à ordem psíquica, ao Inconsciente em geral, não é possível, em relação às formações assim organizadas – e foram aqui organizadas segundo o modelito que apresentei no item **53** acima como **Patemática da Psicanálise** (o qual modelo, repito, é mera caixa de ferramentas) –, acreditar que alguém *seja* algo daquilo, apesar da história da nosologia em psiquiatria, psicologia ou psicanálise. Acreditar nisto é a primeira tolice da história da chamada nosologia ou patologia. Alguém pode momentaneamente estar com sua resultante vetorial mais próxima de uma situação dessas, ou pode até longamente estar funcionando com sua resultante vetorial próxima de uma dessas organizações, mas é só isto. Em seu movimento e sobretudo no movimento de um tratamento analítico, vemos, mesmo que a resultante permaneça, os outros vetores se movimentarem facilmente de uma formação para outra.

Em segundo lugar, mesmo aprisionado em formações as mais diversas e vetorialmente poderosas, o Revirão funciona sozinho, por conta própria. Isto porque a estrutura é em Revirão. Então, dado que isso revira sozinho, há que distinguir com clareza (a) um Revirão aqui e agora útil a um processamento de cura de (b) um Revirão que é puro jogo interno das formações vetoriais. Tomem, por exemplo, a *DSMIV* ou qualquer livro contemporâneo de psicopatologia e vejam o esforço que os redatores – que, na verdade, são da última instância da resultante política da coisa – fazem para definir o que seja bipolaridade. Isto, quando sabemos que o *Transtorno de Bipolaridade* é a nossa vida. Encontramos pessoas sofrendo de alguma labilidade, velocidade ou instabilidade psíquica, em que essa bipolaridade fica evidente, mas, como a estrutura é de Revirão, este é nosso transtorno fundamental. Há que considerar todas essas formações com uma visão de generalização do conceito de bipolaridade. Se pararmos de usar o escantilhão psiquiátrico e ouvirmos mesmo as pessoas falando, veremos que bipolaridade é algo que se generaliza e ocorre o tempo todo. Quando ainda não enquadramos o tal analisando dentro dessas bipolaridades exacerbadas e evidentes, deixamos de escutá-lo funcionando com frequência em bipolaridade e escorregando a toda hora. Mesmo porque, se for verdadeiro o conceito de Recalque tal como o utilizamos em sua última instância no aparelho do Revirão, qualquer pequeno movimento psíquico daqueles que Freud considerava fundamentais para entender que há Inconsciente – ato falho, chiste, deslizamento no sonho, retorno do recalado – é puro Revirão, processo de bipolaridade.

Estamos acostumados a chamar de bipolaridade algo parecido com o que chamavam de psicose maníaco depressiva, mas a bipolaridade está funcionando em todos os casos. Se estamos conversando tecnicamente com alguém que, diante de nossa escuta e de nosso olhar, supostamente tem uma resultante vetorial histórica, logo logo veremos que a pessoa está obsessivando.



Se há uma infinidade de vetores funcionando, cuja resultante é x num momento e por um tempo determinado, mesmo que a resultante efetivamente não revire, tudo ali dentro revira. A resultante não mudou, mas, de vez em quando, veremos que mesmo ela revira – e retoma de novo, pois o poder maior é de um conjunto de formações cuja resultante ainda está virada para a tal formação. Mas não se pode dizer que alguém *seja* isso, e sim que simplesmente está aí, nem que seja durante séculos. Isto porque é possível mexer na constituição dessas formações de maneira a vermos a resultante mudar de lugar. Em uma quantidade enorme de textos, sobretudo aqueles de casos clínicos, vemos ditos analistas, terapeutas, seja lá o que forem, se esforçando para mexer na resultante. Estão perdendo tempo. Não há que ligar a mínima para a resultante que alguém apresenta. A coisa é menorzinha. Não adianta ficar olhando para o motor, pois é nos parafusinhos soltos que se tem que mexer. Não se trata do funcionamento inteiro do motor, e sim de pegar as ferramentas e retocar os parafusos, as conexões.

Como disse, é preciso generalizar a idéia de bipolaridade, o que significa que vamos encontrá-la em qualquer lugar. Não se pode esquecer isto. Se não, ficaremos aprisionados numa descrição. Encontraremos bipolaridades progressivas, regressivas, estacionárias e até tanáticas em qualquer lugar, e temos que nos perguntar de que *nível* são. Se um Revirão funcionou diante de mim, em que nível foi? Pode ser no nível de um vetorzinho que nada muda num quadro, ou que muda tão pouco que não tem poderes de transformação, mas, de qualquer modo, vemos que mudou. Às vezes, o analisando fica desesperado, pois ele próprio reconheceu uma mudança e, no entanto, o sintoma não vai embora. Isto acontece porque a mudança não tem poder suficiente ainda. Há que ter calma e esperar. É preciso fazer uma coalizão de várias forças revolucionárias para fazer a pessoa mudar de posição. Trata-se de um problema verdadeiramente político (e não do nível desses tolos que chamam Antonio Negri, dessa esquerda que morreu e não sabe – aliás, isto é que é regressão, um troço psicótico).

• P – *O livro de Steven Johnson* (Emergências. A dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003), cuja leitura você recomendou, apresenta algo semelhante a esse trabalho:

existe um trabalho total, que vem da resultante para os vetores, mas são os vetores que o geram.

É um livro que esclarece bastante os modos contemporâneos de pensar e de existir. Assim como hoje temos que entender, em todos os casos de formações no campo do social – seja de indústrias, seja de relações de vizinhança, de urbanismo –, como a emergência se dá. Do mesmo modo temos que ter claro que não adianta ficar olhando para resultantes, há que pesquisar sua emergência. Coisa que Freud estava careca de explicar desde o começo do século passado, mas as pessoas preferiram ficar com seu anedotário, ao invés de sua lógica. Parece que os ditos analistas não quiseram entender que todos os fenômenos são evidentemente emergenciais e suas resultantes são encontradas no só-depois da coalizão dos vetores. Os autores que procuram entender esses fenômenos hoje estão sendo freudianos. Isto, então, que, de certo modo, é supra-sumo no pensamento contemporâneo, está no começo da psicanálise. Chama-se *ana-lysis*, em grego (não é preciso “desconstruir” nada).

91. Insisto em que é preciso entender, escutar, perceber, pesquisar e agir segundo a **generalização da bipolaridade**, pois ela está presente em qualquer coisa e em qualquer momento. E, sobretudo, numa das coisas que assusta a contemporaneidade, que é a emergência das novas gerações em radical bissexualidade. Isto está ficando banal. Por quê? Porque, se não estiver muito preso, revira, como Freud também já explicou no começo do século passado. Então, o que acontece hoje que até nos dá condição de observar isto com muita clareza? Na vida contemporânea – ou seja: tecnologia, movimento de informação, etc. –, há grande **labilidade da força recalcante**. Não que não existam forças recalcentes que até às vezes aprisionam, mas têm grande labilidade: não só deixam revirar, como passam de uma para outra com facilidade. Basta, por exemplo, mudar de espaço geográfico. Em três passos, os recalques vão embora em função de outros que vêm. Basta observar aqueles adolescentes que, cada vez mais, estão loucos para ir embora da casa da família. Eles já se deram conta do fato banal de que, se saímos de uma região recalcante, pelo menos

passamos para outra, o que nos deixa livres de alguns recalques que não suportamos. Ao analista compete entender que a situação de recalque pela qual o sujeito está passando e sofrendo não é apenas para ser analisada e entendida. É, sim, para ser escapada: *Cai fora! Foge da prisão!* – qualquer que ela seja

- P – *Por isso, os temas deleuzianos de nomadismo do pensamento encantam.*

E são encantadores. Deleuze pensa, não é nenhum Negri. Posso não concordar com suas teses, mas é alguém que percebeu, *pari passu* com os acontecimentos do século, que esses fenômenos estavam se disponibilizando e se exacerbando – e ainda estão, felizmente. A resultante contrária, que é ruim, é que as pessoas ficam perdidas, pois o interregno é difícil de ser vivido. Antes, partia-se de uma boa consolidação recalcante, que dava caráter, personalidade, essas coisas que pessoas da minha geração para trás tinham. Aliás, não tinham outra coisa, os pobrezinhos. Podíamos colocá-los em análise por dez anos que não saíam do lugar: era um caráter só, e impoluto. Quando viram que a coisa é meio sem caráter, quando Macunaíma foi tomando conta do mundo – afinal de contas, ele é o vencedor –, começaram a se assustar. Estamos num interregno difícil de lidar, pois, como disse, a ordem recalcante está entrando em franca labilidade. Um dos problemas de mercado para os analistas não é decadência ou “crise da psicanálise”, e sim: o **exercício da psicanálise no mundo**. Muitos artefatos que só a psicanálise utilizava em consultórios estão disponíveis na cultura de massa. Isto libera as pessoas de muitas coisas, sobretudo de perenemente se submeterem à mesma ordem recalcante. Elas podem ir a lugares onde se enchem de *ecstasy* e comem qualquer coisa, de qualquer sexo, por exemplo. Se ali está permitido, não é preciso sessão de análise, é mais barato. A crise é de mercado, e não do que traz a psicanálise. O problema é quando acontece de alguém, ao invés de abrir uma boate, abre um consultório. Parece gozação, mas é preciso entender o que está se passando efetivamente e quando, quem sabe, o analista é necessário para algumas intervenções. A gente que se vire para retomar as possibilidades de mercado.

92. Vocês devem ter lido na revista *Veja* (ano 36, nº 44, 05 nov 2004), o artigo de capa sobre *Fobias: O Medo Exagerado*. Há grande quantidade de pessoas acochadas pelas tais fobias e pânico, o que se tornou, digamos, o síndrome mais freqüente de nossa situação contemporânea. Isto porque, dado que já não se fabricam neuróticos como antigamente, pois, como disse, a ordem recalcente está mais leve e revirando mais fácil – não para a cura, e sim para outra ordem recalcente –, então há certa elasticidade para as pessoas se situarem. Basta fazerem um deslocamento dentro da cidade para encontrar uma função sintomática que alivie sua pressão neurótica. Mas isto está fazendo com que aumente a permissividade no nível das Morfozes Progressivas. Lembrem-se de que Freud situou o que é espontâneo na espécie com o nome de *perversão polimorfa*. (Aliás, não há outra coisa para esta espécie fazer a não ser perversões polimorfas. Mesmo que sejam deslocadas e sublimadas, continuam sendo o mesmo). Ora, no que se retira um pouco a força imediata das formações recalcentes, há emergência maior das formações progressivas no nível da mais singela perversão espontânea e aceitável. Mas as pessoas não emergem com esta simplicidade, e sim imediatamente encostando-se no nível de Morfoze Progressiva Positiva (+P). Como não têm a espontaneidade de brincar, no sentido de Macunaíma, o próprio brinquedo, no confronto com as outras formações opressivas da sociedade, faz com que venham aderir veementemente às formações progressivas de modo a se tornarem Morfozes Progressivas Positivas – leves, mas morfozes.

Como isto nunca aparece diretamente pelo nível positivo, e sim pelo nível negativo do Revirão, **não adianta tratar de fobia**. O que interessa não é saber se a pessoa tem fobia, mas saber qual perversão está em jogo, pois é ali que a coisa funciona. Não devemos, portanto, nos importar muito com as Morfozes Progressivas Negativas (-P) que possam comparecer. Segundo o artigo da revista que citei, as pessoas estão em pânico. Lá temos analistas, psiquiatras, donas de casa, etc., dando opinião sobre o que fazer com isso. Digo que nada há a fazer. Procurem por trás, de onde isso revirou. E mais, tratem da Morfoze Progressiva Positiva e observarão algo interessantíssimo e cotidiano

no consultório. No que se vai tratar dela, o analisando quer escapar. Ele reage, não quer ouvir e talvez nem queira voltar para outra sessão. Isto porque quer que acreditemos que ele é uma pessoa muito bacana que está sofrendo de pânico. Quando se diz que ele está produzindo o pânico por causa de sua perversão, ele não quer continuar. É difícil lidar com isto, pois todos querem resultados praticamente imediatos, por exemplo, da psiquiatria, que joga um remédio e suspende um pouco a Morfose Progressiva.

Continuando, então, além de generalizar a bipolaridade, é preciso generalizar a idéia de **grau**, de **intensidade**. Numa formação, todos os vetores estão em jogo, os quais, além de terem uma resultante legível e até serem, eles próprios, legíveis no interior dessa formação geral, têm um *quantum* de investimento. Há que saber quantas formações estão coadjuvantes para tornar aquilo maior ou menor, pois existe uma questão de intensidade na economia da coisa. Às vezes, a pessoa faz barato, seu investimento é pequeno e nem sempre aparece, mas quando encontramos alguém cujo investimento é numa Morfose Progressiva Positiva bem sucedida, fica praticamente impossível. Tive um analisando que era tão bem pago em dinheiro para ser um Morfótico Progressivo que desisti. Ele até melhorou, mas não dá para competir. Expliquei-lhe que nunca derrubaria aquilo, pois quanto mais ele existia em sua função de (+P) com aquela morfose que apresentava, mais as pessoas davam rios de dinheiro para ele ser assim. Mas a fobia – que era terrível –, a (-P), vinha e ele passava muito mal, inclusive na análise. Nada posso fazer por suas fobias, pois é do outro lado que ele é doente. Ele poderia entender, ficar bom e até *fingir* que era morfótico. Mas ele, que se achava artista, na verdade, era mau artista, ou seja, era morfótico mesmo. Se fosse artista, fingiria e até continuaria ganhando o mesmo dinheiro. É aquele caso de artista que diz que não pode fazer análise, pois, se fizer, perderá o talento. Neste caso, é verdade: ele não tem talento algum, o que tem é morfose.

93. Como disse, um dos efeitos da labilidade do recalque é o aumento das Morfozes Progressivas Positivas (+P) e Negativas (-P). Antigamente, havia

farta formação de Morfozes Estacionárias (E). Foi o século de ouro da psicanálise: Freud, suas histéricas & seus obsessivos. Neurose era uma coisa uniface, com o mesmo rosto, bem produzida pelo sistema repressivo. Não tínhamos escapatória: seríamos obsessivos ou histéricos. Uma vez ou outra, acontecia de alguém ficar psicótico ou um perversinho da pior espécie, mas o estatuto do doente mental era o neurótico. Isto já acabou há tempo. Outro dia, soube que Clauze Ronald de Abreu, uma pessoa com quem alguns de vocês aqui estudaram e que respeito, pois sabe pensar, chegou ao mesmo raciocínio que eu quando disse: “Acabou o Estado de Direito, cada país que tenha sua bomba atômica”. Estado de Direito? Onde, carapálida? Estamos em franca exibição do fim do Estado de Direito, o que significa que neurose já era. Há duas maneiras de um Estado de Direito sobreviver: com aparelho neurótico de sustentação, ou com Juízo Foraclusivo da mais alta espécie. Nada há no meio. As pessoas, assim como estão boquiabertas com as fobias, também estão boquiabertas com a incompetência da instauração do Estado de Direito. Agora, o Estado é de Força. É Morfoze Progressiva sem diferença alguma para com assalto no meio da rua. Se, por exemplo, acharem que alguém está fazendo armas, vão jogar as bombas e depois verificar se estão mesmo. Não estou reclamando, só acho ruim não termos bombas também...

Vemos, então, percorrer nossa cidade, nosso país, as revistas, etc., a idéia de que estão todos fóbicos. O que está acontecendo é que as pessoas estão liberadas de certa constituição neurótica, o que lhes permite montar com mais facilidade sobre suas origens polimorfos. Mas como ninguém é tão liberado assim, quando isto se junta com outras formações que lhes dariam uma boa neurose, elas acabam fabricando uma Morfoze Progressiva Positiva (+P), a qual, não entendida no conflito com as outras formações, apresenta rosto negativo (-P).

- P – *Além das fobias, há outra formação que comparece com frequência atualmente: a aparência de depressão.*

Esta é outra história, que ainda não desenvolvi. Depressão, melancolia e suicídio – em sua forma autêntica: a pessoa quer porque quer se matar, não

agüenta mais – estão na ordem do Tanático. No embate dessas formações com a impossibilidade de saída, a pessoa entra em Morfose Tanática (T).

• P – *São gradientes de depressão?*

Como em tudo, pensemos o Revirão e o gradiente. Há as pequenas depressões que qualquer um de nós tem. Afinal, quem não ficou ou não fica deprimido diante do mundo contemporâneo? Quando vai lutar no mundo, vê que não tem saída, pois os poderes individuais são zero e os poderes coletivos são nulos. Aparece a impotência e a pessoa corre para o Tanático, que é um lugar onde parece que vai ter alívio, satisfação e fuga. Aqui também pensemos em regimes de Revirão e de gradientes de investimento. Há pessoas que se deprimem levemente e saem, geralmente, para uma posição maníaca. Observem que se estamos um pouco deprimidos e saímos, ficamos imediatamente maníacos. O difícil é passar no meio. Aqui também pode valer o famoso **caminho do meio** de Çaquia Muni. De fato, não são apenas as fobias que aparecem, há também uma massa depressiva enorme. Podemos até dizer que o estado de espírito geral das populações é tanático. As pessoas não vão ficar deprimidas, elas começam da depressão, depois podem até conseguir alguma coisa. É só observar cada um por dentro para ver que sua situação no mundo hoje é depressiva. Os analistas, então, coitadinhos, não têm mais emprego, ficam numa depressão só.

• P – *A depressão também tem a ver com a labilidade das forças recalcentes?*

Tem a ver com a labilidade das forças recalcentes no sentido de produção de Morfofes Estacionárias (E). As forças recalcentes estão em jogo, temos a possibilidade de nos desviar delas, de um lado para outro, vamos refrescando um pouco, mas, na totalidade, continua a mesma coisa. A ordem repressiva está aí, nem que seja como impossibilidade primária. Temos que lembrar que há gente que é feia, que a televisão só mostra lindezas e que tudo isso é poderosamente recalcante. Então, ainda que as pessoas possam produzir pequenas estruturas estacionárias, no cômputo geral as neuroses não dão conta mais. Antigamente, uma boa neurose dava conta da vida: ficava-se com o braço

direito paralisado ou com cacoete, mas o resto funcionava. Era um bom negócio. Agora, a pessoa não tem cacoete, o braço não fica paralisado e ela ainda quer morrer. Mudou a moda. Já notaram também que não há mais muitos psicóticos. Isto porque a situação é que é psicótica. Vejam, por exemplo, os Estragos Gerais da Psicanálise. Aquilo é uma psicose, mas as pessoas ali dentro não se mostram psicóticas.

- P – *E para piorar a situação, há a denegação projetiva.*

Que é o cotidiano das pessoas.

- P – *O alelo avesso da depressão seria o ódio?*

Quando saímos da depressão e ficamos com raiva, é a salvação, pois o verdadeiro avesso da depressão é pura mania. Para onde, não se sabe. Mas se há ódio, graçasadeus!, pois, para sair da depressão, o único jeito é o ódio.

- P – *Esta revolta estaria recalcada?*

Não chamo isto de revolta. Para mim, revolta é uma coisa muito lúcida. Se ficamos com raiva, ao invés de depressão, já estamos lutando e deixando de ser depressivos, já estamos na guerra.

- P – *Os americanos chamam de rageaholic as pessoas que ficam o tempo todo recorrendo à ira.*

A estratégia de Bush não tem sido esta? “Fiquemos com ódio desses caras!” Assim, em vez de ficarem deprimidos, comendo cachorro quente, eles vão matar aquele bando de árabes e todos ficam felizes...

- P – *Os atentados suicidas estão mais nas Progressivas Positivas do que no Tanático?*

Não são Tanáticos. Aquilo não é suicídio. Eles sabem que o resultado é a morte, mas a morte foi superada pelo heroísmo, pela fama, pela glória. Aquele que vai fazer isto está se salvando, e não se matando. Se não, não faria. É uma arma terrível, um poder incrível alguém ter postura de sacrifício radical. Ninguém agüenta.

94. Diziam que a Transferência é uma forma de amor. Já tentei mostrar-lhes que é o contrário: o amor é uma forma de transferência. Freud e Lacan, afora

muitos outros, supuseram que a Transferência se realiza como histeria. No tempo deles era assim, o amor se resolvia como histeria. (Hoje, sabemos que o tal amor é uma das coisas mais rentáveis no mundo – música popular, religiões, etc. –, dá muito bom dinheiro. E o dinheiro dá muito bom amor: “dinheiro compra tudo, inclusive amor verdadeiro”, como ensinou Nelson Rodrigues). Então, se digo que não é a transferência que é uma forma de amor, e sim que o amor é uma forma de transferência, não estarei afirmando que, no caso deles, o amor é uma Morfose Estacionária Positiva? Vejam que é um Revirão total no vetor. A perspectiva que estou querendo revirar resulta em que **o amor é uma doença**. Ou seja, ao invés de considerar a transferência como uma forma de amor, consideremos o amor como uma forma de transferência, portanto como uma forma qualquer de Morfose. Tanto é verdade que não se fabricam amorosos como antigamente. Eles estão deixando de ser histéricos. É muito raro hoje vermos uma relação amorosa no nível da histeria. Ela está passando por outros lugares, o que, junto com a suspensão localizada do recalque, é um dos efeitos que ocorrem atualmente. Vejam, por exemplo, que o tal *ficar* das novas gerações é: deshisterização do amor. Para minha geração, foi um custo entender o que estava acontecendo, pois ela era histérica em matéria de amor, coisa que eles não são. Então, a Morfose que chamamos de amor mudou, tem outro ou vários outros endereços.

É preciso parar de considerar como algo maravilhoso essa amorosidade, ou a-morosidade, que passa pelo planeta, inclusive em termos de mercado. É preciso considerá-la como uma Morfose perigosa. A pergunta é: o amor é algo que existe feliz por aí ou é uma Morfose a ser tratada como tal? A meu ver, é uma Morfose que tem base primária, secundária, tudo direitinho. Se alguém está numa relação amorosa, na mesma hora vemos que está doente, que a coisa fica ruim. Como disse, um dos indícios de que está havendo transformação é a garotada não querer se aprisionar na histeria, ficar fora disso. Podemos também considerar alguns autores. Por exemplo, François Ascher, com vários livros na área do urbanismo, faz uma bela descrição dos fenômenos contemporâneos que estariam, segundo ele, comprovando a Modernidade como

ainda existindo e até mudando para a fase que ele chama de Terceira Modernidade. Ele faz uma boa descrição dos pequenos fenômenos de transformação que constituem o que quer chamar de modernidade, só que, a meu ver, está enganado, pois não há modernidade alguma. Existe sim um processo de modernização há muito tempo, inclusive logo após a Idade Média. A modernidade nunca entrou, pois o Terceiro Império nunca foi vencido. Para entrar, é preciso passar ao Quarto Império. Como confundem o processo longo, lento, trabalhoso, criativo, tecnológico de modernização com a modernidade, as coisas estão aparecendo, mas o Moderno não se instala.

- P – *As vinculações da IdioFormação não são sempre morfóticas?*

Sempre. Só estou pedindo que paremos de considerar o amor como coisa externa. É uma Morfose que é preciso situar com suas possibilidades de Revirão e com suas intensidades. Há momentos que é tão intenso que se torna uma loucura, uma doença grave.

- P – *O amor seria confundido, no nível cultural, com alguma referência de HiperDeterminação?*

Na ordem do Terceiro Império seria considerado como vigente no Transcendente. A razão transcendente no Terceiro Império é o amor, e o que é pior: havendo. Ou seja, ele não seria tomado como não-Haver. Do outro lado, haveria a essência, o amor puro divino, que, aqui embaixo, se traduz pela loucura, pela doença que vivemos todo dia. O processo de produção do moderno, que ainda não chegou, é a posição de Terceiro Império no nível do amor. Ora, isto não é compatível com a modernidade. Quando procuramos na ordem jurídica, por exemplo, garantias para seus estatutos, vemos, como Carl Schmitt disse muito bem, que ela tem uma construção nitidamente teológica, evidenciada no Ocidente. Então, quando o lugar do constituinte divino se qualifica amorosamente, o que está garantindo a ordem jurídica? A possibilidade de ser amoroso com o próximo. Hoje, esse amoroso foi para o beleléu – Bala nele! – e não se tem instalada uma outra ordem. O Estado de Direito já era, pois Estado de Direito amoroso não funciona mais. O que é a ONU senão uma grande relação amorosa entre os países? Já não funciona mais, pois estão só “ficando”.

Precisamos nos situar no mundo que vivemos, pois não é nada mais do que pensávamos. Tudo é terminal e tampouco instalou-se outro Império. Não se está constituindo nada, apenas tecnologia, informação, etc., para a produção da mudança. Isto dá a impressão de extrema modernidade, mas o que temos são macacos com celular e carro de última geração. São apenas animais de Terceiro Império, e não um animal novo. Por isso, está dando tudo errado. E vai demorar décadas para entrar o novo. Façam jogo!

O8/NOV

95. Embora termine hoje o Falatório de 2003, o tema da Clínica continua. Recomendo a leitura dos livros: IRWIN, William (org.). *MATRIX: Bem-vindo ao Deserto do Real* (São Paulo: Madras, 2003); YEFFETH, Glenn (org.). *A Pílula Vermelha: questões de ciência, filosofia e religião em Matrix* (São Paulo: Publifolha, 2003); CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet* (Rio de Janeiro: Zahar, 2003); JOHNSON, Steven. *Emergências: a dinâmica de rede em formigas, cidades e softwares* (Rio de Janeiro: Zahar, 2003); WOLFRAM, Stephen. *A New Kind of Science* (USA: Edição do Autor, 2002); MORAVEC, Hans: *ROBOT. Mere Machine to Transcendent Mind* (Oxford: Oxf. Un. Press, 1999); KURZWEIL, Ray. *The Age of Spiritual Machines* (NY: Penguin Books, 2000); CANTON, James: *Tecnofutures: como a tecnologia de ponta transformará a vida no século 21* (São Paulo: Best Seller, 2001); SLOTERDIJK, Peter. *Critique of Cynical Reason* (1983) (NY: Verso, 1988); RANGÉ, Bernard (org.). *Psicoterapias Cognitivo-Comportamentais* (Porto Alegre: Artmed, 2001); LENT, Roberto. *Cem Bilhões de Neurônios: Conceitos Fundamentais de Neurociências* (Rio de Janeiro: Atheneu, 2001); STILLINGS, Neil et alii. *Cognitive Science: An Introduction* (Cambridge: MIT Press, 1995); HOLMES, David. *Psicologia dos Transtornos Mentais* (Porto Alegre: Artes Médicas, 1997); BARLOW, David H. *Manual Clínico dos Transtornos Psicológicos* (Porto Alegre: Artmed, 1999); AMERICAN

PSYCHIATRIC ASSOCIATION: *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* - DSM-IV-TR (Porto Alegre: Artmed, 2002).

96. O trabalho do Inconsciente – como Lacan e Freud já chamaram –, de acordo com o que tenho trazido, é o que podemos chamar **Sinergia das Formações**. Há vários sentidos para o termo grego *synergía*, *synergon*: trabalho conjunto ou também ação, produção, execução, exercício conjunto. Dentro do mesmo escopo que venho colocando, é preciso entender que o que quer que aconteça nessa área é sinérgico, é a confluência muito grande de operações, produções, trabalho, etc., e isto prejudica inteiramente as qualificações, quantificações e descrições específicas que se queira fazer a respeito. O que temos é sempre uma sintomação mediana dos efeitos desse trabalho, sobre a qual se age no sentido de movê-la para outros lugares. Quanto mais o tempo passa, quanto mais aparelhos científicos (ou não) são descobertos ou inventados, produzidos até tecnologicamente, com sentido de configuração das informações de qualquer tipo – nas ordens computacional e biológica, por exemplo –, mais temos clareza sobre o fato de que toda e qualquer descrição ou interpretação supostamente precisa é falsa. A psicanálise, depois de todo o fracasso do século XX, tem que abrir mão da brincadeira de fazer a suposição de que está sabendo o que diz a respeito de um caso. Sem o que, ela vai comparecer com evidência de falsidade perante os discursos do século XXI. Se isto ocorrer, ela morre – e já começa a comparecer uma evidência de *fake* no campo psicanalítico. É possível fazer conjecturas, discutir o assunto, mas supor que isto seja ou explicação ou interpretação (no sentido antigo) do que está ocorrendo, não é só mera pretensão, é falso.

• P – O livro de *Richard Webster* *Porque Freud Errou* (São Paulo: Record, 1999, 418p.) não é um apanhado disso?

Freud, propriamente, não errou. Sua suposição e o saber que lhe era disponível davam a impressão de que era aquilo mesmo. Então, é uma inadimplência do momento, e não cometer um erro. Hoje, é erro, pois sabemos cada vez mais que é impossível calcular a massa de formações que está em

jogo em determinada situação no tempo e no espaço. No máximo, podemos conjecturar alguns *focos* e literalmente dançar com eles, mas a *zona franjal* fica prejudicada. Os focos podem ter uma evidência de significação que utilizamos para deslocar a significação que, no caso do analisando, ele quer ter, e não a que vamos dar. Quando ele está falando algo, está praticando a mesma besteira que o “analista” interpretativo quer praticar, pois este não faz senão neuroticamente construir significações e dar ao analisando. Não há que dar significação ou interpretação, pois, ao falar, o analisando já faz isto. Há, sim, que mostrar que o que ele diz é isto e **não** é isto. Simplesmente porque disse, já não pode ser isso. Só porque disse, recortou demais, e, se recortou, já está dizendo a interpretação: está recortando como se aquilo fosse o que é. O maior defeito de cem anos de psicanálise foi fazer o mesmo que o analisando faz. Dizer-lhe que “não é isso que você está dizendo, e sim aquilo”, já estragou tudo, trocou seis por meia dúzia.

97. Em nosso caso, a mudança de postura é radical, pois não temos que procurar significações ou significantes. Isto é a besteira que um século de psicanálise pôde fazer. Foi através disso que situamos as coisas, mas hoje não há como não ver que é bobagem. Lacan é brilhante quando esquece esse negócio de significante – embora tenha continuado a falar nele – e conclui que, na clínica, sempre damos de cara com o real e que, então, só podemos fazer uma equívoca. Uma vez que temos esta concepção, não se trata, para nós, de (apenas) equi-vocar os sentidos, e sim de acossar a configuração oferecida de maneira a que haja deslocamentos pura e simplesmente. Depois que se desloca a mesma coisa duas ou três vezes, ela nunca mais se encontra. Suponho que tenham a experiência em seus consultórios de ver um sintoma duríssimo, com o qual se fica lutando – o analisando diz que é isso, dizemos que é aquilo, que é lá, ele diz que é aqui –, e, de repente, começa a desabar e ele não encontra mais o sintoma. Observem que é um trabalho não de extinção mas de diluição do sintoma, do caroço que está ali focal, no meio da zorra das formações. Não há, portanto, que entender significantes. Deve-se entender, quando estão sendo narradas, as

formações que parecem estar em jogo, justamente para não aceitar que fiquem na boca de cena.

- P – *A dissolução é por deslocamento?*

Não se pode fazer mais do que deslocar. Se colocarmos uma colher de sal dentro de um copo de água, veremos que, por mais que dissolva, ainda resta sal. Mas, se ficarmos batendo, aquilo equaliza, não se configura mais. Os elementos das formação não somem, mas se dispersam. Foi a membrana externa que se rompeu de tanto chacoalharmos, o que permite aos elementos funcionarem como novas membranas. Por isso, a análise é infinita: vai-se eternamente explodindo as bolhas. Se conseguíssemos fazer análise de fato, até o fim, seria uma Indiferença, a indiferença de um copo d'água, ficaria mais ou menos tudo por igual.

- P – *O ato é dissolver perenemente, pois imediatamente outra significação se forma. Como você já disse, não há significante puro.*

Imediatamente, a coisa assume outra significação e começa a jogar de outro modo. Não há nada mais a fazer senão deslocar. Por isso, quando se é bom analista, o analisando não percebe que está fazendo análise, pois parece que não está fazendo nada. Muitas vezes, apesar de lá estar há anos, ele diz que não aconteceu nada, só que o sintoma sumiu. Este é o certo: não há nada para acontecer.

98. A cada vez que co-movemos as formações, algumas delas podem explodir, romper a membrana, aquilo se reconfigura e há mesmo uma amnésia da configuração anterior. Isto porque o rememorado é a possibilidade de HiperDeterminação, que é o que funciona no momento da explosão. Quando desqualificamos as significações, é como se tivéssemos feito uma rememoração da HiperDeterminação, pois é indiferenciado. Tomando como exemplo a Teoria dos Conjuntos, se, num conjunto com muitos subconjuntos, abriremos o conjunto externo, os conjuntos internos permanecerão, no entanto, é praticamente impossível lembrar onde se fechava o conjunto para arrumar de novo as formações num conjunto fechado como o anterior. Temos esta experiência

com nossos analisandos e em nossa própria análise, quando queremos rememorar algo que sentíamos e não aparece mais, não vem de novo.

A sustentação de formações tem a ver necessariamente com o aparelho chamado *memória*, que precisa sustentar as mesmas formações se repetindo. Tomem qualquer coisa que memorizamos e deixamos de usar, quando queremos reconfigurá-la, ela começa a falhar por algum motivo, não vem, vem faltando um pedaço ou com outro no lugar. Mas quando estamos usando a mesma memória, estamos configurados do mesmo modo que nossos analisandos sintomatizados. É preciso parar de fazer a distinção entre normal e patológico. Se estivermos no exercício de alguma profissão, precisaremos de uma porção de coisas que não podemos esquecer, pois as estamos aplicando, e isto é um prejuízo do ponto de vista da produção. Ou seja, se usamos todo dia, aquilo automaticamente vem e é igual ao sintoma do analisando. Não há diferença alguma entre qualquer sintoma, trata-se da mesma coisa. Uma das vantagens do século que está entrando é que, cada vez mais, podemos delegar memória. A invenção da escrita já ajudou muito, pois, antes, para qualquer domínio de mundo, era preciso um enorme esforço de memória. Hoje, temos computadores mínimos que memorizam tudo, o que nos torna mais o operador do que o conhecedor, no sentido do informador. Isto é fundamental para pensarmos nas formações mentais das pessoas daqui para a frente. Qualquer um pode ser um excelente profissional que não sabe quase nada, pois não é preciso saber. Eu, então, que tenho implicância com memória e esqueço tudo, dou graças, pois me sinto mais à vontade com esses avanços. Não está longe de colocarmos uns óculos comuns, ligados a um computador no bolso, que nos permitirá, através da lente, ver o mundo e o que está escrito na própria lente ou no vidro do carro. Estamos, portanto, cada vez mais dispensados da neurose do saber, do conhecimento. **O saber é necessariamente uma Morfose Estacionária.** Quando sabemos as coisas, somos uma Morfose Estacionária do saber. Por isso, quando sabemos muito e repetimos demais nossos saberes, não fazemos nenhum esforço de criação, começamos a atrapalhar o desenvolvimento do saber que temos e ficamos reacionários: há uma neurose do saber que nos impede de andar para a frente.

99. Temos que mudar a postura, pois, na cabeça de psicólogo, médico, psiquiatra, etc., supõe-se ainda que, em algum lugar, haja normalidade e que umas pessoas sejam doentes ou neuróticas. Não é possível pensar mais assim, pois não há a menor fronteira entre patológico e não patológico. Todos são doentes. Há que saber o grau e onde se é neurótico: em que região está a Morfose Estacionária e em que grau, quer dizer, qual a quantidade de formações que contribui para aquela morfose ser pesada. Afora o fato de que essa coisa estacionária se traduz imediatamente em paixão. Já repararam que a paixão é pelo estacionamento? Paixão, amor, etc., é Morfose Estacionária. Basta ir ao campo de futebol num dia de Fla-Flu para ver que as pessoas estão dispostas a se matar umas às outras porque têm paixão por um clube. São duas espécies de animais que não podem ficar juntas porque uma é predadora da outra. Neo-etologia é isto: dois animais distintos, com pelames de cores diferentes, um predador do outro. Colocados juntos, são a mesma coisa. Acontece que fazemos o mesmo. Basta reunir ditos analistas para observar que é um bando de animais, uns querendo morder outros por uma questão de significante. Em nosso pequeno pessoal, aqui, quando se reúne em Oficina Clínica, é fácil ver como um quer atirar pedra na cara do outro. É de uma burrice analítica espantosa, pois é apenas uma brincadeira que tem uma regra x , com a qual se joga para achar uma saída melhor. Mas aparecem paixões: a pessoa é apaixonada por uma idéia que teve... É preciso que se faça exercício de saber que há excelentes idéias, mas são apenas idéias. Se ainda dessem muito dinheiro... Será que não se percebe que isso não vale nada, que estamos só brincando, que não é para ligar muito...

Interessa-me ver se é possível posturar-se de outro modo nesse jogo, pois nossos hábitos são velhos, arcaicos, sedimentários. Pensamos estar fazendo um trabalho interpretativo de cura de não-sei-o-quê, mas estamos configurando tudo. Não é um trabalho de desconfiguração. E análise, como sabem, quer dizer *ana-lysis*: anti-formação, anti-coagulação.

• P – Por que há esta tendência a fixar as coisas? Por que a maleabilidade é tão difícil?

O específico desta espécie é justo o contrário. Como, junto com isso, somos animais como quaisquer outros, temos tendência a ser específicos. Isto, aliás, é o que não deveria ser chamado de humano. Por isso, falo em IdioFormações. O específico deste bicho, que emergiu não se sabe como nem onde – dizem que foi na África –, é não ser específico. O que ele tem de radicalmente seu, que não parece comparecer nos outros, é não especificar. Acontece que, no embate com o mundo, as coisas são especificadas. Então, a forte tendência para a estupidez se chama *massa recalcante*. Já se começa, com a massa primária, fazendo um recalque enorme. Na pré-história, para simplesmente vencer distâncias e matar um bicho para comer, isto requer uma estupidez enorme. Não se trata, portanto, da tendência da espécie, e sim da massa recalcante das formações que estão suportando a espécie. E quando se fala em sustentar a IdioFormação sem as formações primárias, o pessoal entra em pânico. Pensam que “vão destruir o homem”, só porque fazem a suposição de que, sem esse tipo de massa recalcante, a coisa seja pior. Não acho que seja. Como sabem, não tenho motivo algum para gostar de gente. Gosto por ser neurótico como todos, mas motivos não tenho. São coisas da pior qualidade. Se o suposto Deus fez o homem à sua imagem e semelhança, esse cara é um incompetente.

100. • P – *A supressão do vínculo animal que o humano porta e a utilização apenas do regime do Originário não suscitarão o comparecimento de todo tipo de comportamento de perversidade, de psicopatia, de impossibilidade de se colocar no lugar de um outro? Ou seja, seria agir como pura Pulsão de Morte descarregando, o que impossibilita o convívio.*

Não entendo por que falar em Pulsão de Morte deste modo. Pulsão é só Pulsão. Em meu vocabulário, só cabe falar de Pulsão, qualquer uma, como sendo Pulsão de Morte. Indo à sua questão, pergunto: onde esbarra a impossibilidade de convivência? A convivência é sempre um processo passional. Na maioria, é estacionário devido a um regime neo-etológico, e não etológico. É só ver o que acontece no Oriente Médio: um bando de neo-animais com neo-

etologias acreditadas e conformadas, às quais não se pode dar um mínimo de maleabilidade. São todos herdeiros e compadres da mesma porcaria, e ali estão em brigas internas por causa de questões neo-etológicas.

• P – *Quero dizer que, hoje, as Morfozes Progressivas são um fator de impossibilidade de convivência.*

Acho que o pessoal, na maioria dos casos, é neurótico. São culpados. Não se encontra a Morfoze Progressiva com tanta facilidade.

• P – *O terrorismo não é uma Morfoze Progressiva?*

Não podemos entender assim. Terrorismo é algo da melhor qualidade psíquica, uma crítica lúcida. É claro que, quando alguém se transforma numa bomba suicida, não o conhecendo e sem saber as razões daquilo, não sei se ele é o cúmulo do neurótico ou se é o cúmulo do lúcido. Para saber sobre isto, teríamos que conhecê-lo. Mas a razão terrorista é uma razão crítica. Não podemos pensar como pensa o Estado. Não quero o terrorista explodindo minha casa, pois buscarei matá-lo por razões absolutamente pessoais e umbilicais. Mas quando vou pensar, percebo que há um estado de situação qualquer e uma posição crítica que conduzem necessariamente à contestação. E quando não há contestação possível, explode-se ou vai-se embora com o rabo entre as pernas. Se explodirem, é porque não quiseram aceitar a situação. É preciso lembrar que o pessoal que faz terrorismo nem ao menos tem o direito, a competência ou os poderes de fazer guerra. Às vezes, até têm algum poder, alguma competência, mas a situação ao redor não quer tratar a coisa no regime da guerra. Não podemos esquecer que se considerarmos qualquer pensador poderoso no mundo ocidental, veremos que ele teve que ser terrorista. Um Artaud e um Van Gogh são terroristas. Eles não puderam fazer guerra na academia, foram expulsos e excluídos. Então, colocaram bomba dentro do teatro e da pintura.

101. • P – *Está nos jornais o caso do assassinato do casal de namorados, em que um adolescente seria o mentor.*

Provavelmente, trata-se de um morfótico progressivo. Trabalhei na Funabem alguns anos e sei que aquilo não só está cheio de garotos desse tipo,

como a instituição propicia que aqueles que não são, aprendam a ser. É uma pedagogia da perversidade.

- P – *O adolescente disse que os matou porque lhe “deu vontade”. Alba Zaluar, em artigo no jornal, coloca isto como sendo uma ausência de juízo moral devido à falta, no tal adolescente, justo do elemento de humanidade.*

Essa tal humanidade não é senão o aparelho, a grande formação recalcante, que conduz às limitações no campo do Secundário. No caso dele, a formação de base repetitiva no nível da Morfose Progressiva é mais forte do que essa formação recalcante. É uma luta de formações.

- P – *É falta de coerção educativa?*

Você quer saber a etiologia? Deve haver várias.

- P – *É colocado como uma falta de humanidade no sentido de falta de educação.*

É uma suposição kantiana pensar que as pessoas nascem com um *chip* instalado, seja no rabo ou no crânio, com um imperativo categórico. Isto não existe! A suposição kantiana é que os humanos são humanos, mas não podemos pensar assim, pois exatamente o que os humanos são é que não são humanos, são inteiramente desumanos. Portanto, não posso partir meu raciocínio da besteira sociológica ou de filosofia kantiana que os humanos devem ser humanos. E não é “devem” no sentido futuro, e sim porque já há um *chip* instalado. Onde?! Só se for na cabeça de Kant, que convivia na universidade, cuja perversidade não chega a estas coisas. Lá, sacaneiam-se os colegas de outro modo e parece mais brando para quem não está com o seu na reta. Dá a impressão de *soft*, mas é tão pesado quanto. Kant não teve que conviver com os meninos da Funabem para perceber que não têm *chip* instalado de nascença. Por outro lado, se temos umas coisas que são até do animal, são **recalques de base primária**. Lembrem-se que o Prof. António Bracinha Vieira, quando esteve aqui conosco esta semana, disse que o rigor da Etologia, que quer ser ciência, não se dá permissão para chamar de etológica essa porção de reflexos que temos. Com exceção, é claro, de alguns pequenos elementos que a etologia

garante que funcionam, como o caso da dilatação da pupila que ocorre na presença de alguém que nos desperte interesse sexual. Mas quando extrapolamos um pouquinho, os etólogos já ficam desconfortáveis, pois têm o vício dos cientistas. Para nós, é evidente que, por toda a história da chamada humanidade, uma série enorme de respostas é inteiramente espontânea por via de formação primária. Já estão lá como saberes primários que podem faltar na instalação e se equivocar por causa da introdução do Originário.

O dilema desta nossa espécie é ser um animal compacto, com uma etologia enorme – muito maior do que a que os etólogos admitem por não considerarem coisa alguma que pareça com cultura (e que, nós, temos que considerar) –, com uma massa recalcante que já vem pronta, cujos chips estão todos lá. No entanto, esses chips não só podem faltar por via de defeito genético, como podem ser equivocados por via do Originário. Então, só posso imaginar que Kant queira dizer que o comportamento está instalado no animal. Seria, aliás, hoje, o caso de lhe perguntar se está falando de formações primárias como sendo o referencial da espécie. Se for isto, está falando bobagem, pois justamente esta espécie conseguiu produzir e evoluir a partir do abandono, do desrecalcamento dessas formações primárias. Então, para fazer uma moral, vamos contar com imperativos categóricos inscritos de saída?

• P – *Não se trata aí da falta de coerção, de proibição?*

Isto não garante nada. Quando trabalhei com aqueles meninos – eu era responsável pelo laboratório de arte –, a partir do momento que saquei que não devia fazer nenhuma coerção, eles passaram a confiar em mim. Eu sabia de tudo que acontecia e nunca comentei com ninguém. Era assustador, tinha medo deles, mas não deixava transparecer. Eles chegaram a colocar fogo no psicólogo que também trabalhava lá. Eu estava tentando entender a situação. Entendi tão bem que tive que pedir demissão, pois os superiores queriam que eu fosse diretor. Coisa que eu não podia ser, por diversos motivos. Um deles é que a máfia que mandava era igualzinha aos meninos, só que estava no poder. Era a máfia do Estado, da ditadura militar. Olhei a situação e concluí que seria destruído pelos dois lados. Pedi demissão, mas entendi como funciona.

A argumentação de que, se houvesse a coerção adequada seria instalado nas pessoas o princípio moral kantiano *a posteriori* é uma asneira. Aliás, falando português claro, seria instalado na porrada. Se tivessem coragem diriam: Se veio com defeito, porrada nele! Ou, como os espartanos: Sejam eliminados! Se fosse o rei, diria: Cortem-lhe a cabeça! Aí está uma fala decente de Estado. Mas como não têm coragem de assumir que são Estado, são o Estado mesmo, mas bonzinho. Não só cristão, mas pedagógico. Isto é falso. Há que procurar as orquestrações do processo, ser muito duro com os extremos, inclusive com os extremos do Estado, e considerar os extremos como parte do processo. Quem é a polícia capaz disso? E não estou aqui dando conselhos para lidar com o Estado, mas simplesmente mostrando como funciona a cabeça do psicanalista, que nada tem a ver com isso. Como cidadão, faz-se o que se quiser, mas como analista há que entender e empurrar o fenômeno para algumas transformações que acaso sejam possíveis. Os que já lidaram com um morfótico progressivo do tipo desse da notícia do jornal, sabem que não há acesso ali. As pessoas não entendem e começam a ter esperanças – o que é coisa típica de neurótico, que tem esperança nos filhos, na mulher, etc. –, mas não há registro para eles passarem para o outro lado. Portanto, o que temos a fazer é forçar a barra para ver se há alguma comoção para fora da pura e simples morfose progressiva. Se houver, embarcamos ali. Vejam que estou falando de algo sutil, que, de repente, nas relações e nas transas, aparece uma pequena pega que desloca o indivíduo da morfose progressiva. Se há esta pontinha de neura, é preciso aproveitar e colocar o bicho bem neurótico, estacionário, fora de seu lugar de morfose progressiva. Quando estamos conversando com esse tipo de gente, vemos que não há registro fora do interesse imediato daquela formação egóica gozante em cima de determinados componentes mórficos que se repetem. E só há papo por aí.

- P – *É o que chamam de amoralidade?*

Ao contrário, é extremamente moralista. A moral deles é: Eu gozo por aqui, logo existo. São cartesianos. É o que a psiquiatria chama de *borderline*. Ao chamar de progressivo, estou me referindo ao fato de aqueles elementos mórficos

sempre andarem para a frente, mas no mesmo lugar. Os morfóticos progressivos são brilhantes e até pensamos que são mais inteligentes que os outros, quando são apenas menos amarrados. O que ocorre é que simplesmente não têm dubitações e questões como os outros. Neste ponto, aliás, são mais parecidos com o analista, só que têm o rabo preso naquele lugar. Se vocês pensam que têm uma soltura, basta contrariá-los em seu querer referido ao rabo preso que vem a guerra. E quando estão na boa sociedade de Ipanema, é o terror, pois começam a guerrear no seio da família burguesa.

102. São estes pequenos elementos, que, com a postura que lhes apresento, modificam radicalmente uma série de conceitos. Vejam, por exemplo, que coisa mais estapafúrdia é o conceito de **representação**. É um problema sério para nós. Como tirar da cabeça de um ocidental de hoje, com a formação que teve, o conceito de representação e seu uso? Se pudermos aceitar que **só há fatos, não há interpretações**, fica desnecessário o conceito de representação. Tudo se factualiza. Uma coisa não é interpretação de outra, e sim um fato novo. Então, o que representa o que? Nada. Por termos a competência de substituir, trocar isto por aquilo, temos que pensar que isto representa aquilo? Nosso ato é representativo, mas não há representação. Logo, não há interpretação. É preciso, portanto, mostrar que, na medida em que operamos cada elemento como fato por si, a interpretação se esvazia. Nunca descobri que não havia interpretação, e sim que tudo se tornava **fato**. Então, a interpretação sumiu da minha cabeça junto com a representação. Há certas coisas espantosas no velho Lacan. Por exemplo, como pode ele garantir que existe interpretação em psicanálise – depois, ele parou, embora ditos lacanianos continuem nessa – se ele mesmo garante que não existe metalinguagem? Não dá para juntar uma coisa com a outra. Ele salta fora dizendo que interpretação em psicanálise é diferente de tudo que é interpretação em outros lugares. Mas ele nunca disse o que era.

Só haver fatos, e não interpretações, juntamente com a inexistência da representação, tem como consequência que o que quer que se diga é da ordem do conhecimento. Se fundarmos uma epistemologia para distinguir o que é

conhecimento do que não é, será um outro ato de escolha que finge haver fundamento. O que é diferente de fundar uma regra de comportamento científico segundo a qual se escolhe o que se vai querer usar como conhecimento e o que não. O único que fez isto com decência foi Paul Feyerabend. Vale a pena lê-lo, pois ele dilui totalmente qualquer epistemologia possível. Na verdade, é ele quem diz de algum modo que o que quer que se diga é da ordem do conhecimento – eu só entendi. Portanto, não confundir o ato de separar o conhecimento que se vai validar do que se vai invalidar com o fundamento para o conhecimento. Trata-se de um ato de poder. Alguém só poderá fazer isto se tiver o poder de ser, por exemplo, o chefe de um laboratório de pesquisa que dirá o que vale e o que não.

- P – *A ciência ainda é atravessada pela idéia de representação.*

O cientista se diz rigoroso por fazer a suposição de que uma coisa é representação de outra. Se tirarmos isto, ficam em pânico, como o Prof. Bracinha começou a ficar diante de certas provocações que fizemos. Eles estão certos, pois, afinal, o campo deles é assim. No entanto, a suposição de que o rigor depende de algo ser capaz de representar outra coisa só está esquecendo que é um momento de recorte na história dos conhecimentos, em que alguém resolveu substituir isto por aquilo, o que é metafórico. Se a psicanálise, sobretudo com Lacan, vem dizer que nada se diz fora da metáfora, cadê a representação? Há ato de substituição: tomemos alhos por bugalhos, tomemos um quilo de feijão por x reais. Se x reais “representassem” feijão, o povo não estaria morrendo de fome e os preços seriam estáveis para sempre.

- P – *O que incomoda talvez seja que determinados termos usados pela Nova Psicanálise tenham outro sentido no protocolo dito científico. Por exemplo, o termo lesão para um médico é algo estrutural e definitivo, que nunca mais pode ser removido. É perda de neurônios ou de pedaços do cérebro.*

Quero ver o neurologista, neurocientista, seja quem for, mostrar onde está a fronteira entre uma lesão estrutural e outra que não se remove, mesmo não tendo a aparência de estrutural.

- P – *Eles já sabem disso, mas não nomeiam assim.*

Então, é o poder que têm de distinguir em seu campo o que querem e o que não querem que seja lesão. Quanto a mim, enquanto tiver o poder de dizer o contrário, direi. Sem dúvida que é lesional. António Bracinha, por exemplo, aceita que haja lesões dinâmicas – que prefiro chamar de funcionais. Há lesão funcional, sim. Basta considerarmos o cacoete profissional de usar os braços de determinada maneira, para ver que é praticamente impossível retornar para outros usos. E pior, isto vai se instalar no cérebro. Tomem a diferença entre o pianista e o violinista. Li um autor da área de neurociência que fez uma pesquisa mostrando como é diferente a instalação cerebral nessas duas modalidades de instrumentistas. A dificuldade do teclado é ter que fazer as duas mãos equivalentes, não podendo haver privilégio da direita ou da esquerda. A dificuldade dos destros é a mão esquerda ser ruim no piano. Então, têm que treinar muito para colocá-la no mesmo nível – e vice-versa. Já no violino, o manejo do arco tem um tipo de sensibilidade e o dedilhado outro. Como são duas formações diferentes, as mãos são convidadas a se tornar mais especializadas do que já eram. Leonardo da Vinci, por exemplo, escrevia com as duas mãos ao mesmo tempo e em espelho.

- P – *A psicanálise não teria, então, que repensar o conceito de Inconsciente, já que a representação tem relação com isso?*

Livrei-me disto há muito tempo quando disse que Inconsciente é aquilo que se passa entre Haver e não-Haver. Ou seja, é qualquer coisa. E mais, é estruturado como a gente o engaja (*comme on l'engage*). Considerem isto e apliquem: engajou em algum lugar, estruturou, configurou. Quando os velhos hindus diziam que tudo é pura ilusão, o que é ilusório? É que qualquer configuração, considerada como tal, está mentindo, pois há uma massa enorme de recalque em torno dela que não está sendo considerada. Ou seja, a consciência é uma falta de inconsciência. Quando se diz que alguém não tem consciência, na verdade, o que acontece é que essa pessoa não tem inconsciência. Caso contrário, não seria tão estúpida. Consciência existe? Sem dúvida, mas quando começa a falar diz asneiras... úteis, muitas vezes. Não vamos confundir uma

coisa ser útil com o fato de também ser uma asneira, pois as asneiras por vezes são utilíssimas. Vejam como pegamos as variáveis e misturamos tudo. Como pode uma coisa tão importante e útil como a consciência ser uma asneira? É uma asneira utilíssima. Não tem gente que gosta de merda? Pois é.

Consentâneo com as questões de só haver fatos, e não interpretações; da inexistência de representação; e de tudo que se diz ser da ordem do conhecimento; temos o problema do **Adjeto**, do **Adjetivo**. O tema do *subjetivo* – a idéia de sujeito ou subjetividade – é herdeiro da velha idéia de alma, que vem de Descartes, etc. E hoje, ainda temos pesquisadores preocupados com o problema mente-corpo na filosofia e na psicologia. Vejam o que é uma morfose estacionária. Eles estão parados no século XVII acreditando nisso. É claro que existe o *software* e sua relação com o *hardware*. Mas, uma vez que entrou no cérebro ou em qualquer outro lugar, acabou a distinção, é um único aparelho. Daí que trouxe a questão do Adjeto e do Adjetivo. Digo que **o que alguém supõe ser seu sujeito é, de fato, o conjunto de adjetos, de adjetivos que se supõe compor aquele alguém**. Por que é preciso instalar um conceito ou um lugar topológico para o tal sujeito, se simplesmente sua referência é a *resultante* dos adjetos que estão em jogo em sua formação? A HiperDeterminação, inclusive, é um dos adjetos.

103. • P – *No embate da apresentação de conceitos da Nova Psicanálise fica evidente que são dois modelos musicais em conflito, e não se consegue fazer uma transposição efetiva para o modo de pensar proposto. Por exemplo, em 2001, quando você critica a noção de imputabilidade e retira o esteio que lhe dava sustentação inclusive às transas cotidianas de fala e reconhecimento social, isto se torna angustiante para...*

...o tolo, que faz questão de que a coisa tenha fundamento sólido. Não tem, é só uma transa. Qual é o problema? Se sou o poder, se sou Luis XIV, o rei absoluto – “*L’État c’est moi*” –, como posso querer fundamentos para mandar matar alguém? Preciso deles? O que vemos é que não se quer tomar um ato em cima do poder que se tem para tomá-lo. Ou seja, quer-se fingir que há uma

razão reconhecível para se instalar uma ordem jurídica. Não há! Por isso, não suportam Carl Schmitt. Ele diz que o que há é: poder, força. Então, as discussões ficam infinitas e impossíveis sempre que não se quer assumir que “fi-lo porque qui-lo” e pude fazer. Só há esta justificativa.

- P – *Qualquer razão é engabelação.*

Considerem o termo freudiano de **racionalização** e levem-no à última consequência. O processo de racionalização do poder está nas fábulas de Esopo, de La Fontaine, onde temos o lobo racionalizando por que vai comer o cordeiro. Não há razão alguma. O lobo vai comer porque é o lobo e o outro é o cordeiro. Ele está com vontade de comer e está com fome. Esta é a crueza que não se quer admitir. A psicanálise foi a primeira a trazê-la e colocá-la sobre a mesa. O ato de Freud foi dizer que é cru. Se quisermos amenizar a crueza, não temos que denegá-la, e sim vê-la com clareza. É de outro ato de poder que se trata quando consideramos os poderes que podem ser constituídos para não deixar que o lobo simplesmente coma o cordeiro e fique por isso mesmo. Se quisermos amenizar estas agruras, há que entendê-las com crueza e procurar constituir outros poderes. A luta é política. Os animais, aliás, têm uma noção clara de quem é o mais forte. Basta que briguem um pouco, sem necessariamente se matar. As artes marciais também podiam servir para sabermos qual é a nossa hierarquia: as faixas evidenciam quem pode e quem não pode. O que, para fora da psicanálise, está errado, é a tentativa perene de, por via de algum “fundamento”, tentar justificar que é o poder que decide em última instância.

- P – *O gesto máximo de abstração, de distanciamento do mundo, seria o máximo de poder?*

O poder de renúncia, de afastamento, é imenso. Se o temos para valer, ficamos inatingíveis, mesmo porque há o poder de nos matarmos, de cairmos fora.

- P – *Para Santa Teresa, morrer é o cúmulo, o que gostaria que acontecesse e, no entanto, não acontece...*

Ela supõe que morrer é encontrar-se com Deus. Há esta tolice nela, mas há lucidez de saber que, se chegamos no extremo, o resto não vale nada.

- P – *Mas não temos que ter sempre uma tolice?*

Não temos que ter, nós temos.

104. Já viram os filmes da *Matrix* (*The Matrix*, 1999; *The Matrix: Reloaded*, 2003; *The Matrix: Revolutions*, 2003) – todos de Andy e Larry Wachowski? Eles são muito talentosos e têm uma lucidez incrível. Com exceção dos que não têm medo, como Ray Kurzweil, muitas pessoas ficaram angustiadas com os filmes. Cientistas importantes como Bill Joy escrevem textos em pânico. Ambos os livros que citei no início (*MATRIX: Bem-vindo ao Deserto do Real* e *A Pílula Vermelha*) reúnem artigos de vários autores (alguns dizendo muita bobagem) considerando o filme. É interessante para nós, além da neurociência, das ciências da informação, etc., pensar esse tipo de acontecimento que nos mostra com nitidez o funcionamento no computador da dissolução da idéia de sujeito.

Há um filósofo americano chamado Nick Bostrom que tem um texto brilhante n’*A Pílula Vermelha* (*Vivemos na Matrix? O argumento da simulação*). Ele nos deixa contentes ou em pânico. Quanto a mim, fiquei contente. Diz ele que, em 2030, já se conseguirá fazer o *download* de nossas mentes. Uma porção de nanos será injetada na veia, ocupará o cérebro, fará um escaneamento completo, e, talvez mediante a leitura pela posição dos neurônios, poderá dizer o que estamos pensando. Com isso, acabou o Sujeito e a privacidade da memória, que, esta, vai ser pública. Então, continua o autor, imaginem que as pessoas já conseguiram fazer o *download* de tal maneira que constituam um mundo virtual pregresso. E mais, imaginem que sejamos nós esse mundo pregresso. Nós, que pensamos ser seres vivos, não somos senão a produção em *software* daqueles do futuro, que estão nos fazendo viver em 2003. Ou seja, nossa vida já é a virtualidade produzida pelo pessoal de 2030 e estamos aqui como uns tolos crentes. Provem que não é verdade! Não tenho por que não acreditar que talvez este universo que olhamos seja apenas um computador. Já imaginaram a possibilidade de a configuração deste universo ser computacional? Não é que seja produzida por computador, e sim que é o computador. Significa que até a astrologia é verdadeira. Saiam dessa!

Vejam que o chamado **Artista** fica mais à vontade para colocar essas coisas em filmes e livros. Por isso, faço questão de produzir o que produzo com cabeça de artista, o que me deixa mais livre. Ou seja, isto que lhes apresento é obra de arte. Lembrem do filme *Homens de Preto* (*Men in Black*. Barry Sonnenfeld, EUA, 1997), em que um personagem tinha o universo num colar pendurado no pescoço. É este o tipo de **mente** que está emergindo com o nome de século XXI? Trata-se de uma mente que derroga por completo o século XX, o qual é uma besteira ultrapassada em todas as áreas, e mormente na tal Psicanálise. Ainda não sentimos na pele a emergência radical do século XXI. Quando sentirmos, veremos com vai ser duro. Quem viver verá... Tornar-se-ão visíveis grandes zonas de *parques humanos* como se fossem quintais zoológicos – e absolutamente dispensáveis. Não sei se alguém decidirá exterminá-los. Serão pessoas obsoletas, que não servem nem para escravas. Podemos imaginar alguém não servir nem para ser escravo? Veremos que os negros africanos eram um luxo...

22/NOV

MetaMorfofes

A Patemática da Psicanálise

Excertos da Oficina de MD Magno

1. Sobre o que chamam de patologia ou nosologia já avançamos bastante na parte publicada de nossa teoria, mas ficou faltando receber um desenvolvimento adequado. No Seminário de 92, *Pedagogia Freudiana*, há um primeiro esforço abrangente do que se poderia encaminhar segundo este modelo, mas é incipiente e precário. Há referências demais à organização antiga, tanto da psiquiatria quanto da psicanálise, e sempre me pareceu que devemos retomar o tema desvinculando-o radicalmente da história médico-psiquiátrica e mesmo psicanalítica. É preciso entender como se dá o fenômeno psíquico e formular uma tabela de compreensão dos movimentos capaz de fazer com que os raciocínios sejam os mais abstratos possível e que o conteúdo da dita patologia fosse apenas de formações e seus vetores. Ou seja, trata-se de obter uma compreensão das formações e das pressões vetoriais entre as formações. Isto ajudaria inclusive a terminar com o xingamento embutido, já de séculos, nesses termos. Mesmo porque vieram da ordem social, que passou à ordem jurídica no Estado e depois à ordem médica – o que é muito sujo do ponto de vista das relações sociais. Por isso, comecei a pensar em Morfose, Neurose e Psicose, mas continuava sujo. Recentemente, ainda remetido aos desenvolvimentos do Seminário de 92, já que estamos falando de Formações, sugeri que jogássemos fora estes nomes e utilizássemos o termo **Morfose** para tudo, e que procurássemos um sentido vetorial pensando em Morfozes Progressivas, Estacionárias e Regressivas. É isto que precisamos melhorar e limpar cada vez mais.

Intitulei o desenvolvimento da trilha que proponho de **MetaMorfozes**, pois insisto em continuar chamando todas as afecções, todos os afetos psíquicos de **Morfozes**, agora generalizando o termo. MetaMorfozes, com seus dois sentidos: (a) tentativa de entender as Morfozes como uma espécie de

metadiscorso, e (b) também entender que as formações são metamorfóticas, ou seja, podem transitar de uma para outra. Não costumam fazer isto, pois viram pregnância sintomática, mas seu entendimento só pode ser no sentido musical da transformação. Coloquei como subtítulo: **A Patemática da Psicanálise**. Faço esta brincadeira (muito séria), pois não se trata de matemática ou de matemas, e sim de **Patemas**. Não uso os termos patologia e nosologia, pois quero a Patemática com todas as raízes gregas de *pathetikos*, *pathetiké*, *pathetikon*, etc.: o patético, o emocionante, o impressionante, o sensível. São os gostos, as emoções, o sofrimento, o *pathos*, *patheos*: aquilo que se experimenta, a prova, a experiência, o acontecimento, o infortúnio, a paixão. É o patológico, *pathos lógikos*: o que trata das afecções no sentido grego de enfermidade. *Pathé*, *pathés*: estado passivo, sofrimento, aflição, propriedade dos corpos. *Pathema*, *pathematos* (de onde tirei Patemática): enfermidade, aflição, desgraça, todo evento que sobrevém e afeta o corpo ou a alma. Há também o *pathetos*, que, em português, deu o pateta, que deve ser o patético, muito sofrido. Há a *pathesis*: afecção física ou psíquica. Na verdade, *Haver desejo de não-Haver* ou *Haver quer não-Haver*, que já chamei de *Mathesis Universalis*, devemos chamar de **Pathesis Universalis**. O Haver sofre de querer o não-Haver e, em consequência, está aí toda a sujeira que envolve nossa vida.

2. Fiquei anos pensando e fui chegando à conclusão que deveríamos procurar – até na história da humanidade, da fabricação de proposições, textos, etc. – o que poderia nos orientar no sentido do entendimento das formações do Haver segundo suas modulações e vetorizações. Por isso, indico alguns textos como fundamentais para o desenvolvimento do tema. São fundamentais, pois são textos (não de psicanálise) que podemos ler para mudar a cabeça:

O primeiro é o *I Ching*, muito maltratado no Ocidente, pois pensam que sua função é tirar a sorte. Isto é uma imbecilidade e nada tem a ver com o pensamento chinês, a não ser no que os próprios comentadores do *I Ching* criticam como mesquinha, inclusive na China. O importante é que é

antiquíssimo e o que tem de texto não são as palavras e nem os comentários que fizeram depois, mas uma série de tracinhos. Eles conseguiram montar um pequeno aparelho com certa combinatória que pretende entender os movimentos de transformação nas formações do Haver, sobretudo na mente humana em relação aos movimentos de seu cotidiano e de sua história. Observem que o traço inteiro e o traço partido, que são os dois pólos do Revirão deles, não são senão o que veio equacionar em última instância, até agora, a articulação ocidental dos textos, que é a ordem computacional, binária: 0 e 1. É interessante ler e meditar sobre os tracinhos, pois são milênios de tentativa de entendimento das formações com essas anotações. A idéia que o livro passa – e François Jullien o chama *Clássico das Mutações* – é justamente a de transformação das formações em função de seus movimentos, de seus embates e pressões vorticiais. É o que deve ser a cabeça de um analista, que não é alguém cheio de conteúdos. A psicanálise nasceu mal, é mal parida por ter nascido no Ocidente com referencial mitológico e cheia de anedotários. Por isso, aliás, há que fazer uma enorme faxina, pois mesmo aquela feita por Lacan é precária. Com o *I Ching*, então, temos algo mais próximo do equacionamento em abstrato de que estou falando. Isto não significa que se trata de matemas – o próprio Lacan, no final da vida, teimou em declarar que o truque psicanalítico não seria matemático –, e sim de uma anotação lógica dos processamentos de transformação na mente. *Mente* significando os movimentos psíquicos e suas atuações no mundo. Há uma edição famosa do *I Ching*, de Richard Wilhelm, cuja tradução brasileira (São Paulo: Pensamento, s/d) é de Gustavo Alberto Corrêa Pinto, que já esteve fazendo palestra no Colégio Freudiano em 84. Agora saiu uma edição, de Alayde Mutzenbecher (*I Ching: O Livro das Mutações. Sua Dinâmica Energética*. São Paulo: Gryphus, 2002, 430 p.), muito bonita do ponto de vista gráfico e com modos novos de abordar a coisa. Alayde trabalhou com Gustavo e é especialista em Oriente.

Outro texto fundamental é *Metamorfoses*, de Ovídio. Há diversas traduções. A que tenho é de vários trechos, feita por Bocage e que vem acompanhada da versão original em latim (São Paulo: Hedra, 2000). O que

está fazendo Ovídio nesta bibliografia? Ele seria a versão pagã do nascimento do Haver. É algo que, na história da humanidade, na história até do Ocidente, podemos contrapor à *Bíblia* (e a seus funestos resultados).

O terceiro volume dos textos fundamentais é de Ezra Pound, que publicou ao longo da sua vida um livro intitulado *Os Cantos* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002, 2ª ed. Trad.: José Lino Grünewald). Ezra Pound é uma cabeça que o pessoal nunca entendeu, até o colocaram no hospício algum tempo para ver se deixava de ser nazista, mas não funcionou. Não sei se ele deixou de ser nazista, mas não deixou de pensar. Uma de suas declarações fortes é que o Ocidente devia urgentemente substituir o Velho Testamento pelas *Metamorfoses*, de Ovídio, como texto fundamental. É muito interessante, pois a concepção de Ovídio é espinoseana, se quiserem, colocando a questão do Haver como homogeneidade e processamento de transformação.

O quarto texto é o *Tratado de Harmonia*, de Arnold Schönberg (São Paulo: Unesp, 2002, 580 p.). Peço que tomem contato com a obra teórica de Schönberg, não por ele ser a última palavra da música de vanguarda no mundo, e sim porque, em determinado momento, fez uma revolução radical em comparação com o que costumamos escutar (que, por pressão cultural, deve ser um hábito tonal). Não acredito que vocês escutem música depois de Wagner. Lacan, por exemplo, era meio apaixonado por Mahler... Mas, do ponto de vista estrutural, Schönberg recompôs a estrutura auditiva do que é musical. A música ainda sobrevive dentro da caretece do estilo temperado. O Ocidente, diferentemente da Índia, da China, nunca saiu para valer do cravo de Johann Sebastian Bach, é absolutamente conformado à idéia do temperamento do cravo. É claro que, depois, há a música eletrônica, eletroacústica, que trabalha no nível de sons não registráveis quanto à altura, ou com ruídos mesmo, mas é outra história. Bach é interessante por ser mensurável, e nossa cabeça pode acompanhar as lógicas, pois os sons estão dentro de uma escala temperada de doze sons sucessivos. Quando entendemos que alguém reconstrói o panorama auditivo inteiramente a partir de uma pequena lógica, como se fosse o *I Ching*, isto nos ajuda a pensar daquele modo, ao invés de pensar por conteúdos. Do

ponto de vista estrutural, Schönberg recompôs a estrutura auditiva do que é musical. É preciso, aliás, sempre lembrar que a formação das pessoas em psicanálise, apesar de Lacan ter tentado abstrair e matemizar, é conteudizada. Não se tem formação para escutar a música que o analisando está dizendo ou escutar a vetorização. Escutam-se conteúdos, e isto deixa pensar que a psicanálise lida diretamente com esses conteúdos. Mas, ao contrário, ela pode lidar diretamente só com vetores. Utilizamos os conteúdos na conversa do analisando para empurrar os vetores, mas não podemos focalizar os conteúdos. A história da psicanálise, sobretudo com o conteúdo do Édipo, já nasceu mal, pois as pessoas escutam é a mitologia.

E o quinto texto fundamental é de Stephen Wolfram, de que já falei em outras ocasiões, *A New Kind of Science* (2002, 1280 p.). É um livro difícil para quem não está acostumado: é simplíssimo, mas é complexíssimo. Ele é alguém que pode salvar minha vida. Precisamos esperar por essas pessoas, acontecer de elas caírem do céu. É um juvenzinho que parece que terminou a Universidade com 12 anos e o doutorado com 17. Depois, ganhou o prêmio Nobel de alguma coisa e inventou um *software* de matemática que o deixou milionário. Aí, isolou-se durante dez anos e pensou essa teoria nova que é muitíssimo bem bolada. Publicou seu livro por conta própria, pois não dá a menor bola para a Universidade e os cientistas estão danados com isto. É exatamente o que o século XXI pede – e é algo que já estou fazendo há algum tempo. Isto porque, quando pensamos em algo que possa re-escrever tudo, não podemos ficar dando bola para certas besteiras, se não, elas nos afogam. Temos que nos isolar e fazer. Dane-se o resto. O que ele produziu é simplesmente a idéia de que o Haver é homogêneo. Ele reduz o universo por inteiro, todas as áreas científicas, a um processo informacional, com uma teoria que ninguém supunha. Fazendo um breve resumo, antes dele a idéia era de que as complexidades existentes no Haver teriam que ser entendidas mediante formulações complexas. Assim, uma complexidade é difícil de ser abordada, pois só uma formulação complexa daria conta dela. Mas Wolfram disse que todas as complexidades derivam de idéias extremamente simples, e demonstrou que, com uma regra mínima, produz-se o

aleatório, o randômico, o complexo. É como se dissesse que podemos depreender toda a estrutura do Haver a partir da seguinte regra: Haver desejo de não-Haver. É claro que isto teria que ser modulado com polarizações, etc.

Vamos agora a uma bibliografia que não é fundamental. Há um livro de René Leibowitz, *Introduction à la Musique de Douze Sons* (Paris: L'Arche Éditions, 1997, 352 p.). É interessante, pois é um autor que estuda a estruturação da música de Schönberg. Outro livro, é de um jovem brasileiro. Não o conheço, mas me parece doidinho e maravilhoso. Chama-se Flo Menezes e escreveu *Apoteose de Schoenberg* (São Paulo: Atelier Editorial, 2002, 452 p), em que apresenta a instauração da música de Schönberg, mas também mostra as outras estruturações. E, finalmente, François Jullien, que já citei, com seu *Figuras da Imanência. Para uma leitura filosófica do I Ching* (São Paulo: Editora 34, 1997, 257 p.). Acho que precisamos submeter nossas cabeças a esse tipo de enfoque para fazer uma lavagem cerebral, limpar um pouco o esgoto que está enfocando as coisas num nível quase psicótico. Não devemos entrar na psicose deles, temos que poder pensar com a cabeça solta. Se não, nos perdemos.

3. Pedi que lessem o livro de Monica Tolipan, a qual já freqüentou meus Seminários, intitulado *Uma Presença Ausente* (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002, 127 p). Indiquei o livro, em primeiro lugar, porque é brasileiro, algo que aconteceu aqui, as pessoas publicaram, deram bola, etc. O que há de interessante nele é não ter chatice acadêmica. Ela simplesmente narra suas experiências de forma aleatória, até parece texto medieval. Aliás, é muito contemporâneo nosso contar dessa forma, como se fosse sobre o Rei Arthur...

A autora faz a suposição de que inventou um método novo de lidar com os autistas: uma concepção do autismo e uma metodologia de tratamento. Acho que não é o caso, pois ela apenas associou idéias e o que entendeu do autismo pode ser perfeitamente reduzido a várias concepções já tratadas sobre psicose, sobre autismo, inclusive a de Lacan com sua forclusão do Nome do Pai. Quanto à metodologia que usa e supõe estar produzindo, ela parte da hipnose na linhagem de Léon Chertok, que aliás já vimos aqui. Acho isto importante, mas não gosto

de olhar do ponto de vista desde onde se costuma olhar. Minha experiência com hipnose data da década de 50, quando fui estudar com as pessoas que faziam pesquisa. É preciso entender, saber como se faz, como funciona, mas concordo com o velho Sigmund que é melhor não entrar por aí. Os autores sabem como funciona, que está no social, em toda parte, mas não sabem o que é a hipnose. Portanto, é interessante tomar um texto como esse para nos informar sobre os embaraços e os tropeços descritos no cotidiano do consultório, mas sobretudo interessa para nós o fato, seja redutor ou não, de ela, por via da hipnose, supor ter entendido o que é autismo e talvez sua cura. É um prato cheio para deitarmos e rolarmos no entendimento – que lá não está – do que possa ser esse processo a partir das nossas colocações. Achei um exemplo excelente... para não ser seguido, e sim ser entendido em sua ignorância. Não estou desfazendo a autora. Acho-a séria, ela sofre, ela parte de uma experiência dura e difícil, mas o entendimento já é outra história. É interessante que alguém tenha coragem de fazer esse tipo de declaração que, se abordamos com certa crueza, fica risível, pois ela descobriu a pólvora. Mas, dado que isso é posto e dito e alguém pode escutar, é um exemplo excelente de como funcionam as coisas e de acrescentamento do entendimento dos processos psíquicos em sua emergência. Coisa que ela percebe bem. Como acho que nos ajuda a verificar que, com nosso aparelho, podemos explicar de algum modo a própria existência da hipnose, é uma boa construção de conceitos para desenvolvermos o processo que vai acabar numa Patemática.

Não há mistério algum em fazer hipnose. Qualquer mãe sabe fazer. Explicar, como faz a autora, o que é a hipnose e ainda supor que se pode tirar uma terapêutica genérica e compreensível do que seja o autismo mediante a hipnose da mãe, isto é pequeno, é apenas *um* caso de aproximação das estruturas psíquicas aí em jogo. É o óbvio ululante, aliás, que, quando hipnotizamos a mãe, o filho fica livre. Mas há que equacionar isto de modo certo, pois é algo que fascina a debilidade das pessoas. Embora não tenhamos como acompanhar em laboratório, nossa ferramenta é muito clara ao indicar que a hipnose tem a ver com a passagem do Primário ao Secundário, do etológico ao neo-etológico.

Então, não é que a hipnose seja um caso produtor de autismo, e sim que a hipnose é o caso.

4. Não existe matéria viva – de preferência, em função de sua complexidade (e quanto mais complexa, mais assim) – que não funcione no nível de uma vinculação estabelecida no nível do Primário, dada naturalmente. Esta vinculação percorre a matéria viva. No caso da complexificação desse vivo – por exemplo, animais complexos como cachorro, largatixa, etc. –, isso é cada vez mais articulado no nível do Primário, ou seja, tem uma base primária de natureza autossomática, e, sobretudo, é nitidamente visível na natureza etossomática. E os etólogos reconhecem que, conforme também observa a autora, isso aparece com toda clareza na relação mãe e filho, em qualquer espécie onde haja mãe e haja filho. Isto porque a sobrevivência depende dessa vinculação.

Quando Lacan pensa o *Estádio do Espelho*, ele cita longinquamente o trabalho de Konrad Lorenz, mas o que é fundamental ali – e que não está equacionado no trabalho de Lacan – é justamente o que existe de estrutural do ponto de vista primário, de passagem de Primário a Secundário na relação que ele chama da criança com o Outro, que não é senão a disposição do vivo a ser impresso, a receber *imprintings*. É impressão no sentido gráfico do termo: qualquer matéria viva surge com a disponibilidade de ser impressionada para não sucumbir, para entrar “numa”. A sobredeterminação transferencial faz parte da matéria viva, e quando ela se torna muito complexa também esse artifício se torna complicado. Daí, as pessoas ficarem espantadas com **a hipnose**, que é **simplesmente a disponibilidade que tem a matéria viva de receber de seus pares informação impressiva para poder sobreviver no ambiente**. Se partirmos, então, de que estamos mergulhados num princípio de – tiremos a palavra hipnose – transmissão, de vinculação impressiva, sem o que sucumbimos, fica essa porta aberta para todas as impressões. É daí que se tiram as possibilidades dos conceitos de recalque, fixação, sedução, que aparecem nas cabeças dos Freuds da vida. São decorrências da **disponibilidade à informação impressiva por parte de outrem e que nos organiza para**

sobreviver. No caso, por exemplo, do menino-lobo, vemos que ele perde a impressividade de sua espécie. Como não a recebeu, entrou “noutra”, virou um bicho. O etológico ali funcionou nesse nível, sem inclusão do que chamo Vínculo Absoluto, que não é primário, mas originário em nossa espécie. Onde haja Revirão, há esse vínculo abstrato. Na matéria viva, ele não há, só nas IdioFormações.

Há uma passagem homogênea do Primário para o Secundário. É homogênea no nível em que coloca Stephen Wolfram, que citei na bibliografia acima. Em meu nível, é passagem das articulações que são as mesmas, só que aqui está bloqueado como Primário e ali reconstituído como Secundário. Então, quando a criança está metida no tal Estádio do Espelho, o reconhecimento que ela tem – que Lacan disse que é reconhecimento de “eu” –, como já expliquei quando falei em *Estalo do Espelho* (1988), é **reconhecimento de sua competência de reversão, portanto de separação**. É um momento de lucidez, um momento de despertar. Se vivemos mergulhados na hipnose – e quero desenvolver esta idéia em todas as áreas: mesmo quando estou aqui pensando, submetido à ordem do pensamento psicanalítico, estou hipnotizado, não há como ser de outro modo –, o que posso é procurar momentos de despertar. Um passo novo dado na teoria foi um momento em que se despertou. É o que chamo de HiperDeterminação. Vejam, então, que, com nosso aparelho, podemos fazer um panorama completo do processo com clareza. E o que a autora está dizendo é que o processo de cura em qualquer nível é, como Lacan já dissera, um processo de **despertar**. Como despertar, como se separar, como acordar desse sono hipnótico a cada passo, uma vez que podemos ser brilhantes articuladores teóricos, mas estamos hipnotizados? Quando ela diz que o autista seria aquele que não saiu da hipnose, temos que acrescentar que tampouco o psicótico, o neurótico e todo mundo. Mas há um modo específico de o autista não sair e que encontra um momento de situação de hipnose. Suponho que ela, com sua experiência, tenha razão ao dizer que se trata da hipnose lá do comecinho, aquela que está na primeira predisposição do bebê para se organizar. É óbvio, portanto, que, se hipnotizamos a mãe, a criança melhora, pois ela, por qualquer

motivo, mesmo que não seja sua culpa, não está deixando a criança se separar. Deve ser um dos empecilhos, mas não acredito que deva ser só ela, pois a criança deve ter um defeitozinho para não ficar meio de saco cheio daquela senhora.

Um de vocês me falava sobre um analisando que, num momento em que estava se descolando do analista, disse que se achava igual a ele. Ele descobre que está falando com o mesmo. É a isto que chamo de Vínculo Absoluto. É uma descoberta. Se o que me foi dito for verdadeiro, e se nosso entendimento for verdadeiro, **a cura é a descoberta do mesmo, e não do outro**. É onde falha o pensamento de Lacan, que fica procurando por um outro, que não existe. Outro, é quando você sabe que é o mesmo. Quando a coisa fica indiferente, aí é que entendi, pois caí no mesmo. A separação é necessária. Para quê? Para se poder verificar que é o mesmo. O mesmo é o indiferente. Não é o indiferente porque é desinteressante, e sim porque qualquer coisa dá na mesma.

• Pergunta – *Os vetores do século XXI estão apontando para o entendimento disto, mas estamos vivendo o aguçamento e a recrudescência das separações ainda sem entender que a separação leva ao mesmo.*

As diferenças estão exasperadas a ponto de alguém ir matar o oposto para depois descobrir que era ele mesmo. Basta ver o que George W. Bush anda fazendo.

5. Os etólogos já verificaram que quando o filhote do macaco entra em angústia, começa a berrar, e a mãe, mesmo longe, escuta e responde, imediatamente ele relaxa. Há um jogo de homeostase no vivo que faz com que não possamos despertar para além de certos limites, se não, explode. Mesmo porque não se vai despertar, pois só nos permitimos um pedacinho de despertar, o resto tem que ficar garantido. Ou seja, temos, oferecida de bandeja desde antes do nascimento, uma disponibilidade de sermos enquadrados numa patota. Não conseguiremos pertencer se não nos dispusermos à impregnação e, com isso,

vem fixação, recalque, etc. Precisamos disso, se não, morremos. Se o bebê, enquanto feto, não tiver algum dispositivo de disponibilidade para as impregnações que já estão começando, ele morre. E digo mais, isso ultrapassa o limite que chamamos de vida, pois vai ao Haver por inteiro. **Vida é informação.**

Tomem uma teoria qualquer, mesmo que incomprovada, e façam a hipótese de ser genérica. A Teoria das Cordas, por exemplo. O que há lá dentro? Um DNAzinho de quatro formulações sonoras. Em suma, o Haver é puro papo... furado. Ou seja, **ao contrário de a psicanálise estar em extinção, ela está é tentando começar.** Coisa, aliás, para que o pessoal da psicanálise precisava acordar. A psicanálise está em sua pré-história. Vai ficar uma coisa que os românticos vão achar sem graça. Serão *Contatos Imediatos*. Como estabelecê-los? Vocês sabem que a musiquinha que tocam no filme que tem esse título, e que estabelece contato, está no *Finnegans Wake*, de Joyce? A Teoria das Cordas supõe que há quatro notas fundamentais, e quando aquilo soa, tudo acontece. Aí vem Wolfram agora dizer que, se começarmos a fazer a combinatória dessas notas, teremos até o aleatório. Ele tem o saco de ficar esperando que um hipercomputador faça um processo extremamente longo de acompanhamento disso. A teoria dele é algo que dá um grande sentido de liberdade. Ele demonstra que uma regrinha, se a fizermos funcionar, lá adiante nos perdemos porque a regra mínima produz uma complexidade randômica. É pura repetição. Se muito repete, sai do lugar. Quem repete pouco, não sai do lugar. A estrutura do *I Ching* é a repetição alternada em combinatória de dois traços.

6. É preciso entender a função do 4 nos grupos de Formação Clínica, que vocês do NOVAMENTE vêm realizando com quatro participantes, trocando um a cada trimestre. Na página na Web de Wolfram (wolframscience.com), podemos vê-lo, a partir da máquina de Turing, demonstrar que até 4 é a complexidade, depois nada fica mais complexo do que isso. Quando se joga com 4, pode-se atingir o cúmulo da complexidade. Com menos, não. É um tabuleiro de xadrez, é o *I Ching*. O tabuleiro de xadrez é suficientemente complexo, não é preciso

mais. O *I Ching* é infinito, porque chega ao limite de combinatória que produz complexidade. Qual é o limite onde temos que chegar para que se infinitize? Bastam quatro.

Então, nossos trabalhos com quatro pessoas, se insistirmos nele, nem seria preciso trocar uma a cada trimestre. Insisto em que troquem porque sei que as pessoas, por serem neuróticas, vão barrar a complexidade. Elas vão estacionar e não deixar a complexidade aparecer. Ninguém vai querer ficar de quatro. Então, vamos circulando para ver se o 4 aparece. O movimento é no sentido de fazer essa cabeça. Observamos o analisando. Ele repete, repete e, um dia, aquilo tudo fica pequenininho. Ele pode falar o que quiser, pois vai dar sempre na mesma. Agora, é só esperá-lo sacar isso. Depois que escutei, nada mais tenho a conversar com essa pessoa, mas ela tem a conversar comigo. As pessoas acham que é um saco, mas, na verdade, temos que ficar bestas. Ele tem que continuar repetindo para chegar lá.

O que não ocorreu a Lacan é que não se trata de achar o matema para poder justificar o que ocorre nesta repetição. Ao contrário, dizendo em meus termos, **é o patema que justifica o matema**. Por isso, no final da vida, ele diz que o truque psicanalítico não será matemático. Ele sacou. Onde está a besteira do matema? Em supor que ele explicará e justificará a construtividade mínima do patema. Os matemáticos ficam psicóticos por pensarem que, na estrutura lógica da matemática, encontrarão isso que Wolfram está encontrando. Não encontrarão lá, porque é anterior.

15/MAR

7. Quando a Sra. Roudinesco resolveu fazer minha propaganda naquele dicionário francês, enviei um texto para ela e para outros na França (publicado na seção 11 do Seminário de 1997, *Comunicação e Cultura na Era Global*). Quando, depois, mandaram me chamar para fazer parte dos Estragos Gerais da Psicanálise – e suponho que tenha sido ela mesma, se não, não me chamariam

– enviei uma carta me recusando a participar (da qual vocês devem ter uma cópia). Da mesma maneira que, por ocasião das festividades da Revolução Francesa (essa coisa abominável), também me recusei a ir falar em Paris, embora tenha enviado alguém. Agora, aparece em meu computador a propaganda do já organizado “encontro dos roudinescos”, em cujo elenco de temas aceitáveis, está um sobre “Os Novos Psicanalistas de Certas Instituições”. A propaganda continua...

8. O livro que recomendei da vez anterior, *Presença Ausente*, de Monica Tolipan, é interessante do ponto de vista clínico... para não ser seguido. Serve como excelente exemplo, pois a autora é honesta e faz seu trabalho com seriedade, embora talvez não saiba o que está fazendo. Interessa como exemplo por ser algo que está acontecendo aqui no Brasil. É uma pessoa esforçada, que, de certo modo, desviando-se dos pequenos aparelhos que estão mais disponíveis teórica e clinicamente, reencontra algo fundamental (que já está em outros aparelhos), traz exemplos e propõe que se introduza o que chama de *Aloterapia*. Há também o termo *Alotriose*, que é algo engraçado. Diz ela que “o que importa no momento é o seguinte: a conclusão a que cheguei *está* fundamentada no tratamento dessas crianças. Não há uma relação de causa e efeito entre o desejo materno – de ter um filho ou de não tê-lo – e o autismo” – não é verdade, pois há sim. “Não é falta de desejo, a ausência de registro de desejo (forclusão, termo cunhado por Lacan) ou ainda excesso de desejo que intervêm nesse acidente” – como vêem, ela busca eliminar os aparelhos existentes –, “mas algo que acontece com a mãe no puerpério, em torno do parto, algo que a impossibilita de se separar psiquicamente daquele filho, mantendo com ele uma relação de natureza hipnótica que passei a chamar de alotriótica. Portanto, por Alotriose estou designando a hipnose espontânea e universal, aquele estado de alienação e fusão em que a mãe e o bebê vivem para depois se separar” – quem dera! “No caso dos autistas, essa fusão não se dissolveria e a criança seria mantida nesse estado” (p. 101).

São achados “maravilhosos” como esse que precisamos evitar. Sempre dão em besteira, feito forclusão do Nome do Pai, embora este seja muito mais abstrato e inteligente do que o dela. É possível que o que ela descreve funcione num certo regime, mas nada quer dizer para se fazer um aparelho teórico sobre a clínica. Tudo que ela disse que não é, também é, justamente é o que é. Mas há essa coisa engraçada de destacar a hipnose – baseada, é claro, em Léon Chertok – e querer resolver o problema da hipnose pela hipnose. Vejam que estou utilizando tudo que ela achou como fatos verdadeiros e encontráveis, coisas com que eventualmente temos que lidar, etc., mas não estou me filiando a isso, pois me parece ingenuidade.

9. Interessa reconhecer que existe – com o nome que se queira dar (o de alotriose, segundo a explicação dela, serviria se concebida como digo) – o dispositivo propiciador, a disponibilidade para o fenômeno que (erroneamente) chamaram de hipnose. Repito o que disse da vez anterior, que temos que reconhecer, em qualquer lugar onde haja pelo menos o aparelho chamado vida, biótico, que, dada a mobilidade dos seres vivos, algo faz soldadura, vinculação entre eles. É isso que aparece em diversas situações, animais, inclusive, com o nome de hipnose e dá a aparência de transe e mesmo de sono, só que não há sono algum, e se for transe, é de uma espécie muito particular. Precisamos, então, mentalizar que há o dispositivo, sem dúvida, mas que não se vá procurá-lo no puerpério, pois lá não está. Não é preciso ser vivíparo para tê-lo, e nem isso tem relação necessária com o puerpério. Pode-se hipnotizar uma galinha, e não há puerpério do ovo. Vamos até supor que, em nossa espécie, o puerpério induzisse a isso, ou seja, que a prenhez de uma fêmea induz a certa correlação comunicacional com o feto, isto é de se esperar uma vez que há um umbigo lá apegado e aquilo comunica por diversas maneiras.

É esse o tipo de vinculação que parece existir nos seres vivos, de modo a poder estabelecer um tipo de cola na mobilidade dos indivíduos que fazem parte do grupo. Mas estar vivo, para nossa espécie, aos poucos vai-se tornando algo muito móvel: já se chegou à lua, estamos nos locomovendo para cada vez

mais longe. Assim, é preciso algum dispositivo de comunicação, no sentido mesmo de fazer cola, de tornar comum, de haver algum grude, se não, as partes supostamente individuais se perdem do todo e se encaminham inexoravelmente para a morte, a separação absoluta se aproxima, no que supomos que seja morte. Temos tanto medo dos Místicos, porque tentam se separar radicalmente de tudo... sem morrer, de preferência.

A autora quer ser precisa ao chamar de alotriose a relação hipnótica entre a mãe e o filho, que se dá até o puerpério e que, depois, a coisa se separa e algumas crianças, em não se separando, tornam-se autistas. Digo que ela acertou no alvo e errou no conceito. Há isso sim, mas é preciso generalizar o que ocorre no fenômeno que chamam de hipnose. Como Freud, que eu saiba, não fez imediatamente a associação entre hipnose e transferência, embora tenha falado *en passant*, quero dizer que, se tornarmos abrangente o conceito de **Transferência**, estaremos falando do que ela chama alotriose, mas, mais ainda, estaremos falando de todo e qualquer tipo de invocação de vínculo nesse nível onde quer que apareça. Prefiro, portanto, ao invés de tentar dar conta da hipnose, dar conta mais genericamente da transferência, aí incluindo até o que pensam a respeito de hipnose. Sobretudo, para deslocarmos a vocação de Terceiro Império, de amor de transferência, amor de não-sei-o-quê...

• P – *A idéia de uma vinculação permanente, presente em todas as espécies, não é pouco darwinista, já que, para Darwin, a individuação é espontânea?*

Que haja um processo de individuação regulado de qualquer maneira que seja, inclusive com limitações para cada espécie – na humana, os processos são extremamente complexos, longos e amplos –, isso não impede que a individuação se dê segundo a vinculação que sustenta até o processo de individuação. Se não, desgarra e morre.

• P – *Mas, para Darwin, a vinculação é algo menor, pelo menos como condição para isso.*

Isso não foi pensado naquele tempo. Hoje, encontramos esse pensamento em muitas regiões. Por exemplo, na Etologia, onde os aparelhos etológicos são

dados no sentido de regular os movimentos daquele ser vivo em relação ao todo. Há o etológico e o ecológico num engrazamento bastante sustentável.

Portanto, tomando o conceito de Transferência de modo mais abrangente, teremos mais mobilidade dentro do campo para entender os movimentos, mesmo os de retrocesso (que chamo de Neo-Etologia). Poderemos, então, por exemplo, dizer que existem *transferências por via autossomática*. Ou seja, quando nos referimos às vinculações de algum ser vivo que até pertencem estritamente ao nível etológico, podemos supor que exista essa vinculação no nível autossomático. Nem precisamos entrar com o etossoma, pois quando fazemos trocas necessárias de elementos químicos com o ambiente, isso já está computado no nível transferencial. Transferência há porque o campo é homogêneo: **o Haver inteiro é transferencial**. Todas as relações de comunicação são da mesma ordem do que possamos chamar de transferência. Há certas horas que supomos estar fazendo coisas no nível desperto de trocas de frases, mas esquecemos – como já lhes mostrei sobre a Marionete (Falatório 2000) – que os barbantinhos estão todos lá, que isso é absolutamente vinculado, e que os processos de individuação são raros, difíceis e trabalhosíssimos. Aliás, em vez de individuação, é melhor usar os conceitos de transferência e separação, que são bem mais abrangentes.

Se no nível Primário do autossoma, há *relações transferenciais*, depois, *no nível do etossoma*, essas relações continuam primárias, mas são mais distanciadas, pois não são de troca de substância imediata, e sim de troca de informação entre mãe e filho, por exemplo. Ou seja, há trocas químicas com o ambiente e trocas de outro tipo de informação, que não vou nem chamar de simbólicas, se não Lacan levanta da sepultura (embora pudéssemos chamar, como ele disse, de *amorces symboliques*). Vejam, então, que consideramos que tudo é transferencial. No processo reprodutivo sexuado e, sobretudo, no processo vivíparo e parturiente da espécie humana, quanto mais separável, mais necessidade há, no começo, de vinculação transferencial. Quanto mais passível de se perder, mais esse processo segura no começo. Quando a separação é fraca, o processo é fortíssimo a ponto de se tornar invisível, pois é o funcionamento da coisa.

10. O que Freud descobriu como transferência – e que, à medida que foi analisando seus clientes, verificou que estava em tudo, em todas as relações – é simplesmente o fato de que, quanto maior a zona de *tabula rasa*, digamos assim (embora eu não acredite nisto), ou de nossa possibilidade de reversão, mais indiferente se é. Ou seja, a criança humana quando nasce, tem boa competência de Revirão. Ela não tem só isso, pois é um animal como outro qualquer, cheio de recalques primários já funcionando, mas há uma grande possibilidade de *tabula rasa* para inscrições. No entanto, se ficasse assim, o bicho morreria. Françoise Dolto, por exemplo, tem uns trabalhos muito interessantes para mostrar que crianças morrem ou ficam psicóticas porque a vinculação, a transferência é falha. Para ela, as crianças morrem mesmo, literalmente, por não terem essa pega. Se ficam psicóticas não sei, mas podem morrer ou degingolar (para não falarmos em termos de psicose). A relação transferencial que se dá nesse momento é – igual ao *imprinting* do animal, porém mais frouxo ou aberto – de imprimir comportamentos. E não precisamos ser behavioristas para pensar isto. O processo vai imprimindo e o *imprinting* é tão forte que, depois, ele quase se torna etológico. É o que chamo de Neo-Etológico.

Como já lhes disse, a maioria das pessoas, depois que nasce, aprende uma língua, uma cultura, etc., e passa a ter dificuldade em passar para outra. Notamos um sotaque mesmo dentro da própria língua e há certos gostos alimentares ou de temperatura, etc., que são o que chamei de *fundações mórficas*, nitidamente estéticas para aquele que recebeu tal *imprinting*. Isto é transferencial, de tal maneira que o neo-etológico se torna tão forte que parece etológico – e temos dificuldade para nos separar dele. A rigor, deveríamos aprender rapidamente qualquer língua e com sotaque perfeito, mas já estamos neo-etologicamente ocupados, lesionados no cérebro e em todo o corpo. Em crianças que são bilíngües desde o início, passa-se de uma língua para outra, pois seu neo-etológico é bilíngüe, mas mesmo assim sempre há um aparelho, que não é língua, que tem uma fixação neo-etológica mais forte. Assim como há uma fixação mais forte no gosto da comida, no gosto erótico, etc. E isto,

para mim, é absolutamente estético. É o encontro de determinada formação com outra que prefere essa para transar.

11. A ampliação do conceito de Transferência nos permite entender que o que a autora quer chamar de alotriose é necessário para que o filhote entre numa, seja impregnado por alguns *imprintings* e que, portanto, ele tem predisposição para receber transferencialmente esses *imprintings*. Isto é hipnose, que é um caso da transferência. Portanto, **não vamos definir a transferência pela hipnose, e sim a hipnose pela transferência**. E essa vinculação transferencial não termina jamais. Pode-se fazer um esforço analítico enorme para nos tornar cada vez mais separados, mas é muito difícil, pois sempre retornamos a duas ou três pegadas. Daí que a tal mãe, nas espécies vivíparas, é a fonte da desgraça.

• P – *Por isso, Sade dizia que o matricídio é o mais sublime dos crimes...*

Custamos a entender o pensamento científico do Marquês de Sade, pois ele quer agredir com toda força essa vinculação para humanizar, ou melhor, diríamos nós, para IdioFormatizar a espécie. Mãe é jacaré, como dizia Lacan. Lembrem-se que jacaré cria seus filhotes dentro da boca. Ou seja, basta fazer uma pequena deglutição...

A possibilidade de Indiferenciação vem como maquininha desta espécie de IdioFormações. Tanto é que há, como dizia Lacan, um enorme prazo de dependência da criança, que é o momento em que se faz um monte de *imprintings*, pois ela está com disponibilidade, está como que entregue às baratas. Então, duas são as formas de sobrevivência nesta espécie. Há que ter o pé no chão para dar um passo, mas se privilegiarmos exclusivamente ou o pé no chão ou o passo estaremos perdidos. Temos que ser um troço que anda.

• P – *Observamos na clínica que quanto menos as mães suportam o grude, mais as crianças se grudam.*

Elas ficam viscosas. Por outro lado, quando a mãe é viscosa, a criança não vai conseguir se soltar. A autora tem razão neste ponto, mas é desnecessário inventar o que ela chama de Aloterapia, pois isto não é senão o tal Outro, de Lacan, ou o Édipo, de Freud. Se ampliamos o conceito de transferência, vemos

que o que é preciso é que a criança verifique com todos os seus sentidos que a mãe pode ser contida, como já está dito em Freud, em Lacan, etc. Se não aparecer uma instância capaz de conter o grude da mãe, a criança se dana. Freud, na construção de sua teoria, falou da tal *cena primária*, ou seja, o fato de o analisando, quando criança, acreditar ter visto os pais transando. Ele faz a suposição de que aquilo é uma fantasia originária da própria formação da criança. Não há que imaginar que ela tenha visto mesmo, pois isto é algo necessário. Quanto a mim, observo que há crianças que não pensam em outra coisa e aquelas que viram mesmo, que participaram da transa de algum modo. Estas últimas têm uma facilidade de desgarramento, pois puderam verificar a mãe ser “contida” pela trepada do pai. Os índios têm a vantagem de o garoto logo ver o pai comendo a mãe: – “Que alívio! Essa senhora vai sair de cima de mim!” Mas não é preciso colocar pai ou nome algum como esse. É que simplesmente fica claro que a mãe não vai buscar na criança seus tesões e grudes. Ela que vá grudar em outro lugar! Basta, portanto, haver alguma instância que faça isto. Por que especialmente mãe? Porque mãe é uma coisa grudada. Já o pai, este, dá uma trepadinha e vai embora... Então, do ponto de vista da produção corporal e física da criança, ali está a vinculação máxima. Gostaria de saber o que vai acontecer em relação a uma criança que fosse produzida inteiramente em laboratório. Será bastante interessante.

- P – *Na verdade, essa é uma vinculação mínima.*

No minimalismo da questão, é mínima, mas é extremamente forte, não há outra mais forte. Desde o período de gestação, há uma produção enorme de Recalques. E isto já com o Recalque Primário imediato de ter tal anatomia. Vejam que as relações que aqueles dois corpos têm são extremamente recalcantes, mas mesmo assim a força do reviramento das IdioFormações é tão grande que ainda sobra. Entretanto, pode ser praticamente extinta. E aí sim suponho que o tal autismo tem mesmo, como ela quer, a ver com isso. É um visgo tão grande que a criança não consegue fazer passagens e ao mesmo tempo tem horror do visgo. Há as duas coisas.

A autora, então, como eu disse, inventa supostamente uma terapia que chama de Aloterapia que consiste em hipnotizar a mãe diante da criança. Aí ela

melhora. Óbvio! Portanto, não vamos cair na bobice de pensar que isto é alguma terapia específica. Terapia é qualquer procedimento de contenção da mãe perante o filho. É o que Freud dizia sobre analisar o Édipo, Lacan sobre a relação ao Outro... Mas, para sermos abstratos e genéricos, retiremos a mãe e digamos: contenção daquele que produz o visgo. Ou seja, processos de separação que levem em consideração a própria vinculação. Não se trata de arrancar a criança de lá, e sim de um jogo entre a vinculação e a separação.

• P – *Como é o caso da adoção?*

Aí também cola, pois toma-se por via secundária e se faz uma vinculação tal que aquilo também se torna neo-etológico, como acontece com a língua. Uma língua não tem motivo algum para se neo-etologizar, no entanto se neo-etologiza. Por que as pessoas que adotam crianças não querem crianças grandes, mas bebês, cujos pais, de preferência, já tenham morrido? Porque a etologização, o processo transferencial, será muito maior.

12. O processo analítico seria não só curar a vinculação, mas também produzir as MetaMorfoses dos vínculos, **as MetaMorfoses da transferência**. Como não se separa assim facilmente, há que fazer MetaMorfoses, ou seja, aproveitar as possibilidades de a pessoa estar aporrinhada com suas transferências e tê-las jogado para cima de nós para irmos fazendo TransFormações na transferência. Uns têm muito talento, outros têm pouco – tanto do lado do analista quanto do analisando – para fazer disso um processo mais ou menos rápido, mais ou menos evolutivo, no sentido da MetaMorfose. E não podemos esquecer que nossas participações no mundo são neo-etológicas de base, donde a dificuldade de produzir transformações. O grude neo-etológico é poderoso. Até que ponto podemos ser um poeta, um Joyce ou seja quem for, para ir desfigurando a língua e ela continuar dizendo? Qual é esse ponto?

• P – *A língua é um corpo vivo.*

Vivíssimo, neo-etologizada em si mesma. Qual é o limite? Dou um exemplo. No final da década de sessenta, escrevi um conto – que recentemente interessou a um grupo de Curitiba que me achou louco pelo que fiz, e o re-

publicou na revista *ETC* – como parte de uns exercícios meus, antigos, nesse sentido. O título é *As Possíveis Palavras ou Os Vamaris Combalhares*. Foi originalmente publicado no livro *Aboque/Abaque* (Rio de Janeiro: Editora Rio, 1974). Descobri, inclusive com a participação de dezenas de alunos para quem apresentei esses exercícios, que as pessoas acabam entendendo uma narrativa. Eu jogava o texto para eles e perguntava o que estava sendo dito ali. E eles diziam. Do ponto de vista semântico, quase nada no conto é da língua, mas o resto está lá, a estrutura sintática, a sonoridade do português, etc. Ora, aquilo bate nos grudes neo-etológicos da pessoa e ela não pode não dar sentido e significação. Este é, aliás, meu laboratório para dizer que o significante, de Lacan, não existe, pois o sentido vem de imediato. No último conto do livro – que foi abortado, inclusive por razões políticas –, simplesmente sentei à máquina de escrever e bati aleatoriamente as teclas. O título ficou sendo: *Hisfiemt ou Alê Alé Álea ou A Revolução dos Dedos*. As pessoas insistem em querer decifrar, e isto é bacana. Sabe-se lá o que meus dedos significaram de tão etologicamente instalados que estão.

• P – *Não há como discordar do princípio de que o sentido é um imperativo para qualquer significante. Se não, não será significante.*

Portanto, ele não é significante. No fundo, é significado. Quem escuta significante? Isto não existe. Se falarmos uma frase em português para um russo, ele achará um sentido lá com as sonoridades dele. É preciso alguém ter o conceito de língua estrangeira para se separar e dizer que não sabe o que aquilo quer dizer. Se for um rude, dirá que o outro falou tal coisa.

• P – *A suposição de sentido já é um sentido.*

Sim. Não existe o tal significante.

• P – *No final da obra de Lacan, o significante não vai se definir mais por uma ausência de significado, mas se torna uma condição de separação.*

Mas não dá para fazer nada com isso. No início, sua grande intenção foi desgrudar o significante de Saussure, tomar o significado sozinho e dizer que só escutamos significantes. É claro, só escutamos significantes. Mas é Saussure quem tem razão, pois aquilo vem grudado e não se separa. Quando

digo *Vamaris Combalhares*, no fundo, todos sabem o que falei e respondem, não ficam em branco. Se quisermos dizer, até para livrar a cara de Lacan, que, entre o momento da escuta do significante e de sua pega com as formações estabelecidas, há um interregno e que isso é coisa alguma, concordo, só que imediatamente isso recai no processo.

• P – *A suposição que a filosofia analítica da linguagem faz hoje é a de um significante puro, de se chegar à simples escrita, à sintaxe pura, sem o menor sentido, produzindo a semântica. Mas se não podemos pensar a sintaxe sem sentido, na verdade estaríamos supondo uma anterioridade do sentido. É quase uma coisa platônica.*

Mas não estou colocando isso e nem preciso de platonismo algum. Trata-se de Formação Primária e imitativa do Primário. Não há qualidade pura jamais. Lacan tinha razão ao dizer que uma língua já nasce sintomática, que não existe língua pura. Portanto, não há qualidades independentes e nunca houve. Se a sintaxe faz algum movimento, ela já puxa o seu corpo para contar. São vetores, e vetores são forças: forças não têm pureza. Haver é: Haver Sentido. Qual sentido?: “Haver quer não-Haver”. Isto é vetorizado e só há um vetor, pois não há o vetor contrário. Isso é que é a Quebra de Simetria. Vejam, então, que nascemos mergulhados no sentido e não vamos escapar jamais.

• P – *O que foi colocado é um pouco a experiência que Saussure fazia tentando abstrair a língua. Assim, se pudéssemos abstrair a língua, o pensamento seria uma nebulosa onde nada estaria identificado. O que dá a ilusão de que o sentido é algo que seria um mundo do qual fôssemos buscar, pelos significantes, os significados devidamente recortados. E quando temos a experiência de estar caçando uma palavra para enquadrar melhor aquilo que queremos dizer, dá a impressão de que este significado estava latejando na mente e depois vamos buscar a palavra. Mas isso não se sustenta teoricamente, pois esse significado a que nosso esquecimento não consegue chegar, já está dado virtualmente na língua. Ou seja, significante com significado já estão imantados.*

É isso. Não há inocência lingüística.

13. • P – *Lacan coloca a relação entre separação e alienação e também a diferença entre Ser e Sentido.*

Quando produzia o raciocínio que lhes apresento hoje, achei que devia chamar de Alienação, mas preferi manter Transferência. Lacan precisa resolver a alienação, pois é algo muito forte a seu tempo. Era a palavra-chave do mundo marxista, que cooptava a mente e ao qual tinha que dar uma resposta. Mas é o contrário, a alienação de Marx é que é pura transferência. Onde, consegue-se escravizar, explorar mediante transferência. Aliás, não transferimos para outra coisa: queremos explorar o próximo.

• P – *É a Servidão Voluntária?*

Podemos tirar o “voluntário”, é a servidão.

• P – *São gradações transferências que vão do eixo da alienação ao da separação.*

E a língua faz a mesma coisa: ou somos totalmente subjugados a seus significados e sentidos repetitivos, ou somos um poeta e começamos a esgarçá-la para levar o sentido, às vezes, ao contrário, pois é possível revirá-lo.

• P – *Revirar o sentido é conseguir o que Lacan chamava des-ser, ou seja, sair do regime do Ser?*

Como sabem, o Ser nada tem a ver com o Haver. Haver é puro choque, puro trauma. Quando começamos a falar, apareceu língua, estamos no regime do Ser. E o Ser é a impossibilidade de deixar de Ser, de acabar com o Sentido.

• P – *Haver desejo de não-Haver é desejo de separação?*

É a Pulsão, desejo de extinção. O Haver é traumático. O trauma dói. Se levamos uma porrada e, depois, começamos a tentar explicar o que foi, entramos no tal regime do Ser. A porrada é puro Haver. Não há *des-Haver*.

• P – *Toda porrada que levamos do Haver tem sentido também?*

É exatamente a porrada que exige não-Haver imediatamente. Queremos sair dela, embora não saibamos para onde, pois não há saída. Bateu o Haver, o não-Haver é requisitado imediatamente.

• P – *É diferente do “encontro com o real”, de Lacan?*

A não ser que queiramos que seja este encontro com o real.

- P – *Mas, para Lacan, o encontro com o real não tem sentido.*

Isto, no sentido lingüístico que quer dar às produções psicanalíticas, pois, para ele, ter sentido ocorre no regime do Ser. Então, no encontro com o real não há sentido mesmo. Em nosso teorema, o Haver tem sentido. Chama-se: Pulsão, Freud *dixit*. Tem o sentido que é o da Pulsão. O que queremos? Cair fora, mas não há saída. A saída é para dentro, no sentido do Ser, de procurar dar sentido, significação, etc. Os dois momentos, do Haver e do Ser, são radicalmente separados. Então, vejam que, a rigor, nem levamos porrada *do* Haver, mas levamos *porrad'Haver*. É um trauma que comparece com sentido, que é: não-Haver. Se não for isto que diz Freud, a psicanálise não me interessa e o conceito de Pulsão não serve para nada.

14. O movimento que tento fazer é de entrar no processo da Clínica com as bases genéricas e abstrativas que tenho apresentado. Isto, limpando nomes como neurose, psicose, etc. As pessoas estão desesperadas. E uma autora como essa de cujo livro estamos falando não o escreveu para fazer gracinhas, ela está querendo sair de um problema. É preciso, portanto, um referencial genérico e abstrativo para entender que, no fundo, é uma pequena bobagem, uma pequena besteira. O mais difícil é chegar ao simples.

- P – *Certa vez, falando da dificuldade de os lacanianos entenderem metáfora e metonímia, você disse que é impossível falar fora da metáfora e que a metonímia já é uma metáfora.*

Uma coisa é recortar ao máximo para fazer distinções, outra, é dar importância a isso a ponto de a distinção virar uma tolice neo-etológica.

- P – *Sem contar que metáfora nada mais é do que o conjunto das transferências que se dá no interior da língua. É a tradução grega para transporte.*

Anotem isto, pois é importante.

- P – *Um desdobramento da riqueza do assentamento da Clínica numa base, digamos, mais naturalista, eco-etológica e neo-etológica como a sua é tirá-la de uma redoma. Jacques-Alain Miller, por exemplo, quando*

teoriza a transferência quer dizer que ela ocorre unicamente no ato analítico.

Se ele diz isto, só pode ser propaganda comercial. Como é possível a existência da humanidade durante milênios e, um dia, inventarem a transferência do nada? Ele está fazendo *merchandising*. É isto que precisa ser eliminado, pois não há nada de novo sob o sol. O que se pode é receber de novo as Formações Originárias, quer dizer, acolhê-las NOVAMENTE.

Retomo Stephen Wolfram, de quem lhes falava da outra vez. É uma pena que só agora o tenha descoberto, mas a aproximação que podemos fazer é ótima. Ele está dizendo o essencial. Basta esperar cinquenta, sessenta anos para entender. Não que o que produz venha a ser exatamente o certo da questão. Pode não ser, mas não há dúvida quanto à sua intuição de que o processo está certo. O meu também, e vamos chegar lá, queiram ou não. O século XXI, em última instância, vai se basear – e podem esperar: quem é jovem anote, para se lembrar de mim depois – no fato de que tudo isso é movimentação de vento na folhagem, uma coisica: a espécie humana é uma bobagem. Voto, como ele, no Princípio de Equivalência, pois venho dizendo que é tudo homogêneo, que é tudo a mesma coisa. Ele é mais audacioso, pois, em sabendo das coisas no nível computacional, supõe que pode chegar a uma pequena série informacional de quatro termos capaz de produzir – materialmente mesmo – tudo do universo. O bacana é que ele diz que a ciência está se tornando gágá, pois ainda acha que o truque é matemático, quando é algorítmico. E mais, digo eu, se não servir para a materialidade do universo, serve para a psicanálise. Como sabem, algoritmo é uma escrita simples, mais lógica que matemática. Lembrem-se de que, de qualquer forma, chegaram a perceber que “no princípio, era o Verbo” – isto é algorítmico. E o Haver é isso. Não temos muito como fazer a distinção de fronteira entre a matemática e a algorítmica, mas ousa dizer que, se procurássemos algum fundamento para a matemática e para a lógica, seria o fundamento algorítmico, metamatemático e metalógico.

Vejamos também outro maluco. Como acontece haver alguém como Alan Turing? Como nasce um monstro daquele? Destruíram o rapaz por ser

homossexual dentro do aparelho de poder dos EUA. Disseram-lhe que fingisse que era macho, mas acabou se matando com aquela coisa maravilhosa que devemos usar quando quisermos morrer: cianureto. Injetou-o numa maçã – deu uma de Eva... Podemos dizer que o século XXI para a frente é filho de Turing. E olhem que só o que inventou, que é genial e besta, foi a máquina de Turing e a idéia de Informática. Esse menino, Wolfram, acho-o uma delícia. Ele tem o divino prazer, que não é para qualquer um, de se lixar para todos. É meu *alter ego*. Como ele não existe sem o computador está querendo dizer que, uma vez que se inventou o computador, ou seja, uma vez que houve Turing, danou-se. Se aplicarmos isto ao mundo, é outro mundo, outro planeta, outro pensamento. Não estou fazendo e nem pretendo fazer, por exemplo, nenhuma aplicação dos procedimentos de Wolfram, mas apenas tomá-lo como uma base para entendermos que o pensamento pode ser outro. Do mesmo modo, pedi que lessem um pouco sobre estrutura musical. Essas pessoas têm uma mente adequada. Psicanálise é uma coisa muito antiga.

22/MAR

Não sejas curioso do amplo mundo,

Ele é menos extenso do que fundo.

Fernando Pessoa

15. Esta frase de Fernando Pessoa vem a calhar, como dizem os meus outros patrícios... Na passagem de século XX para XXI, pelo menos nas duas últimas décadas, apesar da presença de Lacan, houve certo triunfo de Deleuze e sua patota. Embora não pareça, eles são triunfantes, inclusive no Brasil. No que diz respeito à tomada dos meios de comunicação, os lacanianos são fichinha comparados aos deleuzianos. Há também gente como os artistas, que, como costumam ser muito ignorantes, quando viram a turbulência deleuziana entraram nela. O que vem muito a calhar para a dispersividade dos temas e assuntos. É

muito propício para o, digamos o nome correto, anedótico, para o *múltiplo* como quer Deleuze. Suas grandes tiradas foram a multiplicidade e a superficialidade: multiplicidade das coisas sem unidade alguma e superficialidade de tudo. Isto, ao contrário da frase de Pessoa. É claro que valeu a pena, pois, no desenvolvimento de seu trabalho, acabamos descobrindo que há essa superfície e essa multiplicidade vigorosas. Nem Fernando Pessoa está dizendo que não seja extenso, mas apenas que é menos extenso do que fundo. Isto é fundamental em nosso encaminhamento, pois também acredito em extensão e multiplicidade, mas é a profundidade e a unicidade que são mais importantes. Meu desenvolvimento, e agora até com certa possibilidade de referência ao trabalho de Stephen Wolfram, é justamente no sentido de que, quando observamos a multiplicidade do mundo ou uma complexidade, ela parece grande demais, mas suponho que a tendência seja de mostrar que são coisas profundas e pequeninas que desenvolvem processos extremamente complexos e grandes. É o que quero dizer com “mais fundo do que extenso”. Tanto na frase de Pessoa quanto nos trabalhos que se opõem à multiplicidade desbragada, temos que, ao invés de procurar uma diversidade muito grande, basta tomar o essencial e se aprofundar nele, pois ele é que gera tudo. Ou seja, que se aprofunde no mínimo que dele sairá o máximo.

Embora Wolfram não tenha utilizado o termo, pelo menos no que li até agora, talvez, do ponto de vista da reflexão filosófica, se quiserem, sobre o que ele está fazendo, poder-se-ia falar numa *Ontologia Algorítmica*. Vocês lembram que, para relativizar o lacanismo, durante algum tempo lancei mão do que aparecesse. Nessa época, me referi à Ontologia Matemática, de Alain Badiou, que não é senão a Teoria dos Conjuntos como ordenadora de tudo. Suponho que, no caso de Wolfram, se ele pode demonstrar, como pretende, que o que quer que haja tem origem simples, mínima, numa formação pequena, minimalista de proliferação das complexidades, que chama de *Autômato Celular*, possamos pensar uma Ontologia Algorítmica. É interessante que, ao invés de procurar a multiplicidade e a diversidade dos elementos no mundo, procuremos pequenos formadores. São condições iniciais, como diz a física. Há conseqüências

gravíssimas no que ele está dizendo. Por exemplo, uma pequena condição inicial para nosso universo, só ela em sua repetição pode ter gerado tudo isso. O que é exatamente igual ao que estou falando, só que o faço na base da intuição e ele tenta demonstrar por algoritmo.

As formações, o bobajal, a falação que o analisando despeja numa análise, é preciso não deixar proliferar, pois aquilo, como multiplicidade, não vale nada. Basta catar uma multiplicidade e uma formulinha, um pequeno pentelho que pentelhou sua vida e que agora está pentelhando a nossa... Lacan teve essa intuição no que diz respeito à *fantasia*, que é uma fórmula mínima, quase algébrica. Estou dizendo que não só a fantasia, mas a estruturação inteira do psiquismo de uma pessoa é uma formulinha mínima. E mesmo a produção do próprio cérebro, suponho eu.

• P – *Saussure teve essa intuição em relação à língua. Paradigma e sintagma são uma estrutura mínima capaz de uma rentabilidade enorme do ponto de vista de construção.*

Mas a noção de paradigma, em Saussure, não é minimalista, há muitos. A idéia de Wolfram é que um pequeno paradigma como regra de funcionamento, no que começa a funcionar, lá muito longe começa a ser absolutamente aleatório, perde a repetitividade evidente. Ou seja, torna-se algo complexíssimo e inesperado, do qual, a partir de seu começo, não podemos concluir que vá chegar a tal ponto, pois o randômico aparece em algum lugar. E aparece também minimamente quanto à quantidade de formulações. Por exemplo, ele considera determinada estrutura que tem 99% de repetição pura, e 1% começa a randomizar na mesma estrutura. Trata-se, então, de certa raridade na produção dos complexos. Acompanhar o autômato é fácil, mas intuir o que acontece na vida e no mundo é um pouco difícil de conseguir transmitir. Tanto é que estou falando há anos e não vejo que tenha atingido as pessoas. Raciocínios atingem, mas o estado de espírito da coisa, acho que não consigo dizer direito. Além do mais, é difícil ser recebido, pois é decepcionante para quem – e de modo geral somos todos – está apaixonado pela vida. O núcleo clínico da coisa é pensar como reduzir ao extremo do banal, sem ser trivial. Aliás, quando acontece a

complexidade, nada há de trivial nisso. Assim, a relação com as coisas que existem, as Formações do Haver, tem que ser entendida no nível radical de bobagem, de banalidade. Se não, não há Clínica.

16. Hoje, direi algumas coisas esquisitas. Vocês talvez não gostem, mas mantenham em suspenso. Tenho que dizer, pois faz parte do raciocínio. Estamos vivendo um momento difícil, de passagem. O século XXI está fazendo força para começar e não está conseguindo muito bem, pois não é nem um pouco consentâneo com o século XX. Quando digo há vários anos que Lacan é um pensamento terminal, que fecha o século XX e já não interessa mais, não estou de implicância com o pobre do velhinho, que era um gracinha, e sim dizendo que justamente no processamento chegou-se a outro lugar. O século XXI nada tem a ver com o século XX do ponto de vista de política, ciência, etc. Tudo terá que se reformular. Nosso século está começando de fato um novo milênio, uma nova era, um novo momento. A coincidência com o calendário pouco me importa, mas as bobagens que ouvimos por aí de nova era, que parecem coisa misticóide, infelizmente (ou felizmente, não sei) são verdade. É preciso fazer uma lavagem cerebral, pois está sendo inaugurado um conjunto de séculos esquisitíssimo, que acho maravilhoso, muito melhor do que o passado. Mas o século XXI vai arrastar uns cinquenta anos de estupidez por causa da sintomática do século XX que as pessoas não conseguem largar. Nós aqui precisamos entender depressa, não só para acompanhar o movimento teórico, como para ter outra perspectiva de vida, de clínica, de tudo. Por mais velhinhos que sejamos, ainda há tempo para curtir um pouco...

Como sabem, o que aconteceu no século XX, pelo próprio movimento da racionalidade extremada, do desenvolvimento científico, foi dissolvendo isso que chamam *fundamentos*. Mas nunca houve fundamento algum. O poder instalado dos fundamentos exarados é que dava a impressão de que havia fundamentos: estávamos dentro da crença e da pressão de poderes constituintes de certos fundamentos. Então, o que caiu não foram os fundamentos, não foi o reconhecimento de determinado fundamento que está aí dado, e sim o poder

dos fundamentos instalados. Trata-se, portanto, do poder de instalação, de repetição, de imposição de idéias que são tomadas como fundamentais. E, à medida que o século XX foi mostrando que esses poderes são absolutamente relativos e são apenas poderes, começou a bandalha. Como as pessoas acreditavam mesmo – ou seja, a coisa era reificada –, a psicose chamada século XX começou a ser curada pela relativização dos poderes: a relativização dos HiperRecalques instalados culturalmente os tornou frágeis. E estamos vivendo em turbulência, pois, em vários campos, uma quantidade enorme de coisas foi cada vez mais sendo dissolvida. Na relação clínica, há que esperar do analista que tenha certa antecedência histórica em relação ao analisando quanto à sua posição de entendimento disso. Se não, o papo será infinito na mesma porcaria. A análise que serviu para formar os analistas até o final do século XX não serve mais. Os analistas que estão com aquela cabeça já não o são. Não existe analista em estado puro: existe analista em precedência sobre outros. Há umas pessoas que andaram e se prepararam na frente e então podem dar conta daquilo que está um pouco para trás. Mas lá adiante têm que mudar. Caso contrário, a teoria seria dita e o bobajal freudiano, de Édipo, etc., seria para sempre e tudo estaria resolvido.

17. Consideremos, por exemplo, a obra de um grande músico. Quando observamos a comoção e o envolvimento da complexidade da música que nos toma, verificamos que é uma bobagem. É preciso entender que, com cabeça de receptor, não é possível ser produtor. O compositor faz música com uma coisa pequenina, cujo efeito é esse que dá em nós. E antes de dar isso em nós, há o efeito da própria proliferação da partitura, que já é efeito dessa coisinha. O analista, portanto, não pode ficar escutando sinfonia, ele tem que escutar o que na música se chama *inciso* (que seria como o Autômato Celular, de Stephen Wolfram, de que falei da vez anterior). Quando o entendemos, entendemos a simplicidade da música, pois só há o inciso passeando por ela e proliferando. Na pintura, temos o mesmo. Se olharmos os quadros de Manet, por exemplo, um pintor que está ao redor do Impressionismo e que o ultrapassa um pouco,

veremos que são de uma efervescência de luminosidades e reflexos, mas quando nos aproximamos, são só borrões. Não podemos ser um pintor com a cabeça do olho que percebe a exuberância do quadro. Não dá certo, pois ele está fabricando no nível do Autômato Celular. Manet descobriu uma formulação pictórica e a repete. A figura é anedota, não interessa. Seurat é até melhor para vermos isto, pois tinha a paciência de demonstrar com seu pincel. Ele inventou o pontilhismo, mostrando que uma proliferação e uma arrumação de pontinhos fazem uma grande quizumba.

Como seria isto em psicanálise? Precisamos descobrir e cultivar em sua própria atuação diante do mundo, independente de clínica, isto que estou exemplificando com o trabalho do artista. Olhamos uma paisagem linda e ficamos deslumbrados. O artista, logo depois de ficar deslumbrado, tal qual um matemático procura saber *como* se constrói aquele deslumbramento. Ele quer saber a formulação de constituição de algo que resulta nesse deslumbramento. Esse negócio de artista sensível, cheio de sentimentos, não é sério. Outro dia, ouvi na televisão Aldo Ciccolini, um grande pianista – que é feio, pesado, uma figura grotesca –, tocando alguém que, no Brasil, é muito maltratado, Chopin. As pessoas pensam que Chopin e sentimentalóide são a mesma coisa. Ele é seriíssimo e difícilíssimo, mas como os professores de música brasileiros *sentem* coisas... Aldo Ciccolini toca com uma seriedade, uma sensibilidade e precisão que nos fazem reconhecer o quão Chopin era brilhante, e não um sentimentalóide. Então, qual é o estado de espírito do analista não só diante do analisando, mas diante do mundo, para conceber isso que um artista é capaz de conceber, por exemplo? É o que precisamos entender e exercitar.

Filósofos e arredores escreveram rios de tinta em livros para falar do **Belo**, sua relação ao estético, etc. Mas por que achamos as coisas bonitas (não vamos falar do feio)? Se considerarmos que o Haver é homogêneo, que tudo se produz do mesmo modo, segundo a mesma formulação, e se temos essa constituição, quando ela encontra algo correspondente a seu prazer próprio, é o Belo. Achamos bonito porque não há outra coisa para achar. Se o olho tem certa gama de perceptividade que, em certa luminosidade, lhe é agradável e,

fora dessa faixa, lhe é chocante, está explicado. Aí, faz-se o Belo do agradável, e mesmo do desagradável, pois cada um goza por onde pode, tomando porrada ou beijinho... É, portanto, preciso sair da aparência de mágica das coisas e ver que só há correlações. Em *De Mystério Magno* (Seminário de 1988), já começo dizendo que não há mistério algum, mas parece que as pessoas ficam decepcionadas. Perguntam: –”Então, a vida é só isso?” No entanto, se quisermos, também podemos curtir, pois aquilo funciona. Não precisamos deixar de curtir só porque estamos sabendo que é uma bobagem. As bobagens são interessantes.

Trata-se de reconhecer formações sintomáticas. Se, por exemplo, reconheço o sapato pintado por Van Gogh, é vangoghmente que o faço. Portanto, é sintomático, é sua estilística impressa sintomaticamente. É como entrarmos no museu e identificar um Van Gogh, um Seurat. Estaremos reconhecendo seus sintomas impressos no mundo, o modo como sintomatizaram suas percepções, etc. Lacan definia o Belo como “o último anteparo contra a morte” – o que não deixa de ser uma besteira, pois ele acreditava em morte, pensava que isto existe, aprendeu com Heidegger. Vejam, então, que é preciso disponibilidade para suspender o que estamos sentindo, ou mesmo o que estamos pensando, diante da banalidade do fenômeno.

18. Entrar no jogo anedótico da transferência com o analisando é entrar no jogo dos efeitos, ao invés de só dar atenção às formações mínimas. Neste sentido é que os analistas, desde Freud, dizem para não entrarmos no jogo transferencial, o que é muito difícil, praticamente impossível. Onde, desde o início da psicanálise, há farta discussão sobre o que seja fazer análise. Uma das mais sérias que esteve em pauta durante todo o século foi o fato de se dizer que psicanalisar é psicanalisar a transferência, é fazer a análise da transferência. Está absolutamente correto, pois é só o que há a fazer: destruir a transferência. Mas não se pode destruí-la no tapa, é preciso dissolvê-la até o mínimo. Lembrem-se de que já disse que a transferência é indissolúvel. Isto porque deixamos de ser uma IdioFormação, em qualquer espécie, se não tivermos disponibilidade para ela. Há que retomá-la até para dizer “bom dia”. Se definirmos a

transferência como defino, em última instância, ela não tem solução possível, se não, desconectamos. Qual é o último limite da transferência? O *Vínculo Absoluto*. Este, se desconectarmos, morremos. Defunto consegue acabar com a transferência, mas ele não sabe e nem participa disso. Então, nunca houve dissolução da transferência, pois, até um pouco antes de morrer, ele estava transferido. O vivo é que fica transferido e falando no idiota do defunto, e este não está nem aí... Mas não podemos mais dialogar com ele. Há gente que até faz a pessoa viver outra vida, manda baixar o espírito para ver se ele continua transferido. Eles querem sustentar a transferência do morto, e não a deles: fazer o morto voltar, ficar preocupado com eles, etc. Isso tudo na suposição de haver morte, que não há.

A transferência não é senão a disponibilidade de qualquer vivo – e, em nossa espécie, a coisa fica muito complexa – de se abrir à receptividade de encaminhamentos. E isto funciona em vários aparelhos e em vários lugares. Freud a descobriu pensando que fosse relação amorosa, mas ela pode ser odienta – e ser odioso já é ser amoroso –, pode ser de níveis estético, intelectual, etc. Há graus de transferência. Por isso, eu disse que a psicose como brabeira maior é HiperRecalque, ou seja, transferência “braba”, colada e solidificada. O melhor lugar para enxergar, como se fosse uma escultura de pedra, o que é essa loucura transferencial dentro da loucura chamada psicose, é a *folie à deux*. Quando nos chega um caso dessa loucura – e, às vezes, além de dois, há até mais gente envolvida –, vemos como se fosse construído em nossa frente. Podemos acompanhar o repique de um no outro e verificar como aquilo se fundou transferencialmente. Se quisermos usar o termo *hipnose*, é uma hipnose recíproca violentíssima, que torna quase impossível recortar.

19. Do ponto de vista clínico, e como passagem de século, é preciso entender um pouco o sintomão que está funcionando no planeta hoje. Estou espantado, pois achava que fosse menos retrogressivo, mas está muito pior do que imaginei. Vejo isto na reação mundial, absolutamente imbecil, ao fenômeno da guerra (no Iraque). Estou apavorado com a *reação* à guerra, e não com a guerra, pois,

esta, é o cotidiano. É uma reação de quem quer sustentar o *status quo ante* de qualquer maneira. Trata-se de neurose pura. Isto sim é que é assustador. O mundo inteiro está querendo parar a guerra. Por quê? Todos já perceberam que essa guerra está tentando inaugurar o século, e ninguém o quer. Isto porque o século que está chegando é extremamente dissolvente. O difícil é separar essas questões em nossas cabeças. Há a violência da agressão norte-americana, mas é preciso distinguir e ir ao minimalismo do fato. Temos que nos afastar um pouco dos elementos condicionadores de nossa revolta diante do mundo por causa das formações antigas para entender o que está acontecendo. Não precisamos tomar partido, basta entender. Aviso que, pessoalmente, acho Bin Laden engraçado e George W. Bush um horror, mas isto nada deve ter a ver com meu entendimento. Tenho que ver o que está acontecendo não através de meu sintoma. Bush não precisa saber o que está fazendo, pois marionete tem os cordões para puxá-la. Digo, então, que é preciso olhar para o teatro da coisa e buscar ver que os cordões estão funcionando na direção que é para funcionar.

É muito arriscado fazer prognóstico e nem estou dizendo que vai dar certo, pois não sei onde Bush vai chegar. Não sei se a imposição de unilateralidade vai funcionar ou se a promiscuidade da pluralidade ainda vai vencer durante algum tempo. Contudo, o século, se existir, será assim. A gente que se adapte! Quando falam em “destino histórico dos EUA”, estão falando besteira, mas com fundamento. Quero dizer que, se acompanharmos o desenvolvimento a partir de uma formação mínima de alguém, veremos que não pode não dar nisso. Por isso, digo que há uma destinação aí: **dada a história que temos, o século exige que se unilateralize**. Este é o resultado do encaminhamento de toda a história da humanidade. Quando Lacan aplicou o estruturalismo no mundo, abominou a história. Para ele, história é mentira. E o pior é que é mesmo, mas mentira também é verdade – este é o problema. Então, se ele pensava só nas estruturas e não queria saber da história, eu penso em estruturas, mas não como estruturalista. Falo do Haver como Formação única. Portanto, as formações estruturais estão encadeadas e sobredeterminadas também pelos eventos históricos. Ou seja, falo da história das formações, e não

da história das anedotas. Não sei se há algum historiador que pense assim, que esteja procurando sacar as formações na história. Se não há, aconselho que façam isto.

• P – *Hegel não fazia?*

Ele tentou, mas ele impunha ao invés de procurar. No final da procura, pode-se impor uma visão, mas ele já impunha de saída, já tinha o modelo na cabeça, não foi procurar na história. Está na hora de uns historiadores, abrindo mão do anedótico, farejarem algum Autômato funcionando e levando a essa complexidade. Para Stephen Wolfram, por exemplo, um pequeno Autômato Celular é capaz de se desenvolver numa complexidade que assombra de tão complexa.

Então, continuando meu raciocínio, precisamos entender que o encaminhamento do mundo – e a psicanálise, dos discursos disponíveis, talvez seja o único que possa dizer isto no momento –, não só dos sintomas, mas das formações básicas do psiquismo (que Freud chamava de Formações do Inconsciente), está indo para esse lugar onde estão querendo levar. Não precisamos achar que Bush ou os falcões sejam gênios, pois eles, como marionetes, estão a serviço do encaminhamento do momento. Suponhamos que esse modelo fracasse, que não consigam por burrice, erros, etc., e que a multiplicidade volte durante certo tempo. Será um prejuízo. Isto pode acontecer, mas há um movimento tendencioso que corresponde perfeitamente ao que chamam queda ou quebra dos fundamentos. Quando, no século passado, falava-se em fundamentos, isto significava que a partição e a repartição dos Revirões eram necessárias, que estavam instituídas e forjadas por poderes vigorosos. Ou seja, tudo era bilátero. Desde milênios que o mundo vai insistindo na produção das bilateralidades. Pensem na banda de Moebius com seus alelos, em que podemos cursivamente passar de um ao outro. Não era assim que estava. Tudo tinha um Muro de Berlim, uma Cortina de Ferro. Isto, no mais cotidiano das coisas, era o fundamento, que se perdeu.

E agora, chego ao núcleo clínico da questão. **O fundamento que se perdeu foi a bilateralidade.** Isto está até na obra de Freud como bilateralidade

sexual. Ele foi gênio ao dizer que o ser humano é bissexual. Estava dizendo besteira, pois não é bissexual, e sim unissexual, unilátero. No entanto, chocou muito o século XIX e o começo do século XX, pois sua colocação unilateralizava a sexualidade. Lacan ficou em palpos de aranha, sem saber o que fazer e imaginando fórmulas quânticas, que não têm a ver com sexualidade diretamente.

• P – *Em Freud, já temos a unilateralidade, de um lado, e a multiplicidade, de outro, que é a perversão polimorfa.*

Quando se permite a unilateralidade, o Revirão funciona à vontade.

O que aconteceu quando se falou em quebra dos fundamentos? No movimento da relativização da proliferação, sobretudo tecnológica, no mundo, por causa da aceleração dos movimentos, as bandas biláteras começaram a ser ressuturadas em bandas uniláteras. Uso a metáfora da topologia para lembrar que, se tomarmos uma contrabanda e começar a cortá-la pela beirada, verificaremos que ou vai cair uma infinidade de bandas biláteras, que ficarão presas numa unilátera, ou vai-se dissolver a unilátera e teremos quase uma corda de bandas biláteras. Então, pergunto de novo, o que aconteceu pela insistência de produção de próteses tecnológicas, de pensamento e de teoria? Aconteceu que, quando se leva muito longe uma idéia, ela vira ao contrário. Isto porque a contrabanda está lá insistindo. Começou a haver uma ressuturação das oposições no planeta e as fronteiras foram para o bebeléu. Aí, dizem que acabaram os fundamentos, mas o que acabou foi o Recalque radical – e a psicose começou a passar. É o contrário do que pensávamos: o mundo era psicótico demais. Como o mundo não consegue deixar de ser sintomático – se a psicanálise vigorasse, deixaria de ser e acolheria isto com facilidade, mas não há como –, então esse encaminhamento vai resultar em que uma posição poderosa vai unilateralizar o mundo segundo sua formação. Se não for Bush, será o chinês, ou alguém. Ou isto ocorre, ou o planeta não anda mais para a frente. E muçulmano não vai fazer isto nunca. A reação do mundo ao Aiatolá Khomeini, no Irã, foi forte demais. Eles não vão a lugar algum. Ao contrário, só atrapalham que se vá. Por outro lado, está-se gastando bomba demais, pois o que está errado nesta guerra é que não era preciso tanta violência. A carnificina

é função da pressa. Com um pouco mais de paciência, chegava-se ao mesmo lugar.

Não suponham que a ONU esteja pensando isto que penso. Ela está pensando na pluralidade, na mesma besteira do século XX. A ONU acabou, morreu de burrice, pois não tem discurso para enfrentar os falcões de Bush. Este discurso que trago enfrenta, o dela não. Insistir na pluralidade é burrice. Pode-se até dizer que se deve unilateralizar de outra forma, mas a ONU quer nos convencer de que não se deve unilateralizar. O pior é que a unilateralização vai acontecer. Se não for agora, será com a China, por exemplo.

• P – *Como é possível dizer o que você está dizendo se há a aleatoriedade?*

O aleatório só está lá porque é a regra que permanece. Não consigo saber qual é o anedotário, a configuração dos elementos produzidos, mas acontece que o caminho não vai falhar. O que será diferente de qualquer esperado são as flores do jardim, e não o terreno. A proliferação de formas, jamais saberei qual será, mas o encaminhamento será para lá. Isto tem tudo a ver com a Clínica para o mundo e para cada um de nós. Não sejamos reacionários. Coisa como os Estragos Gerais vão fazer esse tipo de reatividade junto com o mundo, contra a guerra, mas isto é besteira. Só não quero guerra aqui porque cai bomba em minha cabeça, mas é preciso entender que o que está pior nesta guerra é a força reativa. Não adianta pensar que, por sermos psicanalistas, podemos supor que, mediante análise, chegaremos lá. Não chegaremos. Há uma base sintomática de que o mundo não vai se curar a tempo. Então, algum sintoma vai pegar a bola e fazer um processo de unilateralidade a partir de sua extração sintomática. É assim que funciona e não adianta pensar que vamos analisar a ponto de a coisa se instalar sem isso. Não acontecerá. Coisa, aliás, que pode servir para entendermos a própria análise do analisando. Se um sintoma tomar o poder e conseguir unilateralizar, ótimo!, deixem acontecer. Isto porque, se algum sintoma no planeta unilateralizar o processo, pelo simples fato de ter unilateralizado, jogará o oposto como anti-alelo. Ou seja, há chance de fala *depois*. Antes não, pois há muro. Enquanto é bilátero, não há chance. Pode-se unificar por qualquer via, aí haverá chance.

Mas estaremos inteiramente enganados ao supor, seja qual for a burrice, não importa seu tamanho, que o processo seja unilateralizante e, em sendo assim, vai dar chance. Não pensem que as pessoas deixarão de ser mulçumanas, e sim que terão que ser os mulçumanos que topam todas, sem fazer barreira. Não estou fazendo apologia, e sim reconhecendo que ou Bagdá vira Nova York ou está perdida. Se o processo de unilateralização funcionar, eles serão fagocitados. Isso pode demorar cem anos, mas estou falando do século XXI.

• P – *A aposta que fizeram na multiplicidade resultou na multiplicação de fronteiras.*

Deleuze foi uma gracinha para mostrar isto, mas o caminho não é deleuziano, e tampouco lacaniano. O caminho é o que Wolfram e eu estamos dizendo. Não é porque queremos empurrar para lá, e sim porque, se não seguirmos por ele, será retardo. Então, não há outro caminho.

• P – *Esse caminho volta a se colocar como fundamento?*

O mundo está completamente sem pé nem cabeça, não há arrumação possível, porque não há fundamentos. Vem uma força, unilateraliza e diz que o fundamento é o que estou dizendo. Em três gerações está arrumado.

• P – *Quer dizer que não se pode ficar sem fundamento?*

Sem fundamento, fica essa bagunça. O pensamento da ONU é que não precisamos de fundamento, só temos diferença e vamos dialogar com elas. Chegará uma força que, sintomaticamente – e eu mesmo vou ficar com raiva, pois acontecerão coisas de que não gosto –, vai unilateralizar e *impor* um fundamento. E mais, não é preciso brigar intelectualmente, pois, como eles não têm saída, o fundamento será necessariamente o fundamento do Quarto Império. É difícil de enxergar, mas se ficarmos apenas supondo que, porque a patota americana é fundamentalista cristã e protestante, se fizer uma imposição, será essa, estaremos comendo mosca. Quando a coisa se unilateralizar, o comando não será necessariamente cristão nem protestante, mas capitalista. Trata-se do fato de que, como já expliquei outras vezes, a visão que teve Max Weber do fundamentalismo americano, protestante, geradora desse tipo de capitalismo, já induzia o raciocínio para o lado que estou apontando. O capitalismo de feição

americana, que dominou o mundo, foi constituído com base na moral protestante suíça. Não é qualquer protestantismo, mas aquele de Calvino, o *pilgrim*, dos peregrinos. Nele, observamos um moralismo de grande domínio no sentido do enriquecimento e do aplauso divino. Assim, qualquer um que seguir com muito afinco a moralidade do calvinismo, será beneficiado por Deus, que o deixará lucrar, pois estará fazendo o que Ele mandou. Só que de tanto usar isto, a frase se inverteu naturalmente: se tenho grana, logo Deus me abençoou. E não importa de onde veio essa grana. Resultou, portanto, em que uma posição fundamentalista do protestantismo suíço fundou certo modo de capitalismo – consentâneo com o Inconsciente enquanto capitalista que é – e o que sobrou foi o capitalismo. O protestantismo foi-se. Eles estão se lixando para ele. O discurso de propaganda é *In God we trust*, mas sabemos que confiam é *in Gold*. É uma questão fonêmica, apenas.

Não estou dizendo que seja certo ou errado, pois os modos de operar são modos políticos, mas se regermos o mundo por um – e agora direi o palavrão – algoritmo financeiro, estaremos na região do Espírito Puro. O capitalismo desenfreado de puro algoritmo é de origem americana por troca de posição. Talvez Max Weber não tivesse tido tempo para ver isto.

20. O Inconsciente, no sentido de Haver, como estou colocando, é capitalista, pois “não prega prego em estopa”. Pensem bem e verifiquem se estão dispostos a fazer qualquer investimento sem lucro. Tudo que fazemos é com terceiras intenções, as piores possíveis. Queremos levar vantagem em tudo. A tal “lei de Gerson” está correta. Os neuróticos a censuram, mas mesmo estes que a censuram estão levando alguma vantagem. Aliás, não são apenas cínicos, mas hiper-cínicos. Lucrar dinheiro em nossa conta bancária é tão inconsciente quanto qualquer outra coisa. Queremos lucro. Ganhar pelo trabalho feito, isto é coisa marxista. Queremos um trabalho onde possamos ganhar muito mais do que ele vale. Isto porque somos o máximo e muito gostosos. É assim que pensamos, com mais-valia o tempo inteiro. Não fosse o Inconsciente capitalista, estaríamos nas cavernas. Foi por acumulação de riqueza, de sobra e de querer cada vez mais, que a joça virou isso que temos hoje.

Há um gozo que fatura em cima do acontecimento. As formações modais não têm este dispositivo em autonomia, vão gozando no rabo do foguete, mas o Haver, como tal, funciona assim. Se não, tiramos sua homogeneidade. O Haver é uma IdioFormação e as formações modais gozam na esteira do movimento do Haver. Se elas faturam – e faturam, basta ver os filmes que passam no *Animal Planet*: o leão comendo a corça, etc. –, esse faturamento corresponde a uma satisfação reconhecível. Não é capitalista imediatamente. Se já matou a fome, pode passar um monte de corças que o leão nem liga. Conosco, não. Matamos uma, duas, dez, todas, pois queremos o lucro.

21. Revoltei-me contra o tal *Outro*, que chamo de Mesmo, pois é o resultado final da partição do século XX e de toda a história que vem antes dele. A concepção e elevação do Outro à categoria de maravilha corresponde perfeitamente à bilateralidade recursiva que terminou com o século XX.

• P – *O Mesmo no Quarto Império, pela própria estrutura do capitalismo, não começa a gerar novas multiplicidades?*

As diferenças serão sempre existentes. O que será fagocitado não é a diferença, mas a fronteira. As diferenças proliferam muito mais quando paramos de as embargar. A sexualidade, por exemplo, era desenhada com fronteiras, quando começou a explosão no final do século XX, e sobretudo quando veio a AIDS e obrigou as pessoas a falar nas coisas, o que acontece é uma enorme proliferação de sexualidades. Isto porque é tudo igual. Vemos, então, lacanianos fazerem congresso para recuperar a diferença sexual. São uns retardados que querem voltar e recuperar aquele bem-estar de que homem é homem e mulher é mulher. Ficavam felizes de saber a diferença. Isto, ao invés de não se interessarem mais por isso, pois há mais o que fazer. Qual Outro? Outro é aquele que nomeio agoraqui.

22. • P – *Bush disse que quer converter todos ao Evangelho.*

Um analista tem que entender que não importa o modo sintomático de o analisando dizer, e sim o fio vermelho que corre por dentro da corda no

sentido da formulação do Autômato. O que Bush tem para dizer é isto e Condoleezza Rice, sua secretária de Estado, é uma gracinha, uma pessoa culta e informadíssima: lê uma hora por dia de Bíblia. Ou seja, é o fingimento de estar fundamentado numa tradição para poder funcionar na transposição capitalista daquela tradição – é coisa de analisando. Quando Bush diz o que diz – e ele é só um garoto de recados, quem pensa é Condoleezza e Paul Wolfowitz –, acha que é uma Cruzada, uma guerra cristã, mas isto escapa de sua mão com a maior facilidade. O pessoal à sua volta não o contraria, pois ele é a representação adequada, e o que se diz para o povo é que Jesus Cristo vai vencer. É igual ao pessoal da Assembléia de Deus que fala em Jesus e tem a mão na grana. Isto é o capitalismo americano. Então, se quiserem entender o que é o capitalismo em sua forma espiritual, é só perguntar à Condoleezza, que lê religiosamente a Bíblia. Claro!, toda a safadeza está lá. É uma grande lição e ela faz estudos profundos sobre o assunto.

29/MAR

23. Algumas questões devem ser levantadas e posições relembradas ou colocadas no sentido do entendimento de nosso modo de existir e da possibilidade de seu futuro. Há anos venho tentando deixar claro que há uma postura básica, se não da psicanálise, pelo menos de minha relação com ela. No Seminário de 1994, *Velut Luna* (Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2000, 285p.), há uma seção intitulada *A Bandeja do Herói* – que aliás deveria estar sem o *H*, é o *Erói*, no sentido de Eros –, em que isso já se colocava. Naquela ocasião, eu não dizia que era uma postura institucional e de todos, só a estava colocando como postura do analista. Diferentemente da postura de outras atividades e de outras existências no mundo, quer me parecer que o analista, ao mesmo tempo que oferece o que tem, seja como saber, posição, ação, etc., ele só *disponibiliza* isso. Ou seja, o analista enquanto tal só disponibiliza o que tem a oferecer e qualquer atitude fora dessa oferta – que, como qualquer oferta, não deixa de

ser de mercado – não lhe diz respeito. Ele apenas pega a bandeja, passa ou deixa lá – quem quiser que se sirva.

A tentativa de inventar este tipo de postura se deve a uma questão programática. Não estou fazendo jogo de palavras, trata-se de uma questão difícil que ninguém conseguiu solucionar até hoje. Nem Freud nem Lacan, nem ninguém na psicanálise. Talvez não haja solução e também não vou achar. Só estou lembrando que este modo de colocar as coisas é uma tentativa de dar um encaminhamento à questão da posição, do lugar do suposto analista no mundo. Do ponto de vista teórico, por exemplo, se existe um analista e ele, a partir de sua experiência, estiver tentando produzir algum saber, algum resultado... Aliás, nem gosto mais de chamar isso de teoria, pois o termo está muito compromissado. A partir de sua experiência, ele produz resultados de estudo que, no mínimo, devem ser postos à disposição de quem quiser, mas apenas isto. No máximo, podemos fingir que aquilo é uma filosofia. Aí saímos do campo da análise e vira pregação. Acho que não faz parte ou que pode erodir o lugar de um analista no mundo, como clínico, o fato de ele fazer proselitismo, muita propaganda.

Tentar disseminar, isto é, ampliar nossa bandeja na suposição de que há pouco acesso ao que estamos trazendo, é uma zona intermediária de difícil qualificação. Que o princípio de base seja, então, de disponibilizar o que se produz. Para isto, no mundo de hoje é preciso publicar, fazer certa distribuição. Se não, nem se sabe que existe. Fazer saber da existência está de acordo com a postura que proponho e, neste caso, acho que é o máximo quanto a essa produção. Daí falar da *Bandeja do Erói*, inclusive com certa independência em relação aos juízos que se façam a respeito. Naquela ocasião, eu lembrava de Galileu, que trouxe algo fundamental e que ainda teria que pagar até com a vida se bobeasse. Isto só porque ofereceu o que tinha pensado. Meu lema é mais ou menos tirado do pessoal do *Casseta & Planeta*: “Aproveite se quiser, se não quiser, o problema não é meu”. Esta postura é o que me recomendo e recomendo a quem quiser usar como, talvez, um encaminhamento ou uma solução para a questão do analista no mundo.

24. • P – *O que pensar da psicanálise como uma doutrina?*

Doutrina é um saber douto. Supostamente quem está produzindo uma doutrina é uma pessoa que tem um saber, uma pessoa douta que o está distribuindo. Portanto, pode ser chamada de doutrina.

• P – *A distribuição é uma doutrinação?*

Não sei onde fica o limite, a fronteira. Justamente é o que é difícil estabelecer. Também, se usamos a palavra, se colocamos uma doutrina no mundo, estamos doutrinando, o que é diferente de fazer proselitismo. Desde os tempos do Colégio Freudiano que me sentia mal com certas pessoas da instituição que tinham o mau hábito de fazer proselitismo. Não informavam que havia uma instituição estudando psicanálise, Lacan, etc., mas ficavam cercando as pessoas. Alguns faziam isto com visitantes na minha frente. Eu dizia que a responsabilidade de alguém chegar e ficar deve ser só dele. É melhor até tratar mal para ver se está querendo mesmo, pois não é uma mera loja vendendo determinado produto, e sim algo que precisa de adesão. Então, é preciso saber se a pessoa viu porque mostramos mesmo e ela quer também. Há um regime aí, fartamente conhecido no campo da psicanálise com o nome de transferência, que não podemos forçar demais, pois, quando formos verificar, veremos que não é bem transferência.

O que vemos na televisão, por exemplo, é insistência e repetição na apresentação de certo produto, que não está oferecendo somente sua existência. Notem que a publicidade nunca diz somente que o produto existe, mas fica fazendo a cabeça porque quer vender. Então, se nos envolvemos com um produto como o nosso a partir dessa publicidade, isto deve ou não ser chamado de transferência? E em que nível? Pode até se tratar de uma relação transferencial, no sentido genérico que coloco de haver abertura para impregnação no mundo, mas, no nível da força da impregnação, onde fica nosso limite? Vivíamos antigamente na suposição absolutamente tola – e a psicanálise inteira viveu dessas bobagens durante um século – de que o que se passa na análise só acontece ali. Meu ex-amigo Jacques-Alain Miller parece que está insistindo na posição de que a transferência é algo do campo psicanalítico, que não existe

fora dele – o que é uma descabida besteira. Não adianta fazer esse tipo de “publicidade”, pois algo que só acontecesse no *setting* psicanalítico teria salvo a psicanálise para todo o sempre e não precisaríamos mais discutir. Se só acontece ali, então a especificidade da psicanálise é esta e pronto! Mas é uma tolice e é da ordem de querer convencer que qualquer produto do vizinho não é verdadeiro, só o seu é o bom.

25. Vejam que começamos com as difíceis questões de saber qual é o limite e de como gerenciar ou administrar nosso campo de maneira que seja uma oferta sem proselitismo. Retomando o que disse da vez anterior, verificamos que há uma insistência em discernir fronteiras que não existem, e que, por outro lado, o momento hoje é de apagamento das fronteiras no nível político, social, intelectual, científico, técnico. Isto, juntamente com muitos outros conceitos, idéias, cujas fronteiras nossa época desfaz. E não adianta lutar contra, pelo contrário, temos que ajudar, acrescentar, pois as fronteiras têm que se reconhecer apagadas como fronteiras, ou seja, como bilateralidade. Como disse, o encaminhamento do que suponho ser o nascimento do Quarto Império é no sentido da Unilateralidade. Esse é o fenômeno do momento e o único capaz de produzir a época nova, o século novo – o que repercute no campo da psicanálise, onde também não adianta procurar especificidades biláteras, pois elas não existem. Ao contrário, há que entender que não há fronteiras, só gradientes, e nos perguntar hoje até qual gradiente vamos? A história do pensamento, em qualquer área, viveu até agora, ou seja, até os últimos estertores do século XX, da tentativa de engambelar a todos com promessas de fronteiras. Viveu-se disso, e não de sensibilidade ou acordo a respeito de gradientes. Vimos Lacan, por exemplo, até o meio de sua obra, ainda impregnado da visão do século XX, com emulação de Einstein, etc., pensando em como estabelecer a especificidade científica da psicanálise. Para ele, um discurso só teria existência merecida cientificamente quando explicitasse seu campo e suas fronteiras. Acontece que isto morreu.

- P – *Mas a multilateralidade, que vem da unilateralidade, não implica recortes?*

A questão fundamental não é haver fronteiras, pois posso fabricá-las, fazer os recortes que quiser. A impressão que se quis dar até o final do século 20 é de que *há* fronteiras. Quando alguém diz que transferência é algo que se dá no campo estrito da psicanálise, está dizendo que há fronteiras, e não apenas mostrando um recorte que lá está. Por exemplo, moro numa casa com paredes, muro, etc., e digo que ali dentro é meu, há até registro de propriedade, mas basta o ladrão – ou a polícia, tanto faz – entrar que aquele traçado de fronteira se danou. As fronteiras são próteses que vamos construindo e que só têm a duração do poder que as sustenta. Vivemos no mundo recortando as unilateralidades, produzindo regiões, territórios, mas é produção nossa. No mapa *mundi* está tudo recortado, Brasil, Europa, etc., e temos que entender que, depois de certo tempo, dois ou três séculos, aquilo estará colado na pele de quem mora ali, como sintoma de língua e outros. Isto vai num crescendo terrível e vira neura, psicose, coisas que conhecemos de consultório. O planeta não tem esses recortes, a não ser aqueles de seu Primário, água, terra, sobre os quais quase nada podemos fazer. Mas mesmo no Primário ou no Secundário, onde for, as fronteiras sempre dependem de poderes de sustentação.

Então, se nossa questão fosse apenas perguntar quais são os poderes de sustentação da psicanálise para dizer onde está a fronteira, seria uma questão política como outra e jogaria a psicanálise no mesmíssimo regime de qualquer produção de instalação de poder. Isto, aliás, é verdade também, mas nossa questão aqui é outra. Quando digo que a psicanálise é um campo próprio, é preciso distinguir entre *produção de fronteiras* e *emergência de polaridades*. A psicanálise emerge não porque criou ou inventou esse espaço, e sim porque fez um pólo, um foco novo em torno de um comportamento que não estava nomeado ou desenhado, mas disperso no mundo sem fronteiras. Digo, portanto, que a psicanálise tem postura própria, não no sentido de um campo circundado por uma fronteira reconhecível, e sim de que algum pólo captou o que lá havia e fez a nomeação, a clarificação e a aglutinação de determinado fenômeno que

está no mundo. O que não é pensar como filosofia ou como ciência, embora até agora, final do século XX, pessoas as mais brilhantes, como Lacan, ainda estivessem preocupadas em querer que fosse ciência (coisa, aliás, de que Lacan desistiu no final de sua obra). Há também que arranjar um meio de discernir essa polarização. Não se trata de fronteira, pois quando se chega no franjal, já nos perdemos. Mas é preciso entender como se polarizam os modos de operação filosófico e científico, que não são a mesma coisa. Como sabem, tenho me insurgido contra pessoas que, mesmo entre nós, insistem em fazer epistemologia para designar o que é ou não científico. Importa é entender o tipo de polarização, ou seja, em nossos termos, a armação sintomática típica desse ou daquele modo de existir. E isto não tem fronteira, pois, lá adiante, mistura-se com outras coisas.

Estou pedindo uma postura de novo século, que abandonemos o neo-etológico, que saibamos que qualquer território só se garante por um poder que o sustenta. Trata-se de substituir idéias neo-etológicas de territorialidade e fronteira por vigor de pólo, de polaridade; de nunca dizer que meu terreno termina ali; de nunca brigar com o outro porque ele está invadindo meu território; de assumir que é a vigência de minha polaridade que institui. Tudo isto é um núcleo de modificação radical da idéia de instituição. E mais, não é preciso territorialidade para reconhecer uma formação, pois já temos o vigor de sua tipicidade. Quando, por exemplo, segundo tal aparelho teórico, desenhamos certo conjunto de vigências sintomáticas para chamar de histeria, atendemos uma pessoa e a definimos por aquela cartilha, estaremos errados se pensarmos que traçamos um território. Antigamente, pensava-se que histeria, neurose obsessiva, etc., eram limites, mas hoje sabemos que são pólos focais. A mesma pessoa histérica pode ter um pólo obsessivo. São formações com seus poderes e forças polarizando coisas, e quando procuramos onde aquilo termina, não achamos.

A diferença entre bilateralidade e unilateralidade é questão de descontinuidade e continuidade. Não há descontinuidade. Digo que o pensamento de Lacan é terminal, pois terminam junto com o século XX as idéias de descontinuidade, de fronteira, de heterogeneidade. Temos que pensar outra

coisa. Por isso, falo em polaridades e que o campo é o Mesmo. Ao invés do mapa de um campo cheio de territórios desenhados, temos um campo homogêneo, mas com focos de polarização. Este é, por exemplo, o fundamento do que se pode pensar como Urbanismo hoje: a cidade é só um pólo, não há mais fronteiras para ela.

• P – *A utilização da descontinuidade no século 20 é macroscópica, no sentido da descontinuidade suposta de uma dessas fronteiras que podemos ver. Já a descontinuidade no nível que um Stephen Wolfram trabalha é diferente. É ela, a questão do discreto, que permite inclusive a polarização do modo que você está falando.*

Sem discreção não há sintomatização. Entretanto, se acreditar, como acredito – não exatamente como ele define, pois não sei se vai ser assim –, no Princípio de Equivalência, em algum lugar tudo isso some. E já some no princípio, pois se o princípio é crível, é um princípio de indiferença. Isto, como princípio. Há aí algo ambíguo e difícil de situar, mas é óbvio que nada se polariza sem sintomatização, sem discreção. Toda vez que, com meus poderes, forçar a barra para trazer a discreção para um regime de complexidade, estarei mentindo. Ao ler Wolfram, quando ele toma um Autômato Celular pequenininho, faz seu desenvolvimento – que não é infinito, pois é uma máquina de Turing, com finitude nos cálculos, muito embora possa ser infinita enquanto fita –, supondo que ele deixe a máquina continuar a funcionar por tempo indeterminado, se não infinito, fico me perguntando se aquilo não volta para o começo, para o autômato celular.

• P – *Ele diz que, a partir de determinado momento, parece que estaciona.*

Mas não todo, pois ele não fez todas as experiências. Quem sabe, o novo século nos traz a resposta. Quando se calcula o número π , por exemplo, coisa que já desistiram de fazer, ninguém pode garantir que seja infinito, pois não continuaram os cálculos. Qual é a aproximação assintótica do π ? Os matemáticos já foram a zilhões de casas e acham que deve ser infinito, mas quem sabe?

• P – *Quando Wolfram trabalha a descontinuidade e a discreção dessas formações, isto não implica heterogeneidade. Ao contrário, o princípio é indiferente por ser geral.*

O princípio, sendo geral, é discreto, porém homogêneo, dado que há um princípio de equivalência. Então, se há um princípio de equivalência por ele suposto entre até a natureza e a computação, como não haveria equivalência entre duas computações?

26. Nossa questão é: qual deve ser a postura mais próxima da tentativa, que chamei de ética, de encaminhamento do Primário para o Originário? Então, já que não há fronteira para que a psicanálise, dada sua postura, não se perca de si mesma, ou seja, dos fundamentos que foram inventados e propostos para ela, qual é o gradiente de afastamento que ela pode ter? Isto vai resultar no que quero trazer hoje, que é pensar sobre a questão institucional.

• P – *Entendo que a solução proposta seria que o máximo da ética é a referência à HiperDeterminação. E que, uma vez passada por essa referência, a psicanálise poderia contar com algo que será sempre da ordem da decisão sintomática.*

Mas há que ter garantia de que passou por esta referência. E mais, antes ainda de passar, é preciso uma postura qualquer que seja uma espécie de regagem institucional para não se afastar dela. Que garantias temos de que as pessoas passaram por esse lugar? E, sobretudo, se estou oferecendo um encaminhamento, tenho que supor que haja aderências de pessoas que se transferem em relação a isso, mas que não têm disso a menor idéia. Então, se vierem pessoas que queiram aderir, mas sem idéia do que seja, que postura pode ter a instituição para facilitar essa aderência, ao invés de destruí-la? Quando se diz, por exemplo, que a transferência é exclusiva da psicanálise, está-se destruindo, pois leva-se a acreditar num erro para fazer de conta que a psicanálise seja isso. A pessoa já entra pelo lugar errado.

• P – *Durante muito tempo, achei esta instituição aqui um lugar deficitário quanto à transmissão, pois não havia uma grade de saber que ensinasse como ler Freud, Lacan, etc. Depois, passei a ver que esta não é uma deficiência, e sim uma marca distintiva, que justamente impede que se cristalice alguma grade de leitura. Quando algo não funciona, logo se*

percebe que a postura está indo para o lugar errado e que é preciso retornar à análise. Isto não ocorre em instituições em que há essa consistência de saber, pois esta se coloca como falta de análise, ou seja, toma o lugar da análise.

Se procurarem em várias coisas publicadas, verão que tento transmitir esta idéia há muito tempo, mas não cola. Nunca recebi de volta um depoimento como o seu. As pessoas podem ter pensado, mas nunca me disseram isto na refrega, ou seja, no momento de eu estar metido numa situação difícil em que não sei o que fazer e, de repente, brotar o entendimento. O quase falecido Colégio Freudiano – digo assim por ele estar metido nesta instituição (a UniverCidadeDeDeus), então é um moribundo, que alguém ressuscita ou mata de uma vez: está morto, mas não todo (é lacaniano o desgraçado) – foi uma lição para mim, mais do que para outros, pois, nos anos 1970-80, era uma instituição com cursos sobre Freud, Lacan, com professores, tudo organizado. Para quê? Para virar uma caixa de gatos, e as pessoas ficarem brigando dia e noite. Só isto era importante, ninguém escutava mais nada a não ser a constitucionalidade de uma versão acadêmica. Desde que tomei muitas cacetadas lá, resolvi que aquilo nunca mais. Se quiser aquilo, é melhor bajular o Conselho Federal e abrir uma Universidade, que dá muito mais dinheiro.

As gerações de hoje – por culpa de Lacan – encontram esse saber pronto na Universidade, mas na época estava na instituição psicanalítica. A meu ver, a Universidade não é mais necessária, pode fechar, não faz falta alguma no planeta. Se resolverem fechar, continuará a haver médico, dentista, advogado, engenheiro, pois a coisa já se tornou medieval outra vez. As guildas vão voltar a funcionar. Ninguém aprende medicina nas faculdades. Desde a entrada, o estudante tem que aderir a um professor, a um serviço, etc. Então, do ponto de vista de transmissão, de ensino, hoje, buscamos o conhecimento onde estiver, na Internet, no meio da rua, na biblioteca, no vizinho, e até na Universidade. Há muitos anos que minha postura em relação ao que pudesse ser instituição psicanalítica – e é preciso continuar discutindo para ver se este nome se agüenta – passa por aí. As pessoas se reúnem em torno de um pólo,

mas seus saberes são plurívocos. Todos são capazes de ser vetorizados para dentro da psicanálise, mas uma pessoa sabe isto, outra aquilo. E mesmo para saber psicanálise, vai-se buscar onde houver o saber.

• P – *Os saberes estão disponíveis, as pessoas se educam informalmente, mas há poucas cabeças capazes de fazer passagens entre esses saberes. Hoje é fácil se educar informalmente, mas não é só isso?*

Por isso que cada um se educa onde quiser... e venha para cá trabalhar isso no pólo. Esta é a intenção. Aqui não é uma escola, uma *Stoa*, e sim um Atrator. Estranhíssimo, aliás. Então, que a instituição psicanalítica seja um atrator, polarizando o que pintar, segundo sua modalidade de atração. É a Pedagogia do Atrator, e não de um saber.

• P – *Mas um pólo atrator de certa maneira não provoca um recorte?*

Se vamos pela via da polarização, é preciso abandonar a idéia de recorte. Isto, a não ser que verifiquemos que, por sintomática, as pessoas estejam continuando a recortar. Então, o recorte será o que deve ser criticado e abolido a cada momento. Quando pensamos em polaridade, verificamos que, como sintoma recessivo, por antiguidade, ela pode provocar um recorte, mas a polaridade não faz recorte. Ela faz um tecido único com condensações maiores ou menores, o que é algo desenhável. Se numa folha de papel marcarmos alguns pontos, que serão os pólos, e construirmos uma porção de vetores, os quais, perto dos pólos, serão mais densos, veremos que, ao percorrermos qualquer linha, iremos a qualquer ponto da folha e que há pontos de polarização fortes, mas não há recortes. É como a configuração das galáxias, que não tem recorte. Quando Wolfram fala no princípio de equivalência, está dizendo que é possível polarizar, mas que não encontraremos produção de fronteira via pólo. Não posso confundir minhas limitações com os limites. Posição de fronteira é vício do passado. A potência de nossos pés é que cria fronteiras. Como não somos satélites e não temos potência para dar a volta ao mundo correndo, só vamos até ali e julgamos que ali é nossa fronteira. Esta é nossa estupidez, nossa incompetência, e não uma fronteira, pois só não conseguimos continuar por sermos fracos. Mas a computação continua.

Então, como manter a instituição como pólo analítico? É o mesmo que Lacan pensou quando se perguntou como fazer para que sua Escola estivesse centrada no discurso do psicanalista. Mas ela não estava. Estava, sim, centrada no discurso acadêmico, no discurso universitário. Por isso, ele nunca conseguiu resolver o tal passe.

- P – *Acho que você criou na instituição uma máquina de indiferenciação que pode permitir a instituição virar um pólo atrator.*

Você está reconhecendo que, teoricamente, proponho isto, mas é preciso mostrar a máquina funcionando. Como funciona aqui? Que indícios temos de que aqui funciona assim? Se não, ficamos sem exemplaridade. Quando digo que não quero mais saber de transmissão organizada de saberes aqui, é uma maneira de manter a continuidade. Caso contrário, vira outra vez escola com cursos. O saber está disponível por aí, as pessoas que o busquem onde quiserem. Quero é que prestem atenção e declinem em toda essa história onde esses momentos de indiferenciação compareceram. Vejo aqui e ali essas coisas existirem, insisto nelas, mas freqüentemente, quando se coloca uma questão ou quando há um drama entre nós, corre-se para resolver da maneira antiga. As pessoas ficam procurando solução no modelo anterior, da fronteira, da descontinuidade. Aí fica uma caixa de gatos, pois é incompatível com nossa referência.

- P – *Existem gradientes de referência à indiferenciação?*

Pode haver gradações no investimento, na aplicação da referência. Ou seja, faço a referência e retorno, ela vai mexer com meu investimento no campo, mas não há gradação da referência. Por exemplo, com o analisando, nos remetemos à possibilidade de indiferenciação, mas quando voltamos para investir na análise dele encontramos uma parede. Esbarramos numa configuração sintomática que é fechada. Aí, é preciso paciência para ir empurrando para gradientes maiores, não de localização, mas de configuração.

27. A tendência é academizar. Mas se conseguimos algumas máquinas de trituração do academicismo, já facilita um pouco. Se tivermos máquinas de

indiferenciação, começamos a triturar. Lygia Clark, por exemplo, trabalhou o tempo todo com inventar maquininhas de indiferenciação. Todos achavam que ela era maluca... e era, mas não só: ela teve sucesso onde o maluco fracassou. Ela tentava produzir um troço, que, lidando com ele, em algum ponto nos indiferenciasse. Isto é tanto mais genial se lembrarmos que ela estava no meio do século XX. A máquina que ela produziu fazia certa forçação de barra, forçação que a máquina tinha em sua constituição. Lygia e Hélio Oiticica são duas pessoas importantes no país, precursoras dessa produção. Aquele momento é o começo da quebra das fronteiras entre música, pintura, teatro, etc. Hoje já acabaram. O que é uma *performance*? Lembrem que quem fazia a cabeça de Lygia era a banda de Moebius, que vinha com toda a tradição suprematista de Malevitch e outros que se depararam com a exposição da unilateralidade na topologia e foram traumatizados por ela. Isto veio bater aqui em Lygia, que inventou máquinas interessantíssimas para reproduzir e forçar isso.

- P – *Ela dizia que o que Picasso faz na tela ela fazia no espaço.*

Ela é bem melhor que Picasso, que apenas inventou a visão topológica de múltiplos pontos de vista.

Tomemos, por exemplo, a separação que alguns autores gostam de fazer entre ciência fáustica e prometéica. Eles são incapazes de entender que fáustico é o prometéico contemporâneo. Aliás, alguém tinha que inventar um novo personagem conceitual, para usar o termo de Deleuze, pois mesmo Fausto está gagá. Ele faz pacto com o Diabo, quando pode fazer com Deus. São a mesma coisa.

- P – *Talvez Fernando Pessoa, com seus três Faustos, estivesse chegando perto.*

Tenho a impressão de que ele se perdeu, ou melhor, estava começando a achar e não conseguiu terminar. Pessoa não é um homem do século XX, mas alguém que está entrando no século XXI. Por isso, os franceses estão boquiabertos com ele. Ele é precursor, não é nem uma só pessoa...

- P – *A máquina de indiferenciação que você propõe – de sair do naturalismo, do humanismo – não seria a produção de sexualidade plena?*

Quando se entender que a sexualidade pode ser absoluta – Haver quer não-Haver –, esse negócio de sexo vai encher o saco. É uma besteira, dá um trabalho...

- P – *Então, Wolfram e Magno são aparelhos?*

É preciso lembrar que há aparelhos emergentes e aparelhos usados. Há prazos de validade. Lacan, por exemplo, já venceu. Há tempo que peço que não rezem para o que estou dizendo, pois é apenas uma ferramenta. Usem-na!

05/ABR

28. Qualquer discurso externo da instituição psicanalítica – se é que ela existe – tem que levar em conta que estamos diante de uma multidão completamente ignorante, sem intuição, com sintomas velhos ainda funcionando. Quanto àqueles que estão lá no cimo da coisa, pouquíssimos são os que falam, por exemplo, na TV. Eles estão sabendo com muita clareza tudo o que fazem e o que está acontecendo, mas, quando falam, são obscuros. É preciso de terceiras intenções no entendimento para sacar o que dizem. Temos sempre que pensar que o inimigo não é trouxa, que os otários somos nós – e, além do mais, esses do cimo nem são inimigos. Como lhes disse outra vez, há um movimento de multidão – anti-guerra do Iraque, etc. – absolutamente tolo, pois o que está realmente acontecendo extrapola de muito a perspicácia mínima das melhores cabeças. Outro dia, um daqueles lá ousou aparecer na TV com um discurso seriíssimo, limpo e cifrado. Tenho a impressão de que foi falar para os que entendem. Era um ex-chefe da estratégia de Israel, alguém que nunca abriu a boca e que apareceu porque saiu dessa chefia e deve ter subido de posto. Este é só um exemplozinho, pois mesmo quando Paul Wolfowitz, secretário de defesa de Bush, diz as coisas, diz para quem pode entender ou para o futuro. As pessoas em geral não entendem por estarem apegadas à sintomática velha. Elas estão ultrapassadas, pois o século novo já entrou. A Terceira Guerra Mundial já começou há tempo, mas foi demarcada em 11 de setembro de 2001. Ou seja, está tudo funcionando direitinho.

Precisamos urgente dar uns três pulos para a frente e colocar a cabeça na nova perspectiva. Há alguns anos tento empurrar para lá, mas vejo que é meio difícil. As pessoas assimilam umas frases, mas a postura mental custa a entrar. Há que entender que o mundo está retardado em relação a si mesmo, em relação aos próprios acontecimentos. É um fenômeno que, se aconteceu no passado, foi muito breve, mas hoje, com a difusão da tecnologia, é radicalmente novo em sua extensionalidade. Antigamente, havia pessoas à frente, havia a vanguarda, mas era uma distância possível de cobrir. A distância atual não é assim, então o que sobra é o banho de sangue. A coisa vai andar sozinha e não será possível cobrir, nem para quem está a favor, nem para quem está contra. E o discurso corrente no mundo não aproxima isso: a Universidade está gagá e os ditos analistas ficam discutindo sobre significantes ou Estragos Gerais. Temos que acompanhar correndo, mudar de registro, formular uma Mente Nova como estou pedindo. Não será por movimentos passo a passo que chegaremos ao salto, onde a coisa está acontecendo. Quem quiser ir, terá que dar um salto desproporcional, radical, um *Big Jump*. Temos metáforas matemáticas e lógicas para seguir, mas é preciso isso acontecer em nossa postura interna e na postura inter-pares. Não adianta procurar em instituições psicanalíticas ou universidades, pois não está lá. Temos que adivinhar pelos gestos e movimentos do pessoal que está manejando.

Houve um tempo em que, se alfabetizássemos a massa, ensinássemos as quatro operações, etc., teríamos feito um progresso. Hoje, não há como fazer progresso algum. Não há temporalidade capaz de dar conta do salto. Parece que estou sendo apocalíptico, mas há um pessoal que já está morando em outro planeta. Não há condição de estabelecer um plano de governo para alfabetização de alguma coisa. Lula, quando faz o *Fome Zero*, que os americanos estão adorando, está apenas buscando estabelecer um parque neo-etológico sustentável. O pessoal do Oriente Médio também recebeu o mesmo aviso, mas não quis ouvir: “Se vocês forem uns bichinhos adequados, nem será preciso jogarmos bomba. Virem logo um parque neo-etológico bem comportado, pois temos pressa e não dá para ficar esperando vocês!” O século já entrou e a

Terceira Guerra Mundial é para durar cem anos, adaptem-se depressa! Fico olhando perplexo para a velharia de ditos analistas funcionando no Brasil – pois, na Europa, embora o pessoal seja meio retardado, já não cola mais –, se reunindo em Estragos Gerais e sendo incapaz de ver que é tudo parque neo-etológico, se não for lixo. O que fazem pode ser apenas uma tomada de poder e de bens no nível de baixo: é o projeto *Menas Fome* dos psicanalistas. Nada há ali a não ser administração da reserva... indígena.

Estarmos falando desse modo aqui é um acidente. Sei lá de onde veio, pois o lugar disso não é por aqui. Por um acaso, deu-se esse acidente aqui, a gente aproveita ou não. Em outros pontos também acontece, mas temos que assumir que somos ETs e que o outro planeta já chegou. Aqueles de cima não brincam em serviço, são muito competentes e sabem o que estão fazendo. E estão fazendo. Isto não é nenhum mistério, é apenas o comando da situação dentro de determinada perspectiva, inclusive com todos os seus engodos. Ou, então, vamos ficar acreditando em discurso de Bush, que é só para enganar a massa?

Clínica, hoje, é uma volta no parafuso. No consultório, continuamos sendo trogloditas, pois não dá para fazer muito e o descompasso é grande. Quando, em 1500, chegam as caravelas aqui e encontram os índios, vê-se logo que não dá para conversar, são mundos diferentes. O mesmo ocorre hoje, os carochos sintomais são pesados, são muitos e duros. Então, estamos ali mais ou menos para aliviar, é uma espécie de emplastro cotidiano. Ninguém vai trazer a pessoa ao ponto que estou dizendo. Ou ela já chega no ponto, ou não será trazida. No momento, não se trata mais do sintoma neo-cristão de amar, ensinar ou educar o próximo. Se o pessoal não fez o primário, como querer dar aula de pós-graduação? A humanidade que se eduque. Basta olhar para a Universidade para ver que é um zoológico, um parque neo-etológico que não se mexe, cheio de futricas, verbas, cargos, títulos e cotas. O que está acontecendo e o que é para acontecer no mundo que está chegando nada têm a ver com essas organizações e institucionalidades. São todas reservas indígenas, que têm que

se agüentar por aí se não explodem. Mas, para toda essa massa, não haverá passagem analítica ou educacional que os leve para cá. Eles vão morrer lá.

12/ABR

29. A questão da *Formação do Analista* é: considerar-se o analista como Formação do Haver. E como é uma formação, não se trata apenas de alguém estudar psicanálise, teoria, fazer análise, pois ela terá que *se constituir* como certo tipo de Formação do Haver, que chamamos de Analista (ou o apelido que se queira dar, já que, como sabem, não gosto deste nome). Então, do ponto de vista de estar no mundo, de comportamento no mundo, que formação é essa, o Analista?

Existe um defeito na história da psicanálise, que gira em torno das suposições sobre o modo de conhecimento que é a análise, se é ciência, se não é, o que é. Não sei se o defeito do modo de suposição de saber o que seja a psicanálise cria o outro defeito, ou se o de cá cria o de lá, ou se isso é uma formação só. A psicanálise começa com o fingimento freudiano de que é ciência. É claro que é uma ciência. Hoje, segundo a maneira como defino, tanto faz chamar de ciência ou não, pois a ciência é a mesma coisa, um modo específico de comportamento. Há alguns anos, substituí o aparelho que fazia diferença entre o epistemologicamente correto ou não pelas três letras ART, do radical de produção de formações. Então, ciência é apenas um tipo de ART (em todos os sentidos, latino, etc.). A profundidade, a extensionalidade ou a precisão específica deste ou daquele conhecimento é um caso localizado. Mesmo porque, quando acompanhamos o que chamam de ciência e vamos à sua zona franjal, vemos que o contorno dessa precisão acaba se perdendo completamente. Por exemplo, as teorias mais avançadas da física contemporânea ou são projetos de teoria ou grandes romances. A Teoria das Cordas é um romance da física. Podemos acreditar nela como possibilidade, mas é franjal em relação a outras supostas certezas, que só são certezas por funcionarem num campo restrito, pois nem sabemos se funcionam num campo mais amplo.

A queda de fronteiras não é um *laissez-faire*, e sim um fato bruto. Não podemos mais pensar em territórios, mas apenas em polaridades, focos e franjas. Como disse, em função do que acontecia no século XIX e começo do século XX, a psicanálise ficou fingindo que era ciência no sentido dos ditos cientistas, mas comprovou-se imediatamente que nem naquele sentido podia ser. Os autores criativos depois de Freud, no fundo, tinham aquele ar de ciência e paraciência. No mínimo, tinham um ar médico, de quem conhece determinada coisa, aplica um processo de cura e uma nosologia conhecida. Tudo falso, pois não se conhece nada daquilo. Ninguém deslocou mais a psicanálise da ordem médica e científica do que Lacan. Ele manteve a clínica como um processo de relação com o Inconsciente que pode vir até a corrigir certos tropeços graves, etc., mas, no começo, queria que fosse uma ciência que fizesse este deslocamento. Quebrou a cara, até confessar que não podia ser ciência (no sentido antigo, pois, para mim, é ciência, ou seja, ART, justo porque as fronteiras estouraram).

Outro cacoete da segunda metade do século XX, que a mim também não interessa, é a questão dos discursos (dono, histórica, universitário e analista). Serviu naquele momento impregnado por certas noções de linguagem e de ordem discursiva, mas – como devem se lembrar, pois usamos muito aqui – as fórmulas lacanianas de discurso são redundantes. Vistas a longo prazo, é difícil entender de onde Lacan tirou a suposição de que era possível fazer um matema dos discursos com uma formação redundante, pois S_1 e S_2 já são $\$$ e a . Ficaria, então, calhorda continuar a usar isto quando não quero tratar de sujeito, e muito menos da distinção sujeito/objeto. A nós, isto não serve para nada, nem interessa dizer que se trata de discursos. Não vamos julgar esses procedimentos, esses comportamentos como formações discursivas, pois são Formações do Haver. No caso de Lacan, com uma configuração estritamente secundária, mas, como sabem, não acredito que configuração alguma possa ser estritamente secundária.

Freud estava interessado demais em ser considerado na cultura em que vivia. O chique lá era o aparelho científico e a nomeação de ciência, ou, pelo menos, algo que tivesse timbre de lógica, de matemática. Isto era muito claro na zona – em todos os sentidos – que era Viena, onde artistas, cientistas,

lógicos (Wittgenstein, por exemplo) procuravam os estatutos com muita veemência. Minha impressão é que Freud, no que teve que dar satisfação a essa vontade de nomeação, perdeu-se no mais importante do que estava fazendo. Ele manteve sua postura, mas o encaminhamento se perdeu para ficar com cara de cientificidade. Na verdade, ele tinha descoberto modos íntimos, mínimos do comportamento do psiquismo que, já naquele momento, escapavam completamente, como escapavam antes de ele renomear de maneira ocidental, dos outros modos de abordagem existentes no Oriente, no Ocidente, onde fosse. Ele deveria ter distinguido mais e, desde o começo, dito que descobrira algo que nada tem a ver com outras formações do século XIX e do começo do século XX. Como o que era então chamado de ciência era outra coisa, ele poderia dizer que a formação que descobrira não era ciência nem religião. No entanto, quando abordamos por algum desses lados, até parece que é. Freud deixa transparecer isto, mas, para se garantir no mundo, deixou-se encaminhar muito fortemente para a postura do cientista. Ele dizia que não tinha ambição de fundar uma religião, mas o aparelho que criou é nitidamente uma igreja. Os que se chamam cientistas, por mais que tenham patotas, grupos e arrebanhamentos políticos, pelo menos fazem a declaração de que há um processo de conhecimento que está acima deles, que é universal e, quando aquilo se prova, temos que aceitar. Não é bem assim na história da psicanálise. Quando alguém dizia que se poderia pensar por outro caminho, Freud dizia que não. Ele era dogmático. Lembrem-se também de que distribuía anéis para seus “cardeais”! É preciso falar a verdade sobre a história, se não, jamais sairemos dessa lama.

Freud não tinha condições de dizer que a psicanálise não pode não ter características de religião, sem sê-la – de ser Arreligião como chamo –, e mesmo que não pode não ter características de ciência ou filosofia, sem sê-las. Ele poderia ter definido pela negação, referindo-se a elas e dizendo o que não era, até que uma formação emergisse diante da confusão. Mas não houve isto na história. O que temos é uma prática que, por ser demasiado infectada pela postura científica, fez com que se destruísse algo que seria o mais importante da postura do chamado psicanalista. Que algo é esse que se perde se temos um

exagero na postura supostamente científica? É que aqueles que se aproximam da formação chamada Analista para se tornarem iguais a ela não podem tratar os desempenhos nesse caso de formação como um saber que se aplica profissionalmente em determinada hora. Faz parte da índole dessa formação que ela invada e pervada toda a vida da pessoa de maneira que ela se transforme em outra coisa. Isto, por mais que se valorizem conhecimentos, no sentido científico; criação e desempenho, no sentido artístico; reflexão, no sentido filosófico; etc. O essencial é que tem que se parecer com certas práticas que sempre existiram no mundo, nas quais você não adquire um conhecimento ou uma técnica, não é apenas um possuidor, mas *se torna* aquilo. É o que está embutido no pensamento de Freud. Se não se faz análise, se não se passa por esta experiência de transformação, não se é analista. Isto tinha que ser um ponto absolutamente central, do qual não se pode abrir mão – o que nunca existiu na história da psicanálise, sempre foi denegado e se cobriu de uma sombra. Mas justo isto é que é primeiro, o resto vem depois.

30. Estamos aqui tratando da existência ou não de instituição psicanalítica e de analista para, depois, tratar de aparelhos clínicos. O que está errado na história da psicanálise desde o começo é pessoas pensarem em ser analistas com hora marcada. Isto não existe. Como digo, quando vamos a algum lugar, não notamos quem é e quem não é analista. Portanto, é puramente leigo. Não temos que, em qualquer lugar, necessariamente notar quem é médico, por exemplo. Se a pessoa começar a conversar, notaremos alguns cacoetes de fala de médico ou engenheiro, mas não é de usar jargão que estou falando, e sim de uma postura geral que, quando batemos o olho, sabemos quem é. Sabemos quem é padre, mesmo sem batina, sabemos quem é zen, pois isso gruda na pele... O analista se denota e se conota, mas, salvo as exceções, não é o que se vê na história da psicanálise. Lacan era alguém que, das pessoas que conheci, onde estivesse, ao bater os olhos, percebíamos que não podia não ser analista. Outra pessoa assim era Françoise Dolto. Não esperávamos deles nenhuma resposta ou reação que não fosse imediatamente analítica, ou seja, clínica. Os outros deviam ser

parecidos com eles em algo, não sei em quê. Isso tem a ver com a formação que inclui os conhecimentos, mas se distingue das outras por ter uma especificidade que não vejo clara naqueles que se chamam de analistas. Só vejo uma coisa frouxa, tola, de leigo, de cotidiano – que analista não pode ter ou, se tiver, deve ser, por exemplo, uma tolice muito própria.

Às vezes, no trato com o analisando, de repente, sacamos algo, damos um tiro no alvo e vemos que ele se desconcerta de uma maneira não analítica. Ele está preso, pois se desconcerta em torno de um caroço. Não é aquela coisa perdida de Lacan, por exemplo, que era uma pessoa que se desconcertava com a maior facilidade e ficava com uma cara de Santa Teresa, entre débil mental e gênio. Ele tinha tantas aberturas que, de vez em quando, perdia as estribeiras e pensávamos que pirou, mas voltava rapidinho. Acho que esta é uma característica do analista: ele explode e, em vez de se concentrar num caroço, perde-se. Embora não possamos fazer desenho disso, temos que entender que não existe o analista em estado puro. Existem pessoas que entram nessa formação, as quais têm peso, volume, tamanho de inteligência. Há umas que têm mais talento, outras menos; umas que são burras, outras inteligentes; umas que são ignorantes demais... logo, cada um tem o analista que merece, e tem mesmo. Falo disso como questão preliminar, pois analista não é um profissional, um técnico... Analista, se existe, enquanto analisando, faz análise com qualquer coisa. Mas é o analista que faz isto, que continua sua análise infinitamente de qualquer maneira. Esta é uma questão teórica básica. Se, junto com Freud e ao contrário de Lacan, digo que a análise é infinita, e se atingimos a postura de analista, há que continuar a análise infinitamente. Portanto, só quem atingiu o lugar do analista é capaz de ser analisando diante de qualquer situação. Os outros não, eles precisam de alguém que assuma essa postura para futucá-los.

Naquele que pode ser analisando de qualquer situação, podemos eventualmente achar que está sendo tolo, mas, de repente, percebemos que é capaz de ser *ninguém*. Não o tempo todo, pois, se formos ninguém o tempo todo, morreremos. Mas vemos que ele, sozinho, sem ser empurrado, tem essa competência. Continuando o que dizia, quando acertamos na mosca do

analisando, vemos que ele se desconcerta de maneira desenhada, e não dispersiva. Isto porque não consegue ser ninguém e tem que ficar tomando porrada vinda do lado de fora para poder arrebentar as formações. Por outro lado, vemos que aquele que entrou na formação Analista até continua tão metido em tolices quanto qualquer outro, mas tem a competência de tomar tenência e, por conta própria, desconcertar-se eventualmente diante de qualquer coisa. Então, o analista é o verdadeiro analisando, pois fica nessa situação. Por isso, digo que toda situação para ele é clínica. Se o que ela possa trazer de intervenção não serve para os outros, serve para ele. Nesse ponto, ele se parece muito com o zen: está pouco se lixando se o analisando vai conseguir ou não, quer é saber se ele próprio consegue. E o nome disso não é ego-ísmo, mas simplesmente o reconhecimento de que o outro consegue se conseguiu. Se não conseguiu, não conseguiu.

Há uma confusão histórica no campo da psicanálise, que é a suposição de que alguém nos pede análise. Isto não existe. As pessoas estão se sentindo mal e vêm pedir para serem curadas. Ouviram dizer que há um troço chamado analista e que quando se sentem mal devem ir lá. O que pedem é uma terapia, no sentido mais clássico do termo, um conhecimento que vai tirar um mal-estar que têm. Elas cairão em análise ou não. Podem, eventualmente, vir a descobrir que se todos fossem capazes de pleno desenvolvimento, quereriam ser analistas, mas isto não ocorre necessariamente. O que prestamos é um serviço social. Mantemos a pessoa durante algum tempo até ela poder ir embora um pouco melhor, mas só ficará boa mesmo se virar analista. Se não virar, simplesmente a ignoramos. Falo em “bom” no sentido pleno, digamos, nietzscheano. Somos os bons, os saudáveis, os aristocratas. Logo, somos uns títicas – o que os outros não conseguem ser, pois sempre são muito importantes.

31. Qual é o interesse de existir mais uma, duas, não sei quantas instituições psicanalíticas? O conceito de instituição é analítico? Pode sê-lo? Há uma instituição “analítica”? São formações diversas que, por questões práticas, precisam conviver ou existiria o que se poderia chamar de instituição analítica?

Este era um problema grave para Lacan, que insistia em querer criá-la como escola. Além disso, é preciso não confundir o conceito de instituição com o de formação instituída. Uma instituição funciona porque é um conjunto de regras de comportamento. Mas não é preciso instituição para se produzir um analista. Não é preciso nem de Freud. Antes, já havia. Ele apenas organizou um saber a respeito, fundou também uma instituição como local para agregar pessoas interessadas nesse saber, nessa postura. É, pois, uma corporação em vários sentidos, de lidar com a sociedade, etc., mas a inversão dos valores é que incomoda. E não é aceitável que a corporação e a congregação fiquem anteriores e mais importantes que a existência do analista como ocorreu na história da psicanálise. Lacan se batia contra isso, mas sua Escola virou a mesma joça. Diante de analistas conversando numa festa, sabemos a que instituição cada um pertence, o que é de uma tolice, pois, na verdade, não reconhecemos nenhum como analista. Ali, estão se agregando para quê mesmo?

- P – *O problema maior é, então, o do reconhecimento?*

Este é um problema para quem não está dentro da formação. Trata-se, sim, de saber como se está ou não, o que é incomensurável.

- P – *Mas, analiticamente falando, é muito difícil pensar a questão, pois não há algo acima das formações particulares que possa ser critério.*

Não existe discurso vazio, fala em branco. Então, há que reconhecer que até a formação chamada analista é sintomática. Ou seja, essa formação que quer desfazer sintomas, ela não pode não ser também ela sintomática. Só que faz parte de seu sintoma a tentativa de ficar suspendendo as formações sintomáticas. Portanto, podemos fazer mais barato e, por exemplo, reconhecer que alguém – e agora digamos o nome correto – é de certa *seita*. Não há como sair disso. Se as pessoas não conseguem nem mesmo pertencer a uma seita analítica com características, quando se tornarão analistas? Vejam que minha pergunta é anterior, pois digo que as pessoas não conseguem nem mesmo se configurar como um sintoma, uma doença diferente.

- P – *Então, quando Lacan, metido com as questões do passe, designa um analista, não tem um critério?*

Na verdade, é uma designação da ordem do terror. Que eu saiba, um único recebeu essa chancela. Não vai ficar bom nunca mais, tadinho, está ferrado para o resto da vida. Lacan fez um mal irreversível quando lhe deu o passe por cima da comissão que fora designada para isso. Teria sido melhor, mais equivocante, deixá-lo para sempre na dúvida.

Na medida em que não se pode ser uma formação sem características, ou seja, sem ser sintoma, por que nem ao menos essas características – que, se descobríssemos as que são as mínimas, não ficaríamos com cacoetes de jargão – reconhecemos nas pessoas ditas analistas? Quando falo assim, me refiro a características sintomáticas de postura e de entendimento diante do mundo. Sei, por outro lado, que Analista é uma emergência recente na história, tem cem anos e nunca se definiu com clareza. Daí, as definições falsas, atreladas a alguém ser analista por estar na instituição tal e ter consultório. Este problema é de todos, já estava em Freud, e mesmo que Lacan tenha escrito o discurso do analista – o analista é aquele que funciona de tal modo –, não falou de pessoas. Como disse há pouco, ele cria uma redundância que não leva a nada. Há certa explicação, mas algumas categorias de seus discursos são suspeitas. A de verdade, por exemplo. Alguém sabe o que é isso? Agente, outro, verdade, saber – fica-se girando em volta do rabo como cachorro doido. Mas vejam que, mesmo não sabendo dizer o que é o Analista, temos uma sensação, uma experiência de que ele há. Aliás, não é o único discurso, formação ou comportamento que passa por isto. Há outros, e não podemos ocidentalizar a vontade de poder dentro do saber. Sabe-se o que é um engenheiro porque é algo limitado. Só por isso. Como Analista é muito mais simples, é mais difícil de entender.

Não podemos abordar a questão com catálogos, definindo por colocar num código de profissão. Não faz parte do procedimento e ninguém jamais resolveu isto. Podemos dizer que psicólogo é assim, pois é um instrumento estritamente profissional que supõe que sabe e faz tal coisa. Lacan vivia preocupado com distinguir psicólogo de psicanalista. Há, pelo menos, algo que é evidente: psicólogo é um profissional e analista não. Ele pode trabalhar, ter funções sociais, etc., mas não se define por uma qualidade profissional. Até

hoje, no mundo, não se pôde fazer regulamentação da profissão de psicanalista, pois sempre será falsa. Então, se os Estados quiserem, que obriguem a pessoa a ser psicóloga, lavadeira – e é uma evidência que os tais analistas não sabem nem lavar roupa suja – ou cozinheira, mas não se resolverá isto a golpes de institucionalização. Pode-se criar uma instituição, ou seja, fazer um roteiro de operações, um estatuto para zelar pela existência disso e para se relacionar com o mundo, mas sabendo que ela é sempre incompetente para lidar com a Formação Analista e aviar sua transação com o mundo. Isto porque a instituição é como uma profissão, uma coisa desenhada. Portanto, a instituição não pode definir o analista, mas pode zelar por analistas, ser seu representante. O problema sério que a psicanálise colocou para o mundo ocidental foi de como fazer a relação dos poetas com a sociedade e com o Estado. Eles nunca tiveram essa relação. E não adianta fundar uma Academia Brasileira de Letras, pois é falso, o verdadeiro poeta não é necessariamente o que está lá dentro. De repente, surge o poeta, que nada tem a ver com isso e todos ficam com cara de bunda. Mas tem que haver uma transa de alguma ordem, por isso a instituição.

- P – *Faz parte desse lugar de seita não só o reconhecimento da inevitabilidade de se lidar com o mundo, como o saber lidar com esse dentro/fora, isto é, reconhecer ao mesmo tempo o caráter fictício ou político da existência institucional, lidar com o mundo assim, mas ao mesmo tempo ficar suspendendo, pois isso não se reduz à existência institucional.*

Todas as instituições padecem disso. Houve certo momento do Ocidente, com a pressão do poder de uma igreja centralizadora, em que se pensou, por exemplo, ter resolvido a questão institucional do casamento com uma penada do papa dizendo que é indissolúvel, eterno. Só que não é. Então, temos a regulamentação do casamento e o casamento. Um nada tem a ver com o outro. Não é, portanto, possível exigir que a instituição valha mais do que o existente. Não se pode definir o analista pela instituição nem pelo Estado, é o contrário. Instituição não é necessária, é útil. Pode haver um grande analista que não queira saber de relação institucional alguma. Ele estará entregue às baratas, poderá ser Sócrates, morrer disso, e esse provavelmente é que tem maior valor.

E há também um bando de pessoas que quer um órgão que seja útil para sua relação com a sociedade e o Estado. Instituição psicanalítica é isto: um órgão que zela por essa existência.

32. Vejam, então, que o problema é definir o analista, pois a instituição terá sido feita para zelar por essa existência, e não o contrário. Não é nem mesmo preciso definir o analista, e sim conhecer o máximo de formações, subformações e os modos de composição dos componentes que configuram essa grande formação. Não posso fazer a leitura total de uma formação, mas aqueles, por exemplo, que lidam com literatura e poesia, no mundo inteiro, não estudam e produzem textos para poder cercar a idéia de poeta? Por isso, é possível aproveitar esses estudos para defender o poeta e fazer uma instituição para que ele não fique tão perdido dentro da sociedade. Uma Academia deveria servir para isto, embora já tenha derivado há muito tempo. Machado teve a idéia, meio suja por copiar aquela porcaria francesa, de criar um lugar onde os poetas em geral pudessem ter uma relação com a sociedade, que não ficassem tão desvalidos. A instituição psicanalítica é a mesma coisa. Freud, percebendo que, se existe o analista, se ele não é um profissional que, segundo o código, faz algo e tem determinadas obrigações, se perguntava como apoiar essa existência e estabelecer uma relação dessa existência com a sociedade e o Estado. Um pensador matemático – por definição, mais que apenas um professor de matemática –, por exemplo, tem o mesmo problema por não caber em lugar algum. Sabemos o que é um professor de filosofia, aquele que tem doutorado em filosofia, mas o que é um filósofo quando ele é filósofo?

Então, se o problema não é só nosso, é nosso de maneira especial, pois não nos cabe pedir soluções emprestadas. Quando aqueles que estudam filosofia tentam cercar a idéia do que seja um filósofo, isto é exaustivo, para sempre. Não se pode institucionalizar o filósofo, embora, no Brasil, haja uma Academia Brasileira de Filosofia. Platão não era esse estúpido, fundou uma Academia que era o nome de sua escola. Roubaram-lhe o nome, mas tratava-se de um lugar onde poderia ir quem quisesse saber o que ele pensava e ensinava. O

problema do analista é, portanto, precisar de uma instituição (não para defini-lo, mas) para suportar sua indefinição e para garantir – e isto está em Lacan, não estou falando novidade – a subsistência dessa coisa indefinível. É uma formação, tem cacoetes, aspectos sintomáticos, etc., mas o que tenta fazer não tem definição prévia: ela vai produzindo equivocadamente suas definições. Então, ser um pensador, um filósofo ou um matemático no exercício de sua produção da matemática, não pode ser definido por uma Academia, pois ela necessariamente não tem conhecimento do que eles estão fazendo. Tomem Stephen Wolfram, de quem tenho falado. Ele está se lixando para os “colegas”, primeiro, porque pode, é rico; segundo, já descobriu o mecanismo eterno do pensamento: a existência que está colocando não está incluída em lugar institucional algum. Depois, que incluam, mas é esse lugar que vai se definir por ele, e não o contrário. A instituição, portanto, não pode definir o analista. Se ela se fez instituição para cuidar do analista, tem que viver na situação precária de ficar perguntando ao analista o que acontece. É uma instituição impossível e se as pessoas ficarem em atrito dentro dela, aí mesmo que ela zelar por nada.

Então, primeiro, se acharem que a instituição é possível, é um erro, pois ela só se garante, só permanece se acharem que é impossível. Se não, ela destrói tudo, vira outra coisa, um clube, por exemplo. É preciso, o tempo todo, saber que é instituição, mas que está sobre uma impossibilidade e há que ficar dançando aí. Segundo, é preciso que ela não defina o membro que a constitui. Ela pode provisoriamente configurar um pouco, mas sempre em suspensão, pois é a suspeição analítica que mantém a instituição como sendo instituição para o analista. Analista é um desenho permanente. Mesmo que ela faça um corte sincrônico e diga que, no momento, o analista está por aqui assim-assim, não podemos permitir que isto o defina, pois não sabemos. Esse movimento é que caracterizaria a instituição que cuida dos analistas. Se disser o que é o analista, destruirá sua razão de existir e, portanto, destruirá o analista. Não é dizível o que é o analista. Pode-se falar a respeito e manter a postura de permanecer farejando, eternamente lendo, discutindo por aí para termos uma idéia do que possa ser. O que não é possível é a postura de o vetor partir do

Estado para a sociedade e depois para a instituição. Vejo que as pessoas não entendem o que é a instituição e, quando vão para dentro dela, querem pensar com o vetor trocado. Depois, quando vão pensar sua posição, o vetor é trocado de novo. Não há como juntar!

Estado não tem poeta. O nome está dizendo, é um *estado*. Se metemos o poeta aí dentro, danou-se. Platão tem que definir sua República sem a conotação analítica ou poética, se não, vai desfigurá-la. Ou seja, se definirmos as funções da República por suas formações próprias, essa gente não entra, é externa, não pode conviver aí, pois pode subvertê-la. Quando digo que não reconheço analistas no social, é porque os vejo funcionando como se não tivessem sido impregnados de seu lugar e parecem simplesmente mais um membro do Estado. Tomem Sócrates, se o acompanhássemos o dia inteiro, veríamos que ele não se encaixava. Assim é um analista. Ele pode se calar ou querer se queimar, mas quando intervém não se compromete com as formações estatuídas. Não é porque calcula, mas sim porque está fora.

33. O problema hoje é focal: temos um pólo e vamos reforçar sua existência, mas sabendo que um simples processo de rede já o dilui. No que vamos reforçar um pólo para torná-lo forte, há que evitar a entrada de certos arquivos, se não, estragarão tudo. Estamos, pois, tentando sustentar uma instituição para que ela sustente o vigor de uma polaridade e temos que manejar isto não com a brutalidade e a materialidade de uma fronteira, um muro, mas pedindo as senhas para que as novas entradas não estraçalhem tudo. Precisamos sempre lembrar que quando um pólo está constituído e existe de fato, no que entra na rede, começa seu processo de dissolução.

Vivemos um momento histórico em que o Império anterior está indo definitivamente para o brejo. As pessoas estão desesperadas, ao invés de buscarem entender como fazer para se desatolar outra vez. Até o Terceiro Império, estávamos acostumados às coisas se constituírem, se solidificarem e depois terem que ser demolidas. Não acontecerá mais assim: grandeza e declínio de um império. Um pólo se fortifica e no que se expande por necessidade

própria, ele se dilui e se polariza em outro lugar. Não há mais quedas. O pessoal norte-americano a que me referi da outra vez está fazendo tudo certo, desculpem-me dizer. Estão fazendo um outro tipo de guerra, um tipo de entrada imperial radicalmente diferente dos Impérios que já existiram. Ao chegar no Oriente Médio, se eles polarizarem podem deixar as pessoas serem muçulmanas, pois o processo as diluirá. Antigamente, a igreja católica tinha poder, missões e, para modificar o discurso, era preciso usar a força. Hoje, basta polarizar os poderes, as falas e deixar rolar. Eles estão fazendo tudo certo, mas vai custar o pessoal entender que a guerra acontece em função do reacionário. Não estou defendendo Bush ou os EUA, e sim reconhecendo um fenômeno que ainda dará muita dor de cabeça, mas que é uma transformação de configuração que vai nesse sentido. O Império vai vencer e se confrontar com o de lá adiante, com outra igual tentativa de Império. Não se sabe se um deles vai vencer ou se vão se fundir. Aguardemos a China falar, mas é polarização dissolvente – e isto é que é compatível com o que estou trazendo.

Antes, o império chinês estava fechado. Hoje, as redes abriram a situação. Daqui a pouco todo mundo tem essa pneumonia e ninguém morre. Como disse, é preciso pensar em pólos e forças. Entretanto, uma formação, para se tornar um pólo, precisa de mecanismos, de senhas, se não nos perdemos. Depois que existe, pode deixar repolarizar, não há problema. Os americanos sabem que estão mentindo, que não é nada daquilo que dizem, mas sabem também que o capitalismo vai dissolver isso tudo. Vão dissolver o mundo com o solvente universal que se chama capitalismo. Demorará talvez mais do que o século XXI para se implantar o Quarto Império. Ele está só emergindo. Digo que acabou o Terceiro Império, mas não pensem que, por isso, acabará o Vaticano, por exemplo, que permanecerá dissoluto como sempre: ganha seus trocados e continua existindo com suas roupagens e fantasias. Do ponto de vista cultural, pode parecer a mesma coisa, mas não é. Aliás, cultura não serve para muita coisa, é só configuração territorial.

34. Temos vícios velhos demais. Há que mudar de metáfora na cabeça. Tudo se configura como guerra – é preciso esquecer esse negócio de paz, que é

conversa para boi dormir. É fazer bem a guerra, com o mínimo de sofrimento e de mortes. Notaram como a guerra mudou completamente do ponto de vista dos artefatos? Quando era a tradicional, pré-eletrônica – coisa que aprendi na Academia Militar –, após os cálculos de balística (terreno, vento, etc.), só se podia acertar de fato um tiro de canhão por triangulação. Triangulavam-se três tiros em torno do alvo para tentar acertar. Então, vivíamos num processo de estragos gerais do território – e não da psicanálise – porque a guerra era feita na base do desperdício. Hoje, não é assim. No caso do Iraque, se fosse uma guerra antiga, dada a quantidade de bombas jogadas, era para ter acabado com o país. Há cinquenta anos, não sobraria nada, pois se atirava em tudo. Isto faz uma grande diferença. Toma-se um território, alguns estragos se fazem, mas a estrutura fica de pé. Quem iria conceber que, depois de Hiroshima, o pessoal ainda se levantasse dizendo que não queria os americanos? A celeuma começou de novo porque está tudo de pé. Os americanos vão ter que dar outra volta, pois só tiraram Saddam e sua patota, mas a estrutura ficou.

Se não há como viver fora do estado de guerra, nossa instituição serviria para quê? Para afirmar uma polarização? Ora, isto é uma guerra. Se não for, ela nunca vai se dizer. Aliás, em trinta anos, nunca fizemos o tipo de guerra para forçar as formações a essa agonística e a chegarem a ponto de se desmanchar. Isto porque a guerra esteve sempre dentro. Nossa vida institucional foi a de que nunca as pessoas reforçaram o pólo para, depois, ir à guerra. Ela ficava sempre dentro, decidindo se reforçaria o pólo ou não. Ou seja, nunca se venceu uma guerra no mundo porque ela sempre se instalava aqui e ninguém se decidia a que guerra fazer. E se estamos usando a metáfora da guerra, é preciso um exército, o que implica forças configuradas em torno de determinado jogo estratégico. Precisamos fazer um tratamento analítico das nossas próprias posturas. Por exemplo, faço este discurso, há muitos textos publicados, que as pessoas até lêem, repetem, e se convencem um pouco, mas há pouca análise das posturas anteriores.

Fiquei numa situação muito difícil nessa história. Quem trouxe o pensamento de Lacan na marra fui eu. A partir de 1975, comecei a fazer a

cabeça das pessoas para serem lacanianas. Pouco depois, o século explodiu e ninguém percebeu. Como notei que estava explodindo, dei por encerrado aquele trabalho e pedi que mudássemos de discurso depressa. As pessoas se recusaram, talvez porque ainda estivessem fazendo esforço para entrar no Lacan e eu dizendo que já acabara. Diante de qualquer nova metáfora apresentada, todos se horrorizavam. Outro dia me lembrava de um momento fecundíssimo para retomarmos a situação que foi o chamado Congresso da Banana (1985), mas o pessoal interno pulou. Quando expus qual seria o símbolo do congresso – a foto de uma banana – foi um horror. Há que fazer análise da construção anterior, pois, se é para ir em torno desse pólo, no espontâneo das pessoas o que vem é o pólo errado, então perdemos a guerra. Suponho que, para alguma consecução, um dos trabalhos mais eficientes seja nos reforçarmos não apenas no estudo teórico, mas sobretudo na mudança de postura. Isto, para que, quando formos solicitados, não venhamos com metáforas velhas – coisa que vejo acontecer o tempo todo. Há que fazer a guerra do analista, que é diferente da dos outros. Fora da guerra não há reconstrução. A paz é uma guerra bem comportada. A grande tolice do Terceiro Império foi aquele negócio de amor, que aliás só valia para os outros. Não temos que fazer nenhuma paz, e sim organizar a coisa para a guerra ficar mais ou menos razoável. Paz chama-se: não-Haver. Corremos atrás, mas Ele não chega nunca. Aliás, correr atrás da paz chama-se guerra. A guerra precisa mudar de estatuto, de regime, mas não mudará enquanto a fase em que ainda estamos não passar. Quem sabe, em 2030?!

Não estou defendendo uma, mas apenas buscando entender o que acontece. Os maiores culpados de a guerra ainda ser meio bárbara são os reacionários, e não os acionários. A guerra está muito truculenta ainda, porque está havendo excessiva reação a certos movimentos, que, por outro lado, são assimiláveis. As pessoas, em sua maioria, ainda estão imbuídas de cultura, mas o Quarto Império vai exterminar essa idéia e ficar com a idéia de fantasias, máscaras, carnaval. Teremos papéis, representações, e não mais aderências sintomáticas culturais. Tudo será turismo. Ou acaba esse modo de existência da espécie – que é como defino cultura – ou se transforma num grande teatro

genérico. Não é preciso destruir o Vaticano, pode-se fazer um grande parque temático para, quando quisermos, brincar de católicos. Entramos lá, rezamos, choramos e depois vamos embora. O que importa é a Arte, a vida não interessa. Fernando Pessoa já repetia que “navegar é preciso, viver não é preciso”. Ele está dizendo que o pólo de nossa espécie é o navegar, mas as pessoas não acreditam. Aqueles muçulmanos, por exemplo, acreditam mesmo naquilo. Não estão vendo que é brincadeira?! Para ter senso de humor é preciso desacreditar. O analista faz uma instituição, briga, entra na guerra e acha tudo uma besteira. Mas é preciso fazer direito, se não, o teatro está errado. O espetáculo tem que funcionar. Apesar dos faniquitos de Guy Debord.

No Quarto Império não se trata de matar, mas de ganhar a guerra. Na guerra futura não escorre nenhum sangue. É uma guerra permanente, mas virtual, e nem mesmo uma guerra fria. As pessoas criticam os garotos que ficam jogando nos computadores, mas esses são os estrategos do futuro. Estão aprendendo como fazer a guerra do futuro e tendo formação desde pequenos.

26/ABR

35. A realidade é demonstrativa. Temos que nos preparar, pois saltos novos ocorrerão tanto no campo da tecnologia quanto no da sacação das coisas. Aqueles no mando do mundo estão entrando em altas sacações, e o resto ficando para trás. Há um descompasso radical entre as ações adaptativas dos grandes grupos, todas de índole reacionária, e o modo de lidar com isso do movimento que está na vanguarda. Aliás, vanguarda não é mais aquela coisa de fazer charme dizendo coisas que os outros acham estranhas e depois aceitam. Hoje, ela está no poder e passa por cima do resto como um trator. A vanguarda é o poder – e poder só existe um: o poder. Quem pode, pode; quem não pode, não pode. O poder está na alta produção de tecnologia e de vanguardas políticas com armas na mão. Houve um tempo em que vanguarda era coisa de artista, mas hoje o curral que chamam de artistas – e não o que chamo de Artista (derivado do radical ART)

– fica simplesmente estrebuchando dentro do seu parque temático, o zoo deles. Como não têm o que dizer, ficam fazendo combinatórias do já dito. Marcel Duchamp rogou-lhes essa praga, mas a coisa ficou pior ainda. Artista é quem inventa um avião invisível, aquela maravilha, o mesmo que Michelangelo fazia ao construir a cúpula de São Pedro, por exemplo. A competência e o conhecimento técnicos são o que importa cada vez mais, e não ficar misturando alhos com bugalhos, sonhando com o circuito de arte... Cultura virou um neo-zoo – é assim que o pessoal que está no mando pensa. Como o mercado assimila, faz movimento de capital, logo tudo serve. Pode-se deixar as crianças comprarem show de rock, etc., pois aqueles que detêm o poder e não são retardados – só parecem, mas não são – vão em frente e passam por cima disso tudo.

O século XX foi um grande momento de explosão do Terceiro Império, sem nenhuma instalação do Quarto. As coisas foram explodindo por dentro, mas nada se arrumou com outra configuração. Tudo que aconteceu foi no sentido explosivo, e não no de passagem para outra razão. Até o final do século XXI, o Quarto Império deve se instalar, suponho, mas nada garante. Conto mesmo é com a tecnologia e com o capitalismo, que são dissolventes. Mas também pode acontecer de o pessoal tomar um susto tão grande com alguma coisa e entrar em estado psicótico, de HiperRecalque. Aí torna-se um século psicótico. Notem que aqueles que estão manipulando a situação têm que, precisam acertar. Se não acertarem, vai dar uma confusão geral. Eles estão fazendo exatamente o que querem, não estão perguntando nada à tal opinião pública e estão se lixando para a opinião do mundo. Ontem, Bush, ao invés de ir ao Capitólio, vestiu uma farda de co-piloto, entrou num avião militar, desceu perigosamente no Pacífico, num porta-aviões, como comandante em chefe das Forças Armadas Americanas, cumprimentou os generais, vestiu uma roupa civil e declarou aos militares que no momento a guerra estava (não terminada, mas) em suspensão. O pessoal nos EUA não gostou, mas ele não ligou a mínima. E não vamos dizer que foi um golpe de teatro, pois aquelas armas todas que lá estavam funcionam. Nisto Guy Debord errou, pois não é só espetáculo. Lá, se apertarem o gatilho, sai bala. É teatro, mas de operações, como dizem.

Já lhes disse que Anísio Teixeira me falava que a América dá certo porque lá tudo se institucionaliza. Matar presidente, por exemplo, é ali uma instituição. Ou seja, apesar da sustentação do princípio democrático, como colocava John Dewey, mestre de Anísio, há um limite que se institucionaliza como limite. É uma pena não ter disponíveis essas coisas gravadas, pois ele jamais as escreveu. Às vezes, tenho vontade de escrever o que ele me dizia, mas vão estranhar e achar que o maluco sou eu, já que não tenho provas do que era dito nas horas e horas em que ficávamos conversando. Não pensem que estou a favor dos EUA. Basta perguntar o que é um governo americano que proíbe a proliferação das armas que ele próprio produz. Mas é preciso entender que todo o moralismo que apregoam é um grande discurso de contenção, o que, aliás, é a estratégia de guerra mais banal. Igual à do pai de família que moraliza, prega que as filhas têm que ser virgens e ele próprio não pára de fazer as maiores sacanagens por aí.

36. Se digo que Lacan é um pensamento terminal é porque fecha um ciclo: para trás, explica tudo; para a frente, nada. Foi meu grande susto quando, no meio de *meu* movimento lacaniano, no começo dos anos 1980, percebi que aquilo já era uma velharia e lá estava eu virando múmia. Não é que não tenha valor, muito pelo contrário. Se tomarmos os passos dados no sentido do processo civilizatório, digamos, veremos grandes momentos inaugurais e terminais de ciclos. Encantei-me com Lacan, através de seu texto, exatamente em 1969. Ele trazia à tona uma porção de coisas que eu já tinha articulado um pouco – não teoricamente, mas no mundo – e me parecia ressaltar os pontos culminantes da história da psicanálise por ter visto a coisa por inteiro. Então, larguei tudo e entrei naquela. Isso durou cerca de dez anos. Logo em seguida, eu já percebia que o mundo ia na direção oposta. Era um faro, essas coisas não se explicam, não é nada intelectual. Então, meu percurso pessoal demorou dez anos para ter a impressão muito nítida, que não sabia ainda organizar em discurso, de que aquilo tudo era um grande encerramento, um grande entendimento do que acontecera. Fiquei numa situação difícil, pois não sabia ainda articular de outro

modo, e mesmo quando tentava, me soava estranho. As pessoas mais próximas faziam o possível para calar minha boca e, quando notaram que o que eu dizia não se parecia mais com o anterior, começaram a fazer defecções e agressões. Atravessei uns dez anos assim e não sei como não sucumbi. Deve ter sido por milagre, pois vemos que mesmo aqueles com quem falamos mais de perto ainda estão numa atitude destrutiva em relação ao que trazemos. Como achava que o que estava pensando era a coisa mais clara do mundo, continuei falando. Se ninguém queria ouvir, falava para mim. Mas poderia ter sido mais eficaz se tivesse tido certo apoio. Quando li *A Obra Clara*, de Jean-Claude Milner (*L'Oeuvre Claire. Lacan, la Science, la Philosophie*. Paris: Seuil, fev. 1995), o livro me ajudou, mas ao depois. Vi que não estava sozinho, pois havia mais gente entendendo também.

Lacan chamava a cultura de esgoto, a *cloaca maxima*. As pessoas não percebem que tudo isso, no sentido técnico do termo, é merda. Vamos produzindo, comendo e fazendo merda, mas o que importa não é quantidade, e sim os passos que demos cagando e andando. Isto, igual a qualquer vaca que vai deixando restos para trás. Gente que é culta, que gosta de cultura, é uma merda, pois ao invés de ter caminho, tem... cultura. Dejetos são organizações muito resistentes, reativas, reacionárias, pois são bem localizadas. O pensamento de Lacan é terminal porque dá conta do havido (uso o verbo haver em termos de contabilidade do mundo e da cultura: 'deve' e 'haver'). Meu grande susto foi pensar que ele estava abrindo uma porta e ver que foi muito útil como pensamento terminal. Não creio que haja muita coisa ali que sirva para a frente. Por exemplo, acostumar-se à idéia de tomar as coisas como significantes, embora não leve a lugar algum, prepara nossa cabeça. Há, em Lacan, muitos facilitadores, sobretudo para dar conta para trás. Desculpem a pretensão, mas meu susto foi entender todo o Lacan e ver que, com isto, se entendia tudo, mas não se fazia nada.

Vários pensamentos terminais encerram os pratrásmentes, mas Lacan foi maior. Embora sua ferramenta tenha sido a psicanálise, ele dá uma olhada geral para tudo e encerra uma *Era*. É algo de um luto imenso. Sua obra encerra

o Terceiro Império, mas com todos os cacoetes deste Império, pois, no fundo, é cristã e católica. Ou seja, ele encerra como alguém de dentro, e não de fora. Caso contrário, ele seria inaugural. Ele encerra fazendo luto: há esse sabor deceptivo em sua obra. Eu estava em um seminário em que ele dizia: “Sei que fracassei”. Lá estavam mil pessoas estarecidas com aquele velho dizendo isto com muito horror. Eu achava esquisito o Seminário, pois parecia um velório. Era como se todos estivessem fazendo o encômio do falecido. Talvez eu pudesse ver isto melhor por ser de fora, da América Latina, do Brasil...

• P – *O que você considera a maior resistência em Lacan para seu pensamento ser tão rapidamente terminal?*

Aconteceu que ele estava dando conta de tudo. Só isso. Ele deu conta do acontecido. Lacan não era um vanguardeiro, era um homem com características do século XIX: vestia terno completo com colete, achava que tinha a obrigação de ter amantes. Eu o achava muito velho e cafona, mas não sua cabeça. De vanguarda, eram aqueles com quem ele andava quando jovem: André Breton, Marcel Duchamp, André Masson...

37. • P – *Freud fazia questão de situar a psicanálise como empiria, experiência, mas Lacan parece empacotá-la num discurso junto à filosofia, à ciência, à universidade...*

Mas foi um golpe muito importante na época, pois arrumou um campo separado para ela. Ele deixa claro que a postura da psicanálise nada tem a ver com a da ciência e da filosofia. Já era assim desde o começo, tanto é que ele atribuiu isso a Freud. Aliás, sempre atribui tudo a Freud, o qual não saberia que estava fundando um discurso novo e preferiu fantasiá-lo de ciência, ou melhor, de histérica.

• P – *Mas continua da ordem de um discurso.*

O final do projeto de Lacan era nesse sentido, era linguageiro.

• P – *E também era matêmico.*

Se fosse matema – mas não é, é apenas uma notação –, apesar de estar nessa via, ele teria feito uma equação nova que deslocaria desse lugar.

Então, era ambíguo. Mesmo que a vocação seja científica, se alguém escreve um matema como diferente, ele extrapola, arranca do campo. Ele pensou estar fazendo isto, mas não conseguiu, pois aquilo não é matema de nada.

• P – *Quando dizemos que Lacan é terminal temos que perguntar a que extremo levou o pensamento estrutural. Não adianta dizer que ele se paralisou em algo. Não é melhor pensar que levou o pensamento estruturalista até às últimas conseqüências e que, portanto, foi coerente? Se não soubermos isto, não saberemos onde o pensamento de MD Magno começa.*

Lacan é muito coerente e, no que empurra até às últimas conseqüências, aí é onde ele se dissolve. Ele mesmo se dissolve, não é preciso ninguém mais para isto. A topologia foi uma *táuba* de salvação à qual ele se agarrou. Em 1978, havia uma situação de horror em seu seminário, que era a de ver que ele tinha se perdido, e para sempre. Era muito esquisito vê-lo tentando segurar seus encaminhamentos, que eram linhas de fuga, escapavam pela tangente. Ele ficava perplexo com o que tinha dito. Ao mesmo tempo, chamava os garotos da topologia e, quando batiam de frente com ele, os expulsava e ridicularizava. (Pierre Souris, por exemplo). Real, Simbólico e Imaginário o atormentavam com o tal nó borromeano. Há coisas que considero inteiramente falsas, mas que fazem parte da cabeça daqueles matemáticos jovens. (Souris era mais novo que eu). Por exemplo, nunca entrou em minha cabeça alguém desenhar o nó borromeano no quadro negro. Sei falar, dar aula sobre ele, mas não desenhá-lo. Ao fazer isto, desenhá-lo sobre o plano, estamos desenhando uma projeção que falsifica sua concretude. Mas Lacan se aproveita desse desenho para separar áreas de significação como sintoma, inibição e angústia. A pergunta é: como vai ele tratar o desenho de um nó borromeano mediante a concepção da teoria dos conjuntos? É um salto impossível. Há truques e pulos dados por ele que estão errados. Como tratar o nó borromeano segundo certo desenho como se fosse um encontro de conjuntos com interseções? Ora, aquilo não pode ser tratado assim, é falso. Nó borromeano, só o desenhamos daquele jeito forçando a barra, pois só temos percursos. Pode-se amassar aquilo tudo na mão que continua sendo nó borromeano.

- P – *Nodulações não são interseções.*

Sim. E o que é desenharmos o nó parecendo que são círculos de Euler que se interceptam? Não se pode passar de um esquema matemático para outro com essa rapidez. Logo, é metafórico. Se é metafórico, vale a metáfora, não o conceito.

- P – *Mas ele dizia que era metafórico.*

Ele tirava da reta chamando de metafórico, mas ao mesmo tempo fazia considerar os registros. Há aí uma pelotiquice que não convence. Pierre Souris não tinha peito para enfrentá-lo, pobrezinho! Lacan dava uma bronca e ele calava a boca. Houve muito delírio em cima daquilo, meu inclusive. Ele citava o número de ouro, a série de Fibonacci, e eu, qual um panaca, ficava procurando algo ali que não existe, que é puramente metafórico. Na verdade, ele estava arrumando uma escrita que é apenas um lembrete. E mais, como garantir que a metonímia não seja uma metáfora? É chato dizer, pois prezo muito a figura do meu mestre, mas é preciso entender que uma de suas forças convincentes foi essa pelotiquice. Enganou muita gente com a aparência de cientificidade e matematicidade, mas é um pouco parte de seu aparelho de propaganda. Foi nesse momento que vi que era preciso pensar em termos puramente vetoriais, que existem e são comprováveis concretamente. Se eu jogar em alguém esta caneca que está em minha mão, será um exemplo concreto de vetor. Se não podemos medir a ponto de saber qual força estará ali aplicada, pelo menos saberemos que há o vetor, pois a porrada bateu. Assim, podemos pesquisar exaustivamente a dimensão do vetor, a força aproximada que carrega relativamente às outras... E isto funciona em vários níveis: político, econômico, etc.

Então, um erro de Lacan foi sua tentativa de matemizar sem conseguir. Freud não fez isto, apenas farejava por ali, dizia que deveria haver algo semelhante. Já Lacan cai no conto de Saussure, de Jakobson, pessoas que prometeram mais do que tinham a dar. Aquilo tudo acaba na fonética de Troubetskoy, fecha-se neste âmbito e não extrapola coisa alguma. Leiam também Lévi-Strauss de novo e verão que não se agüenta, embora tenha se

transformado num grande emulador de Lacan. Suponho que quando leu as *Estruturas Elementares do Parentesco*, tenha morrido de inveja – mas não há nada lá, só a idéia de que a interdição do incesto é universal. Fora isto, é fonologia pura, que qualquer Troubetskoy resolve. Mas Lévi-Strauss tinha um ar pomposo, com livros enormes, cheios de complicações. E foi isto que fez a cabeça da segunda metade do século XX ficar tão encantada: a complicação supostamente (para não dizer pseudo) científica dos textos. No fim, o que as chamadas ciências humanas conseguiram foi trazer desconfiança até para as outras ciências, a física, a química, a matemática.

38. • P – *Temos também que entender que a dissolução do lacanismo não veio do entendimento de seu pensamento como terminal. Não foram tiradas as conseqüências disso.*

Conseqüência zero. Os lacanianos viraram igrejeiros, beatas.

• P – *São igrejeiros porque já eram ou porque o pensamento de Lacan era assim?*

Não sei responder.

• P – *Essas pessoas não foram, em parte, responsáveis pelo fracasso do pensamento de Lacan como possibilidade de passagem para outra era?*

Foram responsáveis pelo fracasso de sua efetividade no mundo, pois, no que é pensamento terminal, faz uma charneira e, em cima daquilo, podemos virar. Não viraram porque não quiseram. Virou tudo beato.

• P – *Dizem que Jacques-Alain Miller estaria tentando fazer o que você já fez, reformatar a psicanálise. Parece que isto está causando uma verdadeira comoção em sua escola.*

Só que ele acordou tarde. Além de ser um dos responsáveis por aquela beatice toda. Jacques-Alain era uma pessoa brilhante, cultíssima. Minha briga com ele foi pessoal, pois ele estava mais interessado em defender a permanência da patota do que ouvir uma crítica. A pessoa pela qual brigou comigo mandou-o para o inferno há muito tempo. Embora não soubesse muito bem na ocasião, eu estava certo de que o que estavam fazendo era uma palhaçada. Ele ficou

muito danado, depois até passou manteiga e deu um jeito. Quando me dei conta de que, em 1975, fui lá para trazer Lacan ao Brasil, ele não vem e Jacques-Alain o leva para Caracas em 1979, aí o mandei se catar. Tanto é que, quando veio aqui na tentativa de fazer as pazes, a primeira coisa que perguntou foi por que não fui a Caracas. E lhe perguntei por que Lacan tinha ido. O que ele fez é algo que vai ficar sem conserto para o resto da vida.

• P – *Jacques-Alain deve ter raciocinado em termos de alcance da língua espanhola na América Latina.*

Ele já sabia ler espanhol, e português não. Ele tem família na Argentina. E mais, Lacan queria porque queria virar judeu. Isto é algo engraçado para estudarmos, sua ligação com os judeus. Ele, da alta burguesia católica francesa, com esse tesão judaico.

Vejam, então, que o pessoal não sacou que o encaminhamento político dado à transposição do lacanismo para cá era retrogressivo. E Jacques-Alain pagou caro, pois foi dejetado. Ninguém mais aqui está na dele, nem sua suposta escola. Apenas o usam. Suponho que as coisas que ele tenha resolvido fazer agora – dar um passo além de Lacan, etc. – vão assustar o pessoal. Em primeira instância, ele mandou tudo para o beleléu e disse que só interessa o real, portanto, nada interessa. Está acordando. Outro dia, o vi na televisão falando sobre o livro que vai publicar, *Le Neveu de Lacan*. Deve ser engraçado, quero ler. Alguma coisa ele viu, a não ser que seja ele mesmo: o genro que virou sobrinho. Mas nada disso tem importância. Ele pode estrebuchar à vontade, pois o mundo resolveu esse problema no concreto.

39. Já coloquei anteriormente que só importa o entendimento de ART. Podemos até saltar indevidamente do radical latino para o alemão. Freud fala o tempo todo de *Artz*, o médico, e não de analista. Em alemão, ‘médico’ tem sentido muito maior do que meramente médico para nós. Repito, estou fazendo uma aproximação completamente indevida, mas o grande gênio disso tudo chama-se Marcel Duchamp, cuja figura o pessoal da arte ainda tenta exorcizar. Ele é o único certo: refletiu profundamente, isolou-se, fez um trabalho de desertificação,

viu o desenvolvimento todo para entender a situação e sacou que sobra apenas o processo ARTiculatório, e nada mais. Ele deu o golpe que acaba com a distinção entre arte / ciência / filosofia – é tudo a mesma coisa. A tecnologia hoje é a Grande Arte. Vejam como um telefone celular é bonito, bem desenhado – e fala com o planeta inteiro. Quer dizer, seu processo de articulação tem todas as características da cúpula de São Pedro. Basta lembrar de um Michelangelo, que dá a impressão de ter sido um louco: brigava com todos, namorava o papa, mas fez aquela cúpula. Naquela época, era mais difícil do que fazer um avião hoje.

Há algo de que não se pode desconfiar – e isto é século XXI: a tecnologia. Ela não é um epifenômeno da ciência, é esta que só serve para propiciar tecnologia. Se algum pensamento se disser científico e não criar tecnologia, não vale nada. O que chamam de arte contemporânea não tem criado tecnologia alguma, tem feito o contrário: lança mão de conhecimentos de outras áreas, esconde isto e coloca em exposição para parecer que inventou algo genial. Mas se não somos ignorantes, notamos que já vimos o filme. Como não há comunicação entre os campos, o público dos artistas é ignorante da área de onde eles tiram o que expõem. Desculpem-me dizer, mas conheço artistas que apresentam coisas “maravilhosas” que saíram de meus Seminário. Assim como saíram do de Lacan. Basta ver a quantidade de nós borromeanos que apareceu nas galerias. No Museu de Arte Moderna, do Rio de Janeiro, antes do incêndio, havia umas peças muito interessantes dos suprematistas e dos construtivistas. Entre elas, uma, talvez de Malevitch, que era uma maravilha, mas não passava de algo que se compra feito em matemática. Era só bonito porque o artista colocou na concretude de um pedaço de alumínio. Aqueles que não sabem da existência da topologia, ficam deslumbrados, mas é apenas algo tomado pronto e ali colocado. Já Marcel Duchamp, com seus *ready-made*, não é isso. Ele mexeu onde ninguém tinha mexido, equivocou a língua antes de Lacan. Já cheguei a pedir que aqueles que quisessem entender o que tenho apresentado, que o fizessem pela via de Duchamp, e não pela de Lacan. Foi ele quem botou para quebrar em todas as áreas. Lacan, sem dúvida, chupou muito

dele, era seu amigo. O *Vidrão* é algo deslumbrante de des-raciocínio. A declaração que há em sua obra é: “A arte acabou! Encerrei o assunto”. Ele é mais vanguarda que Lacan, é inaugural. Nele, tudo está para a frente.

40. Em 2001, tomei o livro de Nayla Farouki, *La foi et la raison* (Paris: Flammarion, 1996, 322 p.) para mostrar que não há oposição entre fé e razão. Dependem da mesma coisa, só que o momento da fé é anterior. Temos dificuldade para entender o que seja fé por achar que é fé *em algo*, mas fé não tem objeto: é puro movimento. A história das crenças nos levou a supor que só é possível ter fé no que se pode acreditar. Isto é neurose, é alguém acreditar em sua neurose. Outra coisa, é ter um movimento pulsional não interessa em quê, pois é aberto, não tem conteúdo, só tesão. O objeto do tesão simplesmente não há. Aliás, é o tesão que cria o objeto, e não o contrário. Lacan supõe que o objeto *a* enquanto tal – atenção para isto, pois Lacan não é imbecil de achar que objeto *a* seja um troço – é a causa, mas o que pretendi mostrar é que ele é causa como consequência. Enlouquece as pessoas supor que seja causa uma vez que se põe, mas que só se põe pelo Princípio de Catoptria, sem o qual não se põe como causa. Lacan equaciona seu objeto *a* como dejetto da relação entre os significantes, ou seja, emerge o sujeito e o dejetto é um objeto. Portanto, sem essa relação significante também não há objeto. Mas mesmo em Lacan a causa é produzida, mas como não se quer notar isto, pensa-se que a causa é a mãe. É a tal meleca antiga: os peitos da mãe! Isso é mamífero demais, coisa de animal...

03/MAI

41. • P – *O que é o princípio de denegação antes ainda do princípio da denegação projetiva? O não é sempre da ordem intelectual, vem para denegar o que já há...*

Não é preciso ser necessariamente “intelectual”, como Freud chama. Ele está dizendo que não existe *não* – e como comecei a frase com *não*, já

está errado – que não seja em reação a um *sim*. Não há *não* inicial. *Não* é reacionário e reativo. Basta lembrar daqueles analisandos que começam suas frases dizendo *não*. São os que expõem com evidência sua reatividade. A pergunta clínica séria aí é: ele está dizendo *não* a quê? A alguma afirmação que se pôs para ele e que ele não disse.

• P – No texto *A Denegação* Freud parece dizer que há nela uma vantagem, que seria a de revelar em algum nível o recalcado.

Não há vantagem imediata no *não* denegatório. A única vantagem secundária é que se entende matematicamente e se pode dizer *não*. Na função denegatória que acontece, o *não* só serve para estragar. Na língua alemã não existe negar, existe denegar. Não existe *neinen*, e sim *verneinen* – portanto, não podemos pensar com palavras que Freud não usou. A negação que ele inventou e chamou *die Verneinung* tem dois valores no mesmo lugar: o valor puro e simples de *negação* e o de *denegação*. Freud foi feliz de ter uma língua que lhe ensinasse isto e lhe desse de presente. Ou seja, se a língua não tem, logo não existe *negação*, só *denegação*. O texto *Die Verneinung*, na verdade, deveria ser traduzido por *A Negação*, embora traduzam por “A Negativa”. Repetindo, *negação* em alemão se diz *denegação*. É uma palavra só para as duas coisas, que Freud aproveitou e com a qual jogou. O vantajoso aí é verificar que a fundação da *negação* – que não existe espontaneamente, pois tudo é afirmativo – é um *ato* de separação, o que, lógica e matematicamente, é fundador da possibilidade de pensar. Mas essa *negação* ou *denegação*, diante do fato bruto de uma emergência sintomática, não é algo bom, só serve para atrapalhar. E mais, não precisamos pensar em vantagem, pois tudo vem desse modo.

42. Temos que reconsiderar o que Freud chama “intelectual” e “afetivo”, pois é algo malposto em sua obra. Precisamos ter uma concepção bem nossa desta distinção. Há grande dificuldade em mostrar ao analisando – qualquer que seja, uma multidão diante de uma conferência, etc. – que determinadas posturas sintomático-reativas das pessoas, mesmo quando são explicitadas em jornais, nas artes, na televisão, não atingem de modo algum a eficácia de tocar

intimamente no nível que Freud chama “afetivo”. Vemos claramente pessoas brilhantes, inteligentes, cultas, participantes do social, confundirem a circulação de um tema candente que costuma ser tratado sintomaticamente, reativamente, com o fato de acharem que as reações a esse tema, porque circula, serão compatíveis com sua circulação. Não é assim. O que diz Freud é que o tema circula intelectualmente, e não afetivamente. Deixemos de lado as palavras “intelectual” e “afetivo” e vejamos que há casos de uma grande formação, por sua vez cheia de formações – a cabeça de alguém ou as formações estabelecidas numa sociedade –, na qual determinado comportamento ou qualquer outra coisa (a revolução sexual, por exemplo) sofre um processo de exclusão e, de repente, aquilo entrar pelo lado científico, intelectual, jornalístico. Mas isto apenas num nível jornalístico, escolar, científico, tecnológico, pois não entrou na cabeça de ninguém. Só entrou mediante algumas formações que, seja lunularmente ou num pedaço, fizeram *links* com aquilo, mas o resto todo ficou de fora. Resto este que Freud poderia chamar de “afetivo”, ou seja, certas formações sintomáticas que não são capazes de assimilar aquilo, mas são capazes de assimilar discursivamente, “intelectualmente”. Dizendo em nossos termos, são formações que conseguem assimilar aquilo porque tudo se passa num nível que não atinge pessoalmente, não alivia sintomaticamente. É um monte de formações que se recusa a fazer *link*. Então, ao invés de dividir entre intelectual e afetivo, pensemos numa porção de formações, todas sintomáticas, e, de repente, circula no social certa falação que é permitida, mas não é ressentida no nível de certas formações.

Tomemos o exemplo do *preconceito racial*. No Brasil, como se trata socialmente e se fala dele à vontade, as pessoas acreditam que ele não haja. Não há, no nível desse tratamento, dessa falação. Basta aproximar da carne para ver que não é assim. Pensem na sua filha loirinha se casando com um negão. Aí, todos passam mal, pois nessa área não entrou. Significa, então, que, para dado conjunto de formações, é inclusivo, assimilável, e, para outro de outro tipo, é excludente. A questão é: que formações, para tal macroformação – seja individual ou não –, foram capazes de ser tocadas e indiferenciadas

nesse lugar? Não se entende que, no Brasil, há um baita preconceito racial. E preconceito racial nada tem a ver com o Primário. Ou vocês acham que alguém tem preconceito de raça porque o outro é negro? Não é assim, pois se tiver tesão naquilo ele vai lá e come. O preconceito é feito no Secundário, é social e simbólico em qualquer lugar onde apareça. E, quanto a nós, cuja referência deve ser ao Protético e não podemos ter a cabeça dos outros, há que entender que todo preconceito é verdadeiro. Aquilo não funciona só porque alguém tem preconceito, mas sim porque funciona mesmo. É preciso entender isto, caso contrário não há cura visualizável. Quando alguém tem preconceito em relação aos negros, não é apenas porque ele é um branco, e sim porque o negro funciona como negro segundo o preconceito do branco. Aquilo foi fundado como sintoma. Portanto, não adianta querer acabar com o preconceito se não acabar na origem. É igual à análise. Não se elimina o sintoma se não o eliminar em seu núcleo.

É preciso entender que um preconceito realmente funciona na origem. Ele foi posto sintomaticamente nesse lugar e o incluiu, faz parte da criação. Os negros não estão situados nessa posição por serem negros, e sim por terem sido achacados, tomados e escravizados. Na África, eles eram reis, mas isto colou no Secundário e colou mesmo, colou neles. Temos a mesma coisa em relação às mulheres. No trânsito, ninguém as agüenta, pois elas têm incluído na alma que devem fazer barbearagem. E não é questão de “dominação masculina”, como quer Pierre Bourdieu. A dominação é de ambos. O idiota do masculino que pensa que está dominando está é sendo dominado a ponto de acreditar que ele é. A dominação não é de ninguém, e sim de uma formação hiperpotente. O que mais vemos são ditos analistas dominados por formação sociológica, mas basta tomar alguém todo machinho e colocá-lo numa situação em que sua macheza é contestada para verificar que ele entra em pânico. Logo, a dominação não é dele. Estou pedindo para raciocinarmos segundo as formações psicanalíticas, e não as sociológicas. Não existe dominação masculina, e sim uns idiotas que foram colocados no lugar de escravos do domínio e que não podem desmunhecar, pois se sentem mal.

- P – *Existem pesquisas, hoje, mostrando que o funcionamento cerebral de meninos é diferente do de meninas no sentido de apreensão de imagens, de cognição, etc.*

Não estou falando de cultural, e sim de Secundário. Pouco importa o que o Primário ofereça, e sim o que se faz secundariamente com isso. As meninas são diferentes dos meninos? É óbvio. Basta passar a mão para ver. E não é só no cérebro, é em tudo. Há que saber o que se faz no transporte da formação primária para o Secundário. Aí, pode-se preconceituar ou não. Não há motivo para as mulheres fazerem o que fazem no trânsito quando conhecemos muitas delas que são exímias motoristas. Por que as demais não são? Aquelas têm cérebro melhor? Não. Estas são mal educadas – foram educadas para serem mulherzinhas. Só há, portanto, formações. Coisas como preconceito entram em algumas delas e não em outras, de outro caráter, de outra configuração.

43. Não vamos nos confundir quanto ao duplo sentido que dei ao termo *Prótese*. Substituo qualquer idéia de síntese, inclusive hegeliana, pela idéia de Prótese enquanto algum artefato, alguma coisa produzida como resultado ou que lá já estava antes como formação. Toda formação é protética. Então, seja antes ou depois, sempre a escansão é em próteses. Quando digo que *tudo é artifício* é no sentido de considerar tudo como prótese. Esta lata de refrigerante em minha mão é uma prótese, muito bem construída, aliás. É a chamada Vênus, uma obra de arte em seu histórico de construção. Ela foi produzida a partir de quê? De formações protéticas anteriores. Nunca é a partir diretamente do nada. (Se tomássemos os raciocínios de Stephen Wolfram, poderíamos considerar esta última frase que eu disse para demonstrar que tudo é feito de nada). Então, tudo é possível ser feito de nada quando temos os elementos mínimos de constituição. Para meu pensamento, a prótese fundadora é: Haver quer não-Haver.

- P – *Podemos dizer que há a prótese enquanto ato poético, de primeira instância, a qual, depois, sofre um processo de reificação. É a hipóstase do mesmo processo que já foi uma prótese criativa num certo momento.*

Mas se faz metáfora, continua sendo criativa. Não confundir o momento de criação com a estagnação do criado. Podemos supor que alguém tenha a má intenção de reificar e seja artista suficiente para reificar produzindo uma metáfora. Nessa hora, ele foi criativo. Por outro lado, se alguém fizer esforços para estagnar essa metáfora, isto é que não é criativo, isto é que reifica. Reificação é a estagnação.

• P – *A prótese originária é: “Há Um”, a batida do Haver. Ela tem a ver com o artifício espontâneo?*

Ela é o artifício espontâneo. Há! – e está encerrado. Pode-se ter a experiência de Haver bruta, que, como sabem, distingo da experiência de Ser. É um trauma alguém dar-se conta de que *Há*. Aí, passa-se o resto da vida, da história, bosteando para explicar esse trauma. Como os filósofos confundiam isto com Haver, ficavam falando e falando atrás do Ser. Mas sou o quê?: o idiota que fala um monte de besteiras tentando agarrar o que nunca conseguirá. Haver é o que não se consegue agarrar por ser traumático. E nada tem a ver com o conceito de Real, que já é da ordem do Ser. É pura e simplesmente: Haver.

• P – *Seu conceito de Prótese abarca o artifício espontâneo e o artifício industrial?*

Tudo é artifício, tudo é prótese. Por que achei o texto de Stephen Wolfram interessante? Por ter, de saída, garantido um *princípio de equivalência*. Ele está, de outro modo, falando o mesmo que eu. Há um princípio de equivalência que vai poder – e vai conseguir, estejam certos – criar tudo de novo a partir do nada. Isto, artificialmente, no sentido industrial. Ele acredita, como eu – porque somos uns idiotas, mas se isto se comprovar os idiotas serão os outros –, que, se articularmos computacionalmente determinado tipo de autômato, ele produzirá – e isto materialmente – um universo igual a este. Mas se produzir este universo está longe demais, por outro lado, é possível produzir novas IdioFormações que não sejam de base carbono. Isto está perto de acontecer. Por isso, a psicanálise precisa se rever inteiramente. Iremos conversar com um troço que não é humano, que é uma IdioFormação produzida

por nós. E é indiferente que seja, ou não, produzida na diferença de *hard* para *soft*.

• P – *O sentido de Analogia desenvolvido por você, no Seminário Est'Ética da Psicanálise (1989), já seria esse princípio de equivalência?*

O termo mais genérico é o *analógico*. Isto, não em contraposição a *digital*. O modo de pensar é que é analógico. Como sabem, uma das formas da analogia é a homologia. Quando, por exemplo, fazemos a anamorfose de uma figura, ela é homóloga e análoga. Podemos também fazer a analogia entre dois verbos, que não parece homóloga de tão distante que é, e que vai criar a metáfora. Lacan cometeu um grave erro ao separar os conceitos de metáfora e analogia. Ao fazer o esforço de mostrar como funcionava sua metáfora e sua fórmula do significante, quis separar os dois, mas o próprio modo de escrita é proporcional, é analógico. Ele faz como se fosse uma média e extrema razão ou, pelo menos, uma terceira proporcional, mas, na verdade, está fazendo uma analogia e escondendo isto. Não conseguiu, o rabo ficou com o gato de fora.

[Intervenção no Mutirão novamente, sobre o tema: “Prótese”]

10/MAI

44. Temos dois problemas seriíssimos, insolúveis *ad aeterno*. Primeiro, estar falando algo novo e diferente. Segundo, fazer isto no Brasil. É típico da cultura brasileira tentar destruir tudo que emerge. Que eu saiba, ninguém fez um estudo decente sobre essa doença nossa. E este país é a joça que é justo por causa deste sintoma. Como ele terá sido instalado? Por várias vias. Outro dia, fiz a hipótese – e não me chamem de nazista nem me batam por isso – de que até um estudo genético deveria ser feito. Mas há que lembrar que este país, no século XIX, estava financeira e politicamente melhor do que a América do Norte. D. João VI, que era genial, tinha mandado Napoleão às favas e vindo para cá. As outras colônias tinham no máximo um Vice-Rei.

- P – *A elite política no século XVIII, em volta do Marquês de Pombal, já tinha um projeto de fundar o que seria o Império Americano e transferir a capital de Lisboa para o Rio de Janeiro.*

Marquês de Pombal, um dos homens mais brilhantes da Europa na época, queria tomar o lugar do Rei e fazer a capital do Império aqui. Mas o que aconteceu com a gentilha, que nada dá certo? Não foi um tropeço econômico de meio de caminho. Desde o começo, a coisa era destrambelhada.

- P – *Os próprios portugueses viviam dos serviços coloniais e, quando acabou a colônia, não deram o salto.*

Outros países também tinham colônias e se transformaram. Esse sintoma é português, não tenho a menor dúvida. É igual ao Brasil, onde plantamos, nos esforçamos e vai tudo para o brejo. O pessoal não torna nada rentável, só corre para onde já está rendendo. Ora, o que está rendendo é dos outros, e não meu. Se estudarem a história do Colégio Freudiano, verão que começamos a tentar plantar algo novo para fazer uma rentabilidade nossa e o pessoal correu para o Lacan que já estava dando um dinheirinho. E vão acabar todos à míngua. O sintoma mais grave que há em Portugal é certa falta de violência. Mas a história se faz com porrada. As dominações é que são construtivas. Suponho que seja tarde demais e que não há cura para esse sintoma nosso. Não há comoção social e política suficiente para nenhum movimento transformador. O pessoal aqui fica rodando em círculos como neurótico e não sai do lugar. Não podemos esquecer que estamos mergulhados nesse sintoma. Há que tentar, individualmente, sair dessa, pois o país não parece que vai sair. Alguns grupos talvez possam sair.

- P – *Mas você não diz que o sintoma brasileiro é maneiro?*

E continua sendo, embora mal usado. O sintoma da Península Ibérica toda é maneiro. Mas se tomamos um sintoma maneirista e colocamos na cabeça de um neurótico, ele, ao invés de maneirista, será disfarçado, escroto, fugidio e aplicado na baixa extração. Quando querem colocar isto que acontece na conta de uma suposta falta de auto-estima do brasileiro, acho que, na raiz da coisa, era excesso: é pura pretensão. É um sintoma normal na espécie humana quando,

diante de alguém que diz ou faz algo importante, a gentinha achar-se mais importante e buscar destruir, mas o Brasil é especialista nisto em todas as áreas e níveis. A universidade é um grande exemplo. Em alguns outros países, há isto, mas com certas ilhas diferentes. Aqui não há bolsões de lucidez. Brasileiro tem vergonha de cobrar, exigir, ganhar dinheiro e tem orgulho de ser pobre.

• P – *A violência crescente por parte do tráfico de drogas pode ser uma emergência do espírito guerreiro?*

Acho que o nome disso é retorno do recalcado. A razão é inversa: quanto mais violência marginal, menos violência estatal e social. Se temos um Estado e uma Sociedade capazes de tomar providências sérias e a tempo, a bandidagem é menor. Vejam que o Estado norte-americano, por exemplo, resulta de uma postura do cidadão. No Brasil, temos a mentalidade do contrário, de que a postura do cidadão resulta da postura do Estado. O Estado está muito preocupado em manter a aparência de direitos humanos e faz as maiores falcaturas em vez de combater a violência diretamente com outra violência. Aí as coisas ficariam mais claras.

45. • P – *Juntando sua tese com a de Max Weber, se posso supor que o sintoma maneirista é um sintoma criativo e está no mesmo lugar do capital, devo poder supor que há esse elemento no protestantismo dos EUA. Ou seja, se a equação de Weber explica o sucesso do capitalismo por sua base sintomática protestante e, por outro lado, sua tese coloca o sintoma maneiro no lugar que é o mesmo do capital e que é lugar de criação, as coisas devem se encontrar.*

Nunca pensei nisto. Então, devemos supor que a cultura hispânica destruiu o próprio Maneirismo.

• P – *Se lá havia este elemento, por que não emplacou à sua maneira? Ou o sintoma maneiro é uma alternativa e o protestantismo outra; ou há um elemento maneirista no protestantismo que lhe permitiu sucesso; e o mesmo Maneirismo do catolicismo foi destruído por outros elementos sintomáticos.*

Quer dizer que o que aconteceu por aqui é terem abarrocado o Maneirismo originário. Observem que não existe Barroco norte-americano. Você está dizendo que, historicamente, o Brasil sufocou as próprias espontaneidades estilísticas com a Contra-Reforma. Toda vez que temos algo a dizer, chamam alguém de fora para fazê-lo. A Missão Francesa em 1816, por exemplo. Coisa que nosso prefeito atual quer recomendar. Não vai sarar nunca.

- P – *Quando bifurcou, a Reforma que virou protestante deve ter conseguido, no caso norte-americano, por via de algum sintoma próprio – e não sei se identificaríamos ali algum Maneirismo –, sua implantação, enquanto o Maneirismo da Península Ibérica, a cada momento que tentou se articular, foi decapitado por algum movimento contra-reformista.*

Se você desenvolver esta tese e ela estiver certa, vai explicar não só o Brasil como também Portugal. Aquele pelo qual Fernando Pessoa ficava procurando. Tudo dos século XV, XVI e começo do XVII foi destruído em seguida com a Contra-Reforma.

- P – *Não dá para falar só do protestantismo, pois, em si mesmo, ele é muito limitado. O próprio Weber já colocou que não foi ele sozinho, houve o capitalismo junto.*

No protestantismo há um germe capitalista que dá continuidade à produção protestante e a garante para trás. É o fato de se ganhar a benesse divina, que, para mim, é a charneira entre o protestantismo e o capitalismo que virou religião. A religião capitalista é a religião protestante mediante o pacto de dinheiro com Deus. Se Calvino disse – pois não é o protestantismo inteiro –, e as pessoas acreditaram, que quando enriquecemos Deus aplaude, eis a chave que passa de um lado para outro. No protestantismo, quem venceu foi o capital abençoado por Deus. *In God we trust* ou *In Gold we trust* – dá no mesmo.

- P – *O Maneiro foi ter jogado com os dois lados, gold e god.*

E continua jogando. Basta ver George W. Bush, ao que parece, pensa que Deus quis que jogassem bombas nos árabes... e conseguissem mais petróleo. Não adianta a Península Ibérica ter sido maneirista porque foi sufocada pela Contra-Reforma. Temos que lembrar que quando nosso querido Marquês de

Pombal sacou que os jesuítas eram uns salafrários e que Portugal não iria para a frente com eles lá, expulsou-os. O pessoal deu o golpe nele e voltaram os jesuítas para cá. Acho-o uma grande figura. Quando, em 1965, fui a Macapá dar um curso encomendado pelo Ministério da Educação, descobri um Forte construído por ele. Era uma potência, lindo, enorme, com sete metros de espessura na parede. E ele implantou vários iguais na Amazônia. Não o deixaram governar direito, mas o Brasil em sua mão seria igual à América do Norte há muito tempo.

• P – *É preciso aprofundar o entendimento do lugar da criação como sintoma maneiro e sendo o mesmo do capital.*

Isto significa que maneirista mesmo era o pessoal que chegou nos EUA. Ao invés de representarem isto como rebeldia dentro do Barroco, meteram o pé na porta, invadiram o mundo e fizeram o capitalismo vingar. Lá não tem Aleijadinho, que é algo reativo. A tese que você está trazendo explicaria o fato de aqui chamarem isso de Barroco, pois tudo, inclusive o carnaval, é tingido de Barroco pelos jesuítas, pela Contra-Reforma. A arquitetura local de Minas Gerais finge que é barroca, mas sentimos que ali dentro há uma raiva maneirista. As próprias estátuas de Aleijadinho, aquilo é Michelangelo.

46. • P – *Poderíamos pensar essa tese como comportamentos complexos de um programa e sacar nas situações do Brasil e EUA estruturas localizadas complexas que, na verdade, diriam respeito a uma mesma regra simples anterior?*

Há que descobrir onde a tendência entrou e se modificou um elemento da regra. Ou é o aleatório que traz esses pontos de modificação ou é o acidente. Na cabeça de Wolfram, é absolutamente randômico, vai funcionando e chegando lá, e é indecível se foi o ovo ou a galinha que veio primeiro. Então, vamos supor que, nos séculos XV e XVI, a Europa emerge com uma matriz maneirista. A regra simples seria aquela, o Revirão, mas isto vai bater de frente com minha teoria, pois como explicar que, sem recalque de espécie alguma – ou terei que reconsiderar o conceito de recalque e entrar na de Wolfram – alguma vertente

do Maneirismo virou Clássico e outra virou Barroco? Ou seja, para o randômico ser espontâneo por si mesmo ou ele é o produtor do recalque ou sofreu o impacto de recalque.

- P – *Mas isto ocorre pela força do próprio conjunto do comportamento.*

É isto que é indecível. No princípio, não há aleatoriedade. Suponhamos que haja uma regra única, o Revirão, que, em sendo maneiro, não podemos deixar de ver que, randomicamente que seja, criou três vertentes: algumas coisas se mantiveram maneiristas, ainda que puxadas para o Barroco ou para o Clássico; outras puxaram para o Classicismo; e outras para o Barroco. Neste raciocínio, é preciso pensar em recalque nalgum lugar. Então, o que é o recalque no randômico de Wolfram? Há este pequeno problema em seu pensamento. Se partimos da mesma regra que pode resultar em posições opostas, o aleatório é produtor do próprio recalque? O recalque não é um jogo de forças, ele nasce aleatoriamente? Quanto a mim, entendo que, quando partimos da estrutura do Revirão, as coisas não funcionam na limpeza com que funciona o computador, elas esbarram em outras formações. Acredito também que tudo possa ter nascido de uma única formação, mas que não seja só aleatória. Quando o Maneirismo nasce na Europa, esbarra em coisas que forçam para os lados clássico e barroco. Não é, portanto, só que a coisa funcionou e chegou lá. Há formações em oposição, espontâneas, nem que seja o fato de a coisa vir caminhando e esbarrar no mar. O mar é um programa. O sistema tem que admitir tropeço. Para Wolfram, há a regra, ela vai funcionar e pode dar resultados opostos. Tudo bem, mas não é assim que a vida funciona. Nela, há uma regra que vem funcionando e que, adiante, se defronta com algo que saiu de outra regra e um bate no outro.

Só podemos pensar em termos de recalque pela força quantitativa da repetição de certo programa: tal programa começa a se repetir aqui e recalca o de lá. O fato de um programa gerar coisas diferentes pode garantir que a raiz da idéia de recalque esteja no Originário do programa. Ele vem espontaneamente, também é intrínseco, mas não estamos falando de nada intrínseco, e sim de uma emergência que esbarrou, por exemplo, na formação cristã de um modo para cá e outro para lá. É uma guerra de programas. Portanto, não vamos

surpreender esse histórico no intrínseco, e sim na porrada entre programas. Se for só pelo intrínseco, deixa-se ir e onde der deu. Vamos até supor que um só programa, intrinsecamente, gerou duas vias, mas lá adiante as duas podem entrar em porrada por eventos recíprocos. Como vêm, até faço uma concessão a ele e digo que a regra é a mesma, que a coisa se tornou dialética por uma questão intrínseca, mas lá adiante elas podem se bater.

17/MAI

47. A noção de Ego até faz sentido. Com tanto recalque, tanta formação sintomática recalcitrante, entendemos que haja aí certa permanência. Se não por nada, pela permanência das formas do Primário. Mas se quisermos entender o tal Sujeito e saber se é ou não necessário, é melhor buscar sua história. Ele aparece em Lacan, mas certamente sua força maior vem de Descartes. E mesmo contempo-raneamente a ele havia Espinosa que já o achava uma besteira. Então, por que alguém como Descartes coloca o sujeito em sua filosofia? Acho-o uma estória vagabunda de cotidiano, igual a dizermos “tal sujeito assim-assim”. Lembrem-se que já havia o velho sujeito, o súdito, o assujeitado do soberano, aquele sujeito às intempéries. E por causa do quê passa para a filosofia? No fundo, é um homúnculo dentro da cabeça, um homenzinho que mora lá, ou seja, é uma bobagem herdada da suposição de que há um *subjectum* – e sub-posto ou sub-jetado dá no mesmo. Então, falo com alguém e acho que lá dentro deve haver alguém, mas por que acho isto? Vejam que é algo da época. Como de fora somos cheios de aparências e mentiras, vai-se perguntar àquele que está lá dentro, pois ele seria o verdadeiro comandante da nave.

- P – *Há um autor que diz que ele teria começado com Homero.*

Poderíamos dizer que o tal sujeito nasceu junto com a filosofia. É um cacoete filosófico. Começaram a achar que, sem sujeito, não se pensa. Onde, tirando os pré-socráticos, há uma filosofia em que o discurso apareça

espontaneamente por muitas bocas? Não há. Na filosofia, há autoria. Eu poderia continuar falando nele – inutilmente, como sempre foi –, mas comecei a implicar e vi que é um cacoete prejudicial por manter a idéia de que é por dentro, quando na verdade a coisa é por fora, é entre. Não entre significantes e significantes, mas sim entre falas e falas. Então, de repente, ainda continuando a falar a palavra sujeito, percebi que era bobagem, pois, se digo que não há dentro e fora, como continuar a falar de sujeito? Por isso, retirei a palavra, que estava prejudicando minha fala. É uma instância desnecessária e, pior, contraproducente, atrapalha o pensamento.

- P – *Mas você coloca que tudo que se referia ao sujeito pode ser colocado no lugar do Gnoma.*

Como pura exasperação. É um lugar de exasperação e de chegada, não é ninguém.

- P – *A noção de ego, em Freud, é apenas usada para a separação entre interior e exterior.*

E ele tem razão, pois, mesmo se tirarmos interno e externo, o ego cria uma fronteira, que, aliás, é também dada no Primário.

- P – *Freud diz que, antes dele, a criança não sabe o que é o pé, o sapatinho, o peito da mãe...*

Não estou dizendo que ela tenha um corpo constituído neste momento. Foi aí que Lacan entrou com seu Estádio do Espelho, em que se fundaria um sujeito, quando, na verdade, o que se funda é um ego, uma fronteira entre interessa / não interessa. Trata-se aí de fazer um estatuto, uma estase, um estado, no sentido político mesmo. E não sei se Freud não é um pouco abusado ao dizer – e acreditamos porque lemos essas coisas – que a criança não sabe se o pé é dela. Acho um pouco de abuso, pois, primeiro, ele não tem lembrança disso e, segundo, se perguntarmos, a criança não responde. Caímos em muita lorota.

- P – *As ciências cognitivas estão reintroduzindo a noção de instinto. Para alguns autores, o bebê já pensa, mesmo não tendo língua.*

Segundo nossa concepção, ele pode não ter ainda assimilado um sintoma lingüístico, mas linguagem ele tem. Ele tem todas as articulações, se não, não pegava. Há que já estar lá. Meu princípio é: se o universo não estivesse pensando, como eu iria pensar? Isto pode parecer platônico, mas se a pessoa de algum modo já não soubesse, nunca saberia.

48. • P – *Entender o conceito de Transferência como a Nova Psicanálise vem apresentando nos ajuda a entender a idéia de sujeito, a qual ganhou pregnância e aplicação à medida que o entendimento da idéia da transferência dos vínculos foi se concentrando sobre sédes. Quando se espatifa o conceito de transferência, o sujeito vai junto, pois é uma suposta séde privilegiada de atribuições e informações.*

A transferência tal como conceituada previamente não existe sem sujeito. Se raciocinarmos de modo lacaniano, teremos o analista e o analisando, uma transferência de sujeito a sujeito – e não pode ser de outra maneira, mas Lacan não quer saber de intersubjetividade – uma transferência ao Sujeito suposto Saber, que transfere o saber a outro sujeito... Mas isto é nada, pois a transferência é estilhaçada, não existe em bloco. Não há *download* direto, só cacos, fragmentos, arquivos e mais arquivos. Deixemos um pouco a transferência e façamos de conta que a chamada relação amorosa seja a mesma coisa. O que acontece entre duas pessoas nesta relação? Um monte de cacos. Quanto mais cacos, mais grávida fica a coisa. Lembrem-se que Lacan nos “enganou” durante muitas décadas. Ele era contumaz e precisava curar-se a si mesmo – aliás, é interessante e importante acompanhar o analista fazendo teoria para se curar, caso contrário, ficamos bestificados pensando que ele viu algo concreto... Ele faz um esforço enorme ao perseguir duas coisas: a loucura, que ele chama de psicose, e o amor. Duas coisas atormentaram sua vida: loucuras e paixões. Já repararam que ele joga a transferência na sacola do tal amor, o qual não existe sem sujeito, o qual, por sua vez, é um álibi para ele sair dessas duas coisas?

É preciso entender por que Lacan é terminal, se não, jamais sairemos da lama. Ele toma todo o lixo da história, sobretudo o cristão, e o que tenta é afirmar que é possível abstrair, fazer matemas. Entretanto, não é possível, pois isso é sintomático, é apenas um lembrete de como a maquininha funciona. Tenho a impressão de que ele supunha que, se pudesse abstrair em última instância o Ocidente, teria dado o passo definitivo. Ou seja, tudo iria para o lixo e ficaria só a abstração. Muitos sonharam com isto, aliás. Wittgenstein, por exemplo. Lacan fora previamente “kojevisado” e tomou a história hegelianamente. Temos que lembrar que Kojève tem importância maior do que imaginamos. Ele tinha intenções de acesso ao poder e era uma espécie de Paul Wolfowitz da época. Não conseguiu sentar ao lado de um Bush, mas foi a altas funções de Estado em nível internacional. Assim como os americanos querem hoje a decisão sobre o mundo, ele queria influir na decisão europeia sobre o mundo. O teatro à sua volta era outro e muitos intelectuais franceses de ponta, com liderança em alguma área, mais ou menos jovens, entre os trinta e quarenta anos de idade, inclusive Lacan, freqüentavam seus seminários. Cada um partiu para sua própria área, mas todos kojevisados. Digo isto porque, embora estivesse dizendo contra Hegel, Lacan mantém a estrutura hegeliana de abranger a história e mesmo terminá-la se possível. Então, ao contrário de teses, antíteses, sínteses e fim da história, ele fez o sonho estruturalista de que, por via sobretudo ocidental, embora estudasse chinês, haveria afinal o entendimento do pensamento humano. Ou seja, quis entender a estrutura daquilo como abstração. Entendido isso, Lacan seria o homem que fundou o mundo. A pretensão é enorme, pois se isto pára aí, não há outra história, e ele é quem mostra toda a abstração, funda o mundo daqui para trás e encerra o assunto.

Esta é uma doença do Ocidente. Não do Ocidente por inteiro, mas há esta vertente aqui. No Oriente, o saber absoluto é quando nos apagamos, nos dissolvemos. No Ocidente, é quando pontuamos. O Oriente é expansivo, o Ocidente é concentracionário. Mas por que todos insistem nisto e tentam fazer o mesmo que Lacan e Hegel? No fundo, não podemos mentir que não estamos

fazendo o mesmo. Todos insistem porque, em algum lugar, deve haver uma formação mínima capaz de render todas as complexidades e ela é conhecível. É isto que está na cabeça de Stephen Wolfram. Os estruturalistas procuravam as estruturas do que esta aí, mas o pensamento que usamos hoje é mais próximo de alguém como Wolfram. Dizemos que o que há por aí são pequenas formações que são rentáveis em formações complexíssimas. Isto não é dirigível ou orientável segundo meu querer, mas posso, pelo menos, *reconhecer* as formações uma vez que elas são dadas.

• P – *Você consideraria Jacques Derrida?*

Derrida não me diz nada, é simplesmente uma bobagem. No tempo em que comecei a ler Lacan, comecei a ler Derrida. É coisa de muçulmano, é o Corão. Teve a intuição religiosa lá na terra onde nasceu e fez uma transposição cultural. O que há em sua obra a não ser que o verdadeiro caminho do Ocidente é o Corão, se não como texto, pelo menos como postura? É apenas uma guinada entre a falação e a escreveção. É claro que ele fez o esforço de escrever seus livros, desde a *Gramatologia*, para mostrar que isso também é caminho, mas está situado numa encruzilhada perfeitamente dispensável. Dada a tecnologia contemporânea, é preciso fazer uma dicotomia visível entre o falado e o escrito? Na época, fazia sentido. De um lado, havia Lacan e outras patotas dizendo que a enunciação agoraqui é que porta o sujeito. Ele, de outro, vai aos palimpsestos do mundo. Só que hoje não interessa mais. O que temos é um grande cruzamento tecnológico. Acho esse pessoal, tipo Derrida e Roudinesco, retrogressivo. São como os fundamentalistas. Estão andando para trás e com pavor de que a tecnologia vá destruir o homem. É coisa de reacionário.

49. Ao contrário do que dizem, acho que a receptividade ao que tenho a dizer é ótima. Talvez sejamos nós que não sabemos distribuir. Outro dia, falava com uma pessoa sobre certas posturas de nosso pensamento e citei Wolfram. Ela me diz que seu filho, que é físico, também pensa assim. Há uma garotada aí, que estuda e que espontaneamente já caiu em outra. Quando faço um esforço para explicar, acham a maior banalidade.

Às vezes, quando é o caso, não há que temer parecer mal-educado ao explicarmos algo de nosso pensamento. Lacan não tinha este temor. Certa vez, em Lisboa, encontrei-me com alguém que até considerava inteligente por ter escrito um livro sobre Fernando Pessoa que achei bom. Em dado momento, ele resolve esculhambar com a pessoa de Lacan, dizendo, entre outras coisas, que ele chamava outros de imbecis. Concordei com ele, dizendo que Lacan os chamava mesmo sim, e que eles o eram mesmo. Mas como percebi que o gajo queria me provocar acusando Lacan, primeiro confirmei que ele era grosso mesmo, depois lhe disse: “E você só fala de Deleuze, não é?” Como não havia mais o que discutir, ficou certo mal-estar no ambiente. Lacan era um grande mestre nisso. Philippe Sollers diz que ele era *incoinçable*. Não se podia encurralá-lo de jeito algum, pois ele saía pela tangente, não batia de frente. Como se vai prender um sabonete desses? Você segura, ele escorrega.

Quando a coisa é respondível, é para ser respondida, pois não se deve bancar o ignorante. Mas quando vemos que alguém está forçando um teorema a caber dentro de outro, há que recusar. Todos os pânicos intelectuais são na linha de querer responder a outro em conformidade com seu próprio teorema. Em vez de respeitar os encaminhamentos do outro, o baixo clero sempre quer saber quem está falando a verdade. Lacan ainda dizia: “Falo sempre a verdade, mas não toda”. Eu, não falo a verdade, não sei.

50. • P – *Wolfram, de início, já coloca que nem teria existido revolução científica se não houvesse luneta, microscópio... Os saltos e as possibilidades estão todos intrincados.*

Já lhes recomendei que lessem *Le Geste et la Parole: Technique et Langage* (Paris: Albin Michel, 1964), de André Leroi-Gourhan. Ele era diretor do Museu do Homem em Paris e, na época em que o pessoal estava atônito com as estruturas, ele simplesmente colecionava os objetinhos da pré-história como tecnologia importante. Ele catalogava cada objeto para mostrar como havia um processo de pensamento na tecnologia. Seu livro, portanto, é um tratado de tecnologia, inclusive pré-histórica. Ou seja, a tecnologia tem

pensamento próprio. Foi uma questão de hegemonia dos cientistas que fez a tecnologia ficar por baixo, mas era ela que estava pensando: pensa-se com a mão. Em vez de ficar batendo boca como intelectual faz, meta-se a mão lá!

Alguém que, a partir do final da década de 1960, depois da falência de Marcuse, vem estudando Lacan e entra na onda estruturalista, se não é mero aprendiz de baixo clero, vê que, de repente, aquilo esgota, cumpre sua tarefa e é preciso procurar outra coisa. Nessa ocasião, no mundo inteiro, já havia muita gente procurando uma saída, pois aquilo se esgotara.

• P – *Já desde o final da década de 1950, gente como McLuhan pensava por outra via que não a estruturalista.*

Vocês talvez não avaliem o tamanho da influência de McLuhan. Quando comecei a lê-lo, vi logo que era vanguarda. Aliás, sua publicação no Brasil se deve um pouco a mim. Enfiei na cabeça de Anísio Teixeira que era importante publicar *A Galáxia de Gutenberg*. Lembro-me que, em 1967/68, estava em meus papos com ele e comecei a explicar como pensava McLuhan. Ele se levantou na mesma hora e disse: “Vamos comprar o livro!” E lá fomos nós à livraria Leonardo da Vinci. Em 1970, quando fui fazer estágio nos EUA, nenhuma das grandes empresas de comunicação que visitei o conhecia. Em um de seus livros do início, ele escreve que ficou em pânico diante dos alunos, pois não sabia o que fazer dentro de uma sala de aula e teve que se virar para explicar. Conheci McLuhan comprando seu livro. Assim como conheci Lacan, de quem não fazia idéia. Na época, ninguém falava nele. Falava-se muito em Louis Althusser, que, aliás, foi quem trouxe Lacan à tona. Não fosse ele, Lacan teria morrido de esquecimento.

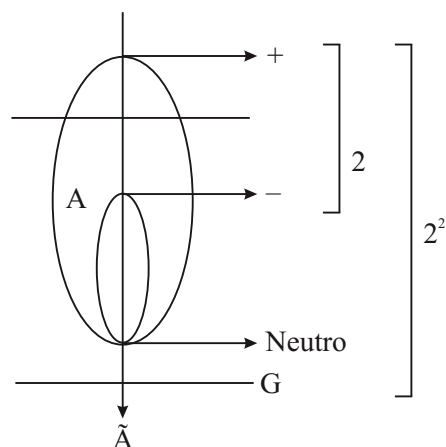
51. Do que estamos tratando aqui hoje? Não estamos (só) produzindo teoria ou desenvolvendo um tema teórico. É preciso entender que, assim como as fronteiras foram derrubadas em outras áreas, nesta também foi. Por exemplo, é clínico, explicando ou xingando, tanto faz, tentar insistir em mudança de postura mental de um teorema para outro. Estou aqui insistindo em derrubar as pregnâncias da

cabeça de vocês. Isto, para ver se vêm outras. É exatamente o que há a fazer com o analisando: derrubar suas pregnâncias de alguma maneira.

24/MAI

52. Leiam o último livro de François Jullien, *La Grande Image n'a pas de Forme: du non-objet par la peinture* (Paris: Seuil, 2003, 381 p). É um amplo comentário sobre os grandes pintores chineses clássicos e seus textos. Do ponto de vista clínico – portanto, teórico –, continuo chamando a atenção para o fato de que é preciso a todo momento fazer alguma suspensão de nossa postura mental, pois ela é não só viciada – e mal-educada, como costuma ser neste país –, mas sobretudo, dada nossa formação intelectual e estética nitidamente ocidental, uma burrice especial. Aliás, toda formação em sua especificidade, seja qual for, é uma burrice especial. O que mais noto ao dialogar com vocês é a dificuldade de deslocarmos o pensamento tipicamente ocidental, que, para mim, é esse que pensa coisas como ser, objeto, verdade, representação, etc., fundamentado em coisas como discernimento, distinção ou precisão. O resultado é uma incongruência radical, visível e prejudicial entre o que trago como psicanálise e esse modo de pensar.

Por outro lado, já lhes expliquei que nossa postura tampouco é oriental, chinesa, o que não significa que não o seja também. Se há uma postura de Revirão, de charneira, o pensamento chinês a utiliza como continuidade, e o ocidental como oposição. São duas posturas, mas o fenômeno psíquico é o mesmo. O pensamento ocidental é forte no recalque: no que pensa a distinção, a oposição, passa uma barreira entre os dois alelos, (+) e (–), os quais, ao mesmo tempo, não podem ocorrer e o terceiro, o Neutro, tem que ser excluído. Na postura oriental, de um alelo tanto se mexe que se chega ao outro, pois isso é contínuo: não há interesse nas oposições e distinções, e sim nas passagens.



O que lhes digo agora só pensei depois, baseado nos estudos do Oriente. O que eu já pensara partiu da psicanálise, desocidentalizando-a como, talvez, de começo, estivesse mais próximo do que Freud fez. No início, Freud é alguém em crise com a ciência. É como se ele se desocidentalizasse quando, por exemplo, fica perplexo com o sentido opositivo das palavras primitivas. E quando toma a Pulsão de Morte, o Princípio de Nirvana, mesmo o nome tendo sido dado por outrem, vê-se que ele faz uma extração de fronteiras. Ele quer explicar, mas não consegue. A verdade é que, agora, ao estudar Jullien, entendi que, em meu processo, o Revirão é uma charneira não só entre os dois alelos internos por continuidade ou por oposição, como também entre Oriente e Ocidente. É aí que acho que é o lugar disso que chamo Psicanálise. Portanto, submeter o pensamento psicanalítico a qualquer das duas vertentes é abusivo, mas podemos usá-las *ad hoc* onde necessário. Se fico com uma cabeça ocidentalizada, exigindo distinção, sujeito, objeto, verdade, consciência, no sentido do saber, para pensar a teoria, está errado. Se fico deslizando o tempo todo na continuidade, também está errado. Então, como é possível uma mente não-dividida capaz não apenas de dançar opositivamente ou como dançam os chineses, mas capaz de dançar como se dança em psicanálise? Ou seja, quando for preciso distinguir,

limitar, recortar, fazer isto; quando não, não fazer. Isto, tanto na teoria quanto na prática.

Não é possível, por exemplo, aplicar um teste epistemológico, de saber, de verdade sobre a psicanálise. Estará errado, pois se podemos dizer que ela é capaz de usar isso, isso não dá conta dela. Tampouco podemos usar um teste de sensibilidade deslizante para garantir a teoria, pois ela usa isso, mas não é isso. O livro de Jullien é muito bom para ensinar o que é esse outro lado, mas, repito, não fiquem com a impressão de que estou mandando a psicanálise para a China. Como nosso vício é o oposto, supõe que atingimos a verdade a respeito do real mediante recortes, é preciso fazer muitos exercícios contrários, mas sabendo que China e Ocidente são exercícios intelectuais. Para nós, portanto, ambos são exercícios e modos diferentes de lidar com o Revirão.

Basta ler os pensadores chineses para verificar seu enorme refinamento intelectual; e que eles também recalcam, tanto é que estabelecem regras, leis, etc., pois não são trouxas, são até guerreiros demais. Mas no que fazem um recorte momentâneo para situar as coisas agoraqui, imediatamente preferem pensar em seu andamento e não em sua definição. Então, não é que lá não exista recalque e que aqui não exista deslizamento, mas, quanto à postura de base, a que governa o Ocidente é o Recalque, e o Oriente é a evasão: nós somos decisivos e o Oriente é evasivo. Diante de um problema, a postura ocidental é a de tomar uma decisão. A oriental é, se há um problema, trata-se de evadi-lo. Ou seja, se há um problema, não deve ser esse. É, aliás, mais próximo do que traz Freud: se alguém disse algo, não deve ser aquilo. O aspecto oriental da postura freudiana está na descoberta dessas evasões do Inconsciente.

• P – *Deleuze enfatizou as idéias de diversidade e de devir. Isto foi tirado do Oriente?*

Não necessariamente, pois há filósofos como Leibniz e Bergson que estão nessa. Mas eles são ocidentais. Em última instância, seu recurso é à verdade, à definição, à decisão filosófica. Não existe filosofia chinesa. O chinês deixa em suspenso.

• P – *Deleuze tentou aliar a questão do Ser ao Devir.*

Ele tentou porque Ser e Devir são tão definidos no Ocidente que são inimiscuíveis. Eu posso fazer isto, pois trato as duas posturas como materiais de análise. Quando se prepara a mente para espontaneamente agir assim, isto leva a uma radicalidade e a uma diferença enormes diante das falas do mundo. Suponho que a postura que estou tomando mediante o Revirão sempre percorreu a psicanálise, mas nunca se esclareceu nos textos psicanalíticos. Apenas estou esclarecendo o que acontece quando a cabeça é analítica: o Revirão é um trabalho o tempo todo em charneira.

53. O texto de Jullien está tão bom que até explica o que é o Haver, que ele chama de *l'il y a*. Por outro lado, vê-se o esforço que ele faz para explicar o que com nosso aparelho explicamos com a maior facilidade. Ele fica dando voltas literárias por não ter a ferramenta que temos.

Então, se consideramos como oposição, torna-se irreconciliável e é daí que nasce o terceiro excluído, pois não se pode ter identidade de contrários. Quando o pessoal da computação começar a jogar as oposições também no nível do Revirão em continuidade, aí vai ficar interessante. Não deve ser difícil para alguns gênios do algoritmo inventar um modo de lidar com isto e que trabalhe com oposições (0/1). Aliás, é o que se quer em relação ao computador quântico: algo que leve em conta os dois lados ao mesmo tempo.

- P – *Prevê-se que em dez anos isto será conseguido.*

Dizer assim é a maneira ocidental de pensar, pois, de repente, algum maluco saca a coisa. Por que dez anos? E se já estiver na gaveta de alguém? O holograma ficou quanto tempo na gaveta?

Observem que não há paradoxo se consideramos a basculação absoluta. Estou pedindo que façam este exercício para não permitir a confusão de algo ser colocado no nível analítico e alguém vir fazer a crítica no nível da racionalidade ocidental. É preciso sempre perguntar pelo contrário. É como numa análise: o analisando precisa aprender tanto a desrecalcar quanto a recalcar. Quando *aprende* a recalcar, não está recalcando, e sim fazendo Juízo Foraclusivo. É ter juízo: ele se ajuíza. A pretensão maior da psicanálise é ser abrangente. Ela

não é parte de nada, tudo é parte dela. É a tentativa de um modo de pensar e organizar a mente em que qualquer coisa pode ser tomada como material de trabalho. Vejo que, algumas vezes, nosso pessoal fica um pouco desarmando quando, sobretudo no âmbito da universidade, se depara com gente com cabeça acadêmica que fala de fora da questão. É preciso entender que podem criticar à vontade, mas falando de dentro. Como estão fora da linha de tiro, o que trazem não nos serve em nada ou só regionalmente. Cabe lembrá-los de que falam a partir de um recorte, dentro do qual podemos até utilizar o que dizem, mas a mente que operamos não é aquela que estão utilizando. E não se trata nem de uma questão de diferença teórica no seio do classicismo acadêmico, pois mesmo aí, se temos duas posturas teóricas incompatíveis, não dá para criticar uma pela outra. Em nosso caso, é muito pior, pois são duas mentes diferentes. Quando o outro fala, está pedindo análise. Aí o analista intervém. Vejam que podemos brincar à vontade, pois quando pensam distintamente, puxamos o tapete; quando começam a deslizar, perguntamos pela distinção.

- P – *Mas não se alcança esta postura de repente.*

Não alcançamos nunca. Há que ficar exercitando para lá e para cá, malhar sem parar. É a postura da malhação. Se parar, vai-se parar em algum lado e estará errado. Esta é nossa maior dificuldade com o analisando.

Por outro lado, faço um parêntese para lembrar que nada do que disse justifica a ignorância. A maioria das pessoas hoje, depois de Lacan, é ignorante das formações nosológicas antigas ou recentes. Temos que saber como eles pensam. Há certos momentos em que o analisando está recortando: ele está recortando mesmo e a descrição daquele recorte é boa.

54. • P* – *Li numa tese de doutoramento que a postura decorrente da NOVAMENTE implica que, diante de uma situação clínica x, trata-se de abstrair os conteúdos que ali estão, de indiferenciá-los em relação a qualquer outro. Tenho muita dificuldade em pensar a clínica dessa maneira e achar que isso é o que deve ser feito. Falar em indiferenciação desse modo pode até parecer que seja a aplicação da suspensão de postura mental, mas*

acho que não é. Por exemplo, outra coisa que está na tese, diante da questão do abuso sexual infantil, a postura clínica proposta foi a de partir de que toda violência tem um solo comum que é o pulsional, portanto não é preciso diferenciar nada, é tudo a mesma coisa. Acho que, do ponto de vista clínico, não se pode dizer isto.

É tudo a mesma coisa, sim. Se estamos seguindo esta orientação, não só se pode como se deve dizer e fazer isso. Sua confusão está em outro lugar. Diante de qualquer fato supostamente clínico, isto é, que tenha sido agoraqui submetido à intervenção que se orienta por esta postura, a primeira e mais radical coisa a fazer e sustentar é essa, pouco importando a especificidade da questão. Isto porque o passo contrário a esse é o de acolher a distinção, a especificidade, o que é um cacoete antipsicanalítico. Há que entender primeiro que aquilo faz parte de um oceano de absoluta indiferença. Trata-se de indiferenciar absolutamente tudo. Depois de indiferenciado, perguntemos, no caso, que diferença está sendo feita.

• P* – *Esse caminho é lógico.*

Não há caminho que não seja lógico. Pode-se não saber qual lógica, mas alguma estaremos aplicando. Os caminhos são sempre lógicos, não existem outros.

• P* – *E como interferimos nessa armação?*

Ficando fora dela e empurrando o analisando para outras situações. Ou seja, indiferenciando e, sobretudo, analisando. Isto, no sentido freudiano do termo: partir em pedacinhos.

55. • P – *[Comentário sobre o filme Voltar a Viver, em que há o tema da pedofilia]*

Não vi o filme, mas é preciso considerar o fato de estarmos diante de uma suposta produção artística em que se vende ideologia e passamos a utilizar a ideologia transsubstanciada em narrativa como prova de fato. Um analista não pode fazer isto. Se não, ficará igual àqueles que acreditam que crianças que passaram por abordagem sexual necessariamente se tornam traumatizadas para

o resto da vida. Às vezes, transformam-se em gênios, em grandes criadores justo por isso. Isto não depende da forma, e sim da formação. Quais formações estão em jogo, qual é o vetor operado e qual foi a resultante? Temos que ser neutros e indiferentes, se não, já vamos com a resposta na mão.

- P – *Numa experiência sexual qualquer, a marca fica lá.*

A marca lesionou sobre predisposições muito claras, que são do Primário. Há que suspender e relativizar tudo, pois nossa época está viciada e cheia de pessoas com esses sintomas guardadinhos dentro de si e pensando sempre mal. Somos muito mal-educados e caímos nesse tipo de conversa. Basta abrir dezenas de livros de psicanalistas para verificar que tomam um filme, um texto ou uma peça literária como exemplo, justificativa ou comprovação de certo teorema clínico... que é da cabeça de quem o inventou. Ou seja, tomam suas ideologias, seus assentamentos sintomáticos e montam o processo em função deles. Temos que ser dez vezes mais rigorosos do que estamos sendo. É preciso dissolver até acabar todo juízo. Depois, colhemos os cacos e vemos qual caco compõe a figura. Isto porque a figura vem pronta: aquela formação é um tijolo, mas, no que a analisamos, vemos que tal pedaço não pertence a ela. Tira para lá, tira para cá e ficamos com uma dispersividade, inclusive lógica, de formações. Aí, podemos começar a re-considerar. Só isto, pois não há resultados para apresentar a ninguém.

A cura – que não é acabar com sintomas ou coisa do tipo –, o procedimento a médio e longo prazo, se dá nos interstícios. O analista lava suas mãos no final. Nós outros, chamados analistas, precisamos ver que, nos encaminhamentos do analisando, há uma ideologia por trás, uma finalidade a ser atingida. Analista não tem finalidade a ser atingida, a não ser aquela que chamo do pedagogicamente ético da psicanálise: empurrar a pessoa para a HiperDeterminação.

- P – *O analista não tem comprometimento nem com o social.*

Lacan dizia que não estamos aqui para adaptar ninguém à sociedade e nem ter comprometimento com seu sofrimento. A estupidez é a única coisa com que lidamos.

- P – *O álibi é dizer-se doente.*

No caso do pedófilo, é preciso ver que ele não é doente: ele tem um tesão enorme em seu interesse. Dizem que está errado, mas quem disse? Trata-se de um fato. Quando digo *só há fatos, não há interpretação* é no sentido do acolhimento puro e bruto do fato. O fato que existe aí não é se está certo ou errado psicologicamente, e sim que é proibido por um grupo que tem poder de colocar pessoas na cadeia.

56. Outro dia vi duas coisas na TV que achei deliciosas. Fiquei boquiaberto de encontrar aquilo lá. Afinal, existe vida dentro do vídeo. A primeira foi numa entrevista de Pedro Bial a Marília Gabriela. Ele perguntava uma coisa absolutamente decente: “Por que todos estavam fazendo passeata a favor da paz?” Nunca esperei que alguém do meio dissesse isto na TV. Ou seja, está na hora de fazer passeata pela guerra! A outra coisa foi dita por uma garota do programa *Saia Justa*. Como fizeram um programa falando de peito, meleca, cocô, porra, essas coisas do dia a dia, alguém enviou uma carta reclamando. Ela disse que isso são as banalidades do cotidiano e que nojento mesmo é tiro na nuca. Se já se dizem essas coisas, a gente que tome cuidado, pois a TV vai passar à nossa frente. Meu medo é estarmos pensando com mais impregnação do que uma pessoa da cultura de massa.

14/JUN

57. • P – *Em seu Seminário de 1995, Arte e Psicanálise, página 186, lemos: “Mantemos o termo [clínica] com o sentido de declinação (declínio, enfraquecimento, queda) do sintoma, que vai na contramão do sintoma enquanto declinação (decadência) do Haver em sua fractalização. O sintoma é decadência, queda, declínio. Nossa Clínica vai declinar o sintoma, enfraquecê-lo e remetê-lo de volta fazendo reverter seu processo de declinação”. O que você diz hoje sobre este trecho?*

Era a tentativa de aproveitar o termo *clínica* com outro sentido, mas não podemos esquecer que, em nosso campo, há termos datados demais e devemos nos livrar deles. O verbo clinicar, tirante o divã do Dr. Freud, nada tem a ver conosco, pois vem da medicina. Clínica é tratar daqueles que estão deitados na cama, como, aliás, qualquer prostituta sabe muito bem. Essas palavras viciosas fazem muito mal e acabamos, querendo ou não, utilizando algum dos velhos sentidos e significações. Já *sintoma* é uma palavra neutra, não é da medicina.

- P – *Quando você diz “sintoma não é virtude” já o retira da idéia de doença.*

Em nosso sentido, sintoma é, por natureza, qualquer formação.

- P – *Mas há algumas formações que barram mais.*

Depende da situação, tudo é situacional. É preciso entender que o que temos é uma ferramenta como outra qualquer e que, se a usamos, é para mais ou para menos. Não há conceitos de normalidade ou de coisa certa, e sim conceito de uso, de aproveitamento, de funcionalidade.

58. O Analista intenta operar MetaMorfose de lagartas lerdas gordas em ágeis leves borboletas. Ele não quer ser mais que catalisador do processo, deslizando fluido mas denso sobre o Revirão (sem deixar de ver bem claramente A lagarta e A borboleta). Contudo, haja pena, algumas lagartas são refratárias – e jamais se TransFormarão.

A psicanálise não é uma coisa banal, não é o mesmo que psicologia ou ensino. Neste sentido, Lacan tem razão: não é algo que nos faz retornar ao *status quo ante* de boa saúde. É uma metamorfose mesmo e as pessoas se recusam. Não há nada em sua natureza que faça a espontaneidade de a lagarta virar borboleta. Mesmo quando pessoas têm ou declaram a boa intenção de estar fazendo isto, a recusa é maior. Sair do rebanho, da trupe é estar sozinho e ninguém quer passar por isto. Então, onde há analista?

O lacanismo já é o redondo fracasso que vemos à nossa volta, raros tentaram fazer o esforço de acompanhar realmente o percurso e as tentativas teóricas não deram certo. O tal *sujeito*, que Lacan foi pedir emprestado à

filosofia, é outro fracasso redondo. Falar em sujeito ou em subjetividade é uma desculpa nova para se manter o velho ego freudiano. Muda apenas na tentativa de frase e isto só não basta. Há anos e anos venho indicando textos, obras, etc., para ver se o pessoal saca o que está acontecendo, e quando menos espero tomo um susto com pessoas que pareciam entender, mas estavam apenas falando frases. Se não, não diriam as asneiras que dizem. Somos todos dodóis dentro da cultura em que estamos de molho, qualquer que ela seja. Cultura é equivalente a uma doença. Fazer sua crítica e saltar fora de seus parâmetros é coisa difícil, mas há também a recusa das pessoas de fazerem esse movimento. Cultura é como droga, um vício difícil de tirar.

Sinto dificuldade em implantar as posições que estou trazendo, pois quando penso que a coisa está indo, vejo que não foi. Cada vez mais, ao invés de achar melhor, acho pior. É assustador, pois, de repente, me deparo com uma barbaridade. Quanto a isso, não sei o que fazer, só muito exercício, muita ginástica. Por outro lado, acho perfeitamente pertinente que aconteça assim, dado que as pessoas vivem mergulhadas numa estrutura de visão e de entendimento em que tudo carrega para lá. Então, se não formos rigorosos, caímos lá de volta. E manter-se no rigor sozinho, não é para muitos, infelizmente.

• P – *É o que escutamos no consultório como “medo da solidão”.*

Às vezes, nem cria tanta solidão, pois existem outras pessoas em outros lugares, o que possibilita que, se somos transeuntes, vamos passando e temos guarida em várias situações. O problema é quando as pessoas não querem transitar. O mais importante é manter perenemente a crítica, não só das palavras como dos modos de operação. Digo isto porque freqüentemente assistimos ao samba do crioulo doido, em que se começa a falar a frase numa língua e termina-se em outra. São línguas diferentes, e uma mistura horrorosa. Quando uma formação cultural entra no cérebro, é igual a uma neurose. As pessoas acham que deixaram de ser neuróticas porque, de seus sintomas pessoais, dois ou três estão mais fracos ou parecem ter sumido. Continua-se neurótico do mesmo jeito. Fazer parte de uma cultura e só dela é uma neurose muito ruim. O automatismo repetitivo de sempre responder a mesma coisa é neurose. Ter

afastamento das formações neuróticas é uma experiência de muita indiferenciação. Há que fazer demais este exercício, de modo a até poder voltar às formações culturais, mas com uma ferramenta que efetivamente usamos sem estar apegados a elas.

• P – *É preciso entender que não há como abordar a postura proposta pela Nova Psicanálise utilizando a língua de outra região. Aqui há uma língua própria. Só a partir dela é que podemos entender do que se trata.*

Isto, em termos de produção teórica, vale para qualquer campo. Se aplicamos um parâmetro a outro, não funciona. Mas quero supor que, quanto a casos de teorias semelhantes a esta que estou colocando, ela é abstraente demais para que se possa fazer tal aplicação. E não por uma questão de ser só teoria, e sim por necessariamente implicar uma experiência e uma postura. Ela tem uma razão tão específica que só metaforicamente pode passar para outros discursos. Só por metáfora vamos falar em ciência, filosofia, etc., pois ela não é nada disso. É uma formação outra, com um modo de operar radicalmente diferente. No cotidiano, pode não parecer diferente, pois as posturas é que são diferentes. Só parece muito diferente e assustador quando realmente dizemos algo radical. E mesmo para lidar com o chamado analisando há que saber que é muito sutil e que podemos acompanhar a pessoa se transformar em nossa frente. Digo isto não a partir do nada, mas sim por ter essa experiência.

Outra coisa importante a fazer é acabar com a besteira de ficar procurando, como se fosse possível achar, a diferença entre *teoria e prática*. E quando dizemos que aqui não há distância entre ambas, alguns têm a inocência de pensar que é *nesta* teoria apenas quando é em *qualquer* uma. Não existe, em qualquer lugar do planeta, distância entre teoria e prática. Não se faz reflexão independente de uma prática discursiva, pois as coisas andam juntas. Quando alguém está agindo no mundo e diz que é sem nenhuma teoria, é mentira, há alguma por trás segurando. Assim como quando dizem que estão só teorizando, é mentira, há uma prática ou um exercício por trás.

• P – *Nas universidades, vivemos esse samba do crioulo doido.*

Toda a estrutura de ensino é assim e está se espalhando pelo mundo. Com exceção de alguns pequenos grupos poderosos, tanto sob o ponto de vista

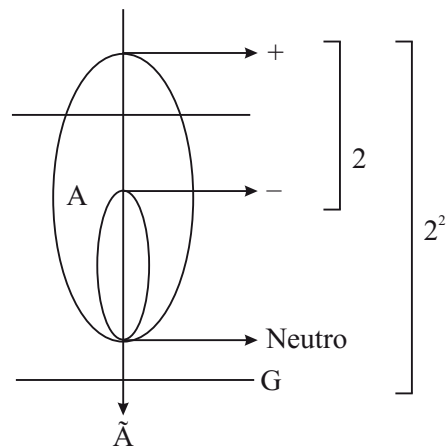
intelectual quanto financeiro – pois o financeiro ajuda a manter o rigor –, estamos vivendo uma época de grande deterioração. Acho isto perfeitamente normal e teremos que atravessar. Não estou nostálgico, pois para trás só tem tolices e é para a frente que se anda. Ocorre que a deterioração está generalizada, até mesmo para vir a se formar outra composição, ou seja, até tem utilidade, pois é preciso deteriorar, apodrecer o cadáver. Mas há que lembrar que está tudo deteriorado. Só há uma saída: manter o rigor, o distanciamento e ir em frente, pois é o que sobra lá adiante. O que mais vemos é gente fazendo retornos escrachados. Viraram bicho de novo, depois de tanto esforço? Ninguém é obrigado a não ser bicho. Talvez as pessoas estejam pensando que o que há é só mais um chiqueiro. Mas se, por outro lado, quiserem fazer um encaminhamento rigoroso, é preciso lembrar que não é por aí.

• P – *Gosto de pensar que não existe possibilidade de retorno após o entendimento, por exemplo, de que, como você diz, “o Haver é homogêneo”.*

Mas esta possibilidade existe o tempo todo, todos dão para trás. Neurose é um poder muito grande. Enganamos nosso cérebro com muita facilidade. O fato de espontaneamente repetir determinada frase nos faz pensar que ela corresponde a um conjunto de outras formações que a sustentam. O que ocorreu foi instalarmos num recanto de nossa mente uma frase que passa a vir espontaneamente à nossa fala, mas o resto continua estragado. E isto é a estrutura da cultura: uma colcha de retalhos de lorotas, que funciona com total incongruência. Então, se atingimos certo ponto de equalização e indiferenciação diante do mundo e nos dermos ao trabalho de analisar o dia inteiro, morremos de cansaço de tanto ver a porcaria funcionando. É melhor até deixar para lá. A espécie humana é muito ruim. Por isso, inventou um Deus à sua imagem e semelhança.

59. • P – *Você diz que a sustentação do exercício do rigor é mentalmente exaustiva, e, por outro lado, diz que é algo simples. Minha pergunta é: podemos tomar esta simplicidade de saída ou só chegamos ao reconhecimento dela depois de atravessar certo percurso?*

Sua pergunta é fundamental, mas não tem resposta. Isto porque a simplicidade está instalada lá. Então, ela pode ser tomada de saída depois de uma grande experiência; ou pode ser tomada depois de uma grande experiência só de saída. É indecível. Chamo a atenção para sua importância porque é uma pergunta ocidental e de primeira instância. Tento mostrar-lhes isto há tempo, mas é difícil sair do lugar. O que estou chamando hoje de primeira instância é a oposição entre os alelos (+ / -). Temos uma segunda instância no Revirão, no Neutro; e a terceira, no não-Haver (\tilde{A}):



Nós ocidentais somos formados na primeira instância: nosso vício cultural, nossa neurose, é funcionar na base do Recalque, onde só vale um lado. No Oriente, o pessoal sabe fazer valer outro lado, mas também tem o recalque, pois a lida cotidiana é exclusiva. Ou seja, o pessoal é cartesiano de nascença. O Oriente tem o hábito de empurrar o pensamento para a segunda instância, mas quem se inventou o artifício – pois alguns já faziam isto antes – da terceira instância foi Freud. Digo, então, que é preciso estar na primeira instância para fazer esta pergunta, pois, se me desloco ou mudo de registro, ela fica idiota.

O *Dao De Jing*, melhor qualificado no pensamento zen, é primoroso e primordial quanto a sacar isto com lucidez, e muito antes da psicanálise. Como

lhes disse da vez anterior, o melhor exercício contemporâneo para lidar com isto é o de François Jullien, sobretudo em seu último livro, *La Grande Image n'a pas de Forme ou du non-objet par la peinture*. (“A Grande Imagem não tem forma” – é uma frase de Lao Tsé). É aula de preparação do analista para entender a postura oriental, que estou sintetizando no pensamento chinês e mormente no pensamento zen (este, a coisa mais brilhante que apareceu na face do planeta antes da psicanálise). Eles descobriram uma contraposição entre o que chamo primeira instância do pensamento e a segunda, mas não vêm à terceira. Às vezes, até dão a impressão de vir, mas quem trouxe esta Terceira Instância foi a psicanálise (embora a maioria dos analistas ainda não tenha percebido isto). É um modo de posturar a mente que muda completamente a visão. Não tolero a existência suposta de psicanalista com cabeça de primeira instância, acho-a mentirosa. Freud tem responsabilidades aí, na medida em que sacou um modo diferente de pensar e o quis impor de maneira ocidental para poder vencer na vida. Teve até a pretensão de dizer que era ciência. Lacan quis ajeitar as coisas, estudou chinês, o zen e tirou do âmbito da ciência, mas acabou jogando no âmbito da filosofia. Não houve sustentação do discurso psicanalítico com sua especificidade. Mesmo o modo de Lacan dizer o que é este discurso dentro de suas formulinhas é ocidentalizante demais, ainda com vontade de falar de matemas. Considero um erro essa mania de querer convencer o Ocidente de que há outro tipo de pensamento. Há que convencer a partir de nosso próprio lugar, e não transformar em pensamento ocidental para convencer cientistas.

Quanto a mim, quero que os cientistas se danem, pois são menores, são incluíveis neste pensamento. Acho que a batalha do novo século, se pensamento psicanalítico ainda interessar, é dizer que são incluíveis. Há que fazer a loucura que já fiz de, por exemplo, mandar Heidegger para o divã, pois não vou deixar reduzirem um discurso a outro quando é o contrário. Heidegger é grande, mas pode ser incluído. É preciso ler qualquer coisa a partir desta visão. O próprio Freud tem que ser relido assim para vermos onde tropeçou. Se não, não o vemos fazendo um esforço de primeira instância para dizer a concepção que

teve da estrutura do Inconsciente e tropeçando e fazendo besteira a todo momento. Isto, com todas as desculpas, pois estava se virando, era o que podia fazer. E pior, nos momentos em que é ultrabrilhante ainda encontra algum imbecil para ler errado. Seu texto *Die Verneinung* é absolutamente brilhante, genial, e o pessoal o reduz a uma porcaria. Ele está dizendo que não há *não*, que só há *não* depois do *sim*. Isto, segundo a razão ocidental, não entra na cabeça, pois começa-se do *não*, da suposição de que toda oposição precisa colocar uma negação para funcionar. O pensamento ocidental é obsessivo, é igual ao analisando que só abre a boca já dizendo: “Não, mas...”

60. • P – *Outro dia um analista disse na tv que a psicanálise tem que sair do pedestal e ser mais democrática.*

A democracia que saia do pedestal e fique mais analítica – esta é a frase correta. Democracia, aliás, não existe: vivemos numa oligocracia, em que cada vez há mais licenças para as pessoas e elas acham que isto é libertação. A pasmaceira é de tal ordem que, se as pessoas sentem um pouco mais afrouxada a escorchação sobre elas, acham que é democrático. Devem é procurar quem manda no cu delas – a coisa é freudianamente anal.

• P – *E ainda temos junto o sujeito liberal.*

Se existisse liberalismo, teria dado tudo certo. Basta tirar o pé do freio do capitalismo para ver que tudo funciona. Os liberais vão tirar o pé do freio? Se tirarem, a oligarquia cai. E tem mais, não pode cair, se não, quem toma conta do mundo? A gentinha, que só sabe votar no candidato errado? A psicanálise não pode pensar com essas categorias imbecis. Outra dia, assisti na TV a uma grande discussão sobre problemas ecológicos, em que se dizia que estavam poluindo o mundo. Não ouvi ninguém dizer que a igreja católica é a maior fonte de poluição do planeta. Há coisa mais poluidora? Mas todos diziam que não se pode queimar a mata atlântica. Qualquer George W. Bush morreria de rir: “Tenho fósforo, como não posso queimar?”

• P – *Há algum tempo atrás, você falou da preparação do ator como exercício semelhante ao exercício do analista.*

Se estudarem a história do teatro, verão que poderíamos reduzi-la à tentativa de construir a idéia de ator. Há grande quantidade de nomes importantes no teatro ocidental empenhados nisto: Stanislavski, Artaud, Brecht... Quando falo no que seria o ator do ponto de vista da psicanálise, pode até parecer de longe com as coisas de Artaud, de Brecht, mas estou falando do ator que o psicanalista tem que ser: aquele que age e põe em cena. Mas já vi pessoas fazerem grande confusão e reduzirem o que supostamente teriam aprendido aqui conosco a experiências locais suas de vocação nitidamente stanislavskiana, substituindo um pensamento muito maior por um teatro idiota, ou seja, caindo no esgoto da coisa.

• P – *A Formação Analista não é, então, algo que precisamos construir por acréscimo? Se tomarmos a diferença entre via di porre e via di levare, teríamos que ir eliminando a sujeira para a formação emergir?*

Via di porre e via di levare são o pensamento escultural renascentista, que coloca que as duas têm uma forma anterior preconcebida. Logo, este não é um bom exemplo. Quando perguntam a Michelangelo como consegue fazer aquela *Pietà* maravilhosa, ele diz que é muito simples, pois basta tirar da pedra bruta o que está sobrando. É muito bonito, muito engraçadinho, mas falta um pedaço da frase, pois trata-se de tirar o que está sobrando do quê? Da *Pietà* que ele concebeu. Então, a forma está lá antes. A *via di porre* só pode ser feita com matérias macias como argila, etc., e não com um bloco de pedra. Neste caso, é *via di levare*: há que conceber a forma, ver se cabe no bloco e tirar o excesso, como diz Michelangelo. Não há isto na psicanálise, pois nada temos a colocar ou a tirar. **Não temos que enxergar forma alguma ou ver especificidade sintomática de ninguém, pois se estivermos vendo é porque é a nossa. Repito, se estamos procurando é porque a especificidade sintomática é nossa, e não do analisando. O que há a fazer é um fundo de indiferenciação para ela brotar sozinha e podermos enxergá-la.** Se estamos neutros, somos a tela: a coisa se projetará em nós. Portanto, é uma tolice pensar que, quando estamos tirando, não haja um conteúdo lá. O olho de Michelangelo já viu a *Pietà* dentro da pedra. Não é assim que o

analista faz. Diante de um bloco de pedra, diz: “Vire-se para se expressar, pois não estou vendo nada”.

• P – *Freud chegou ao umbigo do sonho. Não é de lá que temos que partir?*

Freud, para descobrir que era o umbigo, teve que fazer todo seu percurso, mas nós viemos depois. Já sabemos que **a postura inicial deve ser de absoluta indiferenciação: o campo tem que ser neutro para a coisa poder falar. O sintoma não se diz direito se já estivermos dizendo o que ele é.** O próprio analisando chega à análise com uma teoria a respeito de seu sintoma. E se não for aquilo? O que começamos a questionar é seu teorema, pois ele está mentindo, está fazendo uma teoria para encobrir seu sintoma, e não para sua explicitação. Então, a teoria que o analisando faz a respeito de si mesmo é uma teoria que ele fez a respeito do que não sabe – como fazem os cientistas, aliás.

Portanto, a atitude técnica de *porre* ou *levar* nada tem a ver. A análise não pode saber de saída – embora saiba demais, pois, se está aplicando uma teoria... Que se faça pouca, então, e só se aplique a teoria com a maior distância possível. **Não posso abrir mão – sinto muito se alguém não gostar – de que a postura inicial a ser sustentada é a de indiferenciação.** Se quiserem discutir isto, por favor discutam sempre e podem começar já, mas é a postura fundamental e qualquer outra está fora do meu escopo.

61. • P – *O tempo todo coloca-se a indiferença como desprezo ou faz-se a suposição de que ela é inatingível, quando trata-se de indiferenciar os sintomas em seus valores.*

E qualquer chinês sabe fazer isto. É barato, não é caro. Trata-se da mudança de parâmetros da primeira para a segunda instância a que me referi acima. Basta treinar a mente para entrar em processo de indiferenciação. O bobo ocidental, doentinho, fica pensando que indiferenciação é ficar no nirvana, quando não há isto nem no pensamento oriental. Indiferenciação é processo, não é indiferença: jamais conseguimos, estamos em processo. O pensamento

chinês não é como o bobo ocidental que, quando ouve o chinês falar ou escrever sobre plenitude, pensa que é totalidade. Não é assim no pensamento chinês ou no pensamento psicanalítico. Plenitude é movimento de encher. Só posso sentir plenitude quando está enchendo. É uma experiência corporal simples. A experiência de completude é experiência de preenchimento. E quando estiver completo? Aí já não é mais completo, acabou. O processo é de movimento entre alelos, e não um processo de recalque em que aqui é o completo e ali é o vazio. Vazio é quando você pode completar, completo é quando você pode esvaziar. Só podemos preencher um vazio. Por exemplo, uma experiência corporal que qualquer criança tem: se colocarmos a mão embaixo da torneira para colher a água, teremos que fazer um vazio, uma concha que apare a água. O *Chi* deles é a plenitude, pois é o vazio total. Vejam que é outra maneira de pensar.

No tipo de pensamento que estou chamando de terceira instância, não podemos – como, aliás, já não podemos no de segunda, mas aqui muito menos – não partir da experiência de análise. Há que partir da experiência de terceira instância: Haver diante de não-Haver e mais nada. Este ponto de partida me neutraliza diante de tudo. Não é a questão de ficar em equilíbrio discursivo – dialético, ou outro – entre duas oposições alélicas, e sim a experiência da porrada do Haver diante do não-Haver. Isso é terrível e é o que funda meu vazio, minha indiferença e me permite qualquer coisa. Quando volto para a segunda instância, caio na lama, mas de vez em quando tenho que me referir à experiência radical da psicanálise que é de terceira instância. Não adianta colocar nada para mim no nível de recalque, pois o recalcado retorna limpinho diante do meu olhar. A psicanálise é mais rica porque utiliza as três instâncias, mas primordialmente começa da terceira. Se é algo de começo ou de fim, como foi perguntado antes, o Haver que o responda. Para ser coerente comigo mesmo, se digo que a experiência da análise é rememoração, é anamnese, então já está lá: só posso encontrar no fim o que estava no começo. Se lá não estivesse, quem iria começar? Começou porque se rememorou sozinho. Por isso, aquela pergunta que me fizeram há pouco não tem resposta.

• P – *A maiêutica socrática seria o mesmo caso?*

Não sei, pois Platão dá um exemplo que funda a besteira ocidental ao dizer que Sócrates toma um escravo e mostra que este já sabia tal teorema de geometria em algum lugar. Mas *meu* Sócrates estava falando outra coisa: já existe originariamente uma base que só falta rememorar. Platão tem o prestígio de ser fundador do Ocidente, mas duvido que uma cabeça como a de Sócrates tivesse dito aquilo. Este, aliás, era para mim o máximo do máximo, não tal qual é descrito por ninguém, mas pela comoção que fez a seu redor. Suas indiferença e independência me pegaram na adolescência. Freud veio logo depois e, graçasadeus!, Marx veio bem depois.

Na segunda instância não há indiferenciação, e sim alelismo, aquilo que o chinês chama de alternância. François Jullien reclama uma indiferenciação para o chinês – e não vi outro autor, nem D. T. Suzuki, fazer esta leitura –, mas não como reclamo, na terceira instância, onde há exasperação da relação Haver/não-Haver. É por isso que, diante de situações drásticas e duras, o analista pode ficar sereno. Por exemplo, diante de um pedófilo, só estaremos vendo e tentando descobrir o que é sintoma do quê. Olha-se com indiferença tanto como a maçã cai quanto como o pedófilo age, pois, neste nível, é tudo igual. Há que escutar para ver se surge a diferença. Isto é importante, pois, em geral, as pessoas fazem juízos com as diferenças erradas e já aprontadas por uma cultura, o que é da ordem do cultural e jurídico e não do psicanalítico. Nem mesmo importa se o fato está me ferindo pessoalmente, pois, enquanto analista, nada tenho a ver pessoalmente com aquilo. Temos sempre que lembrar que não pode enxergar quem já está vendo através de certa lente.

Jullien tenta fazer entender que só podemos perceber as alternâncias, como oposições ou não, a partir de um fundo de indiferenciação. Acho até que ele está um pouco infectado pelo pensamento psicanalítico, pois nunca vi ninguém tratar o pensamento oriental como sendo de indiferenciação, só vi como alternância. Desconfio, portanto, que seja eco do Princípio de Neutralidade freudiano diante da escuta, que é o Princípio de Indiferenciação. Mas a idéia que me parece tipicamente oriental, chinesa, é: “Agüenta aí que a alternância

virá”. É uma idéia de alternância. Se estudarem os textos de Jullien, verão que ele não diz que se procura uma indiferença, e sim que há um fundo de indiferença em que todas as diferenças estão mergulhadas, o que já é muito bom. Por isso, acho que nos serve didaticamente, mas o que estou apontando me parece ser um passo além do que ele coloca sobre a postura chinesa, pois a indiferenciação é resultado espontâneo da terceira instância. Não tenho que ficar procurando indiferenciar, pois quando dialetizo, mesmo em análise, dentro da segunda instância, estou fazendo a alternância, o que cria certa indiferenciação. Se não valorizo mais um lado do que outro, estou também produzindo Revirão, mas o *status* da terceira instância *resulta* em indiferença. Não é preciso fazer esforço para indiferenciar, é preciso até ter cuidado, pois pode parecer melancólico: **indiferenciamos o mundo de tal maneira que zeramos os valores.**

• P – *Talvez pudéssemos dizer que, no século XX ocidental, onde a filosofia conseguiu mais ascese – e donde resultam esses entendimentos de fundo de indiferenciação – foi pela via da afirmação da imanência. Ela fez uma guerra dentro de si mesma com a questão da transcendência – para ela sempre configurada num transcendente, o velho Deus cartesiano, por exemplo –, e nessa guerra o máximo que conseguiu foi o entendimento, já outrora colocado do lado oriental, da imanência. Seria, portanto, a imanência que permite esse encaminhamento para um fundo de indiferenciação.*

É aí que entra Jullien. O fundo de imanência é o que homogeneiza o campo. A homogeneidade do campo de indiferença é, para ele, a mesma coisa que a ciência dizer que tudo é matéria. Então, quando ele diz que tudo é imanente, isso faz um campo de homogeneização e de indiferença, mas não é a mesma coisa que estou dizendo.

62. A postura mental de Jacques Derrida – e sei disto desde que o li há décadas – é nitidamente corânica, do mesmo modo que temos posturas de pensamento nitidamente judaicas, como é o caso de Freud. As religiões no pensamento ocidental são mais poderosas do que se imagina. Por exemplo, não podemos

nem fazer um movimento de heresia se não formos heréticos direito aí dentro. Por isso, me acusam de gnóstico. O que digo acaba tendo certo odor gnóstico até para poder confrontar hereticamente as três posições que são a afetação do planeta: judeu, cristão e muçulmano.

• P – *Talvez o pensamento da imanência seja a última tentativa de, por dentro dos três deuses, manter a suspensão, mas ainda com a idéia que esses três fazem. É, antes de Deleuze, Espinosa com Deus sive Natura. Ou seja, é a tentativa de superar por dentro, mas não se pode romper com os três jogando-os no lixo. A imanência desconfigura histórica e conceitualmente o rosto dos três, mas fica com o desenho, com o monismo dos três.*

Espinosa, Lacan, Deleuze, Derrida, todos caminham por aí, cada um tentando dar esta saída. Isto, ao invés de se lixarem para a imanência e pensar numa experiência que é compatível até com a estrutura do Haver e que caminha para o não-Haver. Porque penso assim, sempre tem alguém que diz que é gnose. Podem me chamar de gnóstico, pelo menos estarei livre de ser chamado de judeu, cristão ou maometano. Não quero compromisso com esses três. Freud fez grande esforço, até renegou o judaísmo, mas não conseguiu deixar de ser judeu. Aquele negócio de Édipo, por exemplo, que veio suscitar um delirante feito Jung a entrar com a tentativa de panteísmo. Aliás, eis um bom tema a ser pesquisado: como Freud conseguiu inventar a coisa nova que é a psicanálise com o cabresto preso no judaísmo, o que cria uma comoção no Inconsciente de discípulos como Jung e Reich, que não conseguiam tolerar isto e, embora não soubessem bem onde, viam que havia algo errado. Se aplicamos a psicanálise a Freud, vemos claramente seu desejo de vencer entre os góis. Entrou pelo cano, pois o tal góio não aceitou seu judaísmo. E Reich tampouco, pois foi delirar para o lado do orgônio e virar fisicalista. Há um sintoma na fundação da psicanálise, do qual é preciso se libertar. É um passado terrível que temos: cinco mil anos de cambulhada de judaísmo, cristianismo, islamismo – e ainda tem a filosofia no meio como tentativa de quarta religião que nunca deu certo, pois está sempre alugada a um dos outros três, nem que seja pelo avesso.

- P – *E ela esquece de personagens interessantes, como Pirro, Diógenes, Sócrates...*

Ela tem esses recursos internos e não se lembra, por exemplo, de Sócrates em estado puro, porque ele não aconteceu textualmente; esquece Diógenes, que estava literalmente, em público, cagando e andando. Assim também como os sofistas. Gente boa, e nenhum deles alugado. Não aceito compromisso da psicanálise com essas três e nem com a quarta. Por outro lado, quando encontramos gente pensando como esses citados, estão mais do meu lado. Nietzsche é mais ou menos, pois é uma raiva do cristianismo, mas está alugado pelo avesso. Tentar responder ao Ocidente é um erro. Mandá-lo às favas é que é a atitude saudável de hoje. E mais, o século XXI vai fazer isso espontaneamente. O fenômeno por si está sendo dissoluto, está dissolvendo as coisas, sobretudo mediante a tecnologia. Ninguém agüenta a dissolução tecnológica. O movimento no planeta está no sentido da dissolução disso tudo, mas pode não acontecer, e deteriorar antes.

05/JUL

63. O que há a dizer sobre a Nova Psicanálise, e o que é para ser escutado, é sua diferença, sempre sabendo que a tendência, o primeiro sintoma é a fala resvalar para o anterior, para o já sabido. Porém, mais grave que isto, é a suposição de que estejamos explicando alguma realidade, quando se trata de tomar posição dentro de uma diversidade de posturas. Falar em *postura* é perguntar a partir de que lugar se fala – e se alguém fica na dúvida, está no lugar errado. Lugar, neste caso, é lugar construído, lugar teórico. É muito comum pessoas que não se submetem radicalmente a uma disciplina teórica falarem de *coisas*. Por exemplo, falar sobre a “falta” como se fosse uma coisa, esquecendo que falta só existe na cabeça de quem tem a postura da falta. Portanto, se não quisermos explicar realidade alguma quando explicarmos a teoria, ou seja, quando quisermos saber qual é o lugar desde onde falamos, tudo sairá certo.

O esquema do **triângulo das culturas**, de que tratei no Falatório deste ano (itens 77-79, sobretudo), é fundamental. Quando falamos em falta, sujeito ou objeto somos gregos. Como sabem, não estou me referindo aos panacas da Grécia, e sim a toda uma estrutura ocidental em que entram judeus e muçulmanos, essa gente toda, o que é um negócio de certo lugar histórico e geográfico para cá – e isto é uma postura mental, e não uma realidade. François Jullien ensina que não há nada em oposição ao tal Ocidente, ao tal grego, que seja tão claro quanto o chinês, incluindo aí o japonês. São duas posturas radicalmente opostas. Tudo que uma diz, a outra diz o contrário. Entretanto, se quisermos entender as posturas, não cabe cair na tendência de supor que, para enfrentar o pensamento ocidental, temos que adotar a postura oriental. Há, sim, que passar por lá, e a própria postura da psicanálise não pode deixar de fazer isto, mas o que trago com o nome de psicanálise não é a postura oriental. Jullien é um autor importante para nós por ter uma formação grega de filósofo, ou seja, daquele francês ortodoxamente ocidental que, tentando pensar algo novo, tecnicamente (pois não acho que seja por gosto ou encantamento) procurou o oposto para questionar a filosofia. Ele foi lá, estudou profundamente a cultura e as línguas da China e do Japão para, mediante isto, conversar com o Ocidente. Na verdade, ele quer continuar filósofo, grego, com uma espécie de alternativa que o obrigue a pensar coisas novas ou pensar de novo com a informação e a experiência do outro lado. Por isso, explica esse outro lado tão bem.

Não estou fazendo filosofia. Minha suposição é de que, ao inventar a psicanálise, Freud lança mão de várias coisas do saber anterior para, querendo ou não, produzir, fundar um *terceiro lugar* a partir do qual se olha não por cima, mas por *fora* dos outros dois. Jullien justamente critica os missionários, aqueles que vão ao Oriente com a cabeça do Ocidente para catequizar e olhar de cima. A posição de Jullien é entender a China para trazer ao pensamento ocidental, o que não é a postura que suponho estar na psicanálise. Para mim, a psicanálise inventou uma tentativa de afastamento em que não se fica em nenhuma das duas posições. Digamos que até houvesse uma terceira posição possível de pensamento no planeta, mas nunca apareceu outra que não fosse grega ou

chinesa. Apareceu a psicanálise, que tem pensamento próprio, mas, praticamente, não tem conteúdo próprio: ela fica colhendo conteúdo dos outros, pois é só uma *posição*. A psicanálise não faz muito bem a cultura do mundo, e a que fez é mais para um folclore. Ela não é uma história, um país, e sim, repito, uma posição. E no que o é, tem que, nessa distância, considerar que fazem parte da estrutura, dos movimentos do pensamento, do Inconsciente, ambas as posturas. Tem, portanto, que saber andar em todas as terras. Como seu *parti pris* não pode ser grego, pois este é muito limitado, ela fica parecendo estar mais perto do chinês, mas ela é *depois* do chinês. O chinês, para ela, também é limitado.

A psicanálise não pode tomar o partido da Grécia porque esta vive de recalque e ela é a operação de suspensão dos recalques. Ela faz um pensamento baseado no entendimento do recalque como estrutura, mas não pode basear seu discurso no recalque. Ela convida o recalcado a falar. Não é que o pensamento chinês não tenha seus recalques, tem, se não, não seria nem cultura, mas tem a vontade alternativa, que é mais perto da psicanálise. Só que a psicanálise é mais, é disponibilidade radical, e não mera alternância. Então, quando luto contra as idéias de Outro, de sujeito, de objeto, não é que não se deva considerá-las, mas é preciso parar de considerar durante um tempo, pois são empecilhos para conseguirmos pensar. Depois de chegar lá, poderemos pensar que, aplicado o sujeito ocidentalmente, dará nisso, aplicada a alteridade, dará naquilo. Mas, para isso, há que refazer nossa cabeça. Se a fizermos pelo lado ocidental, ela nunca irá para outro lugar. Por isso, para a cabeça sair do lugar, temos que implicar com a filosofia e com o Ocidente.

64. Digo que não há *falta* estrutural alguma no pensamento da psicanálise. Falta é algo que pertence a Lacan, tem filiação filosófica. Onde está o aprisionamento de Lacan em relação ao século XXI? Freud, querendo ou não, é um homem de século XIX, não importa se tenha morrido em 1939. Lacan é um homem do século XX. Suas questões com a ciência e a filosofia, é tudo coisa ocidental. Como o Inconsciente e sua experiência de analista são mais fortes, ele vai resvalando e procurando a significação no Ocidente, o que vai

bater na topologia. Ou seja, faz um esforço enorme durante toda sua vida para, até como ocidental, dizer o mais abstratamente possível. Ele se vira com a lingüística saussuriana, a lógica matemática, etc., mas sempre preso ao vício do século 20. Quanto a nós, temos um problema, que nos foi dado, não fomos nós que o inventamos: tudo foi para o beleléu! Não foi porque eu quis ou gosto de ficar fazendo gracinha, e sim que, quando tomo o lacanismo para pensar e aplicar ao mundo, vejo que não adianta mais. Temos que entender que o desenvolvimento da tecnologia não é só grande, é assustador. Outro dia, li que, dentro de pouco tempo, a curva de produção de tecnologia se tornará uma reta vertical, ou seja, será assintótica a alguma coisa suposta no infinito. É impossível governar ou usar tudo isso, mas é um dissolvente universal que já está corroendo tudo. Quando falamos em tecnologia, não se trata de produção de *gadgets*, de máquinas de fazer coisinhas, e sim da reinvenção do pensamento. O grave é o nível computacional da coisa, que dissolve e explode tudo.

Conseqüentemente, não adianta falar em teorias sociológicas e políticas de inclusão, pois a política do futuro é necessariamente de exclusão. Isto porque não há outro jeito. A inclusão de que falam a todo momento, é algo daqui de baixo, do cotidiano, da distribuição da miséria: já que não se pode distribuir a renda, distribui-se a miséria para todos. No nível de mundo, o processo é de exclusão, de formação de guetos, de jardins zoológicos, de parques humanos. Quem quiser que entenda que a exclusão já começou e é irreversível, quem não quiser, que vire bicho. Pode até ser um bicho confortável, um animal que tem sua cidade, sua religião, sua tribo, seu grupo, mas que está fora da contemporaneidade e esperando morrer. Lacan morreu em 1981 e já é, para nós, mais velho do que Freud era para ele quando se pôs a refazer a psicanálise. O bando de lacanianos que vemos por aí vivendo do passado é um desses parques neo-etológicos. Portanto, para ser contemporâneo de si mesmo, acompanhar o mundo que está chegando, que está se abrindo, há que saltar fora e fazer outra cabeça, que possa olhar com o máximo de indiferença para as posições ocidental e oriental, o que significa ser capaz de usá-las adequadamente, não estar preso a nenhuma delas. Se for preciso, em certa situação,

considerar alteridade ou sujeito, considera-se, mas não se acredita naquilo, pois é apenas um modo de pensar que pode ser prático agoraqui. Se daqui a pouco não interessar mais, vai-se para outra.

Se puxo a brasa para o outro lado, é por saber que todos são viciados no lado de cá. É uma questão didática, pois nossa posição é terceira. É difícil falar de dentro dela, mas se não soubermos nos assentar nela, nada conseguiremos. Vejo muitas vezes as pessoas oscilarem quanto à questão da falta, a qual só o é do ponto de vista da consideração do pensamento ocidental. Então, podemos considerar como falta quando interessar? Sim, mas não podemos explicá-la como falta estrutural, pois não há falta alguma. O pensamento ocidental chama e constrói como falta, o oriental já não constrói assim, e o terceiro menos ainda, pois ela só tem é funcionalidade, não falta nada, a coisa é sempre excessiva. Alguém pode dizer que “sente falta”, mas só a sente quando “encareta” do lado de cá. As pessoas no Ocidente realmente sentem a falta que o Ocidente faz.

• P – *Falta é algo que não falta ao Ocidente.*

Observem que esta frase é, para Lacan, a definição da saúde. Se faltar a falta a alguém, ele é louco. A cabeça dele é tão ocidental que sua definição de saúde é não faltar a falta. Ele não pode não pensar assim, pois de certa forma re-insere a psicanálise no antro ocidental da filosofia.

De onde falo as coisas que digo? Tenho sempre que lembrar que minha referência é ao lugar terceiro. Se ficar oscilando, será o samba do crioulo doido: falarei um pedaço grego, um pedaço chinês e virará uma loucura. Mas o pior é que é para falar desse modo. Quando digo que não se deve falar assim, isto vale para aqueles que não conseguem sentar no lugar terceiro. Agora, se conseguirem, aí pode, pois é como se deve lidar com os analisandos: ora recorta-se gregamente, ora oscila-se orientalmente. Descartes podia duvidar de tudo, menos da dúvida. Onde, Descartes é uma besta. Ele tinha uma certeza, de que não podia duvidar da dúvida que tinha. Como não? O chinês que ouvir aquele “penso, logo sou”, pode muito bem pensar que Descartes está louco. Então, se Descartes não podia duvidar da dúvida que tinha, o chinês, que não

pode aceitar Descartes, é outro louco, outro estúpido. O problema do chinês é que, por mais que faça uma alternativa, não vai ao lugar terceiro, pois este anula sua postura. A psicanálise conversa com Descartes, com Confúcio, com todos. Ela sabe que são apenas modos de operação e que seu modo próprio de operação é poder entrar em qualquer deles.

• P – *O lema da Nova Psicanálise, “tudo é da ordem do conhecimento”, é indicativo disso. Para o chinês, se não aceita Descartes, tudo não é da ordem do conhecimento.*

O chinês fica com a impressão de que, se entrar na de Descartes, eliminará a alternativa. Como seu pensamento é alternativo, alternado, ele não vai lá. O psicanalista tem que ir lá. Para ele, há a hora de ser absolutamente cartesiano para enfrentar o sintoma que o é.

65. O que importa não é o mero funcionalismo, e sim a eficácia, o poder de performance. Em última instância, tudo fica mesmo cínico, como tenho dito em meu Falatório. O próprio Diógenes já é meio boboca, se pensarmos hoje que o cinismo do computador é extremo. Ele é grego demais, e não cínico o suficiente, pois, no final, moraliza sobre a sociedade. O que está havendo hoje, que chegou com a multifariedade de tecnologias, é uma posição de resvalo permanente. Isto significa que o mínimo de neura que alguém tenha, será deglutido pelo processo, será jogado no canto como uma televisão velha. O processo é de exclusão: as pessoas estão sendo e serão – serenamente e das mais variadas formas – excluídas da contemporaneidade. Por isso, digo que agora é que a psicanálise, ao invés de ter acabado ou estar em “crise”, tem condições de começar a existir. Ela não conseguiu existir direito até hoje por causa de sua mitologia, mas se torna algo que pode começar a existir com eficácia porque, se parte do lugar terceiro, escapa de todas as exclusões. As pessoas podem forçar você, por estarem vendo o signo errado, mas você escapa não importa sua idade, por exemplo. Se a postura estiver funcionando, a eficácia estará presente. Se não funcionar, dará na mesma ser porque a pessoa está velha, é burra, ou bateu com a cabeça na calçada. Se estiver funcionando, escapamos

de todas. Se tentarem situar você aqui, você estará ali, ou seja, você é igual ao sistema e o novo sistema não tem situação. Se você tiver situação, danou-se. Psicanálise hoje é criar o homem disponível.

Nunca a psicanálise foi tão necessária e tão útil. E mais, o que está chegando – já chegou – é da ordem da intervenção tecnológica, sobretudo computacional, no mundo. Então, como será quando isso virar política de fato e de direito? Em dez anos, a China dirá: “Aqui não!” Briga de Bush com islâmico é ninharia. Minha suposição é que a mentalidade do pessoal em volta de Bush – e ele não precisa tê-la, basta representá-la – está nessa fominha de pegar o Ocidente inteiro na mão por saber que a verdadeira luta será lá adiante e que, se aqui estiver fracionado, o outro ganha. É preciso entender que eles estão estrategicamente certos. Onde vai dar, não sei. Querem fazer um bloco só, porque é um bloco só, ficam fingindo diferenças que não existem. (É a mesma coisa que Derrida na psicanálise – aliás, quando vierem aí os Estados Gerais, não será o caso de chamar o Bush?) Não se sabe quem vai conseguir unificar, mas alguém vai – pode ser até a Europa, coisa de que duvido muito – querer a hegemonia do lado de cá, pois sabe que a batalha é outra com peso. Vá enfrentar a China daqui a dez anos...

Quando Freud se dá conta do que chama Inconsciente, fica procurando um lugar para isso. Coloca para cá, coloca para lá e nunca acha o lugar. Ele começa a querer fazer ciência, quebra a cara. Depois, chama a pulsão de mito. Ele não sabe o que fazer com aquilo. Nós hoje podemos entender que *Pulsão é a prótese do Haver* e que fundar assim a psicanálise é o que é capaz de confrontar o mundo que está chegando. Esta psicanálise é a mesma que, no cotidiano que ainda não se deu conta da atual situação do mundo, é capaz de promover condições de sobrevivência, ou seja, é capaz de ser análise. A burrice de cada um, por mais brilhante que seja, faz parte de sua época e é muito difícil de escapar dela, pois é a burrice de todos. Freud enfrenta o século XIX com Édipo, o que é uma piada hoje. Ele toma um mito e o reconstrói para explicar que as pessoas estão sofrendo por causa dele. O pior é que é verdade. É besteira e verdade, pois todos estavam constituídos assim, miticamente. Lacan

diz que, depois de tudo que acontecera, lingüística estrutural, etc., não dá mais para falar em Édipo. Recompõe, joga fora o mito e... constrói mitemas novos – não são matemas – com letras, etc., que, em vinte anos no mínimo, vão para o bebeléu. É preciso entender, como digo, que qualquer formação de pensamento, qualquer tipo de modo de pensar é apenas uma formação. É o mesmo que, de uma caixa de ferramentas, pegar um martelo ou um alicate. Cada coisa funciona de um jeito. Não cabe apaixonar-se pela formação pensante, se não, seremos estúpidos. Há que desprezar todas, ter total desprezo pelo pensamento, sempre sabendo que só pode desprezar o pensamento quem o tem. Quem não tem, não pode.

A postura de que lhes falo já entrou no mundo. Nós nos confundimos porque o parque aqui parece ainda estar funcionando igual a qualquer zoológico antigo. Vamos passando e vemos um camelo na janela, uma vaca lavando roupa, etc., mas não é assim que funciona mais. O novo funcionamento está indo em progressão geométrica e, quando chegar em certo número, o panorama mudará e ninguém conseguirá segurar. Já imaginaram como deve ser espantoso um índio ver as caravelas européias chegarem? Não é tão espantoso encontrar os índios, pois estão abaixo. Pois quando as caravelas chegarem hoje, o susto será mil vezes maior. É assustador porque todos os parâmetros se dissolvem, o que é muito pior do que a tal falta de fundamentos. É o mundo dissoluto: vale tudo. É o que chamo Quarto Império, o mundo d'Oespírito, puro vento.

- P – *Isto é entender a pura ficcionalidade de qualquer formação.*

É o que lhes disse sobre não adiantar essa coisa retrógrada de pensar que a especificidade, a particularidade – que não é singularidade – de cada caso, de cada analisando, deva ser levada em consideração. Não deve, pois é justamente ela que atrapalha. Se o analista partir daí, não se movimenta mais. Não é preciso procurar, é só deixar que a coisa aparece. O analista há que ser a água, para ela vir à tona. Dito de outro modo, é preciso considerar a particularidade sim, por isso mesmo não a consideremos, se não, ela não aparecerá ou aparecerá falseada. Lembrem-se de casos em que, na clínica, evadimos a situação. No que evadimos, percebemos onde dar uma futucada.

No que damos a futucada, o analisando recusa imediatamente e passa à repetição anos a fio. Há casos que são de grande simplicidade e clareza de entendimento justamente porque não quisemos escutar. Então, devemos apontar isto para ele? Não, pois se apontarmos, a resistência aumenta. Entretanto, há que apontar de algum momento – o que vai estragar um bocado. É raro encontrarmos pessoas com talento para serem analisados, aqueles que pegam o que foi apontado e aproveitam depressa. O analista nada pode fazer contra isso. O tal “poder do analista” é quase nenhum. Mas justo a dissolução do mundo de que falo é algo a nosso favor hoje. Quando o analisando bate de cara com ela e não sabe o que fazer, então acolhe a análise bem melhor – mas ele precisa ir a ela e perceber que é ele quem tem que mudar. A maioria, o pessoal do parque, não vai, e como está sobrevivendo bem com arroz com feijão, vai pastar até morrer. Houve um período em que o mundo atrapalhava, agora pode começar a ajudar. Antes, aquele que chamavam de obsessivo era acolhido pelo mundo. Hoje, o computador é mais obsessivo e, no que o é, produz séries que o outro obsessivo não produz. Como fica paralisado, está danado. Antes, era preciso o analista dizer que a pessoa era incompetente, pois ninguém lhe dizia. Agora, ela vai ao mundo, que lhe diz que ela não tem cacife, então, ela escuta um pouco. Tudo isto pode, na prática, virar a nosso favor.

A tal particularidade, de qualquer um de nós, é boba, fácil, de entendimento rápido. O difícil é mexer aí. O desperdício de tempo, de dinheiro, etc., que há num consultório é enorme. As pessoas levam anos pagando por não quererem sair do lugar. Bastava pegar um pedacinho e jogar para o alto que o resto iria junto. Minha experiência me leva a concluir que não jogam sobretudo porque o mundo dá apoio à permanência. No que o mundo começar a puxar o tapete, aí conseguiremos melhores resultados.

66. Estamos de novo em época de plena reificação dos conhecimentos e das teorias. Há pessoas que acreditam piamente que estão falando de alguma realidade quando estão falando de textos. “Teoria não impede de existir”, como dizia Charcot, mas se não tivermos rigor teórico, aí também acabou. Temos que

saber que quem governa as articulações da mente – do computadorzinho nosso – é o disquete que enfiamos. Então, não adiantam experiências, tesões ou sensibilidades, é preciso a fundamentação teórica mesmo. Temos que estudar muito, pois frases feitas e coisas sensíveis não adiantam. É preciso, portanto, um rigor muito grande ao falar sobre a Nova Psicanálise, se não, não percebem que rigorosamente escapamos das posições para as quais nos empurram. Algo que é bom explicar é que este programa é mais axiomático do que os de Freud e Lacan, portanto, mais fácil e mais simples. Há axiomas de base do qual as coisas derivam. Em Freud e Lacan, temos microteorias tentando se agrupar, mas não há lá, como aqui, uma macroteoria. Ela, por um lado, dispensa a proliferação de enunciados, e, por outro, nos faz falar muito, até demais. Com um texto de quinze páginas bem escritas, é possível entregar esta teoria a qualquer um, mas se quisermos falar a respeito, podemos produzir mil e quinhentas páginas por semestre. Por isso, é um programa – e prefiro dizer *programa* em vez de teoria – bem mais simples do que os anteriores. É um software bem pequeno.

Precisamos também saber que, ao contrário de achar que é mais simples, mais fácil, alguns fazem o mito contrário de que o que digo é ininteligível. Não sou Lacan, minhas frases são banais, uma bobagem, mas aqueles que dizem que é ininteligível o fazem para ter um motivo de não estudar. Então, já são contra de saída. Entretanto, a psicanálise é simples. São filósofos, analistas, franceses em geral que ficam numa procrastinação infinita, numa literatice inútil. O mais difícil em Freud e Lacan é que são tantas microteorias que uma não junta bem com a outra. Eu gostaria que nosso programa fosse cada vez mais limpo, de tal maneira que funcionasse onde fosse aplicado, que entrasse na era dos computadores, que fizesse uma disseminação no nível da quase ignorância. Não há uma porção de gente ignorante, praticamente analfabeta, que, no entanto, sabe usar as quatro operações? Deve haver um aparelho para operarmos nosso psiquismo com essa mesma simplicidade. Temos que chegar a um programinha mínimo, se não, o mundo não muda de era. Tomemos um exemplo de centenas de anos atrás. Imaginemos nós sentados em meio à patota de Pitágoras, discutindo longa e complicadamente banalidades aritméticas, que

hoje qualquer caixa de supermercado sabe usar. Digo assim porque, apesar de essas pessoas não terem grande acesso ao estudo, isso passou porque interessava. Então, como é uma banalidade, há que simplificar: a vida digital é banal, tudo se reduz a 0 e 1 – o que tira a arrogância de todos. A glória do século XXI é sabermos que as complexidades nascem de miudezas, de bobagens.

67. Ainda hoje, há gente que opõe radicalmente coisas que, em Freud, não são tão radicais, como pulsão de vida e pulsão de morte. Não há, nele, isso de a pulsão de morte ser o destrutivo. Ela é o que ajuda, pois é a mesma pulsão de vida. Por isso, Lacan pôde ler que não há pulsão que não seja de morte. Pôde ler porque entendeu o processo. Ou seja, o que digo sobre a Pulsão está em Freud e em Lacan. Há também aqueles que dizem que a repetição é necessariamente negativa. Repetição conteudizada é negativa, mas desconteudizada cria a diferença. Basta ler *Diferença e Repetição*, de Gilles Deleuze, para entender que não se sai da repetição. O fecundo é repetir o movimento pulsional e desgrudar dos conteúdos. É isto que vai à HiperDeterminação e cria: a própria repetição é que é criativa. É claro que Freud resvala, às vezes se perde em seus desenvolvimentos e fica fazendo diferenciações entre pulsão de morte e pulsão de vida, mas a conceituação de Pulsão está lá. Ele tem vocação e obediência dualistas, o que é diferente em meu programa, cuja vocação é monista: a dualidade é irreduzível, mas é consequência do movimento unitário. Freud não teve tempo de montar para si um Pleroma e, portanto, pensar que é um só; que, por isso mesmo, dá em dois; e que, porque tem dois, dá em dois elevado a dois (2^2). Por isso, eu o mandei voltar e fazer tudo novamente.

09/AGO

68. Negação não depende de recalque. No recalque, há negação. Se o Princípio de Catoptria rege todo o processo, em algum lugar a negação está embutida

nele como mera oposição, com ou sem recalque. Lá na última instância, pelo fato de não haver o não-Haver, o que acontece é recalque. Dá a impressão de que isto funda o *não*, mas, se digo que o Princípio de Catoptria é o princípio produtor de tudo, a negação já faz parte dele. Em nosso uso linguageiro, a forma é denegatória, mas, na estrutura do Haver, como é o Princípio de Catoptria que rege tudo, a negação e a afirmação estão nele embutidas. Em Lacan, faz sentido aproximar falta de negação, aqui não. A negação está disponível no Princípio de Catoptria, tanto é que encontramos lá em última instância, no regime do recalque, uma prova contundente de que algo se nega, mas ela não pode só estar lá. Se há Princípio de Catoptria, ela está embutida nele em algum lugar. A experiência de recalque, a porrada de *Não*, só a temos quando chegamos lá. No que vamos avessando, há uma hora em que é *Não*, é Haver / não-Haver, mas só temos esta contundência quanto a não-Haver lá longe. Quanto a *não*, isto está embutido. Repetindo, o Princípio de Catoptria gera e gere tudo que acontece no Haver e produz todo o movimento de não-Haver não há, etc. Então, não é preciso complicar, pois, se ele ali está, o *não* está dentro dele. Não pode não estar: se algo se afirma algo se nega.

Se tirarmos a negação de dentro do Princípio de Catoptria, o conceito de Revirão, que é o mais importante, perde a força de regência do processo. O Revirão é justamente o conceito, digamos, geometrizado de que temos *sim* e *não*. A máquina já é assim, já contém *não*: não é preciso ter nenhuma experiência de *não* para o *não* aparecer. Já, do Não-Haver, porque se costuma denegá-lo, só se tem experiência em última instância. Toda a questão é o rigor de acompanharmos esta maquininha.

• P – *Se a máquina é afirmação e traz embutida a negação, qual é o estatuto da negação para que possamos dizer que ela não depende do recalque?*

O estatuto da negação é simplesmente ser o avesso da afirmação, que está embutido no Revirão. Se há afirmação, o enantiomórfico comparece queira ou não. Negação não é no nível da negação do Haver. Então, se a concepção é de Revirão, de Princípio de Catoptria e se há afirmação nesse princípio, logo

há negação. Outra coisa, é dizer que não-Haver não há (Ã). Quando damos de cara com a não-havência do não-Haver, isto é a última instância do funcionamento do Princípio de Catoptria, onde comparece o Recalque Originário. Lembrem que o Princípio de Catoptria foi colocado primeiro: há Princípio de Catoptria, há enantiomorfismo. E porque há enantiomorfismo, não é possível, na última instância, não aparecer o não haver do não-Haver. Podemos dizer, compreensivelmente, que a constituição do Revirão se dá nesse lugar onde houve recalque, onde houve tudo, mas, se retirarmos a força do Princípio de Catoptria, onde buscaremos o não-Haver que lá aparece? Ele não aparecerá. Portanto, negação nada tem a ver com Recalque Originário, o qual nega que o não-Haver possa haver. Isto porque o princípio funciona.

A máquina que apresento é toda lubrificada, ela não erra. Se temos o Princípio de Catoptria, seu funcionamento acaba produzindo que o não-Haver não há, e não o contrário. Esbarramos no Recalque Originário por processamento do Princípio de Catoptria. Estou dizendo, então, que, de algum modo, dentro do próprio Princípio, tudo já está instalado: o enantiomorfismo garante tudo. Na última instância, comparece Recalque Originário porque o Princípio funciona. Lembrem, também, que comecei apresentando este aparelho como puro espelho, puro enantiomorfismo de radical instância e que daí se produz tudo. Se não, tirarei até a simplicidade do processo. Vejam que estou reafirmando Freud. Não confundir a estrutura da máquina com o funcionamento desta IdioFormação, em cujo funcionamento – que já vem com Recalque Primário, etc., e ainda terá que passar pela experiência do Recalque Originário, que é depois – não se pode dizer *não* sem ter dito *sim*. Não se pode dizer *não* no vazio. Mas na maquininha, no Princípio de Catoptria, *não* e *sim* têm a mesma potência porque *não* não nega nada e *sim* não afirma nada. Portanto, não há que confundir esses níveis. Dentro do Princípio, temos afirmação e negação. Do quê? De nada. Mas quando vai-se dizer algo, é impossível partir do *não*, não se pode abrir a boca para dizer *não* sem ser *não* a algo. É o que Freud demonstrou: toda vez que se diz *não*, está-se denegando, pois o *não* precisa ser aplicado a algo que foi afirmado. Mas no Princípio não é assim, é puro espelho: se diz *sim*,

diz *não*; se diz *não*, diz *sim* – a quê? Nada. É puro Princípio, pura Catoptria. Portanto, não podemos misturar o Princípio com os movimentos do Haver.

- P – *Não pode haver uma oposição independente de conteúdo?*

A oposição principal não depende de conteúdo. É puro espelho, o qual só funciona e faz o enantiomorfismo de algo que se põe diante dele. Se não pusermos nada, nada aparece. Ele tem o enantiomorfismo funcionando: positivo e negativo, *sim* e *não* vazios. Se algo é colocado diante dele, é pura afirmação, pois ele só pode dizer *não* a algo que foi colocado. Então, se o espelho faz o enantiomorfismo, não pode fazê-lo se não colocarmos nada diante dele. É o que Freud quis dizer quando afirmou que é denegatório. Digo de outro modo, que, diante do espelho, um grão que compareça de sujeira é afirmativo, mas o espelho é positivo e negativo, afirmativo e negativo, ele é tudo. A chance de *não* está nele. Só que ele não pode dizer *não* ao que não se disse *sim*. É o problema colocado por Erwin Schrödinger: “Não há um gato sobre a mesa”. O não-gato sobre a mesa não é possível, há que colocar o gato e tirá-lo. Mas o *não* é possível. A quê? Nada. E isto que estou dizendo não está nem em Freud nem em Lacan, pois eles não têm o Princípio de Catoptria. Então, o Princípio de Denegação ocorre quando se nega algo posto. Negar o gato é denegatório, pois não se pode negar o que não foi afirmado. É só isto que está na cabeça de Freud. Não tem nenhum mistério, ele só tinha dificuldade de explicar que é impossível negar sem afirmar. Negar: verbo *negar* aplicado. Negação: o *não* está no Princípio de Catoptria – se não, este não existiria como enantiomorfismo radical. Isto de tal maneira que todos os enantiomorfismos cabem lá dentro, mas sobretudo o de *sim* e *não*, o de acender a luz aqui e apagar do outro lado, enantiomorfismos de que não temos o hábito em nosso mundo, mas que, em nossa mente, fazemos.

- P – *O Princípio de Denegação pode vir sem recalque?*

Não pode vir sem o Recalque Originário já posto, sem os Recalques Secundários e Primários. Está-se denegando dentro da máquina em funcionamento com suas formações comparecendo diante do espelho. Quando as formações aí comparecem, não se pode negá-las sem estar denegando.

Vejam que o Princípio de Catoptria, como o nome está dizendo, é só princípio. Pode-se avessar longamente todas as formações, pois, lá na última instância, vai-se dar de cara com o não-Haver.

69. • P – *A confusão de princípio com falta não viria de colocarmos o não-Haver como princípio, por exemplo?*

Lacan copia o que Freud dissera sobre o tal objeto fundamentalmente perdido e constitui a falta como princípio. Freud não estava mentindo, pois, uma vez que partiu do laboratório que tinha, encontrava isso nas pessoas, encontrava Édipo, etc. A seu teorema é que cabia ultrapassar esse nível. Só ultrapassou com o *Além do Princípio do Prazer*, mas não soube retomar tudo mediante a nova lente. Quanto a mim, vi que a falta não é princípio e pensei que o princípio é de catoptria. Portanto, não há falta de espécie alguma no Original. Há, sim, o excessivo – e quando aplicamos qualquer coisa surge a falta: o excessivo é que produz a falta, a falta não produz nada. Como Lacan coloca a linguagem antes de tudo, para ele, a falta é constitutiva do Inconsciente. Ou seja, em vez de pôr o Princípio de Catoptria, põe a linguagem – que, aliás, ele não sabe o que é. Para mim, é o contrário. Porque há o Princípio de Catoptria, em última instância aparece o Recalque Originário; e porque aparece o Recalque Originário e o Revirão se mostra como máquina produtora de tudo, daí vem a linguagem. Se temos germes de formações articuladas no próprio Primário, na própria matéria do Haver, isso não pode não ser já assentamento para o que chamamos de linguagem. Lacan coloca o ser falante (*le parlêtre*) como de uma originalidade radical: no que surge o tal falante, que põe a linguagem no mundo ou que recebe o significante de Deus – ou sei lá de quem –, tudo se faz. O que digo é que o Revirão está no Haver, que apenas se repete aí dentro. É muita pretensão da humanidade pensar que a linguagem – incompetente, extremamente ruim – que falamos seja fundadora de algo. Considerarei pretensiosa a postura lacaniana. Sou mais humilde.

Por que digo que Lacan é cristão? Porque, nele, há toda uma origem judaico-cristã e, por tabela, também islâmica, de que tudo é montado sobre a

falta, o sofrimento, o doloroso... Não há isto no budismo. Freud, como judeu, também não conseguiu escapar de que, ideologicamente, se não filosoficamente, lhe meteram na cabeça a falta. Não podemos esquecer que, antes de filosofia, ciência, etc., há religião impondo e que é preciso lutar com ela para ter um mínimo de clareza. Nem nos gregos encontramos essa vontade de falta. Eles são mágicos: se falta algo, Zeus dá um jeito, muda de sexo, faz qualquer negócio. Judeu é que sofre debaixo de uma falta, o que foi parar no pensamento ocidental. Vejam que o princípio da falta está lá desde a origem. Freud e Lacan não souberam se afastar dele. O próprio Lacan declara que o nosso pensamento vem do judaísmo. Freud fica em conflito, acha que precisa de algo fora do judaísmo para não ser um gaiato internacional, e tem aquele caso esquisito com Jung. O pensamento judeu-cristão não é senão, através do Mediterrâneo, uma cópula greco-judaica. E coloco o árabe no mesmo pacote ocidental.

Este pensamento ocidental não nos serve. O Oriente não coloca falta ou Deus transcendente, existem metamorfoses e transformações no Haver. Mas é meu pensamento que diz que a coisa é excessiva: se colocada para movimentar, prolifera. Isto é perfeitamente compatível com a idéia de Stephen Wolfram e outros de que um pequeno autômato celular excede a ponto de ser incalculável – o que é fundamental, pois todo o Haver pode ter sido função de um único autômato mínimo. Ele prolifera excessiva e aleatoriamente. Ninguém sabe dizer por que, mas sabe acompanhar e mostrar que é assim. Wolfram diz que uma só gota de informação fez isso tudo. Não confundir o excessivo com o fato de que, no seio das modalizações, aparece a falta porque aparece o contorno. Se aparece a exclusão dizendo *não* a algumas formações, é claro que aparece a falta, mas ela não é originária, não está lá, é apenas uma retumbância do não-Haver no Haver. Essa limitação, mesmo não havendo, ressoa no Haver. Vejam que, em meu teorema, uma vez colocada a base correta, tudo decorre com a maior facilidade. Não cabe aqui decorar os passos dados. É, sim, preciso colocar a postura da teoria e depois procurar que a decorrência será necessária. É como matemática: se colocar o número certo, a conta dará certo.

- P – *O excessivo tem a ver com a pulsão? A pulsão é excessiva?*

A pulsão é só a força neutra que há dentro disso, a qual opera no Princípio de Catoptria. Logo, é excessiva, é pura força constante, se quiserem, como diz Freud. Se o físico português, João Magueijo, tirar a constância da velocidade da luz, ele pode fazê-lo, mas pergunto: a constância da força da pulsão não será de fato aquilo que, em última instância, foi dito por Einstein como sendo da luz? Quando Freud diz *konstante Kraft*, está dizendo que a única constância do Haver é a pulsão. Einstein teria sacado a pulsão na luz e o outro está dizendo que nem a luz é assim. Estou, então, reafirmando einsteinianamente que a única constância do universo é a força da pulsão e todo o resto depende de como se maneja essa constância. Se for igual à fórmula $E=mc^2$, o *c* chama-se: pulsão. Faço questão de encontrar isso no Haver. Não faço distância entre o psiquismo humano como Inconsciente e o Haver. Para ter sucesso onde o paranóico fracassou, há que ser paranóico para valer. O que acontece no (In)Consciente é Haver. Nietzsche, por exemplo, é mais parana que Freud. Gosto da paranóia dele: “Sou todos os nomes da história”. Quem escreveu a obra de Freud? Eu, claro! Vocês achavam que fosse quem?

70. O que quer que se diga é da ordem do conhecimento, e não pode não ser. A tal epistemologia é um regionalismo neurótico da Grécia. Como algo, uma folha de árvore, por exemplo, pode se exprimir se não for conhecimento de Haver? Não pode. Outra coisa, é querermos fazer a suposição de um conhecimento metalingüístico sobre aquele conhecimento. Ou seja, como temos a pretensão grega de fazer um mapeamento do pensamento sobre a coisa, aparece essa arrogância toda.

- P – *O que você denuncia como cruzamento do grego com judeu-cristão é não conseguirmos nos livrar do acoplamento do Ser com o Haver e entender que há uma disjunção radical? Ou seja, há o Haver, parte-se daí.*

No pensamento ocidental, a coisa está acoplada. Ser e Haver são a mesma coisa. O defeito é aí. Não há a disjunção de saber que Ser, este sim, é algo da ordem da linguagem. É a falação que faz Ser. Tanto é verdade que o

pobrezinho do Heidegger, espremendo sua cuca, foi supor que havia uma palavra plena originária lá no começo da Grécia. Ser é isso, uma coisa boba de que sofrem os filósofos: essa falação idiota que não chega a lugar algum.

Por que digo **só há fatos, não há interpretações**? Só há Formações do Haver – é a isso que chamo de fatos. A suposição de que uma dessas Formações do Haver seja interpretação de outra é pura vontade frustrada de metalinguagem. Uma formação pode co-mover outra, mas não a interpreta, isto é, não a explica, não a resolve enquanto formação. Pode, sim, deslocá-la, fazer alguma força contra ou a favor, etc., enquanto formação ad-jeta (que está ao lado dela). Outra coisa, é a análise – *ana-lyse* – de uma formação, isto é, seu desmembramento em formações constituintes, o que não é interpretação, e sim quebrar em partes. Poderiam objetar que, se a NovaMente considera que o Haver é homogêneo, então haveria interpretação, alguma coisa poderia interpretar outra. Isto não cabe, pois, se o Haver é homogêneo em última instância, suas formações em instâncias cada vez mais cadentes são fechadas, não permitindo nenhuma metalinguagem. Uma formação, que tem seu fechamento, nunca será metalinguagem de outra, o que não impede que, considerada uma formação *x*, algumas formações, *a*, *b* e *c*, sejam mais eficazes do que outras em sua aproximação e sua co-moção. Eficácia porque as forças são compatíveis com esse movimento: algumas formações conseguem maior ressonância com a formação dada. Onde, no nível compatível e com alguma modificação, não haver necessidade de jogar fora o conceito de *adequação*, de Aristóteles. Nele, é, por exemplo, a adequação entre a mente e determinado objeto, o que está ruim, mas podemos usá-lo se o colocarmos no devido lugar. Falo de adequação há tempo. Uma das coisas erradas no livro de Maria Luiza Kahl, *A Interpretação do Sonho de Freud* (Santa Maria: UFSM, 2000, 224 p), é, talvez procurando “limpar a barra” do que eu dissera, não entender que há adequação como ressonância entre formações, ou seja, adequação entre quaisquer formações que sejam ressonantes, e não entre mente e objeto como em Aristóteles. É, portanto, possível e deve-se utilizar o conceito de adequação.

Por que algumas ciências tomam uma formação como se fosse interpretação ou explicação de outra? Porque, em algum lugar, elas têm uma adequação maior. Por isso, podemos falar em progresso da ciência quando, por exemplo, cientistas inventam uma formação nova – que não é interpretação –, a qual é inventada na ressonância com outra formação e, quanto mais adequada for, mais move essa outra formação. O pensamento grego achou que isto fosse a mente conseguindo mapear o objeto, quando são formações transáveis entre si, às vezes até acopláveis. Faz muita diferença imaginarmos que formações são adequadas a formações e pensar que há uma mente que faz a adequação às coisas. Isto porque as formações que são adequadas entre si podem não ter sido produzidas por uma mente humana. Podemos encontrar no mundo formações adequadas a co-mover formações. A coisa é genérica, nenhuma é anterior a outra, e não há uma mente que vai buscar a formação que lá estava dada: as coisas se encontram como formações, de qualquer nível. Como vêm, não estou considerando sujeito ou objeto, e sim formações transando com formações.

Adequação é: numa consideração, há formações que são mais adequadas no sentido da *eficácia* do que outras, ou seja, são mais eficazes em co-mover, mover junto, a outra. Elas se movem de algum modo em consonância, co-movem-se uma a outra. Alguém supõe estar falando de outra coisa, de um objeto (no sentido da ciência), de uma formação que percebe de algum modo, anota a impressão que tem de estar anotando seus elementos – o que já é produzir outra formação –, depois manipula outra formação que parece transar bem com essa e chama isto de conhecimento, de ciência. Não há nenhum sujeito, nenhum objeto: as formações transaram entre si. Se ficarmos supondo que há uma autoria subjetiva fazendo isto, não entenderemos que não foi sujeito algum do lado de cá que tomou a iniciativa, e sim outra formação implicada e implicante que entrou em jogo. E entrou porque entrou. Como a gente frequentemente se esquece de perguntar por que resolvemos fazer tal pesquisa no laboratório, achamos que foi porque somos um sujeito que tomou o objeto. Resolvemos porque somos um energúmeno, um títere que foi co-movido em

suas formações a levar a isso. Elas é que estão transando e as pessoas ficam *se* atribuindo essa posição. Nosso tipo de pergunta é: este “se” aí é quem? Se não fizermos assim, ficaremos em nossos consultórios, como os lacanianos, olhando para a cara do tal sujeito. O que lá vemos são formações aparecerem. Não entendemos nada, mas, de vez em quando, uma se acopla e em nós acontece outra que pega e mexe naquilo. É mais aleatório do que se supõe. E aleatório não é de araque, pois há que acontecer o jogo entre as formações.

• P – *O máximo que certos psicanalistas conseguem pensar é que a psicanálise não é uma ciência como a ciência se desenha com seus protocolos, mas que ela é um saber científico. Para eles, a observação de uma formação não resulta numa objetividade porque existe um sujeito que participa também dessa observação. Então, o saber psicanalítico não é objetivo, mas precisam supor que há uma transa de um sujeito com o objeto observado. Seria, segundo eles, uma nova forma de ver a epistemologia.*

Não há nova epistemologia alguma aí, pois é o que acontece entre onda e partícula, por exemplo, no teorema de Schrödinger. O que estão querendo dizer, tomando da física, é que o observador é quem cria a situação: em havendo um sujeito em jogo, sua presença modifica a situação. Não é preciso de sujeito, pois há muitas formações em jogo. Se é onda ou partícula, pouco interessa, aquilo há. A transa entre formações é que determina o resultado. Numa porção de formações, se elas empurrarem para cá, como aquilo é compatível, vai; se empurrarem para lá, aquilo também é compatível, então vai. Só sei que é compatível, adequado às formações que estão em jogo. Poderiam argumentar que, pensando como estou dizendo, o objeto seria maluco porque vale para os dois lados. Não sei se é ou não, pois quando o colocamos assim, ele faz assim; quando o colocamos assado, ele faz assado. É como alguém tomar o autômato celular e querer acompanhar cada passo para saber como se faz para chegar ali. Nunca se saberá.

• P – *Você diria, por exemplo, que o navio foi inventado pelo mar?*

Vocês diriam que alguém inventou o navio? Não se viu um pedaço de pau boiando? Já não estava tudo lá? As formações bateram e aquilo foi colhido.

Notem que, por outro lado, há inúmeros débeis mentais nos quais as formações não batem, aquilo não entra, nada aprendem com as formações que estão aí. São aquele tipo de imbecil em que tudo tem que passar pelo ensino que lhes deram. Se não passou por lá, não existe. Não se consegue levar uma pessoa dessas a uma realidade para experimentar. Se não disseram na escola, então não está lá. A postura de que lhes falo é completamente outra. Não tem sujeito ou indivíduo aí. Aliás, como teria indivíduo, se ele é todo dividido? Há uma casca, coisa que televisão também tem. Mexemos nuns botões e aparecem coisas incríveis.

- P – *O navio não é construído por uma IdioFormação?*

Nada pode ser construído por uma IdioFormação. Se pensarmos que pode, estaremos de novo em busca da réplica do sujeito. IdioFormação é *idiotia*, pura idiotia, na medida em que, quando nela bate uma formação, ela fica aquilo.

- P – *Segundo essa medida, o mar não teria sido inventado pelo navio?*

Quando os dois estão ali, não sei. Se há uma IdioFormação presente, dentro da qual há formações, as formações de lá batem aqui, têm ressonância, outras formações aparecem e há também a HiperDeterminação, que causa um acontecimento. Então, navio e mar são maneira de dizer, pois toda apropriação é indébita. Proudhon é quem tinha razão: a propriedade é um roubo, ou seja, depende dos poderes que temos de nos apropriar. Se tivermos um império com um grande exército, olharemos do outro lado do Mediterrâneo e, ao vermos outro império meio mixuruca, diremos: “A partir de hoje, vocês nos pagarão royalties senão os arrasaremos”. Por isso, a apropriação que um conjunto de forças faz de algo é a responsável pela emergência da idéia de sujeito. Observem que esta idéia vem do fato de que um conjunto de forças se apropria de algo, e as pessoas pensam que alguém fez isso ou aquilo. Não fez. Sujeito é a visão ocidental. Quando lidamos ocidentalmente com as coisas, fazemos o fingimento de um centro que se apropria. Mas a postura da Nova Psicanálise é mais radical do que a do Oriente, que ainda fica alternando, oscilando, esquivando-se entre oposições. **É a postura da Indiferença.** Não é de levar as oposições em

consideração alternativamente, e sim de se lixar para elas, pois a oposição que interessa é aquela última entre Haver e não-Haver. Quando nos lixamos para as oposições, elas se tornam nítidas e podem ser manejadas.

- P – *Não há aí no exemplo do navio e do mar uma questão prévia entre a analogia e a questão da mimese?*

Isso se dá entre formações, do mesmo modo que falei em *adequatio*.

- P – *A adequatio é resultante do processo?*

O processo é mimético, transacional: há transa entre formações. Se mimetizarmos uma formação, teremos formações mimetizando aquela formação, o que não quer dizer que estejamos mimetizando tudo que é possível naquilo que olhamos. Se desenhar este copo que está em minha mão com o máximo de nitidez – mais que visualística, oftálmica mesmo – do que acontece aqui, fiz a mimese dessa formação? Não. Fiz a mimese da formação que fiz. Há uma porção de coisas aqui que não passaram para lá. Estou mimetizando uma formação. As pessoas se enganam justo aí. Não estou falando de coisa, e sim da formação que bateu em mim e que também lá está, eventualmente. Mas tudo que está lá é tudo que está cá? Não sei. Procuremos. A confusão no Ocidente foi tomar a mimese, supor que ela podia dar conta da realidade e que fazer isto fosse ciência. A ciência pega formações que ela constrói. Quando alguém supõe estar fazendo uma interpretação, o que está acontecendo realmente é que está produzindo outro fato, outra formação, uma nova formação, mesmo que esta tenha sido motivada por outra formação. O engano do tolo está em olhar para a coisa, produzir um fato novo e dizer que aquilo é isto. De onde tirou a cópula “é isto”?

As noções de semelhança, similaridade, simetria, homologia, proporcionalidade, etc., estão encaixadas na idéia de *analogia*. Se um índio escutar uma ressonância do vento batendo na folha no momento em que acontece tal coisa, dirá que aquilo é análogo a isto. E é, só que numa analogia pobre, não muito eficaz para se operar no mundo. Ele passará o resto da vida procurando aquele barulho, a tribo se reunirá e se curvará diante do fato de que acharam uma analogia... Aí um Lévi-Strauss dirá que o sistema dos índios é tão

lógico quanto o sistema científico. Sim, e daí? Resta saber se é mais rico ou mais pobre em termos de intervenção, de eficácia. Não me digam que os índios estão sem interesse na eficácia. Eles querem, por exemplo, que chova, mas a eficácia deles é ruim. É preciso procurar outras analogias mais eficazes. O que Lévi-Strauss descobre é a obviedade de que os modelos são os mesmos. Raciocinar feito índio ou feito Einstein é a mesma coisa, mas qual é o mais rico, o mais eficaz, o mais poderoso? Em última instância, tudo começa e termina no poder. O verbo não devia ser Haver, e sim Poder. É isso que interessa. Reconheço que no começo e no fim é poder, mas não igualo Haver a Poder, ou seja, não coloco a equação: Haver = Poder, mas nada há sem poder – esta é a coisa mais escamoteada no pensamento ocidental. Sempre se finge que não é o poder que está em jogo. Mesmo quando Deleuze diz que Nietzsche não está falando de poder, e sim de potência, está errado. Poder é o verbo *poder*: eu posso, é meu, eu quero. Se você for mais fraco, posso lhe dar uma porrada – isto é poder. Não darei porque a polícia me pega depois – também é poder. Jamais fugimos do estatuto do poder. O que alguém quer? Poder cada vez mais. Mas alguns podem argumentar que santos e místicos não estão nessa. Neles, o poder máximo: é o “foda-se!” mais radical – querer poder mandar tudo, inclusive Deus, às favas. Eles se sentem poderosíssimos. Por isso, ficam naquele estado maravilhoso. Há que ser muito poderoso para poder dispensar tudo.

- P – *Na geometria não euclidiana não existe interpretação?*

Existe, pois não passa de ser uma geometria. Quando estou lutando contra a idéia de interpretação é contra a idéia sobretudo de sustentar qualquer leitura como leitura pura e simplesmente. Se estou dizendo tudo que digo e isso se condensa num teorema, já interpretei. Há interpretação sempre. É preciso desacreditar, suspender a interpretação, pois é só uma formação que surgiu aí. Quando digo a vocês aqui que pensem segundo o argumento que trouxe, estou fazendo a cabeça de vocês, estou interpretando. Mas estou apenas colocando um fato novo e digo que não é interpretação porque suspendo para trás. Para trás há outros fatos. A idéia de interpretação é ruim na medida em que há uma espécie de aposta na correção e na correspondência perfeita. Isto é muito

violento. Basta tomar, por exemplo, no Velho Testamento, o tal José que interpreta o sonho do faraó. A magia de quem escreveu o texto está em que o faraó conta um sonho óbvio – óbvio não é que vá acontecer algo no Egito, e sim que as vacas fizeram isso assim assim no sonho – e mistura com a história do Egito. O texto ainda garante que foi mesmo assim, na realidade. Outro exemplo é a pítia de Delfos, que sempre diz algo sem sentido. Já notaram que nunca é resposta, é sempre uma pergunta? Portanto, estamos apenas produzindo formações que apostamos que tenham alguma congruência com outras formações que fizeram problema. Não se deve colocar a realidade no meio. São formações que produzimos na esperança idiota de que tenham alguma congruência com outras formações que a habitaram como questão.

- P – *A neurose é a recusa de admitir o fato novo?*

Por isso, disse que é Morfose Estacionária, é estagnação, paralisia. Se fizermos o exercício de, sozinhos em silêncio, anotar tudo o que aprendemos de dez anos para cá, verificaremos, na grande maioria dos casos, que foi nada. Em geral, as pessoas aprendem até os dezoito, vinte anos e depois decoram umas coisas e ficam repetindo. Isto não é aprender, não é uma mudança, uma postura diferente. Estou falando de coisas até bobas do cotidiano, dos cacoetes repetitivos que as pessoas têm, que sempre dão errado e elas não aprendem outra coisa para colocar no lugar.

71. *Criatividade* é mera manipulação e acoplamento das coisas, sempre resulta em outra coisa. *Criação*, vai acontecer, é HiperDeterminação, um acontecimento.

- P – *Mas é preciso uma IdioFormação capaz de anotar aquilo...*

IdioFormação não anota nada. Quem anota são as formações em jogo: anotam mais uma formação que surgiu diante delas. Se alguma IdioFormação pudesse anotar alguma coisa, já saberíamos tudo. São algumas formações para as quais surge uma formação que, seja por percepção ou outra coisa, se inscreve imediatamente e começa a transar com elas. O que há de novo é que aquilo nunca surgiu diante de outras formações que pudessem colhê-lo. Se formos à

psicologia, poderemos ver que, numa formação chamada processo perceptivo, de repente, no que há uma HiperDeterminação, dá um branco e uma percepção, que nunca tinha sido realizada, entra nova. Bateu, virou uma formação aqui e, no que conversa com as outras formações, aparece o novo. Temos que supor que as pessoas vêem tudo? Não vêem. É só ler um texto científico antigo para constatar quanta tolice as pessoas estavam vendo. Ou seja, está tudo diante do nariz, só que não vemos. Repetindo: algum acontecimento chega à HiperDeterminação, escapa das oposições internas, torna-se indiferente, dá um branco, aparece uma superfície de inscrição que pode inscrever algo que lá está e que nunca foi inscrito, e queima o filme. Queimado o filme, há uma formação nova que transa com as outras. Aí, começamos a falar belezuras e artísticas, mas aquilo apenas *aconteceu*.

Quando citamos um autor, seu nome é só uma sigla de referência. Não podemos dizer que a obra seja dele, pois, primeiro, todas as formações que lá estavam antes de lhe ocorrer algo novo não eram dele, e sim do texto da marionete. Segundo, quando acontece o algo novo, se não é dele é de quem? Como ele estava ali na hora, foi quem se *apropriou*. Na guerra das carnes, das comidas, quem primeiro meter a mão no pernil é o dono, sobretudo se tiver muque maior. Não podemos confundir apropriação com autoria, ou seja, não podemos confundir a guerra das máquinas de nível inferior com emergência. Quando um jogador de futebol ou um músico popular se apropria e fica milionário, é porque o processo de apropriação no mundo é a favor daquela potência. E mais, alguém estar no processo de apropriação também precisa ter poderes para isso – por exemplo, estar inserido numa sociedade onde o princípio de propriedade seja fundamental, onde haja polícia, etc. –, se não, tomam dele. O princípio de apropriação está no mais primitivo dos animais, e se considerarmos os planetas, veremos que, pela simples força de maior gravitação, uma estrela come a outra, ou seja, determinada formação se apropria de outra. Portanto, onde se intensifica algum quantum de libido, de tesão, de pulsão, podemos esperar que lá vem porrada. Basta assistir na televisão o *Animal Planet*, para ver os bichos comendo, dilacerando um outro. A vida é isso.

- P – *Mas se está tudo aqui, tudo não é criatividade?*

Está tudo dado. Se não está dado diretamente, está dado como avesso catóptrico. Não há nada que não seja dado. Não há nada de novo sob o sol – como dizia Salomão. A tecnologia nos mostra bem a criatividade, pois é algo que se reproduz, como um bicho: basta colocar tal maquininha para transar com outra que dará aquela outra. Ou seja, acoplou isto com aquilo dá como resultado elementos disso e elementos daquilo. Já a *criação* é quando algo se cria para o que não está anotado, algo que nunca entrara no registro, pelo menos da história desta humanidade. A formação nova não pode surgir sozinha, e sim porque do outro lado encontrou um espelho, um campo de registro adequado que depende inclusive das formações que aqui estão inscritas, as quais, aliás, constituem um espelho típico, e não um espelho radical. Existem n espelhos típicos, e se aqui for constituído certo tipo de espelho, quando a coisa aparecer ele registrará. E porque esse espelho está constituído em alguém, este se aproveita disso para se apropriar. HiperDeterminação ocorre quando alguém suspende todos os saberes e deixa a coisa funcionar. Quando alguém é neutro, não tem partido, aí a coisa entra. As pessoas não enxergam porque estão enxergando. Se estamos olhando para algo, não vemos o outro algo. Se olharmos para nada, pode ser que algo passe e seja registrável pelas formações que estão aqui, as quais passaram a constituir isso como espelho novo, justo por causa de sua indiferença. É o contrário do que costumamos dizer. Do ponto de vista do olho, há que focalizar. Do ponto de vista que estou trazendo, se focalizar, não se enxerga mais. É tudo franjal.

- P – *É este registro que foi lido como representação?*

O ruim da noção de representação foi terem suposto que a realidade se representasse tal como é na mente de alguém. Não entenderam que há formações que se inscrevem para cá, mas aqui não há representação de lá. O que há aqui, há lá – é um saber radical, só que parciário. Se se inscreveu aqui é porque está lá. Então, não está representando, é a mesma coisa. Aí, podem dizer que quando vamos à realidade vemos que falta. Não falta nada. Falta outra inscrição que não estava lá, mas a esta não falta nada. Ela é o que ela é. A um saber não falta nada.

- P – *A razão moderna e representacionista aconteceu em função de um poder de performance chamado metabasis, cujo modelo passou a ser hegemônico sobre os outros. Até hoje, isso é de tal maneira forte que continuamos pensando em o intelecto ter que estar adequado à coisa, em sujeito, objeto, representação, segundo esse modelo instalado a partir do século XVII.*

A vantagem de pensar em homogeneidade é que, se tudo é homogêneo, mesmo com os fechamentos, os *locks* das formações, alguma correspondência entre as formações é possível. Mesmo quando o mais troglodita dos homens faz uma associação entre um acontecimento e outro, ali há correspondência, só que pobrezinha. Num ponto, ele viu que era a mesma, e *é* a mesma. O que aconteceu com a *metabasis* foi alguém sacar que podia mapear a matemática pela física e a física pela matemática, pois os dois transavam bem. E isto virou a grande sensação, mas precisamos lembrar que somos muito ignorantes, que não sabemos quase nada. Por exemplo, se conhecemos terapia e música, quando lemos ou conversamos com pessoas que lidam com musicoterapia, vemos que é meio besteira. No entanto, tenho certeza de que está certo. Não o que fazem, e sim que ninguém sabe ainda qual sonoridade é adequada para deslocar uma formação psíquica. Eles têm o sentimento de que é possível e fazem elucubrações a respeito de estilo, etc. No entanto, pesquisas refinadas no futuro podem descobrir como isso funciona por adequação. Conheço música bastante bem, sei ouvir e sei quais são as músicas que me deslocam daqui para lá e de lá para cá. Tenho meu kit-terapia musical, meu kit-terapia literário... Há a hora de conversar com tal poema porque ele me desloca de tal situação: jogo uma formação, coloco-a em contato com outra e ela dá uma deslocada. Ou seja, tenho meus terapeutas em livro, disco, quadro, e seria muito bom que cada um pudesse saber sobre essas coisas em si mesmo.

Alguém aqui sabe, no sistema tonal, qual é o seu tom, aquele com que você lida com o mundo? Quando você se exprime, qual é o tom que é mesmo seu? O meu é dó menor. Penso e falo tudo neste tom. Descobri isso por pura repetição. Posso curtir qualquer dos doze elevado ao cubo dos sons, mas sou

em dó menor. Quando toca algo em dó menor, sei imediatamente que a música é minha, mesmo que não esteja prestando atenção. E não é questão de gosto, pois gosto de muita música que nada tem a ver com dó menor, e sim que minha constituição sintomática de base é em dó menor. É sintoma. Foram muitos anos até eu sacar isso. Por exemplo, vi que quando queria cantar uma música que escutara, cantava errado, cantava no meu tom. Eu tinha obrigação de cantar no tom em que foi tocada, pois sabia qual era. Se me pedirem para inventar uma melodia, certamente será em dó menor. Se me perguntarem com quais peças musicais ocidentais tenho afinidade absoluta, a resposta será dó menor. Precisamos ter em mente que somos todos impregnados de tonalidade clássica, o que contribui para achatar o sentido das coisas. Ficamos sem maleabilidade, e quando ouvimos um som diferente achamos que está distorcido. A falta de educação musical é um grande defeito, pois música é algo abstrato, quase que matemático. Dizem, por exemplo, que minha produção é difícil, impenetrável, quando é só diferente, é outra música. Ou seja, as pessoas se recusam a ouvir não porque seja difícil – é até mais fácil que outros –, e sim porque a dificuldade está na diferença.

72. Quando disse “nada além do princípio do prazer”, estava dizendo que, para mim, prazer e gozo – bom ou ruim, a favor ou contra – são a mesma coisa. As pessoas falam em gozo, prazer e desprazer como se estivessem em oposição no mesmo nível. Se, por exemplo, pensarmos que, numa situação nossa de sofrimento, o prazer, ou seja, o gozo de estar sofrendo, pelo menos, é aquém de estar morto, logo relativizaremos as coisas. É a prova de que o prazer de estar vivo com dor ainda nos parece menos ruim do que estar morto sem dor. Então, em última instância, aquilo não pode não ser prazer. Isto, nesse momento, pois há horas em que podemos fazer o fingimento de que há a opção por morrer. Quando Lacan coloca o (seu) prazer no lugar do imaginário, está colocando no lugar dos reconhecimentos das formações entre formações. É parecido com o que trago como diferença entre criatividade e criação, mas o que estou dizendo

é que a substância do Haver é gozo puro. É quando há decantações em formações reconhecíveis que chamamos de prazer ou desprazer, positivo ou negativo. Isto em função dos interesses dessas formações. Portanto, não é preciso acontecer um momento especial para ser gozo, pois parto de que tudo já é gozo. O que Lacan diz é, em meus termos, achar que só há gozo na HiperDeterminação. Como sabem, não é o que acho. Para mim, a pura transa informacional é gozo puro. Haver é gozar – e gozar no poder.

• P – *Podemos automatizar a referência de afastamento? A tendência parece ser de decantação e nunca de ascense.*

Sim e não, pois trata-se de automatismo, que está o tempo todo oprimido e recalcado pelas formações menores. Não há que automatizar, e sim retirar o entulho. Fazendo isto, vai-se lá. Por exemplo, se alguém que não é deprimido ou coisa assim, um dia, acorda triste, imediatamente salta um pouco para lá. Quando ficamos tristes, matamos muitas formações e ficamos mais perto do que é automático, sim, mas está cheio de lixo por cima. Todo aquele que pensa é triste. Os heróis são tristes. É uma nostalgia do gozado. Somos os palhaços do Haver. Tristeza não é melancolia. O melancólico está apegado demais. Ele é inteligente, mas tem a burrice insuperável de ficar olhando para trás.

• P – *O pensamento histórico, no Ocidente, tem a ver com a tentativa de recuperação?*

Os historiadores declaram que estudam a história do passado para resolver bem o futuro. Fica parecendo que uma coisa tem a ver com a outra, mas o fato de seriar as possibilidades no abstrato não significa que os conteúdos serão os mesmos. Eles querem tomar o modelo e aplicar de novo, e isto não é possível.

[Intervenção no Mutirão novamente sobre o tema:
A Nova Razão: “Só há fatos, não há interpretações”]

16/AGO

73. O pai já está sendo desnomeado francamente. Não por um processo analítico que colocasse uma instância qualquer em seu lugar capaz de segurar tudo sem precisar de pai algum, e sim por sua dissolução no meio tecnológico. Outro dia, eu almoçava num restaurante caro da Barra da Tijuca e chega uma mulher com cara de perua, com dois filhos, um meninão de treze, quatorze anos e uma menina de uns dez. Pouco depois, vem o pai com aquela cara de bundão profissional, ou seja, daquele que tem um emprego que paga bem porque faz adequadamente o que lhe mandam e que será jogado fora quando não servir mais. Antes ainda de o pai chegar, era inacreditável ver o garoto conversando com a irmã e metendo o cotovelo dentro do prato diante dele. A irmã diz algo e ele muda o cotovelo do prato dele para o dela. O que fazem os pais? Ninguém diz nada a esse animal. Andamos pelos shoppings e o que mais vemos é um bando de animais, gritando, pulando e os pais quietos. Eles já entenderam que estão destituídos, já entregaram os pontos. Os professores de primeiro e segundo graus reclamam que não conseguem mais dar uma aula porque os alunos falam todos juntos. Tudo isso é o pai sendo destituído pelo funcionamento da tecnologia, da televisão, etc., sem nada se pôr no lugar. Esperava-se que a psicanálise pusesse algo lá. Em nível de Quarto Império, seria colocar um jogo de organização no mundo sem referência obrigatória a um pai.

• P – *Muitos dizem que isso está acontecendo justo por culpa da difusão da psicanálise. Falam que o que criou essa liberalidade foi a ideologia de não se poder bater na criança porque traumatizaria. Outros mencionam experiências educacionais do tipo da de Summerhill.*

Isto nada tem a ver com psicanálise, é mais coisa de psicólogo educacional. Em Summerhill, não era assim. Este, aliás, foi meu trabalho de monografia de conclusão da graduação. A. S. Neill era genial e dava duro nos garotos. No Brasil, Henriette Amado, que nada entendia disso, tentou aplicar os princípios de lá no Colégio André Maurois, onde trabalhei nos anos 1960. Ela dizia que era “liberdade com responsabilidade”, e eu respondia que lá só tinha “liberdade”, a responsabilidade era zero. A tecnologia criou poderes, dissoluções pela televisão, etc., mas foi o psicologismo educacional – que não é psicanalítico – que veio com essa.

As grandes aristocracias são extremamente educadas. Não só de modos, mas de saber tudo, de ir à guerra, ir à latrina dos soldados junto com eles. Não é ficar em casa dando ordens, e sim, na batalha, na cozinha, exigir que se faça de acordo com seu gosto, pois os aristocratas também sabem fazer aquilo. É a mentalidade de que, se queremos poder mesmo, por que pela metade? Aristocracia é querer poder em tudo. É igual ao santo: ele quer o máximo. O ruim é a burguesia, que nunca conseguiu se tornar aristocrática e fica satisfeita com o meio, é medíocre. Basta arranjar uma casa, um carro, que, pronto, está bom e não se pede mais. O truque da aristocracia é querer tudo do bom e do melhor, inclusive sua própria educação, sua própria formação, suas competências lingüísticas, literárias, musicais, artísticas, científicas, tudo.

O processo de sacralização, como sabem, é o de tornar algo intocável, *Sacer*. Isto é paralisante, pois não se pode mais movimentar aquilo. Então, em toda formação que interessa a qualquer tipo de poder em vigor – até o da neura individual de cada um –, há a tendência de sacralizar certas coisas e não se mexer mais, coisa que ocorre até no campo da psicanálise e está durando demais.

• P – *Você diz que o pai está sendo desnomeado sem que uma referência seja colocada no lugar. O Revirão não pode ser esta referência?*

O Revirão é referência fundamental para a psicanálise. Quando entramos no mundo, as coisas estão sintomatizadas, estratificadas, então, é preciso outra estratégia para lidar com isso. Minha hipótese é de que idéias como Nome do Pai, etc., têm que ser substituídas em nossa mente pela instância da eficácia social, técnica, disjuntiva, mas estão sendo substituídas por nada, pela zorra. As pessoas se comportariam nos lugares porque é preciso haver alguma eficácia, nem que seja *ad hoc*. Durante o período paterno, não foi produzida uma atitude de lidar eficazmente com o mundo. Seria a “cracia” da eficácia: há que fazer direito. Direito significando que tem eficácia, nem que seja provisoriamente: as pessoas aprenderiam a lidar eficazmente com o mundo, para bem ou para mal, não importa.

74. O que está desmoralizado hoje são as instâncias de poder. O que vemos acontecer na América do Norte é estupidez ou fingimento? Como tudo é muito ambíguo, tenho dúvidas se George W. Bush, Condoleezza Rice, etc., sejam assim mesmo ou estejam fingindo, como até espero que estejam. O que passam ao mundo é que estão retrógrados e fundamentalistas. O fundamentalismo em vigor hoje é que o pessoal olha para a frente, não vê nenhuma instância substitutiva e volta correndo para trás. Então, embora passem o odor fundamentalista, não creio nisto, nem que seja por sua inconsciência. Não creio por causa de Max Weber. Eles não estão conseguindo transformar o teor fundamentalista de paternidade num teor de eficácia. Eles não têm como fazer isto. Talvez seja preciso muita guerra, muita catástrofe no planeta para isso brotar. Eles podem até jurar que são fundamentalistas, que acreditam em Deus, etc., mas é mentira. Há algo falso aí, que é simplesmente o resto de possibilidade de poder, coisa que o capitalismo dissolve. Então, como não têm coragem, não têm cacife para passar diretamente à abstração do capitalismo, agem na dissolução capitalista, mas dizendo que é em nome do pai. Ou seja, não agem como quem fala em nome do pai. Se o fizessem, seriam diplomáticos com a ONU, coisa que não fizeram, mandaram-na às favas... mas em nome do pai. É tudo fake.

• P – *De qualquer modo, não há como não ficar perplexo diante do caos que estão instalando.*

Se for caos, acharei ótimo. Não vamos mudar de Império se não for assim: vinte, trinta anos de caos...

O que ocorrerá em relação ao Iraque, não se sabe. Os americanos também não sabem, descobrirão fazendo. Como disse, suponho até que Bush e sua patota, que apontam para um fundamentalismo qualquer, não sejam maquiavelicamente esclarecidos, não tenham consciência do que fazem, que haja um recalque os impedindo de ter esta consciência, mas todos que conhecem psicanálise deveriam entender que eles estão agindo na dissolução e dando a justificativa do fundamento. Portanto, não importa que falem em fundamento, pois o que vai agir é a dissolução: ela é que será transmitida. É igual ao capitalismo inicial americano. Era em nome de Deus, das relações calvinistas com Deus,

mas quem ganhou, o que funcionou embaixo foi o capitalismo – e não adianta ficarem indo à missa no fim de semana, pois é só repetição do passado para fingir para eles mesmos que não foi assim. É preciso sempre perguntar sobre o que está eficazmente funcionando. E desde o começo dos Estados Unidos, o capitalismo está se instalando com sua virulência total, e com justificativas falsas. É ele que está aí de novo. É igual vemos ocorrer num analisando. Não adianta ele dizer que é católico apostólico romano, pois qualquer analista sabe que, na vida, ele é puta. É o que vemos no momento contemporâneo da história: pessoas agindo na direção do Quarto Império, com justificativas exacerbadas do Terceiro. Se fossem nitidamente fundamentalistas, não tratariam a ONU como trataram, passando por cima e destituindo algo que foi um trabalho descomunal para o Terceiro Império se organizar planetariamente.

Precisamos entender que os atos e as formações em vigor é que encaminham as coisas, e não a justificativa. Esta é falsa, mesmo – como acho que seja o caso de Bush – se acreditarem nela. Não há intencionalidade imediata e visível para eles da constituição da eficácia, esta será subproduto da dissolução do modelo anterior. Para alguém em análise, o analista não pode e não deve tentar constituir uma eficácia nova, deve demolir a velha. Aí, então, o analisando vai achar as eficácias. Se tentarmos constituir uma eficácia nova, ela estará colada na estrutura velha. Basta lembrar que movimentos como pós-estruturalismo e pós-moderno, ao quererem fazer a dissolução no sentido de algo novo, são apenas reformistas, pois carregam as questões velhas. Não importa se o Iraque tenha sido invadido por causa do petróleo, a resultante não será essa. Analistas políticos e jornalistas ficam considerando a intencionalidade, em vez do resultado.

• P – *É interessante observar a posição de Noam Chomsky, que, em certo momento, foi muito crítica e até avançada, mas está se tornando reativa com relação a isso.*

Vejam o que é neurose. A pessoa cria uma lingüística extremamente explosiva, e agora vira a Madre Teresa da política internacional. Mas fico espantado mesmo é com esse monte de gente que se diz relacionado à

psicanálise, que passou por alguma leitura de Freud e continua mantendo uma ingenuidade boboca de não ver essas coisas. Com que vocação e por que nasceu a psicanálise? Não importa se Freud tivesse consciência disso – e talvez não tivesse mesmo –, mas o interesse, o fenômeno brilhante do surgimento da psicanálise no mundo é que teríamos um trabalho de dissolução sem grandes destruições, cada um dissolvendo por si e reconstituindo a eficácia em outro nível. A psicanálise é o campo de passagem, para qualquer passagem, mas nunca funcionou porque os analistas têm se mostrado uns bundões e pensam ainda que vão garantir a psicanálise em cima do Nome do Pai. O vigor do surgimento da psicanálise no mundo foi apresentar-se como ferramenta excepcional para se atravessar, para fazer análise. Freud é mais cruel do que Lacan, pois arrasa com tudo. Acabaram de descobrir uma carta sua em que ele se dizia contra a fundação do estado de Israel lá onde está. Se quisessem fundar um estado, que o fundassem fora dos lugares que estão simbolicamente ocupados, se não, resultaria um conflito eterno. A psicanálise nasceu como tentativa de dissolver e re-preparar antes ainda. Não conseguiu.

30/AGO

75. Meu computador é uma lata de lixo de comunicados das “instituições psicanalíticas” do mundo, que me irritam, pois tenho que perder tempo deletando. Agora, resolvi dar uma de Murilo Mendes, que enviava telegramas às autoridades mandando pararem de fazer as porcarias que faziam. Então, quando recebo, retorno com desaforo. Ou aprendem comigo, ou desistem de me enviar. Outro dia, me chega a notícia sobre um evento em que diziam: “O sujeito não envelhece”. Minha resposta foi: “Ledo engano, meus caros, o sujeito não só envelhece como está completamente gagá. Só não morre porque alguns reacionários o mantêm na UTI, mas isto não vai durar muito. Em breve, teremos seu óbito”.

04/OUT

76. Como disse, aproveito a idéia de *espaço vetorial* de maneira genérica. Para nós, não tem a complexidade que tem na matemática ou na física, onde se fazem cálculos complicados que não temos condições de quantificar. O conceito é que é importante. É um espaço que se qualifica pelos vetores. Como sabem, um vetor, na física, significa uma direção, um sentido e uma força. A temporalidade não é necessariamente aplicada aí. Portanto, um vetor é uma força aplicada a uma direção e a um sentido. Imaginemos neste espaço em que estamos um zilhão de setinhas com todas as direções e sentidos soltos aqui dentro. Cada uma delas tem alguma força aplicada. Só isso é considerado.

Por que falei em Inconsciente como espaço vetorial? Defini Inconsciente como o que se passa entre Haver e não-Haver. O que se passa aí já é uma proposta vetorial, pois tem um vetor único sem outro lado, o que se chama: Haver quer não-Haver. Ele não tem reversibilidade alguma, é como o tempo tal qual Ilya Prigogine o considera. O que se passa aí é do regime da força: um vetor que vai para lá, não consegue passar e reverte. Reverte em sua intenção, mas não em sua direção ou tampouco em seu sentido, pois só tem um. Isto é algo difícil de as pessoas aceitarem: o vetor continua o mesmo e a reversão que sofreu é quase que de intenção, de insistir na mesma direção, no mesmo sentido pelo caminho da volta. Ele faz um *looping* e continua indo.

• P – *No psiquismo, um patema estacionário não bloqueia esta movimentação? O tempo não ficaria congelado?*

Só se bloqueia a movimentação no que diz respeito às formações que interessam à sustentação de sua estação. Em alguns lugares, ele mexe. A idéia de tempo é uma aplicação postíça a isso, já que o Inconsciente não tem temporalidade. Como escrevi num artigo intitulado *Tempo de Haver (os relógios da psicanálise ou o suicídio da borboleta)*, publicado em 1997 na revista da Eco/UFRJ, do ponto de vista da psicanálise, tempo não existe *per se*, não é uma categoria isolada. É resistência das formações. Desculpem o jeito de aparência bergsoniana, mas ele é *duração* das formações. Não há tempo em si, é apenas um parâmetro de relação, de relatividade das durações das formações, da duração das resistências. Do que Einstein está falando quando entra com o

tempo como uma dimensão? Do modo como ele trata o universo, há tempo sim. É a resistência de que estou falando. Se há resistência, há tempo. Mas, para nós, não interessa tratar do tempo, e sim tratar da duração da resistência que resulta em tempo.

Interessa-nos o espaço vetorial para entender que tudo é Formação do Haver, de qualquer nível, primário, secundário... Uma formação tem sua força, relativa que seja, e tem seu poder. Força aqui se chama poder. Uma formação, qualquer formação, tem seu poder em relação às outras forças. Há que ver qual a direção dessa formação em relação às outras e qual é o sentido. Aí temos uma noção vetorial. E nada disso pode ser nomeado absolutamente, é tudo relativo. Não adianta ter entendido um fenômeno e aplicar. Há que verificar aqui e agora como está funcionando. Isso faz uma grande mudança nos hábitos clínicos. Se estivermos ouvindo uma pessoa e a qualificarmos psiquiatricamente pela DSM IV, pronto!, ela estará engessada. Ou mesmo, no nível da psicanálise pregressa, se atribuírmos um matema da histeria, da neurose obsessiva, que se confunde com o da universidade, a pessoa estará qualificada e situada como um morfema patológico. É exatamente isso que eu gostaria de suspender.

Podemos ouvir as pessoas e verificar que há certa tendência maior de sua instalação num determinado morfema, numa morfose qualquer que podemos ler no quadro que proponho como, por exemplo, +p+ ou -p-. Isto, só para situar as forças onde parece que estão. Contudo, não acredito que se possa situar ninguém num lugar desses. A pessoa pode ter um vetor mais freqüente, dominante, e, se fizermos uma espécie de levantamento de todas as configurações de suas formações, a resultante parece ser tal. Ou tem sido até agora. Mas não posso esquecer que uma resultante tem componentes perfeitamente avessos à sua configuração. Isto é o que acho ruim em toda a nosologia feita até hoje. Por isso, quero pensar em espaço vetorial.

Falando na linguagem antiga, dizemos que em tal pessoa parece evidente que a resultante é histérica. Mas é só a resultante, pois os outros elementos podem estar lá com pouca força. E, em um desequilíbrio de forças, um outro vetor pode tomar o poder. O jogo é político: um jogo de forças, de poderes.

(Embora eu entenda que há estruturas, o que digo não é estruturalista no sentido de saber qual a estrutura da pessoa). Há que saber qual é a guerra das forças que estão em jogo e se elas permanecem ou não. Num percurso de análise, vemos as forças se deslocarem com clareza. Por exemplo, uma dominância perder para outra. O sujeito, para lidar no mundo, faz uma arrumação de forças nitidamente histórica. Começa-se a mexer naquilo, algumas pequenas reversões são feitas e brota algo inesperado. Por trás da aparência, da histeria como modo de relação de alguém com o mundo, temos um perversão. Ou mesmo o contrário.

Voltando a meus termos, o que é a resultante vetorial como *estacionária*? É que, no que diz respeito à configuração maior da pessoa, as forças estão em equilíbrio, nada se mexe. Tem força puxando para um lado e puxando para o outro e aquilo não vai nem fica. Ou, se não, fica oscilando. Ficar oscilando já é estacionário. Mas isto não pode ser visto como tipologia. De repente, a pessoa passa a vida inteira, ou a maior parte dela, dentro de tal configuração, mas isto é contingente. Se acreditamos que os movimentos do Inconsciente são poderosos de algum modo, é aí que vem nossa crítica a toda e qualquer tentativa de configuração estagnada por outra via. Hoje, há um recrudescimento dos estudos do Primário. Algumas coisas, mediante certas ferramentas disponíveis, se disponibilizaram, o que é ótimo, mas, junto, vem o sintoma de querer explicar tudo através daquilo. Do mesmo modo que já houve o sintoma de querer explicar *tudo* através da psicanálise, o que é outra bobagem. Querem explicar tudo pela genética, mas esta possibilidade não existe em nosso pensamento. Não sabemos qual conjunto de forças vai fazer com que uma pessoa, ultradeterminada até do ponto de vista genético, crie um comportamento justamente contrário.

• P – *Mesmo que seja um programa com uma regra simples, que gera respostas suficientemente complexas, nunca se vai poder prever. É o que chamam de determinismo incognoscível. Há um determinismo ali, mas não se pode saber.*

E o resultado se torna aleatório. O que posso fazer é acompanhar os movimentos. Mais nada. Se tomarmos um autômato qualquer, que começa a

funcionar e aleatoriamente passa para outra coisa, faço a suposição, tenho direito de fazê-la mediante este raciocínio, de que é um conjunto vetorial que está se encaminhando de certo modo e aleatoriamente, sem ser por conflito com outras forças, ele mesmo pode se randomizar sozinho. Não vou saber como uma histeria virou não sei-o-quê, pois não é definível, explicável, calculável, previsível, nem construtível de propósito. Só posso acompanhar e descrever.

77. É preciso saber que há o momento estamentário das situações de mundo. O século XIX e o começo do XX são definidores. Havia lugar para boas e definidas histerias. Não há mais este lugar. A histeria não pode ser uma entidade meramente estrutural. Ela pode ser um caso. Dada a situação de mundo, há vez para ele ou não.

• P – *A pressão da repressão moral e a repressão social do século XIX são de tal ordem que conduziram à histeria como modo de expressão.*

Temos tendência a achar que era um processo repressivo vindo de fora. O século XIX é cheio de aparências moralistas, mas havia muita permissividade por baixo. Então, pergunto se é o *modelo explicativo* ou é o *modelo repressivo*. Acho que é o modelo explicativo. Mesmo quando dizem que a classe média era massacrada na época – e já que estamos lidando com vetores, há poderes em jogo –, nossa questão é saber se o que qualifica essa opressão é da ordem de um ideograma assentado ou da ordem dos modelos explicativos disponíveis. Faz uma diferença enorme, pois era porque se achava assim-assim moralmente, isto sendo a força maior, ou os modelos explicativos resultavam em processos repressivos? **O modelo explicativo determina, ele é repressor em si.** O resultado que vemos é: certo modelo explicativo criou certas repressões. Quando fico olhando para as forças repressivas, não me dou conta de onde elas saíram. Para nosso trabalho, é mais importante entender como se montam os modelos explicativos.

Vejam, por exemplo, o quadro dos Patemas que lhes apresento. Os modelos explicativos da psiquiatria vieram de modelos jurídicos, que depois passaram a modelos médicos e depois psicanalíticos, mas quando faço a mexida

que fiz, mudo a feição do modelo explicativo e ele perde sua força repressiva. O modelo explicativo que mantemos na cabeça é mais poderoso do que suas conseqüências opressivas. Ele é que resulta em conseqüências de exclusão e opressão. Se olharmos sociologicamente para as forças em jogo, diremos que há opressões ideologicamente instaladas, mas essa coisa que vemos ideologicamente instalada não será o modo de explicar o mundo que eles conseguiram? A ideologia é a resultante de modos de explicação disponíveis. Basta sair da sociedade comum e entrar na sociedade, por exemplo, dos cientistas. Se estudarmos a história da física, veremos que os físicos estão inibidos ou oprimidos por determinados modelos explicativos. Isto, até alguém conseguir mexer no modelo explicativo. O cientista fica inibido, impossibilitado de fazer funcionar uma idéia porque ela não tem modelo explicativo disponível no mundo. Portanto, para mim, o mais grave é o modelo explicativo.

• P – *Um outro caso para acompanhar esse raciocínio seria, por exemplo, a distinção entre a história como emergencial e a historiografia como ciência. A historiografia contém modelos explicativos que induzem ao raciocínio da repressão como explicativo. Ela está contaminada e coloca um modelo de mundo montado sobre a idéia da repressão. É preciso descartar esse modelo para tentar acompanhar os fatos com outra cabeça.*

É a questão de Heidegger entre *Historie* e *Geschichte*. Quando estudo história, o que estudo? A historiografia, que é contaminada. É igual ao analisando no consultório. Se acreditar no que ele está dizendo, ferrou-se. Aquilo é historiografia. Ele conta uma estória... que não é nada daquilo que está contando. Mas sem os elementos do que está contando não se chega a perceber isto. É o que Lacan chamava de *mito individual do neurótico*. Lacan era estruturalista, portanto contra a história. Não sou estruturalista: sou contra a historiografia, e não contra a história. Ou seja, acredito em *emergências*, e não que a mera estrutura determine as coisas. Mesmo o funcionamento da estrutura que possamos descobrir, hoje sabemos que até certo ponto pode se tornar aleatório. E não podemos mais fazer leituras a partir da estrutura, temos que ler a partir do que aconteceu. O aleatório nos obriga ao reconhecimento do evento, do acontecimento.

- P – *Um evento hoje é supostamente determinado tanto pelo passado quanto pelo futuro. Se há uma determinação, uma regra simples no início, digamos, o modo como uma célula está lá adiante determinaria como ela estava no início. A causalidade não tem a linearidade que se supôs. Ela vem de todos os lados. Todas as setas estão sendo ao mesmo tempo computadas. A resultante será de todas as forças de computação.*

De todas as forças aqui e agora, *ad hoc*.

- P – *Mas algumas estruturas permanecem um tempo.*

A resistência delas é maior. Não é que permaneçam um tempo, e sim que produzem uma temporalidade maior porque são resistentes, duram mais relativamente. É preciso inverter frases e maneiras de falar que atrapalham nosso raciocínio. Certas formações muito duras, quer dizer, que têm duração, produzem uma temporalidade relativa maior do que outras.

- P – *No livro Emergência: A Dinâmica de Rede em Formigas, Cérebros, Cidades e Softwares (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, 231 p), Steven Jonhson descreve uma movimentação em que cada célula tem inscrito o DNA, mas ela não só se movimenta pelo que o DNA manda como também pelo que observa na vizinhança.*

Isto é o autômato celular. Componho minhas regras com o que acontece ao redor. O que aconteceu à direita, à esquerda, etc., é que determina meu movimento. É uma questão de Proxemia, de convivência.

Essas coisas são fundamentais na clínica no sentido mais geral. Por que sou tão arrogante? (E faço questão de sê-lo). Porque temos o mau hábito de pensar segundo a determinação linear, sobretudo do que vem de fora. Todos são religiosamente obedientes a isso. E se minhas condições forem melhores do que as deles? E se o lugar que estou ocupando for mais capaz de dizer do que o do francês? Vou explorá-lo e o resto que se dane. Isto acaba com qualquer sentimento de inferioridade ou inadequação, pois a pessoa pode estar no lugar certo ou errado. Se Lacan deu certo foi porque estava no lugar certo. Mas só se sabe que está no lugar certo depois que deu certo. Minha arrogância está em função do lugar que ocupo. Se der certo, veremos. Tampouco vou prometer

que dará certo ou errado. Não faço a menor idéia. Isto é mais chinês do que ocidental. A mesma coisa é com o chamado analisando. Vai-se acompanhando e, de repente, fica-se perplexo, pois como tal coisa foi dar em tal outra?

78. • P – *Quando penso nos Patemas e no espaço vetorial em relação ao tratamento de crianças no consultório, tenho a impressão de que, hoje, as crianças estão no Progressivo, positivo ou negativo.*

É bem possível, pois a tecnologia em vigor está dissolvendo as formações que fazem muito peso. Não precisamos nem situá-las no Progressivo imediatamente. Elas têm mais direito à polimorfia de que falava Freud do que minha geração, por exemplo, teve. Têm mais direito ao exercício da perversão polimorfa, estão mais disponíveis, deram mais direito a elas. O mundo é mais variável, então elas encontram um nicho. Onde elas estão ferradas não é aí, e sim no interregno da formação cerebral do mundo virtual, o qual está rico e poderoso, mas não tem cérebro. A Internet é uma colcha de retalhos e, para haver uma mutação no mundo, precisa vir a ter cérebro. A família e a escola não estão conseguindo cerebralizar as crianças, cuja ampla convivência com a tecnologia é muito boa, pois deslancha o processo polimorfo, mas as deixa decerebradas. Suponho que, por isso, teremos duas ou três gerações bastante desvairadas. Quando há cérebro, ou seja, qualquer sistema organizado com reciprocidade, instauram-se episodicamente valores. Quando não há, tudo vale a mesma coisa. Então, como é possível ao mesmo tempo ser abstrativo, sem grandes preconceitos e portar-se como referência? Quando a família briga com a criança é com a referência velha. Não sei como será o cérebro da Internet, mas ele há de emergir como um órgão capaz de articular todos os seus retalhos. Gente da minha geração considera tudo que acessa na rede como se fosse uma enciclopédia, pois, por pior que seja, temos um cérebro. A criança, ao entrar na Internet, se esvazia. Se, em algum lugar, não se fizer alguma pressão, coisa que nem escola e família estão sabendo fazer, instala-se a zorra.

Quando digo que a estrutura no futuro é *ad hoc* e vale-tudo, quero dizer que qualquer existência tem reconhecimento de força e de valor, o que não significa que não se tenha cérebro. Ou seja, como é possível um vale-tudo que ao mesmo tempo tenha uma estruturação coordenada? Atualmente, estamos na fase em que pensam que o vale-tudo é qualquer coisa valer qualquer outra. Por exemplo, diante de alunos, não vejo como poder dizer-lhes que certas estruturas musicais são superiores a outras. Com os valores antigos, não tenho como dizer-lhes, mesmo sabendo que o são. Ninguém vai resolver isso, mas enquanto a Internet, que é uma rede com alma própria e dependente da tecnologia, não virar um cérebro, é preciso ter um mínimo de regulação. Não há a preocupação em pensar com que referente agir nas situações. Por exemplo, podemos ser inteiramente anárquicos, mas quando vamos dirigir nossos carros temos que observar o código de trânsito. Quando a pessoa não chegou a ter um cérebro ou está com o cérebro subvertido pela ordem caótica do virtual da Internet, ela passa a explodir todos os sistemas. Se fizer isto com seus sistemas biológicos, morre.

O Tetraedro Cultural que lhes apresentei no Falatório deste ano (*cf.* item 79 *supra*) foi no sentido de observarmos que, de algumas décadas para cá, o problema do pensamento, sobretudo ocidental, tem sido o de encontrar um ponto fora desde onde se possa considerar as formações culturais. O que gente como Derrida, Jullien, etc., fez foi buscar um fora relativo, que é outra cultura, mas se a psicanálise acredita que possa ter um referencial de indiferença, ela pode procurar um fora que seja fora mesmo e que não caiba em nenhum desses apresentados pelos outros. Não que se vá ficar fora, pois é impossível, e sim que se tenha a referência de indiferenciar entre isso e aquilo. Vai-se indiferenciar para considerar e cerebralizar a vida, e não para ficar no araque. Obrigamo-nos à referência da indiferença radical entre quaisquer posições, sendo que este é o ponto desde onde consideramos e retornamos com outra postura, pois não há como viver sem postura. O que vemos ocorrer com as crianças hoje é estarem muito referidas à Internet e achar que tudo dá na mesma. Elas não têm instalação de juízo. As instalações que ainda têm são empurrões familiares

ou de realidade, que não chegam a configurar nada. Então, como fazem o que fazem com o modelo de outra coisa, não têm disponibilidade para frequentar todas as situações.

• P – *Isto por enquanto, pois se pensarmos que algo que ocasionou a tal revolução científica foi a metabasis, podemos supor que esse curto-circuito de espaços produziu algo diferente.*

Não houve curto-circuito. Foi preciso um Terceiro Lugar desde onde se avaliou com juízo o que dava e o que não dava para passar. O que está ocorrendo agora é que, ao verem desmanchar-se as fronteiras, todos acham que virou um araque radical. Não é estarmos considerando com juízo duas ordens e percebermos que se o elemento de uma passar à outra, isto fará um vetor legal. Neste caso, o juízo continua, mas se for feito de araque ficaremos como o chamado psicótico colocando a mão no fogo, por exemplo. Não perceberemos que mão não é uma formação feita para ser colocada no fogo. Trata-se, para nós, da terceira posição, que chamo de cerebral, desde onde possamos manter o juízo sobre as formações. Portanto, quando uma fronteira se desmancha significa que *posso* ir lá, e não que ela tenha se transformado na de cá. A confusão é pensar que aquilo lá é isso aqui. Estamos lidando com *modos de articulação*, e não com realidades dadas. Pensar com fronteiras é uma coisa, outra é pensar com polaridades. No que uma polaridade se estica, acaba cruzando com outra, mas não no pólo, e sim na franja. Isto faz uma fronteira? Não. E quando nos deslocamos aí dentro de um pólo a outro, a franja tem um cruzamento, mas o pólo continua sendo outro. Quando saio do regime das fronteiras e entro no dos pólos, mudo de modo de articulação. É a metáfora da nacionalidade única. Se sou cidadão europeu, meu documento é polar, vale em qualquer país da Europa, mas não cabe pensar que quando as fronteiras se desmancham o mesmo ocorre com os pólos.

Se a idéia de Revirão valer para explicar isto, temos que lembrar que as posições dos alelos são avessas, polares, mesmo que possamos continuamente passar de uma a outra. Numa faixa bilátera não há como passar em continuidade, mas quando as pessoas percebem que as fronteiras estão sendo desmanchadas

pensam que podem misturar os pólos. Não podem, dá errado. Uma criança, ao procurar um cérebro para fazer juízo sobre algo, se depara com o fato de que, primeiro, o juízo é pontual, e, segundo, quando falar com outra criança, o juízo será outro. Então, desde que lugar poderá articular seu juízo com o da outra? Antigamente, havia uma caretece geral, todos eram imbecis por igual, mas hoje está evidente que a construção que temos que fazer é sempre a procura do terceiro lugar. As crianças ficam na Internet colhendo narrativas para se preparar para algo e fazendo mitologias para se agüentar. Como essas mitologias são explosivas no mundo, precisavam se dar conta de que seu referencial (delas, crianças) não é a narrativa, e sim o modo de articular a narrativa. É isto que é difícil passar para elas, que sempre acreditam, como acreditamos quanto a nós, que é a narrativa que as articula. Nós podíamos acreditar sem ficar doidos, pois olhávamos para o outro e era igual. Com elas, não funciona assim.

Quando falo em *ad hoc*, é preciso entender que depende da construção do terceiro lugar. Não adianta passar do *ad hoc* para o *ad hoc*, pois nada entenderemos. Portanto, trata-se de entender que há a possibilidade de considerar, avaliar, ajuizar em neutro. Se emergir, será assim o cérebro da Internet.

01/NOV

79. No livro *Os judeus, o dinheiro e o mundo* (São Paulo: Futura, 2003, 646 p), Jacques Attali quer demonstrar que, ao invés de serem usurários, como os chamam, o que os judeus têm é uma lida solta com o dinheiro e com os processos de produção, coisa que outros não conseguem ter. Portanto, não seria o espírito protestante que criou o capitalismo, e sim o espírito judaico. Nada tenho contra o capitalismo judeu, tenho contra o espírito de culpa inventado pelo judaísmo. O catolicismo é cínico, finge culpa, vai ao padre, confessa e fica tudo bem.

- P – *Mas o judaísmo tem que compatibilizar a culpa com o capital.*

Isto é fácil. Se, na linha de Max Weber, basta procurar como o espírito protestante das benesses divinas esqueceu a religião e ficou com as benesses

do capital, é só procurar onde está a mesma passagem entre os judeus. Nós que conhecemos o que é a cabeça de um neurótico, sabemos perfeitamente que é fácil transformar culpa em prebenda divina. Transformá-la, então, em dinheiro é facilímo: os crentes têm que, obsessivamente, fazer seu capital crescer infinitamente para Deus perdoá-los. De onde veio o espírito do protestantismo? Foi Calvino quem inventou? Não, ele tirou d'O Livro. Neste sentido, talvez Attali tenha mais razão que Weber. Isso é clínico para nós, pois, diante do obsessivo, temos sempre a questão de como virar aquilo que nos apresenta, como fazê-lo parar de ser paralítico e ficar rico, por exemplo. E se o êxito não for dele, for atribuído a Deus, aí pronto, ele pode ficar à vontade. Sei de caso em que se conseguiu torcer o catolicismo do analisando e ele retornou a vencer no campo das finanças e do poder. O analista só equivocou a culpa, a moral católica; o analisando fez seus cálculos e continuou com Deus, só que Deus agora está protegendo em vez de atrapalhar.

• P – *Qual é a origem da culpa no judaísmo?*

Lembrem-se de que o tal Moisés foi lá em cima falar com o Cara, o qual xingou, esbravejou e, de castigo, o mandou escrever os dez mandamentos na pedra. Segundo Mel Brooks, eram quinze, mas como uma das pedras quebrou... A fundação do judaísmo não é com o Moisés, segundo Freud, e sim com o retorno do recalcado. Deus escreveu as regras de funcionamento do estado judaico e o controle é feito baseado na culpa de não as cumprir. Notem que aquilo é impossível de ser cumprido. Lá diz, por exemplo, “não desejar a mulher do próximo” – vejam que não é nem não transar com ela, é não desejá-la. Portanto, são todos culpados por decreto divino.

Não há produção de culpa propriamente dita na Grécia. As pessoas ficam envergonhadas diante dos pares por terem combinado e não cumprir. Isto é vergonha, e não produção de culpa no sentido de uma força que é transcendente, que diz como alguém tem que se comportar, que sabe que é impossível comportar-se desse modo, e assim mesmo vai punir. Ou seja, quer que todos se danem e fiquem culpados diante daquela instância. Os deuses gregos não têm isso: moram no Olimpo, fazem suruba, transam com a mulher

do outro, etc. E o Olimpo é todo organizado, tem um chefe... Por outro lado, se os chineses vierem a ganhar a guerra, aí veremos o que vai cair sobre Jeová, o qual eles devem, no mínimo, achar que é coisa de troglodita. Já imaginaram aquelas pessoas, que têm o refinamento de pensamento que a China tem – independente de transcendência, com uma imanência que não é nem pagã –, entrarem numa catedral gótica? Elas não vomitam ao verem o tal lá todo escalavrado em cima de uma cruz? O que pensam é: “Que barbaridade! Ficar adorando alguém assim arrebitado?!” Se mudamos de perspectiva, de lente, notamos que o cristianismo é bárbaro. Então, quando temos o casamento da culpa judaica com o direito romano – o qual não tem culpa, e sim funcionalidade do estado –, não dá para agüentar. E mais, quando sabemos que os Estragos Gerais da Psicanálise são um cartel desse tipo...

06/DEZ

SOBRE O AUTOR

MD Magno (Prof. Dr. Magno Machado Dias):

Nascido em Campos dos Goitacazes, Rio de Janeiro, Brasil, em 1938.

PSICANALISTA.

Bacharel e Licenciado em Arte. Bacharel e Licenciado em Psicologia. Psicólogo Clínico.

Mestre em Comunicação; Doutor em Letras; Pós-Doutor em Comunicação – pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (RJ, Brasil).

Doutor *Honoris Causa* pela Universidade Federal de Santa Maria (RS, Brasil).

Professor Aposentado da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Ex-Professor Associado do Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII (Vincennes), quando era dirigido por Jacques Lacan.

Fundador e Presidente do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro (instituição psicanalítica). Fundador e Reitor da UniverCidadeDeDeus (instituição cultural sob a égide da psicanálise). Criador e Orientador de NOVAMENTE, Centro de Estudos e Pesquisas, Clínica e Editora para o desenvolvimento e a divulgação da Nova Psicanálise.

ENSINO DE MD MAGNO

MD Magno desenvolveu ininterruptamente seu Ensino de psicanálise desde 1976, ano seguinte à fundação oficial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro.

1. 1976: *Senso Contra Censo: da Obra de Arte*

Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978. 216 p. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje) e reapresentado na Universidade de Paris VIII em 1977.

2. 1976/77: *Marchando ao Céu*

Seminário sobre Marcel Duchamp. Proferido na Escola de Artes Visuais do Rio de Janeiro (Parque Laje). Inédito.

3. 1977/78: *Rosa Rosae*: Leitura das *Primeiras Estórias* de João Guimarães Rosa 3ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra Editora, 1985. 220 p. Seminário apresentado na Universidade de Paris VIII, onde o autor foi Professor Assistente do Depto. de Psicanálise (quando dirigido por Jacques Lacan).

4. 1978: *Ad Sorores Quatuor*

Sobre os Quatro Discursos. Primeira sessão publicada em separata pelo CFRJ, 1980 (restante a sair).

5. 1979: *O Pato Lógico*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 252 p.

6. 1980: *Acesso à Lida de Fi-Menina*

Quatro sessões, sobre a questão do *Alcoolismo*, reunidas em *O Porre e o Porre do Quincas Berro Dágua*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1985. 92 p.

7. 1981: *Psicanálise & Polética*

Quatro sessões, sobre *Las Meninas*, de Velázquez, reunidas em *Corte Real*, 1982, esgotado. Texto integral publicado por Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 498 p.

8. 1982: *A Música*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1986. 329 p.

9. 1983: *Ordem e Progresso / Por Dom e Regresso*

2ª ed. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1987. 264 p.

10. 1984: *Escólios*

Parcialmente publicado em *Revirão*: Revista da Prática Freudiana, nº 1. Rio de Janeiro: Aoutra editora, jul. 1985.

11. 1985: *Grande Ser Tão Veredas*

Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 292 p. Parcialmente publicado em *Revirão*: Revista da Prática Freudiana, nº 2 e 3. Rio de Janeiro: Aoutra editora, out. e dez. 1985.

12. 1986: *Ha-Ley: Cometa Poema // Pleroma: Tratado dos Anjos*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988. 249 p.

13. 1987: “*Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise*”, *Ainda // Juízo Final*

Publicados em *O Sexo dos Anjos: A Sexualidade Humana em Psicanálise*. Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1988. 249 p.

14. 1988: *De Mysterio Magno: A Nova Psicanálise*

Rio de Janeiro: Aoutra editora, 1990. 208 p.

15. 1989: *Est’Ética da Psicanálise* (Introdução)

Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992. 238 p.

16. 1990: *Arte&Fato: A Nova Psicanálise, da Arte Total à Clínica Geral*

Proferido na Faculdade de Educação da UERJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2001. 520 p., 2 vols.

17. 1991: *Est’Ética da Psicanálise* (Parte 2)

Proferido na Faculdade de Educação da UERJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2002. 392 p., 2 vols.

18. 1992: *Pedagogia Freudiana*

Proferido no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1993. 172 p.

19. 1993: *A Natureza do Vínculo*

Proferido no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. 274 p.

20. 1994: *Velut Luna: A Clínica Geral da Nova Psicanálise*

Proferido na UniverCidadeDeDeus (1º semestre) e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (2º semestre). Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2000. 286 p.

21. 1995: *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2000. 232 p.

22. 1996: *“Psychopathia Sexualis”*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Santa Maria: Editora UFSM, 2000. 453 p.

23. 1997: *Comunicação e Cultura na Era Global*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 448 p.

24. 1998: *Introdução à Transformática: Por uma Teoria Psicanalítica da Comunicação*

Proferido no Forum de Ciência e Cultura da UFRJ. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 156 p.

25. 1999: *A Psicanálise, Novamente: Um Pensamento para o Século II da Era Freudiana: Conferências Introdutórias à Nova Psicanálise.*

Proferido na FINEP – Financiadora de Estudos e Pesquisas do Brasil. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2004. 192 p.

26. 2000: *“Arte da Fuga”*

Proferido no Auditório do Barra Shopping (RJ) (1º semestre) e na UniverCidadeDeDeus (2º semestre). Publicado em: *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática.* Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.

27. 2001: *Clínica da Razão Prática: Psicanálise, Política, Ética, Direito.*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. Publicado em: *Revirão 2000/2001: “Arte da Fuga”; Clínica da Razão Prática.* Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2003. 656 p.

28. 2002: *Psicanálise: Arreligião*

Proferido na UniverCidadeDeDeus (1º semestre) e no CFCH – Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFRJ (2º semestre). Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2005. 248 p.

29. 2003: *Ars Gaudendi: A Arte do Gozo.*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. Rio de Janeiro: NovaMente Editora, 2006. 340 p.

30. 2004: *Economia Fundamental: MetaMorfoses da Pulsão*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. [a sair].

31. 2005: *Clavis Universalis*

Proferido na UniverCidadeDeDeus. [a sair].

32. 2006: Falatório em curso.

Impressão e Acabamento
Artes Gráficas Edil

Formato
16 x 23 cm

Mancha
12 x 19 cm

Tipologia
Times New Roman e Amerigo BT

Corpo
11,0 | 16,5

Número de Páginas
340

Tiragem
500 exemplares

Papel
Capa – Supremo 250 g
Miolo – Pólen Soft 80 g